

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

RITA DE CÁSSIA TRINDADE DOS SANTOS

RECONHECIMENTO E NEGAÇÃO: O Não Reconhecimento em Organização

Porto Alegre
2022

RITA DE CÁSSIA TRINDADE DOS SANTOS

RECONHECIMENTO E NEGAÇÃO: O Não Reconhecimento em Organização

Tese de Doutorado em Administração apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Bittencourt Meira

**Porto Alegre
2022**

Ficha Catalográfica

RITA DE CÁSSIA TRINDADE DOS SANTOS

RECONHECIMENTO E NEGAÇÃO: O Não Reconhecimento em Organização

Tese de Doutorado em Administração apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Porto Alegre, dezembro de 2022

Banca examinadora

Prof. Dr. Fabio Bittencourt Meira
Orientador (PPGA/UFRGS)

Prof. Daniel da Silva Lacerda
(Montpellier Business School)

Prof. Dr. Mario Aquino Alves
(FGV/EAESP)

Prof. Dr. Wesley Silva Xavier
(PPGA/UFV)

Dedico este trabalho a todos(as) que
(sobre)vivem entre as incertezas e as
lutas de cada dia.

AGRADECIMENTO

À todos(as) os(as) professores(as) das instituições públicas de ensino que de alguma forma fizeram parte de minha trajetória de vida escolar e acadêmica, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Agradecimento especial ao professor Fábio Bittencourt Meira que orientou este trabalho, um ser humano de sensibilidade, respeito e disponibilidade, um docente qualificado, comprometido com a busca de conhecimento e a formação discente. Aos professores Daniel da Silva Lacerda e Mario Aquino Alves pelos rigorosos comentários na banca de qualificação, e cuidado na leitura da tese. Ao professor Wesley Silva Xavier pelas valiosas e atentas observações na banca de defesa.

Às participantes das entrevistas, pela generosidade com que me aceitaram como ouvinte de suas histórias de vida, esperanças, sofrimentos, desafios e formas de ver e encarar as lutas da vida cotidiana. À minha família que mesmo sem entender o que era o “tal de doutorado” sempre esteve ao meu lado em cada fase dessa trajetória. Aos meus avós (*in memoriam*) que em simplicidade e sabedoria me formaram para a vida. À minha companheira de vida Larissa Beker Ambrózio, incansável em acompanhar e me apoiar em todos os momentos de dúvidas, tensão, cansaço, avanços, compilações, madrugadas adentro, especialmente nos dias exaustivos de trabalho após eu ter assumido cargo em concurso público.

Às(aos) colegas servidores(as) do setor de moradia estudantil da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Santa Maria que, assim como eu, sabem o que é dividir o tempo entre o trabalho de pós-graduação e o trabalho de atendimento aos residentes da maior casa de estudante universitário da América Latina.

RESUMO

A pesquisa versa sobre as possibilidades da luta por reconhecimento no contexto brasileiro. O referencial teórico é orientado pelo objetivo de construir um diálogo entre a institucionalidade resultante da formação sócio-histórica brasileira e a teoria da luta por reconhecimento de Axel Honneth. O processo de não-reconhecimento leva à hipótese de uma forma institucional da negação, o que, na linguagem honnethiana, leva ao problema da institucionalização do desrespeito social. A questão de pesquisa recai sobre as configurações do possível enfrentamento ao desrespeito social pelas vítimas, conduzindo à articulação de duas proposições. A primeira encontra na institucionalidade do (não)reconhecimento um núcleo normativo de afirmação e negação, e daí a produção do transitório permanente como lugar social de não-reconhecimento. A segunda lança mão da organização como ‘meio social disponível’ de compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito social capaz de mobilização e canalização do potencial de enfrentamento a negação do tecido social. A pesquisa de campo investiga um meio social disponível em que a exposição ao reconhecimento negativo é estruturante da criação de um campo intersubjetivo formado por “não-reconhecidos” e “perdedores” – figuras antitéticas à subjetivação do agente econômico no sistema competitivo capitalista. O neopentecostalismo aparece como campo privilegiado para esta observação. Os meios de comunicação de massa utilizados para transmissão de cultos e outras modalidades rituais são utilizados como dados para análise, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com integrantes de organizações evangélicas. O objetivo é analisar como as organizações evangélicas pentecostais possibilitam às vítimas do transitório permanente formas de enfrentar a institucionalidade do (não)reconhecimento. O método é o estudo caso com técnica de coleta e registro de dados a partir da observação não-participante, artesanato intelectual e entrevistas semiestruturadas seguidas de análise qualitativa dos dados. Os resultados apontam que as organizações pentecostais ocupam um espaço produzido pela institucionalidade do (não)reconhecimento, e, da perspectiva daqueles submetidos à negação, medeiam uma resposta efetiva às dificuldades e adversidades “desse mundo”. Observa-se, entretanto, que estas organizações tutelam o processo de reflexividade e a construção da ponte semântica de elaboração das experiências de desrespeito social, neutralizam o potencial de enfrentamento coletivo à institucionalidade do (não)reconhecimento – produzido pelo esgotamento das promessas de igualdade social e êxito individual – e reconduzem os sujeitos à ordem social vigente, sob um discurso de transformação e superação individual de problemas que são sociais.

Palavras-chave: Luta por Reconhecimento. Desrespeito Social. Meio social disponível. (Neo)Pentecostalismo.

ABSTRACT

This research focuses on the possibilities of the struggle for recognition in the Brazilian context. The theoretical framework is guided by the objective of constructing a dialogue between the institutionality resulting from Brazilian socio-historical formation and Axel Honneth's theory of the struggle for recognition. The process of non-recognition leads to the hypothesis of an institutional form of negation, which, in Honnethian language, leads to the problem of the institutionalization of social disrespect. The research question falls on the configurations of possible coping with social disrespect by victims, leading to the articulation of two propositions. The first one finds in the institutionality of (non)recognition a normative nucleus of affirmation and denial, and hence the production of the permanent transience as a social place of nonrecognition. The second takes organization as an 'available social milieu' for sharing and elaborating the experiences of social disrespect, capable of mobilizing and channeling the potential for confronting the denial of the social fabric. The field research investigates an available social milieu in which exposure to negative recognition is structuring the creation of an intersubjective field formed by "unrecognized" and "losers" - figures antithetical to the subjectivation of the economic agent in the competitive capitalist system. Neo-Pentecostalism appears as a privileged field for this observation. The mass media used to broadcast services and other ritual modalities are used as data for analysis, as well as semi-structured interviews with members of evangelical organizations. The objective is to describe and understand the different mediations in occurrences of reconcretized recognition, the way in which the latter is promoted by Pentecostal religious organizations, effectively confronting the normatization of social disrespect. The method is the case study with data collection and recording techniques based on observation, intellectual craftsmanship, and semi-structured interviews followed by qualitative data analysis. The results point out that Pentecostal organizations occupy a space produced by the institutionality of (non)recognition, and, from the perspective of those submitted to denial, mediate an effective response to the difficulties and adversities of "this world. It is observed, however, that these organizations take the reflexivity process over and manage the construction of the semantic bridge of elaboration of the experiences of social disrespect, neutralizing the potential of collective confrontation to the institutionality of (non)recognition, produced by the exhaustion of the promises of social equality and individual success, and leading the subjects back to the social order in force, under a discourse of transformation and individual overcoming of social problems.

Keywords: struggle for recognition, social disrespect, available social milieu, pentecostalis

PRÓLOGO

As inquietações que propiciaram a construção desta tese são resultado de uma trajetória acadêmica percorrida, desde a graduação, em contato com as iniciativas de economia solidária. Durante o mestrado, os referenciais de vínculos e valores organizacionais foram utilizados para apreender como os sujeitos estavam comprometidos com a cooperação, solidariedade e autogestão, princípios atribuídos aos empreendimentos de economia solidária.

O convívio, a proximidade e a escuta de diferentes experiências pessoais e grupais durante a coleta de dados da dissertação de mestrado instigou outros questionamentos. Por que, mesmo sem obter resultados econômicos significativos, as pessoas permanecem nessas iniciativas? Por que os sentimentos de amizade, ajuda, sacrifício, família, de “tomar conta uns dos outros” está sempre presente? Tais inquietações pareciam apontar na direção da análise dos vínculos sociais *entre* os sujeitos e não *com* a organização, como forma de valorização mútua entre aqueles que juntos buscam estratégias de sobrevivência, o que poderia explicar o porquê da ênfase nas relações de amizade, ajuda mútua e cuidado coletivo nessas iniciativas.

Contudo, a memória das experiências, pessoas e lugares nos quais se deu a pesquisa de dissertação apontava para um horizonte mais amplo. As relações de amizade e familiaridade desvelavam mais do que uma *característica* de vínculos sociais, estavam pautadas sob uma *base comum* de vivências cotidianas. Para os que estão à margem da sociedade tais vivências remetem não só à luta pela sobrevivência material, mas também ao enfrentamento da negação do respeito, integridade e valoração social como ser humano. Esse é o ponto de uma possível aproximação entre a teoria do reconhecimento e os estudos organizacionais: sob o primado do não-reconhecimento dos que estão à margem da sociedade, como as organizações poderiam mediar o enfrentamento ao desrespeito social, a que estes se veem submetidos?

No Brasil, as organizações evangélicas pentecostais, assim como as iniciativas de economia solidária, buscam ocupar esse lugar das margens. O pentecostalismo é fenômeno não só religioso, mas social, com forte presença e adesão entre as camadas populares e marginalizadas pela sociedade. Sua mensagem de valorização e reconhecimento, na qual todos, não importa quem seja (ou não-seja), têm valor, ecoa forte na ‘alma’ humana, como veremos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação WhatsApp: tarde de descarrego	125
Figura 2 - Publicação WhatsApp: a vitória	125
Figura 3 - Mensagem de acolhida	126
Figura 4 - Publicação WhatsApp: as muralhas cairão.....	126
Figura 5 - Última chance	126
Figura 6 - Você já se cansou de tentar tudo?.....	127
Figura 7 - Repleta de problemas.....	127
Figura 8 - Pare de sofrer!.....	127
Figura 9 – Pensamento suicida.....	128
Figura 10 - Mudança de vida.....	128
Figura 11 - Um novo início de vida	129
Figura 12 - Oportunidade de vida nova.....	129
Figura 13 - Atuação nos presídios I.....	129
Figura 14 - Atuação nos presídios II	130
Figura 15 - Reescrevi minha história I	130
Figura 16 - Reescrevi minha história II.....	131
Figura 17 - Quem me curou.....	131
Figura 18 - A forma como lida com as dificuldades	132
Figura 19 - Início das Assembleias de Deus por Estados.....	79
Figura 20 - Assembleia de Deus, Rio de Janeiro	81
Figura 21 - Assembleia de Deus, Mato Grosso do Sul.....	81
Figura 23 - Assembleia de Deus, Santa Catarina	81
Figura 22 - Cruzada de Evangelização, São Paulo.....	81
Figura 24 - Templo “Em algum canto do Brasil”.	Error! Bookmark not defined.
Figura 25 - Templo de Salomão, São Paulo.....	Error! Bookmark not defined.
Figura 26 - Destinatários da mensagem pentecostal	92
Figura 27 - Recorte de jornal.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percepções sobre auxílio à população carente	70
Gráfico 2 - População evangélica de origem pentecostal	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O transitório permanente externalizado na prédica pentecostal	93
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PARTE I. (NÃO)RECONHECIMENTO.....	18
CAPÍTULO 1. LUTA POR RECONHECIMENTO.....	19
1.1 O NÃO-RECONHECIMENTO COMO EXPERIÊNCIA DE INJUSTIÇA	20
1.2 O NÃO-RECONHECIMENTO COMO FRUSTRAÇÃO DE EXPECTATIVAS.....	25
1.3 A SOCIEDADE CAPITALISTA COMO ORDEM INSTITUCIONALIZADA DE RECONHECIMENTO.....	28
CAPÍTULO 2. A INSTITUCIONALIDADE DO (NÃO)RECONHECIMENTO	34
2.1 O RECONHECIMENTO SOCIAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	35
2.2 NEM RECUSA, NEM FRUSTRAÇÃO: O TRANSITÓRIO PERMANENTE COMO LUGAR SOCIAL DO (NÃO) RECONHECIMENTO	45
2.3 O MEIO SOCIAL DISPONÍVEL ENTRE A VÍTIMA E A INSTITUCIONALIDADE DO (NÃO)RECONHECIMENTO	55
PARTE II. ORGANIZAÇÕES EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS.....	62
CAPÍTULO 3. MÉTODO	63
3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	64
CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
4.1 O PENTECOSTALISMO EVANGÉLICO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL	69
4.2 A NEGAÇÃO DO TECIDO SOCIAL: A VIDA ENTRE PARÊNTESES	77
4.3 NÓS ACREDITAMOS EM VOCÊ	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE 1. MATERIAL GRÁFICO.....	125
APÊNDICE 2. TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL AUDIOVISUAL	133
APÊNDICE 3. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	154

INTRODUÇÃO

As relações de reconhecimento social desvelam como o ser humano é respeitado em sua integridade e socialmente valorado como membro partícipe da vida em coletividade. Na contemporaneidade, o filósofo e sociólogo Axel Honneth figura entre os autores que versam sobre o reconhecimento social. Para esse autor, a passagem do feudalismo para o capitalismo é o marco histórico de um novo quadro referencial de expectativas normativas de reconhecimento social. A sociedade capitalista, como ordem institucionalizada de reconhecimento, possibilitou um progresso moral ao proporcionar as condições necessárias à formação de sujeitos autônomos e partícipes da vida pública, em comparação com a ordem social anterior (HONNETH, 2003).

A negação do reconhecimento social resulta da frustração das expectativas normativas de reconhecimento dos sujeitos, de acordo com os princípios da modernidade, e se traduz nas formas de desrespeito social de violação, privação de direitos e degradação social (HONNETH, 2003). O processo de modernização em países de base colonial, como é o caso do Brasil, coloca em questão o potencial de emancipação defendido por Honneth (2003, 2006a, 2012a, 2012b, 2016) contido nas esferas de reconhecimento social como necessárias (e suficientes?) para a formação da autonomia. A chegada da “civilização” institui um núcleo normativo de relações sociais referenciado em qualidades civilizatórias tidas como superiores.

Nesse sentido, o potencial analítico da abordagem honnethiana, não obstante o referencial eurocêntrico em que se fundamenta, se localiza em apontamentos que antecedem sua obra seminal e problematizam as relações entre grupos socialmente dominantes e socialmente oprimidos no processo de institucionalização da ordem de reconhecimento social vigente. O não-reconhecimento é entendido como uma experiência de injustiça social sofrida por aqueles que têm negados o respeito à integridade e valoração social, com base em princípios normativos articulados, na esfera pública, pelos que visam manter privilégios e exercer um controle sobre os sentimentos de injustiça e humilhação (HONNETH, 2007).

O resgate dessa proposição juntamente a análise da sociedade capitalista como ordem institucionalizada de reconhecimento (HONNETH, 2006a) possibilita uma análise de como se constitui a ordem de reconhecimento social na sociedade brasileira na qual o processo de modernização se dá na fusão entre o tradicional e o moderno. Na formação sócio-histórica do país, o desrespeito social não se situa na frustração de expectativas de igualdade jurídica e êxito

individual dos sujeitos, mas na própria ordem social de reconhecimento. A incipiente passagem da escravidão para o trabalho livre e assalariado, o mito da democracia racial (FERNANDES, 2008) e a inércia social (CARDOSO 2008) conformam a sociabilidade capitalista modernizante a uma rígida hierarquia de dominação material e simbólica, enraizada no sistema de produção escravista.

A apropriação da esfera jurídica e da formação do mercado de trabalho pelas elites agrárias produziram uma ordem social em que o reconhecimento se institucionaliza *com* e a *partir do* não-reconhecimento. A negação é mais do que uma *recusa* de reconhecimento nas interações sociais (HONNETH, 2003), uma distorção dos princípios de igualdade jurídica e êxito individual ou um desenvolvimento falho instituições liberais (HONNETH 2006a; 2006b; 2012b; 2016). A negação e a afirmação do respeito a integridade e valorização social dos sujeitos constituem a ordem social vigente o que, na formação sócio-histórica da sociedade brasileira, se traduz em uma *institucionalidade do (não)reconhecimento* e na produção de um lugar social de (não)reconhecimento a que são submetidos os grupos socialmente oprimidos, a ralé estrutural brasileira (SOUZA, 2018), a sociedade vista do abismo (MARTINS, 1997; 2002).

Nesse lugar social de (não)reconhecimento, o transitório permanente (MARTINS, 2002) entre a exclusão e a inclusão, as expectativas normativas de igualdade jurídica e êxito individual se desvelam como *promessas não cumpridas*. As experiências de violação, privação e degradação social deixam de ser apenas frustração de expectativas de reconhecimento nas interações sociais e se tornam realidade cotidiana daqueles que permanecem submetidos a negação do tecido social. O transitório permanente coloca em pauta contextos de pobreza e periferia, de migrações forçadas, de desenraizamento social e a inclusão degradante, dos que não estão dentro, mas também não estão fora.

Para Honneth (2003; 2006a; 2007; 2011) a transformação das experiências de violação, privação e degradação em luta social por reconhecimento depende do modo como as vítimas compartilham, elaboram e articulam coletivamente tais experiências. Contudo, num contexto em que esse processo é dificultado pela institucionalidade do (não)reconhecimento, as organizações figuram como meios sociais importantes para a luta por reconhecimento social, ou, nos termos desse trabalho, de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento pelas vítimas. A análise das organizações como um sistema cultural, simbólico e imaginário (ENRIQUEZ, 1997) fornece os subsídios necessários ao entendimento de como as vítimas podem encontrar na organização estratégias de enfrentamento ao desrespeito social.

As organizações evangélicas pentecostais se inserem nesse cenário, ocupando um lugar de ausência, abandono e incertezas produzido pela institucionalidade do (não)reconhecimento,

no processo de modernização da sociedade, e alcançando as vítimas do transitório permanente. A disseminação e presença das organizações evangélicas pentecostais, especialmente, nas periferias e nos centros urbanos do país, seja em grandes templos, seja em igrejas-garagem, evidenciam a crescente força pentecostal de adesão pelas camadas populares, característica que mantém desde a década de 1910.

No ano de 1940 os evangélicos representava aproximadamente 3% da população brasileira, já no ano de 2010 alcançou 22% (IBGE, 2010), chegando ao ano de 2020 em 31%, conforme levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Data Folha (BALLOUSSIER, 2020). As precárias condições de vida são situações comuns entre aqueles que buscam nessa denominação religiosa o cumprimento da promessa: “Chega de sofrer!”. A participação não denota simples ingenuidade daquele que crê, mas um cenário real de vida e existência subjugadas pela pobreza e privação (ROCHA E TORRES, 2018). Os evangélicos pentecostais também ganharam maior relevância nacional na esfera política nas últimas eleições para presidente da República no Brasil.

No ano de 2018, cerca de 21 milhões de evangélicos votaram no ex-capitão, candidato eleito, Jair Messias Bolsonaro cujo slogan pregava “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!” na campanha eleitoral, evidenciando a força política da participação evangélica nos rumos do país (SPYER, 2020). Nesse ano de 2022, o voto dos evangélicos, que somam um quarto do total de eleitores, foi mais uma vez terreno de disputa entre os candidatos à presidência do Brasil, enquanto o candidato de oposição Luiz Inácio Lula da Silva buscava alinhar o diálogo com as lideranças evangélicas¹, o presidente em exercício contava, explicitamente, com a orientação de voto de alguns pastores e lideranças², para a cobiçada reeleição, que não se efetivou.

O fenômeno pentecostal tem sido alvo de diversas investigações de cunho sociológico, antropológico, tanto na América Latina quanto no Brasil (MANSILLA E MOSQUEIRA, 2020). É possível analisar o pentecostalismo sob a ótica da oferta mercadológica (MARIANO, 2011), do empreendedorismo (CORTES, 2014), da estrutura empresarial (CAMPOS, 2020), do Estado de bem-estar informal (SPYER, 2020). Contudo a presente pesquisa se volta para as organizações evangélicas pentecostais sob as lentes teóricas do (não)reconhecimento a partir

¹ Na tentativa de conquistar o voto evangélico, o candidato a presidência Luiz Inácio Lula da Silva, Partido dos Trabalhadores (PT), entregou às lideranças evangélicas uma “Carta compromisso com os evangélicos”. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/10/19/lula-se-reune-com-liderancas-de-igrejas-angelicadas-em-sao-paulo.ghtml>

² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/datafolha-16-dos-evangelicos-dizem-que-pastores-orientam-voto-em-bolsonaro.shtml>

do questionamento de pesquisa sobre *que formas de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento são possibilitadas pelas organizações evangélicas pentecostais às vítimas do transitório permanente?*

Para responder ao questionamento de pesquisa traçou-se o objetivo geral de analisar como as organizações evangélicas pentecostais possibilitam às vítimas do transitório permanente formas de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento. Já os objetivos específicos compreendem, a) identificar como as organizações pentecostais evangélicas se disseminam num contexto de transitório permanente, b) Analisar os mecanismos de compartilhamento e elaboração e das experiências de desrespeito social propiciados pelas organizações evangélicas pentecostais e c) Entender como as organizações evangélicas pentecostais medeiam formas de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente.

Desse modo, a presente tese de doutorado é desenvolvida em duas partes. A primeira parte é composta pelos capítulos 1 e 2 em que constam a revisita a conceitos básicos da abordagem honnethiana com ênfase sobre o modo como apresenta o não-reconhecimento. A construção teórica é tomada como chave de leitura do processo de modernização inconcluso que institucionaliza a ordem de reconhecimento social na sociedade brasileira. A relevância das organizações que ocupam um lugar de ausência, produzido pelo (não)reconhecimento, como meio de enfrentamento das vítimas também é discutida.

A segunda parte é formada pelos capítulos 3, onde o método é apresentado. No capítulo seguinte, procede-se a análise do material de pesquisa coletado, de acordo com os objetivos estabelecidos. O fenômeno social do pentecostalismo e neopentecostalismo é apresentado, bem como a análise das organizações evangélicas pentecostais na mediação de formas de enfrentamento ao (não)reconhecimento. Por fim, após a apresentação e discussão do material empírico sob a lente teórica apresentada na primeira parte, expõe-se as considerações finais de pesquisa. O material que ensejou a análise é disponibilizado nos Apêndices, para que a leitora e o leitor possam ter acesso ao material empírico da pesquisa.

PARTE I. (NÃO)RECONHECIMENTO

CAPÍTULO 1. LUTA POR RECONHECIMENTO

Charles Taylor, Nancy Fraser e Axel Honneth figuram entre os autores que contribuíram com as discussões sobre o reconhecimento social como elemento importante na compreensão das relações sociais que formam a coletividade e orientam as ações. Taylor (1997) salienta as relações de reconhecimento como constitutivas da natureza dialógica do ser humano, da formação identitária, originalidade e autenticidade. É nas interações sociais que o reconhecimento social molda parcialmente a identidade dos indivíduos, o que pode desencadear a construção de uma imagem positiva ou humilhante e autodepreciativa, quando o reconhecimento é negado. O autor reivindica uma *política de reconhecimento* que opere em dois níveis: na esfera íntima de diferenciação, para a formação da identidade, e na esfera pública como igualdade na garantia da dignidade entre os cidadãos.

Nancy Fraser (2006) defende uma *teoria crítica do reconhecimento* que integre a valorização das diferenças culturais identitárias com políticas de igualdade, o reconhecimento e a redistribuição, como pilares de políticas tanto de diferenciação quanto de desdiferenciação. As injustiças produzidas pela má distribuição e não-reconhecimento constituem obstáculos à paridade participativa, impossibilitando a equidade dos processos democráticos. A paridade participativa é o ponto chave das lutas políticas por reconhecimento e redistribuição, é o que garante aos parceiros de interação terem atendidas suas necessidades materiais e intersubjetivas de respeito e estima social. Para Fraser (2005) a luta por reconhecimento está associada as injustiças culturais e simbólicas, ao passo que injustiças econômicas dizem respeito a redistribuição, ainda que existam lutas híbridas.

Axel Honneth (2003) atualiza o modelo conceitual do jovem Hegel e define o reconhecimento como um ato social de valoração do ser humano, orientado por princípios normativos historicamente institucionalizados. Na sociedade moderna o reconhecimento social se realiza nas esferas do amor, do direito e da solidariedade, cada qual orientada, respectivamente, pelos princípios normativos do amor, da igualdade jurídica e do êxito. A negação do reconhecimento social em cada uma das esferas equivale a experiências de desrespeito social nas formas de violação, privação de direitos e degradação social e podem servir como base motivacional para a luta social.

Para os autores supracitados as lutas por reconhecimento social se tornaram uma temática relevante na sociedade contemporânea, seja o reconhecimento social entendido como resultado de políticas de diferenciação e igualdade (TAYLOR, 1997), combate as injustiças culturais e simbólicas para a garantia da paridade participativa (FRASER, 2005, 2006) ou como uma gramática moral dos conflitos sociais (HONNETH, 2003). Não obstante as críticas endereçadas aos pressupostos eurocêntricos da teoria do reconhecimento, no presente trabalho desenvolve-se um acordo crítico com e a partir da abordagem honnethiana em direção ao potencial explicativo da teoria do reconhecimento, especialmente em sua forma de negação.

O não-reconhecimento é apresentado em duas diferentes perspectivas adotadas por Axel Honneth em momentos distintos da sua trajetória. Na primeira subseção, resgata-se os primeiros escritos honnethianos sobre o não-reconhecimento como experiência de injustiça. Na segunda subseção o não-reconhecimento é descrito a partir da obra seminal “Luta por Reconhecimento”, como experiência de frustração. Na terceira subseção, reconhecimento e não-reconhecimento são situados na sociedade capitalista como ordem institucionalizada de reconhecimento, o que abre caminhos para o entendimento das lutas sociais por reconhecimento para além do referencial empírico europeu, adotado pelo autor.

1.1 O NÃO-RECONHECIMENTO COMO EXPERIÊNCIA DE INJUSTIÇA

Axel Honneth pertence a chamada “Escola de Frankfurt” que busca compreender e modo interdisciplinar as relações sociais e o potencial de emancipação dos sujeitos, numa abordagem crítica à sociedade capitalista. O projeto teórico do autor nasce com a obra “The Critique of Power”, publicada em 1985, uma crítica aos autores da primeira e segunda geração que mantinham o enfoque dos conflitos sociais situado ou na completa coisificação do cotidiano pelas relações de produção, ou no dualismo da colonização sistêmica do mundo da vida (FUHRMANN, 2013).

Axel Honneth (2007) entende que a Teoria Crítica não pode prescindir da orientação metodológica deixada pelo hegelianismo de esquerda: a crítica da sociedade parte de um potencial emancipatório situado na realidade social cotidiana. Horkheimer havia localizado esse potencial, seguindo a filosofia marxista, no interesse de emancipação associado exclusivamente ao proletariado, já Adorno na experiência da arte moderna. Porém, com a virada da Teoria Crítica para o negativismo histórico-filosófico cessou para os autores da primeira geração a possibilidade intramundana de emancipação. Jürgen Habermas é quem reestabelece o acesso a esfera de ação emancipatória sob o paradigma da ação comunicativa, os pressupostos

normativos da interação social são centrais para compreender os processos de emancipação, uma ação comunicativa livre de dominação.

No intuito de se manter fiel a orientação metodológica hegeliana, Axel Honneth se distancia da convicção de Horkheimer sobre o senso de injustiça desenvolvido pelo proletariado em relação ao capitalismo e avança na proposição de Habermas, para além da questão cognitiva, em direção à dimensão intersubjetiva e sociológica da ação comunicativa. O entendimento é que o potencial normativo das interações sociais para a emancipação não reside nas condições e regras linguísticas, mas sim nas experiências de violação das expectativas morais de respeito, experiências que se manifestam como sentimentos de desrespeito social (HONNETH, 2007). O ponto de referência utilizado pelo autor para exemplificar tal definição é a forma de resistência das classes baixas, as expectativas normativas se manifestam na vida social cotidiana por meio da experiência de violação de noções intuitivas de justiça.

O núcleo normativo de tais noções de justiça é sempre constituído por expectativas de respeito à própria dignidade, honra ou integridade (...) a injustiça moral se manifesta sempre que, ao contrário de suas expectativas, os sujeitos humanos são privados do reconhecimento. Eu gostaria de me referir a tais experiências morais como sentimentos de desrespeito social (HONNETH, 2007, p. 71, TRADUÇÃO LIVRE)

As experiências de desrespeito social são o fenômeno empírico pré-teórico a partir do qual a crítica pode ser fundamentada normativamente na realidade social, são essas experiências que desvelam as expectativas de reconhecimento do sujeito, de respeito a dignidade e integridade do ser humano. A crítica social se desvincula da racionalidade instrumental de colonização do mundo da vida como patológica e se volta ao questionamento das causas sócio estruturais responsáveis pela violação sistemática das condições de reconhecimento, formas estruturais de desrespeito (HONNETH, 2007). Nesse texto publicado originalmente em 1994 o autor situa a renovação da teoria crítica em direção a teoria do reconhecimento tendo como ponto de partida as experiências de desrespeito social.

Os sentimentos de vergonha, raiva ou indignação gerados pelo desrespeito social na negação do reconhecimento podem se constituir como uma fonte motivacional para a luta social. Contudo, na ausência de direção normativa a resistência social pode se tornar ambivalente e a luta contra o desrespeito e a humilhação pode ter consequências políticas diversas. Para compreender a transformação das experiências de desrespeito em luta social se faz necessário o entendimento de como as vítimas compartilham tais experiências e as articulam na esfera pública democrática (HONNETH, 2007). Os grupos sociais se constituem como espaços indispensáveis às vítimas para o compartilhamento e elaboração dos sentimentos de

injustiça, a partir dos quais o enfrentamento ao desrespeito social pode tomar inúmeras formas e conteúdo³.

Nesse sentido, a luta social por reconhecimento, ou seja, por respeito à dignidade e integridade do ser humano, depende de dois fatores: de condições socio-estruturais de reconhecimento e do compartilhamento dos sentimentos de desrespeito social entre as vítimas. No artigo intitulado “*Moral Consciousness and Class Domination: Some Problems in the Analysis of Hidden Morality*” publicado originalmente em 1982, Honneth havia delineado justamente o modo como os conflitos normativos e práticos, de distintos grupos sociais, se desenham na esfera pública do capitalismo tardio.

O autor problematiza o caráter político-hegemônico da esfera pública ocupada por grupos socialmente dominantes que, ao estabelecerem de forma positiva princípios morais e ideias de justiça normativamente formulados, mantêm as reivindicações dos grupos socialmente oprimidos como ideais reativos de justiça, “o lado negativo da ordem moral institucionalizada” (HONNETH, 2007, p.84). Os princípios morais e ideais de justiça racionalmente elaborados na esfera pública se tornam imprescindíveis para a justificação normativa da ordem social existente e controle social dos sentimentos de injustiça.

As potencialidades de ação moral e ética social dos grupos socialmente oprimidos se encontram fragmentadas e moralmente ocultas, não devido a processos inferiores de cognição, mas por bloqueios socio-estruturais para controle dos sentimentos de injustiça, por meio dos mecanismos normativos de exclusão cultural e individualismo institucional. Nesse sentido a distinção entre a articulação das ideias de justiça e moralidade entre grupos distintos nada tem a ver com a dimensão cognitiva da elaboração dos sentimentos de injustiça social e sim com as relações de dominação social (HONNETH, 2007).

A exclusão cultural é um mecanismo de controle que visa impossibilitar a articulação coletiva das experiências de injustiça por meio da retenção sistemática dos meios linguísticos e simbólicos de expressão. As agências de educação pública, a mídia e a publicidade política aplicam essa estratégia como forma de manter excluídas da esfera pública as reivindicações de determinados grupos, enquanto outras são formalizadas e regulamentadas. O processo de institucionalização do individualismo é uma estratégia incentivada pelo Estado e demais organizações, no intuito de neutralizar as reivindicações coletivas de grupos específicos, induzindo à ação individualizada. As estratégias utilizadas são as recompensas sociais, políticas

³ O caso dos grupos de jovens neonazistas é ilustrativo da ambivalência a que as lutas contra a humilhação e o desrespeito social estão submetidas. Nesses grupos os jovens encontram na camaradagem a estima social que lhes é negada na sociedade, ainda que guiada por princípios de violência (HONNETH, 2007).

e econômicas prometidas ao indivíduo, como é caso da ideologia da conquista pelo esforço individual. Os sentimentos de injustiça não são dissipados da esfera pública, mas redirecionados (HONNETH, 2007).

Os mecanismos de controle social indicam que a articulação e mobilização coletiva dos sentimentos de injustiça não depende da escolha do indivíduo, persiste uma estrutura institucional mantida pelos grupos socialmente dominantes na tentativa de manter a legitimidade da dominação capitalista e os próprios privilégios (HONNETH, 2007). A potencialidade normativa na qual se encontram ideais de justiça, reivindicações e ideias de felicidade dos grupos socialmente oprimidos é preservada negativamente, justamente porque a crítica social contida nas experiências de desrespeito social não conta com a legitimidade e a justificação normativa de regras e práticas organizacionais positivamente articulados na esfera pública pelos grupos dominantes.

As reivindicações por justiça, as expectativas de respeito a integridade e dignidade do ser humano, ou seja, de reconhecimento social, somente são consideradas legítimas se estão de acordo com os princípios articulados positivamente na esfera pública, racionalmente elaborados pelos grupos que aí se estabelecem. Contudo, não necessariamente significa que os princípios e ideias de justiça estabelecidos na esfera pública encontrem total validade normativa. Os grupos pertencentes aos estratos mais baixos da sociedade, cuja articulação dos sentimentos de injustiça se encontra bloqueada por mecanismos de controle, preservam princípios de justiça e normas sociais que se revelam na vida cotidiana como “forma de uma consciência relativamente firme de injustiça que está próxima da experiência concreta” (HONNETH, 2007, p.90) ainda que não alcance a esfera pública hegemônica.

O não-reconhecimento como experiência de injustiça revela a violação do núcleo normativo das relações sociais, o respeito a dignidade e integridade do ser humano. A negação do reconhecimento se manifesta nas relações intersubjetivas, mas não encontra aí o seu ponto de partida. A negação, assim como a luta por reconhecimento, não tem o caráter de virtude ou escolha individual, é a privação de condições socio-estruturais de respeito a dignidade e integridade direcionada a determinados grupos sociais por outros que visam a manutenção de relações de dominação social institucionalmente estabelecidas. A institucionalidade da negação do reconhecimento busca exercer uma força de supressão dos sentimentos de injustiça por meio de mecanismos que impedem o compartilhamento e a elaboração das experiências de desrespeito social dos grupos socialmente oprimidos.

A individualização das experiências de desrespeito social e a aceitação dos princípios e ideais de justiça positivamente elaborados na esfera pública político-hegemônica, pelos grupos

socialmente dominantes, são fundamentais para a manutenção da legitimidade do reconhecimento estabelecido. A força normativa de integração social dos sujeitos na sociedade sob determinada ordem social só pode ser rompida pela desindividualização e elaboração coletiva das experiências de desrespeito social vivenciadas na vida cotidiana. Contudo, tal rompimento se torna complexo na medida em que a violação do respeito a integridade do ser humano não é iniciativa individual do parceiro de interação, mas uma forma sistemática de desrespeito ancorada em condições socio-estruturais e institucionalmente articuladas para impedir a elaboração coletiva das experiências de desrespeito social.

O estabelecimento da ordem de reconhecimento social vigente na sociedade a partir das relações de dominação social coloca em evidência como os mecanismos de controle social dos sentimentos de injustiça incidem duplamente no bloqueio da luta por reconhecimento. As experiências de desrespeito, vivenciadas cotidianamente pelos grupos socialmente oprimidos, sofrem tanto uma pressão de dessimbolização e deslegitimação, para que suas reivindicações permaneçam ocultas e excluídas da esfera pública, como de manutenção de expectativas de respeito e reconhecimento que sejam equivalentes àquelas institucionalizadas na sociedade pelos grupos socialmente dominantes.

É possível identificar nos primeiros textos de Axel Honneth, que: 1) existem mecanismos de dominação que influenciam no modo como os sentimentos de injustiça social (não)são articulados, 2) os grupos socialmente dominantes procuram estabelecer na esfera pública um conjunto racional de princípios e ideias de justiça que legitimem privilégios, 3) a exclusão cultural e a institucionalização do individualismo são mecanismos socio-estruturais de controle dos sentimentos de injustiça, 4) apesar do caráter político-hegemônico da esfera pública não há uma completa integração aos princípios normativos aí estabelecidos, visto que persiste uma moralidade oculta e fragmentada das vítimas do desrespeito social que se manifesta na vida cotidiana 5) a luta por reconhecimento depende do compartilhamento e da elaboração coletiva das experiências de desrespeito social vivenciadas pelas vítimas.

A dinâmica do desrespeito social não se encerra na experiência intersubjetiva pessoal dos sujeitos apesar dos mecanismos de controle dos sentimentos de injustiça promoverem a individualização dessas experiências. Contudo, é a experiência da violação expressa nas interações sociais que denuncia o desrespeito à dignidade e integridade do ser humano, a institucionalidade da negação do reconhecimento. No não-reconhecimento como experiência de injustiça a negação é mais do que a recusa do reconhecimento vigente, é a privação e violação do respeito presente na ordem de reconhecimento social vigente por meio de mecanismos de dominação social, bloqueios e repressões articulados institucionalmente.

1.2 O NÃO-RECONHECIMENTO COMO FRUSTRAÇÃO DE EXPECTATIVAS

No ano de 1992 Axel Honneth lança a obra intitulada “*Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*” na qual desenha um projeto teórico a partir do modelo conceitual do jovem Hegel atualizado pela psicologia social de George Herbert Mead. Nessa obra considerada “madura” há uma mudança no ponto de partida do projeto teórico do autor. O núcleo normativo das relações sociais não está mais referenciado na vida social cotidiana das classes baixas, na experiência de violação das expectativas morais de respeito a integridade, como noções intuitivas de justiça que desvelam expectativas de reconhecimento. O domínio que os grupos socialmente dominantes buscam estabelecer por meio de princípios morais e ideais de justiça, positivamente articulados na esfera pública, não é problematizado.

O marco referencial das relações de reconhecimento social é situado na transição do feudalismo para o capitalismo como o grande evento histórico de institucionalização dos princípios que constituem o novo quadro de expectativas normativas de reconhecimento da modernidade. Com a ascensão da burguesia capitalista o princípio de honra da nobreza baseado na propriedade da terra perdeu a legitimidade, no plano normativo a estima social passou das origens familiares ou posses para a valoração dos indivíduos conforme a contribuição das habilidades e capacidades individuais para a sociedade (HONNETH, 2003).

O reconhecimento jurídico passou a integrar as bases morais da vida social estabelecendo uma igualdade entre os indivíduos como pessoas de direito, que possuem valor em si. As relações afetivas, antes subordinadas aos interesses de negociação da propriedade, se tornaram autônomas. Nesse referencial, o núcleo normativo das relações sociais é orientado pelos princípios de êxito, igualdade jurídica e amor, a partir dos quais os sujeitos esperam ter respeitadas as necessidades de afeto, a condição de pessoa de direito e a valorização de habilidades individuais. As experiências de desrespeito social permanecem como expressão da negação do reconhecimento nas interações sociais, porém, de modo distinto ao sinalizado em manuscritos anteriores.

Em “Luta por reconhecimento” a psicologia social de George Herbert Mead é mobilizada como estratégia de atualização do modelo da teoria do reconhecimento do jovem Hegel. A experiência de desrespeito social é explicada a partir da frustração das expectativas de reconhecimento pelos parceiros de interação social nas esferas do amor, do direito e da

solidariedade e impacta na formação da identidade prática dos sujeitos⁴. Seguindo a concepção intersubjetivista da autoconsciência humana, é na relação com o outro que o sujeito toma consciência de si. Essa dimensão social do desenvolvimento da personalidade não ocorre somente no âmbito cognitivo, mas também normativo, devido as significações sociais atribuídas às ações (HONNETH, 2003).

Na gênese social da formação do “Eu” se encontra o “Me”, uma espécie de “outro generalizado” constituído por um conjunto de expectativas que normatizam as ações entre parceiros de interação. A compreensão normativa que o sujeito possui de si, a autoimagem normativa, é formada nas interações sociais referenciadas no Me normativo.

[...] o sujeito adquire a capacidade abstrata de poder participar das interações normativamente reguladas de seu meio; pois aquelas normas interiorizadas lhe dizem quais são as expectativas que pode dirigir legitimamente todos os outros, assim como quais são as obrigações que ele tem de cumprir justificadamente em relação a eles (HONNETH, 2003, p.135)

O outro generalizado como quadro referencial de expectativas normativas de comportamento incide sobre a formação prática da identidade do sujeito que, ao interiorizar as normas sociais, pode se saber reconhecido pela coletividade e participe da sociedade. Nesse sentido, a recusa do reconhecimento nas esferas do amor, do direito e da solidariedade é a frustração da expectativa de ter atendidas as necessidades básicas de afeto, de igualdade e de realização pessoal, normativamente justificadas no Me. A frustração dessas expectativas pelos parceiros de interação tem consequências na formação da identidade prática por afetar a autorrelação positiva dos sujeitos, a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima, necessárias para a formação da autonomia (HONNETH, 2003).

A esfera do amor diz respeito às necessidades de afeto dos sujeitos que, conforme a psicanálise de Winnicott, é a base do desenvolvimento das relações primárias de confiança. O não-reconhecimento nessa esfera por meio da humilhação, de maus-tratos físico e/ou psíquico e a sujeição abusiva à vontade alheia, impacta na autoconfiança e repercute na vida adulta, nas relações de afeto, amizade e diálogo. As relações bem-sucedidas de reconhecimento geram a autoconfiança necessária para o reconhecimento de si dos outros no cumprimento de direitos e deveres, a base para o convívio coletivo pautado por normas sociais imprescindíveis na esfera do direito (HONNETH, 2003).

⁴ Para Axel Honneth não há *social* sem um núcleo normativo, não há interação social que não seja mediada por normas. O caráter conflitivo entorno das normas é o que impede a total integração dos sujeitos e mantém o caráter *social* das interações sociais (CAUX, 2015). Esse é fundamento dos conflitos sociais da luta por reconhecimento, a frustração de expectativas, e a formação da identidade prática dos sujeitos na vida em sociedade.

A esfera do direito permite aos sujeitos conceberem-se como pessoa de igual valor em relação aos demais, independente de *status* social. O não-reconhecimento nessa esfera é a privação de direitos, a exclusão estrutural dos direitos da pessoa que, por ser destituída de autonomia, é tida como incapaz de formar juízo moral e participar da arena pública de reivindicação. As relações bem-sucedidas de reconhecimento nessa esfera proporcionam uma autorrelação positiva de autorrespeito. Na esfera da solidariedade o sujeito espera a valoração social afirmativa das capacidades e propriedades individuais. O não-reconhecimento nessa esfera é a degradação, a negação e o rebaixamento do valor social a partir de valores instituídos que indicam quais propriedades pessoais são significativas. O reconhecimento bem-sucedido na esfera da solidariedade é que proporciona a autoestima (HONNETH, 2003).

As formas de desrespeito social em cada esfera são as experiências de violação, privação de direitos e degradação social. O não-reconhecimento é a frustração de expectativas fundamentadas nos princípios normativos da modernidade e afeta não só a liberdade de ação, mas também o desenvolvimento da identidade pessoal nas relações intersubjetivas. A conexão entre o reconhecimento social bem-sucedido e a formação da identidade prática está no tipo de autorrelação positiva que cada esfera possibilita. É o reconhecimento social que proporciona as condições necessárias para a formação de sujeitos autônomos, partícipes da vida pública, caminho pelo qual se desenvolve o potencial moral da sociedade (HONNETH, 2003).

No desrespeito social como experiência de frustração, a recusa do reconhecimento é “injustificada” porque a expectativa de ser reconhecido está justificada normativamente na sociedade pelos princípios normativos que constituem o conteúdo do Me normativo. A frustração desencadearia um conjunto de reações emocionais negativas como a ira, a indignação, a vergonha, a vexação ou o desprezo visto que a ação foi frustrada pelos parceiros de interação dos quais se esperava respeito de acordo com o Me estabelecido. Esses sentimentos morais de injustiça e humilhação decorrentes das experiências de violação, privação de direito e degradação social impulsionariam o deslocamento de uma posição passiva de sofrimento para a luta por reconhecimento (HONNETH, 2003).

Apesar do autor recorrer a noção de sentimentos morais de injustiça resultantes de experiências de desrespeito social como base motivacional para a luta social, admite que se faz necessário analisar o processo histórico de institucionalização do reconhecimento social especialmente nas esferas do direito e da solidariedade.

(...) saber empiricamente se o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos de vergonha social e da vexação, se torna uma convicção política e moral depende

sobretudo de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos (HONNETH, 2003, p. 224).

Ademais, a luta social somente é possível quando as experiências de desrespeito deixam de ser individualizadas e passam a ser elaboradas em “uma linguagem comum” (HONNETH, 2003, p.267) dos sentimentos de injustiça. O compartilhamento das experiências de desrespeito, a elaboração e articulação dos sentimentos de injustiça dependem da construção de uma ponte semântica em um meio social comum. O processo de luta social tem como ponto de partida a expectativa frustrada de reconhecimento e deve passar à elaboração coletiva das experiências de desrespeito para chegar à esfera pública, a fim de que a luta por formas ampliadas de reconhecimento se efetive.

[...] trata-se do processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento (HONNETH, 2003, p.257)

Nessa perspectiva, o desrespeito social, a negação do reconhecimento é a frustração das expectativas institucionalizadas nas esferas do amor, do direito e da solidariedade, pelos princípios do amor, da igualdade jurídica e do êxito ou mérito, como tratará posteriormente o autor em discussão com Nancy Fraser⁵. A passagem da sociedade feudal para a capitalista é o marco histórico de um progresso moral em que os novos princípios de reconhecimento social da modernidade possibilitam as condições sociais necessárias a formação para a autonomia e participação na esfera pública. A autorrelação positiva gerada pelas relações bem-sucedidas de reconhecimento é fundamental nesse processo, capaz de promover o progresso moral da sociedade por meio da luta de formas ampliadas de reconhecimento como um *continuum*, dentro dos princípios da modernidade.

1.3 A SOCIEDADE CAPITALISTA COMO ORDEM INSTITUCIONALIZADA DE RECONHECIMENTO

Uma década após o lançamento de “Luta por Reconhecimento” as objeções de Nancy Fraser ao projeto teórico de Axel Honneth proporcionaram um importante debate publicado em “*Redistribution or recognition? a political-philosophical exchange*” no ano de 2003. A autora questiona a ausência da dimensão redistributiva na abordagem honnethiana, a redução da teoria

⁵ FRASER, N.; HONNETH, A. (Org). *Redistribución o reconocimiento? Un debate político-filosófico*. A Corunã: Paideia Galiza, 2006a.

crítica às pautas identitárias e a psicologização moral de um sofrimento “pré-político” (FRASER, 2006a, p.152) nas experiências cotidianas de injustiça.

Na resposta à Nancy Fraser o autor recupera, externaliza e ratifica o que fora sinalizado em “Luta por reconhecimento”, a constituição sócio-histórica das esferas do amor, do direito e da solidariedade como quadro referencial de expectativas normativas de reconhecimento da sociedade capitalista (HONNETH, 2003).

[...] a dependência caracteristicamente humana de reconhecimento intersubjetivo está sempre configurada pelo modo particular pelo qual se institucionaliza a mútua concessão de reconhecimento em uma sociedade. Do ponto de vista metodológico, essa consideração tem a consequência de que as expectativas subjetivas de reconhecimento não podem derivar-se de uma teoria antropológica da pessoa (HONNETH, 2006a, p.110).

É o caráter histórico da institucionalização do reconhecimento social, na formação de cada sociedade, que estabelece a conexão entre as expectativas normativas de reconhecimento dos sujeitos e os discursos sociais de justificação do que se espera como respeito à integridade do ser humano, ou seja, o núcleo normativo das relações sociais não é neutro, nem a-histórico. Sob esse ponto de vista, as expectativas de reconhecimento não resultam da soma de expectativas individuais, a ordem moral da sociedade pode ser explicada como frágil estrutura de relações graduadas de reconhecimento instituídas historicamente, de acordo com princípios normativos que orientam as ações (HONNETH, 2006a).

Conforme o autor, o desenvolvimento social e moral da sociedade burguesa capitalista, expresso na diferenciação das três esferas de reconhecimento social, instituiu um novo quadro referencial de expectativas normativas de reconhecimento e relações sociais por meio das quais, em tese, os sujeitos podem atingir maior liberdade pessoal e respeito à singularidade individual.

[...] uma parte da honra garantida pela hierarquia se democratizava, em certo sentido, ao outorgar a todos os membros da sociedade um respeito igual por sua dignidade e autonomia como pessoas jurídicas, enquanto a outra parte ficava "meritocrata", em certo sentido: cada um disfrutaria da estima social segundo seu êxito como "cidadão produtivo" (HONNETH, 2006a, p.112).

A ordem institucionalizada de reconhecimento social na sociedade capitalista submeteu a ordenação da coletividade às referências normativas da classe média, os princípios de igualdade jurídica e êxito foram articulados conforme a ascensão dos grupos que se estabeleceram na esfera pública e de acordo com esses foram definidos (HONNETH, 2006a). Aqui o autor apresenta uma definição diferente do princípio do êxito encontrada em obras anteriores quando se referia à realização pessoal dos sujeitos de acordo com diferentes formas

de vida. O êxito individual é situado a partir de um novo modelo de valor que tem por referência as atividades econômicas de um grupo específico, o “homem burguês, independente, de classe média” (HONNETH, 2006a, p.112).

O princípio do êxito individual alterou a valorização dos sujeitos baseada na posse de terras para a estima social conforme as contribuições individuais na reprodução da sociedade, mas também tornou legítima e publicamente justificada, em conjunto com o princípio de igualdade jurídica, a desigual apropriação de recursos materiais e imateriais. A proporção de recursos que os indivíduos poderiam ter a disposição foi determinada pela valorização hegemônica e ideológica do princípio do êxito, ditada pelos grupos que detinham o capital e a organização da produção econômica⁶.

A frustração das expectativas de reconhecimento, institucionalizadas nos princípios de igualdade jurídica e êxito individual, como experiência de injustiça, situa a base motivacional para a luta social nos déficits e assimetrias internas de cada esfera. O potencial normativo dos conflitos sociais presente na negação do reconhecimento é direcionado à luta pela interpretação e aplicação dos princípios normativos da modernidade. Por essa razão, a luta social encontrará legitimidade na esfera pública se racionalmente articulada conforme os princípios de igualdade jurídica e êxito individual, para que esses mesmos princípios sejam aplicados de modo a garantir o reconhecimento social que eles próprios institucionalizam.

Nesse registro, a experiência de desrespeito social como frustração de expectativas está delimitada pelo que o autor denomina como *excesso de validez*.

“(…) graças a seus princípios subjacentes, as esferas sociais de reconhecimento, que, em conjunto, configuram a ordem socio-moral da sociedade capitalista burguesa, possuem um excesso de validez que os afetados podem reivindicar racionalmente contra as reais relações de reconhecimento” (HONNETH, 2006a, p.118)

O recurso ao excesso de validez dos princípios normativos reforça a defesa dos princípios normativos da modernidade como potencialmente emancipatórios, porém perde de vista os mecanismos de dominação e controle dos sentimentos de injustiça dos grupos socialmente oprimidos, apontados em textos anteriores. As expectativas de respeito à integridade e valor do ser humano tomam a forma e conteúdo dos princípios normativos de amor, igualdade jurídica e êxito institucionalizados pela classe média na esfera pública, por

⁶ A institucionalização do êxito individual como critério de autoestima social marca mais do que uma relação entre superestrutura e base, é um marco institucional normativo que influencia na distribuição de recursos na sociedade capitalista ao estabelecer quais atividades podem ser definidas como “trabalho” e quais setores possuem valor para reprodução da sociedade (HONNETH, 2006a).

consequente, esse é o referencial normativo que definirá o que se entende por reconhecimento e, ao mesmo tempo, por desrespeito social.

A noção de excesso de validade se encontra associada ao reconhecimento social como um ato positivo de afirmação para a autonomia e a passagem da sociedade feudal para a burguesa capitalista como progresso moral (HONNETH 2006a; 2012b). A justiça está associada a justa aplicação dos princípios normativos da modernidade, amor, igualdade jurídica e êxito individual ou mérito, por meio de práticas e medidas institucionais que garantam as condições necessárias à formação da autonomia dos sujeitos, possibilitada por relações bem-sucedidas de reconhecimento (HONNETH, 2006a).

Apesar de manter a premissa teórica de que o não-reconhecimento como injustiça está associado às experiências de degradação, humilhação e falta de respeito à integridade e valor do ser humano, as expectativas de reconhecimento passam a ser válidas somente se estiverem de acordo com os princípios normativos de amor, igualdade jurídica e êxito, tal como foram institucionalizados pelos grupos que se estabeleceram na esfera pública. Nesse sentido, o que é tido como respeito a integridade e valor do ser humano precisa estar referenciado nos princípios normativos da sociedade capitalista enquanto ordem institucionalizada de reconhecimento.

O critério de legitimidade das lutas sociais por reconhecimento é o aumento do grau de individualidade e inclusão social dos sujeitos no processo de integração social, é sob essa perspectiva que o autor entende a sociedade capitalista liberal como um progresso moral⁷ em relação à sociedade feudal. A defesa do potencial originalmente emancipatório dos princípios normativos das esferas de reconhecimento da modernidade é uma constante nos escritos do autor. A luta social se situa, portanto, na ampliação do reconhecimento e depende da introdução de novos valores, qualidades valorativas num horizonte valorativo que intensifique e expanda os princípios de amor, igualdade jurídica e êxito.

A luta por reconhecimento aparece assim como uma luta pela “melhoria” ou “aprimoramento” dos valores que dão expressão e cumprimento aos princípios normativos da modernidade, “as relações de reconhecimento historicamente expandidas e melhoradas por meio de novas acentuações dos princípios gerais” (HONNETH, 2012b, p. 89). As experiências de injustiça social como frustração ou violação das expectativas de reconhecimento ocorrem

⁷ A modernidade é tida como superior as outras ordens de reconhecimento por ter como telos e padrão trans-histórico a liberdade, o aumento da capacidade de autonomia do ser humano (HONNETH, 2002). Em outra ocasião, o autor corrobora com a hipótese kantiana histórico-filosófica de progresso: os avanços civilizacionais e morais são resultados de processos de aprendizagem sobre a emancipação da humanidade que podem ser descontínuos, mas são irredutíveis (HONNETH, 2007). A concepção linear de progresso moral por meio de formas “ampliadas” de reconhecimento parece seguir essa noção.

quando certas medidas ou regras institucionais não condizem com os princípios normativos racionalmente estabelecidos na esfera pública. O reconhecimento socialmente vigente não é mais situado na perspectiva das relações de dominação social em que grupos socialmente dominantes buscam manter mecanismos de controle dos sentimentos de injustiça dos grupos socialmente oprimidos (HONNETH, 2007).

A abertura crítica ao modo como o reconhecimento institucionalizado na esfera pública e hegemônica pode exercer um bloqueio às noções intuitivas de justiça e manifestação dos sentimentos de injustiça dos “subalternos”, é abandonada. O não-reconhecimento, como recusa ou privação é situado dentro das condições socio estruturais em que são aplicados os princípios da modernidade (HONNETH, 2006a, 2012b). Em “O direito da liberdade”, publicado originalmente no ano de 2011, o autor dá prosseguimento a esse entendimento quando situa o não-reconhecimento como um *desenvolvimento falho*, certo de que as instituições relacionais da sociedade liberal podem promover relações efetivas de reconhecimento para a formação da autonomia (HONNETH, 2016).

De fato, dentre a maioria dos escritos do autor não se encontra a problematização da possibilidade de um falso reconhecimento (FRASER, 2006a; BRESSIANI, 2015), reconhecimento contraditório, instituições baseadas no não-reconhecimento (GUNN E WILDING, 2013) ou reconhecimento e não-reconhecimento como faces da mesma moeda (SEBRECHTS ET AL, 2019). O mais próximo dessas discussões, sobre o reconhecimento como funcional às relações de dominação, se refere à ideia de *distorção*⁸, *captura*⁹, e *esvaziamento semântico*¹⁰ dos princípios normativos ou da forma ideológica do reconhecimento, quando a instituição mobiliza os princípios como motivação para a submissão voluntária dos sujeitos (HONNETH, 2006b).

Para alguns autores, a descontinuidade das discussões sobre reconhecimento e poder, o enfoque demasiado positivo dos princípios da modernidade (PETHERBRIDGE, 2013; BRESSIANI, 2015), a sociedade capitalista europeia como referência de progresso moral e a noção de excedente normativo, podem ter comprometido as contribuições do autor, conduzindo

⁸ A apropriação do ideal de autorrealização, dos movimentos sociais dos anos de 1960, pelas empresas da mídia, moda e marketing de publicidade, exemplificam como o princípio do êxito foi distorcido *pelas* instituições. O mesmo ocorreu na organização do trabalho: a iniciativa e criatividade se transformaram em uma demanda institucional transferida ao empregado, como parte de suas próprias decisões e carreira (HONNETH, 2012b).

⁹ A revolução neoliberal é entendida como condicionamento socioestrutural que capturou os princípios normativos das esferas de reconhecimento tornando-os paradoxalmente contraditórios sob a ideia de um “capitalismo eticizado”, a formulação de novas justificativas para a desigualdade social (HONNETH, 2012b).

¹⁰ A exclusão e falta de acesso as esferas de reconhecimento por uma parte crescente da população, devido as condições estruturais da sociedade capitalista, tornaram anômicas as lutas por reconhecimento por meio da decodificação e deslegitimação dos princípios normativos (HONNETH, 2012a).

a teoria do reconhecimento à crítica funcional de um capitalismo melhorado (PINZANI, 2012; 2013; GUNN E WILDING, 2013). Corrobora-se com os referidos autores sobre as limitações que a perspectiva eurocêntrica apresenta à abordagem honnethiana, bem como a perda das discussões acerca do reconhecimento social e poder.

Contudo, a análise sócio-histórica da sociedade capitalista como ordem social que avança não apenas pela constante realização do capital, mas também como ordem institucionalizada de reconhecimento (HONNETH, 2006a; 2012), apresenta uma chave analítica importante sobre o reconhecimento social quando recuperada a discussão sobre os mecanismos de dominação social (HONNETH, 2007) abandonada pelo autor. Na resposta a Nancy Fraser o autor explicita o grupo sob o qual está referenciado o núcleo normativo das relações sociais na sociedade capitalista como ordem institucionalizada de reconhecimento: o homem, burguês, branco, de classe média, poder-se-ia acrescentar, europeu.

Nesse registro, apesar de não ser o intuito do autor, é possível identificar qual grupo socialmente dominante se estabeleceu na esfera política-hegemônica na institucionalização do reconhecimento social na sociedade capitalista. O caráter subterrâneo das lutas por reconhecimento (HONNETH, 2006a) deixa de ser apenas a problematização da não-tematização das experiências de desrespeito social na esfera pública, de acordo com os princípios normativos vigentes, e recoloca a questão de como a institucionalidade pode exercer uma força repressiva de negação do reconhecimento social na vida cotidiana dos grupos socialmente oprimidos.

O resgate da discussão do não-reconhecimento situado nas relações de dominação social questiona a defesa dos princípios normativos da modernidade como necessariamente emancipatórios, assim como a noção de *desenvolvimento falho*, *distorção* e *excesso de validade*. A experiência de violação deixa de ser a recusa “injustificada” do reconhecimento social vigente e coloca à prova os princípios e expectativas de reconhecimento como pilares para progresso moral em direção a formação para a autonomia, assim como problematiza a luta social por reconhecimento como simples conflito pela interpretação e aplicação dos princípios normativos da modernidade.

A retomada do não-reconhecimento como ponto de partida recupera o que aqui se entende como central na abordagem honnethiana: o desrespeito social como experiência cotidiana de negação a integridade, ao respeito e ao valor do ser humano que se expressa nas interações sociais, mas se encontra sustentado por uma base normativa publicamente compartilhada cujo núcleo não é neutro nem a-histórico.

CAPÍTULO 2. A INSTITUCIONALIDADE DO (NÃO)RECONHECIMENTO

De modo aparentemente contraintuitivo à abordagem honnethiana, dada a base europeia da teoria, em países dependentes e periféricos como o Brasil a ampliação do reconhecimento social vigente pode equivaler a ampliação das experiências de desrespeito social. Não se trata de dispensar o potencial de transformação contido nas experiências de desrespeito ou humilhação, mas de recuperar como a ordem social de reconhecimento é instituída na formação sócio-histórica da sociedade brasileira.

Os grupos socialmente dominantes, formados pelas elites agrárias, se apropriam da esfera pública na institucionalização da ordem de reconhecimento social. A violação do respeito à integridade e valor do ser humano da colonialidade se tornam a base estruturante das relações sociais. No processo de modernização da sociedade brasileira, o desrespeito e o reconhecimento social se institucionalizam no (não)reconhecimento, questionando o caráter essencialmente emancipatório atribuído aos princípios de igualdade jurídica e êxito individual por Axel Honneth (2003; 2012; 2016).

A *institucionalidade do (não) reconhecimento* retira as experiências de desrespeito social do ato de recusa ou frustração de expectativas de reconhecimento para desvelar um lugar social de (não) reconhecimento a que são submetidos os grupos socialmente oprimidos, a ralé estrutural brasileira (SOUZA, 2018), a sociedade vista do abismo (MARTINS, 1997; 2002). As expectativas normativas de igualdade jurídica e êxito individual da modernidade se desvelam no transitório permanente (MARTINS, 2002) entre a exclusão e a inclusão como *promessas não cumpridas*. As experiências de violação, privação e degradação social se tornam parte da vida cotidiana daqueles estão submetidos a negação do tecido social.

O transitório permanente produzido pela institucionalidade do (não)reconhecimento coloca em pauta contextos de pobreza e periferia, das migrações forçadas, do desenraizamento social e da inclusão degradante, dos que não estão dentro, mas também não estão fora, um lugar de ausência, abandono e privações. As experiências de violação, privação e degradação social no transitório permanente também podem produzir um esgotamento necessário para o seu enfrentamento, qual seja, a ausência de expectativas nas promessas de igualdade jurídica e êxito individual.

A transformação do potencial normativo contido nas experiências de desrespeito social, de não-reconhecimento, em luta social depende do modo como as vítimas compartilham, elaboram e articulam coletivamente tais experiências (HONNETH, 2003; 2006a; 2007; 2011).

Contudo, num contexto em que o compartilhamento e a elaboração coletiva das experiências de desrespeito pelas vítimas são dificultados pela institucionalidade do (não)reconhecimento. Nesse cenário, as organizações figuram como meios sociais disponíveis importantes de mediação para a luta por reconhecimento social, ou, nos termos desse trabalho, no *enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento*.

A organização entendida como um sistema cultural, simbólico e imaginário (ENRIQUEZ, 1997) pode mobilizar e canalizar o potencial de enfrentamento ao desrespeito social, presente nas experiências vividas e particularmente interpretadas pelos sujeitos afetados. Nesses espaços, aqueles que se encontram num estado social de “não-existência”, marginalidade e invisibilização ativa, encontram, em alguma medida, formas/estratégias de superação do rebaixamento social a que são submetidos pela institucionalidade do (não)reconhecimento.

O exposto acima é aprofundado nas subseções seguintes. A primeira subseção versa sobre a institucionalização da ordem de reconhecimento social na sociedade brasileira. A segunda subseção contém a proposição do transitório permanente como um lugar social de (não)reconhecimento no qual se situam os grupos socialmente oprimidos. Por fim, a terceira subseção trata da importância das organizações como meios sociais disponíveis no enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento, bem como sinaliza para as organizações evangélicas pentecostais como contexto de pesquisa empírica para a problemática apresentada.

2.1 O RECONHECIMENTO SOCIAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Por um lado, apesar de admitir a importância da historicidade na análise da evolução das relações de reconhecimento social em cada sociedade (HONNETH, 2003; 2006), a abordagem honnethiana não coloca em questão os princípios normativos da modernidade, tidos como universais, a partir e além da sociedade europeia para países não-europeus. Por outro lado, o entendimento da sociedade capitalista enquanto ordem institucionalizada de reconhecimento permite desvelar como esses mesmos princípios podem servir de base para a negação do respeito à integridade e ao valor do ser humano, quando retomadas as relações de dominação social entre grupos socialmente dominantes e socialmente oprimidos (HONNETH, 2007).

Na origem colonial da sociedade brasileira a relação de exploração e dominação social deixa poucas dúvidas sobre como a “civilização” chegou e se estabeleceu como mais “um

capítulo da história do comércio europeu” (PRADO JUNIOR, 1963, p.22). O predicativo não-europeu é um ponto de partida importante na constituição da sociedade em países como o Brasil, no que tange as relações de (não)reconhecimento social. Na colonialidade, a equivalência entre não-europeu e não-pessoa é a base referencial das práticas e instituições sociais que orientam as relações sociais estamentais. No processo “civilizatório” empreendido no país, o reconhecimento social estabelecido pelos grupos socialmente dominantes é afirmativo: parte da população corresponde à noção de pessoa, delimitada pelas qualidades de sujeito branco, católico, puro de sangue e fé.

A afirmação também contém a negação: parte da população corresponde à não-pessoa, sem alma¹¹, não-civilizada, de escravizados africanos, nativos e mestiços, patrimônios privados de um senhor. A negação do respeito à integridade e valor dos sujeitos como seres humanos é fundamento sólido na origem colonial [da civilização] de um país no qual “desde o ano zero, a instituição que englobava todas as outras era a escravidão” (SOUZA, 2019, p.42), neste trabalho o enfoque não está na perspectiva ontológica das origens do (não)reconhecimento. Contudo, a dimensão pública e normativamente compartilhada de valoração social dos sujeitos, mobilizada nas esferas de reconhecimento (HONNETH, 2002), desvela como a constituição histórica dos princípios normativos da modernidade em uma sociedade colonial, é marcada por uma noção de superioridade de uns, sobre outros: o homem, europeu, branco, católico.

Na institucionalização do reconhecimento social na sociedade brasileira, a valoração social dos sujeitos foi referenciada na suposta superioridade do homem branco europeu, o que mostra como o argumento honnethiano, sobre a luta por reconhecimento como resultado do conflito social entre distintos grupos acerca da aplicação e interpretação dos princípios normativos de reconhecimento social (HONNETH, 2003;2006a), não se realiza. O horizonte valorativo do reconhecimento social instituído é submetido à uma concepção de superioridade dos grupos socialmente dominantes, num processo violento de genocídio e extermínio desde o período colonial de forma explícita.

O genocídio dos povos nativos, a escravidão como instituição permanente e estável, o movimento de des-indianização e des-africanização das grandes massas populacionais, a chegada dos imigrantes europeus como agentes do progresso, o discurso das “raças inferiores” como explicação para o atraso do Brasil (RIBEIRO, 1995), a tentativa de branqueamento da

¹¹ A conversão daqueles considerados sem alma era a justificativa máxima da religião cristã católica para todos os tipos de atrocidades, humilhação, violência e subjugação sofrida pela massa escravizada (RAMOS, 2021).

população, as campanhas¹² de “higienização” em prol da civilidade e progresso (OLIVEIRA SOBRINHO, 2013), são marcos históricos de relações sociais pautadas pelo (não)reconhecimento. A formação do “novo” núcleo normativo de reconhecimento social da modernidade (HONNETH, 2003) não produziu bases suficientes para o fim da negação do respeito à integridade, da existência e do valor social de grupos que, de alguma forma, sempre foram escamoteados.

O núcleo normativo das relações sociais coloniais pautado pela negação do respeito a integridade e valoração social dos sujeitos, sob um princípio de superioridade, não se extinguiu, se atualizou por meio de um (não)reconhecimento institucionalizado na esfera pública, do direito, da formação do Estado e do mercado de trabalho. No processo de formação do Estado e modernização da sociedade brasileira, os grupos socialmente dominantes formados pelas elites agrárias encontraram nos princípios de igualdade jurídica e êxito do liberalismo um meio de continuidade das relações não só de exploração econômica, mas, principalmente, de dominação social sobre *grupos socialmente oprimidos*. Nesse cenário, a negação do reconhecimento social extrapola a experiência intersubjetiva de recusa entre parceiros de interação, como propõe Honneth (2003).

A negação do reconhecimento não se localiza na expectativa frustrada do sujeito, mas recai sobre a institucionalização do desrespeito social pelas vias que, em tese, medeiam relações positivas e emancipatórias de reconhecimento para a autonomia. Na formação sócio-histórica da sociedade brasileira a forma de dominação patrimonial não está oposta à dominação racional-legal weberiana, pelo contrário, a primeira nutre-se da segunda, a dominação política patrimonial "depende de um revestimento moderno que lhe dê uma fachada burocrático-racional-legal" (MARTINS, 2017, p.71). A atuação dos grandes proprietários de terras e senhores de escravos no cenário econômico, político, social e legal na constituição do país evidencia o modo pelo qual as relações de dominação patrimonial permaneceram latentes na esfera pública, dominada por valores estamentais.

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas (HOLANDA, 1995, p.160).

¹² O suposto fim da sociedade escravista formaliza o início do processo de modernização das sociedades em que a “nova” ordem social é acompanhada de um amplo movimento eugênico, inventado pela burguesia inglesa, de seleção, desenvolvimento e aprimoramento de uma raça biologicamente e moralmente superior, no Brasil e no mundo. A eugenia ganhou um *status* de ciência, promovida em congressos científicos, experimentos em todas as áreas de estudo, adentrando nas esferas política, legal, educacional, militar, sanitária, para separar e eliminar a escória da sociedade em favor do “mais apto”, e, por isso, superior, independente das condições sociais em que vive. Fonte: DIWAN, P. Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. Editora Contexto, 2007.

O exercício do poder de dominação patrimonial impregnado na esfera política explicita o distanciamento teórico da sociologia clássica: terra e capital não se constituíram em oposição. O processo de modernização econômica, política e social não resultou do confronto entre senhores de terra e classe empresarial, o latifúndio se modernizou, as elites agrárias se tornaram a "classe" empresarial. Uma *sociedade de história lenta* em que moderno e tradicional se mesclam, um mediando o outro, na constituição do Estado, sob a máscara do liberalismo (MARTINS, 2017). O horizonte valorativo de princípios morais e normas sociais positivamente articuladas e justificadas na esfera pública, que fundamentam as reivindicações de reconhecimento, consideradas legítimas (HONNETH, 2007), não resultaram da luta social entre diferentes grupos a partir dos princípios de igualdade jurídica e êxito.

A atuação dos grupos socialmente dominantes no processo de formação sócio-histórica e modernização da sociedade brasileira atualizou um reconhecimento social que se institucionaliza a partir do não-reconhecimento. A instituição do predicativo “cidadão brasileiro” na primeira Constituição, promulgada no ano de 1824 é ilustrativa: a definição foi conteúdo de amplos debates das elites na época, sob o argumento de que escravizados, mestiços e indígenas não deveriam ser referenciados como cidadãos brasileiros, o registro comprometeria o desenvolvimento moral e civilizatório da sociedade (ALVES, 2008). O (não)reconhecimento do status de cidadão brasileiro não foi o único tensionamento na esfera jurídica provocado pelas elites, com o aumento da pressão pela abolição da escravidão outras estratégias de manutenção do poder patrimonial escravocrata tomaram a forma legal, ainda que sob iminente Proclamação da República.

O marco histórico das bases da formação do mercado de trabalho acompanha esse movimento. No ano de 1850, duas leis foram articuladas quase paralelamente: o fim do tráfico negreiro e a lei de terras. A Lei Nº 581, de 4 de setembro de 1850¹³, estabelecia medidas de repressão ao tráfico de africanos limitando a disponibilidade de mão-de-obra escrava. A contrapartida veio logo em seguida com a promulgação da Lei 601, de 18 de setembro de 1850¹⁴, conhecida como a Lei de Terras. Com a inevitável abolição da escravidão que despontava no cenário nacional e internacional, bem como a política de incentivo a imigração europeia, era urgente desinstitucionalizar o regime de sesmarias: o direito de uso das terras devolutas concedida pelo império, a fim de impedir o uso por ex-escravizados e imigrantes.

¹³ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm

¹⁴ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm

Com a extinção do regime, as terras passariam a ser compradas, conforme descreve o Art. 1º “Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra”. A partir de então, deu-se início à legalização da propriedade e demarcação de terras em favor dos grandes proprietários tendo por justificativa a suposta superioridade do latifúndio sobre a pequena propriedade, além da disponibilidade do aparato necessário para expulsar os nativos, manter os escravos e “proporcionar” trabalho, conforme ilustra as palavras do senador Visconde de Abrantes.

O preço deve ser elevado para que qualquer proletário que só tenha a força do seu braço para trabalhar não se faça imediatamente proprietário comprando terras por vil preço. Ficando inibido de comprar terras, o trabalhador de necessidade tem de oferecer seu trabalho àquele que tiver capitais para as comprar e aproveitar. Assim consegue-se que proprietários e trabalhadores possam ajudar-se mutuamente (WESTIN, 2020).

Logo após sancionada a Lei de Terras, uma série de leis abolicionistas foram aprovadas até a promulgação da Lei Áurea¹⁵, ano de 1888, suposta abolição da escravidão, seguida da Proclamação da República, no ano de 1889. A igualdade jurídica para o trabalho livre estava formalizada, porém, o princípio geral de igualdade acrescentou muito pouco na vida de grande parte da população, visto que a maioria apenas encontraria saída para sobreviver permanecendo nas grandes lavouras. As elites agrárias, como grupos socialmente dominantes, tiveram uma atuação fundamental sobre as bases econômicas da sociedade, bem como sobre a formação e as leis de regulamentação do mercado de trabalho.

Conforme pondera Benevides (2013) a adoção de qualquer referencial teórico sobre a luta por reconhecimento no Brasil precisa considerar pressupostos políticos, econômicos, sociais e culturais de uma “cidadania regulada”. Na modernização, mediada pelas estruturas, instituições e relações sociais de caráter colonial, a constituição da esfera política e legal por representantes das elites agrárias estabeleceu um entrave à constituição da sociedade civil e da cidadania¹⁶. A sobreposição do direito de propriedade ao direito da pessoa na formação sociopolítica do país, evidencia o caráter patrimonialista da constituição do Estado: o clientelismo de base oligárquica e dominação tradicional minaram as relações sociais e políticas e transformaram o atraso em poder (MARTINS, 1999; 2017).

¹⁵ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm

¹⁶ Desde a independência do Brasil em 1822 até a Proclamação da República em 1889 somente homens com posses entre 100 e 200 mil reis tinham direito ao voto. A exigência de renda mínima foi extinta na República, porém, mulheres, mendigos e analfabetos permaneceram sem direito ao voto. A Constituição Federal de 1934 deliberou sobre o direito das mulheres ao voto, exceto para as domésticas. Em 1950 o voto foi permitido para todas as mulheres, exceto analfabetas. Durante os 28 anos do período ditatorial (1937 até 1945; 1964 até 1985) os direitos políticos da população foram extintos. O sufrágio universal foi estabelecido somente com a Constituição de 1988 (CHAIA, 2010).

Apesar da tentativa em obliterar o genocídio dos povos indígenas e a escravidão da história da formação do Estado e manter uma narrativa de harmonização entre raças e culturas como identidade própria da “nação brasileira” na esfera pública¹⁷, na prática, as instituições revelavam uma face diferente, o modo como o desrespeito e a desvalorização social de parte da população permaneciam no horizonte valorativo da “nova” sociedade.

Este (o negro) não era repellido frontalmente, mas também não era aceito sem restrições, abertamente, de acordo com as prerrogativas sociais que decorriam de sua *nova condição jurídico-política*. Persistia uma diretriz ambivalente, de repulsa às impulsões de tratamento igualitário do 'negro' e de acatamento aparente dos requisitos do novo regime 'democrático' (FERNANDES, 2008, p.307, *grifo da autora*).

O histórico da instauração da contratualidade das relações de trabalho foi marcado pelo preconceito racial, pela degradação do trabalho do elemento nacional, pela consolidação de um aparato repressivo para estabelecer a ordem no mundo do trabalho (CARDOSO, 2008) e por um imaginário laboral, disseminado pelos grandes proprietários de terras, de que o sacrifício e o trabalho árduo eram o caminho para obter sucesso (MARTINS, 2017). O êxito individual se institui no processo de modernização por meio da degradação, da inferiorização e da racialização do trabalho. O mito da democracia racial (FERNANDES, 2008) e a inércia social (CARDOSO, 2008), mantidas pelos grupos socialmente dominantes, instituíram um mérito individual que não rompeu as barreiras de sangue do mundo pré-moderno, mas, pelo contrário, manteve os abismos sociais e os privilégios (SOUZA, 2018).

A política de colonização promovida pelo Estado no século XIX segue o mesmo horizonte valorativo de (não)reconhecimento. O agenciamento de imigrantes não tinha por objetivo apenas a implementação econômica da pequena propriedade familiar, o imigrante deveria ser o europeu, pela capacidade produtiva e qualidade moral, o portador da civilização. A “eficiência” produtiva era acompanhada de um pressuposto de superioridade moral, biológica e cultural, supostamente, ausentes na força de trabalho de ex-escravizados, mestiços, nativos e imigrantes não-europeus. Os imigrantes europeus selecionados cumpriam uma finalidade econômica e moral: a “depuração” racial da nação brasileira. A campanha de nacionalização do Estado Novo reforçou tal política condenando os imigrantes que se recusavam a prole para a assimilação da população mestiça, moralmente degenerada e inferior (SEYFERTH, 2002).

¹⁷ No ano de 1822 com a independência política, o Brasil se estabelece como uma monarquia popular com a missão de elaborar uma constituição e uma versão aceitável de nação na "História do Brasil". A narrativa adotada foi a metáfora fluvial de Karl Von Martius, a formação da nação por três longos rios correspondentes às populações branca, índia e negra que formam um só em “perfeita harmonia”. A invenção criou uma imagem reforçada ao longo do tempo, principalmente por Gilberto Freyre e Artur Ramos, que somente foi desvelada pelo sociólogo Florestan Fernandes com o mito da democracia racial (SCHWARCZ, 2019).

A superação da mestiçagem e a produção de um tipo de brasileiro homogêneo, mas não mestiço, aos moldes europeus, era considerada urgente para a constituição do Estado e da nação brasileira. O embranquecimento da população não-branca¹⁸, a re-europeização, era empreendida como sinônimo de evolução e progresso para a modernização do país.

Branco era (e continua sendo) antes um indicador da existência de uma série de atributos morais e culturais do que a cor de uma pele. Embranquecer significava, numa sociedade que se europeizava, compartilhar os valores dominantes dessa cultura (SOUZA, 2019, p.74).

A ordem de reconhecimento social que se institui com o processo de modernização da sociedade brasileira não é menos nociva à uma parcela específica da população já amplamente violentada pelo regime anterior. A formalidade da igualdade de tratamento, somadas as políticas de “depuração” transferiu a violência do chicote para a lei e o trabalho livre. Os princípios normativos de igualdade jurídica e êxito se constituem na esfera pública-hegemônica mediada pelas elites oligárquicas que mantiveram domínio sobre a esfera jurídica e o mercado de trabalho. A origem colonial deixou raízes profundas no imaginário e nas práticas sociais que serviram de base para a construção de uma ética do trabalho degradado, uma imagem depreciativa da população nacional e uma indiferença moral das elites, aliada a uma rígida hierarquia em relação às desigualdades econômicas e sociais (CARDOSO, 2008).

O (não)reconhecimento mobilizado nas esferas jurídica e na formação do mercado de trabalho tem por base um referencial eurocêntrico de valor social que, apesar de atribuir a si o penhor de reconhecimento das liberdades, inferioriza e desqualifica aqueles que não correspondem aos seus próprios parâmetros de “civilização”. Se no período colonial o não-europeu equivalia à não-pessoa, no processo de modernização da sociedade brasileira o “não” se institui junto ao princípio normativo de igualdade jurídica e de êxito individual que qualificará uma parcela da população desde sempre escanteada como nem cidadã, nem produtiva. O núcleo normativo da “nova” ordem de reconhecimento social da sociedade capitalista, tomada por Honneth (2003) como progresso moral, carrega consigo uma violência simbólica, material e de repressão aos grupos socialmente oprimidos, tidos como nocivos à civilização justamente pelas “novas bases” valorativas da modernidade.

¹⁸ No ano de 1911 o Brasil marcou presença no Congresso Universal das Raças representado pelo cientista João Baptista Lacerda que apresentou a defesa científica da miscigenação no território brasileiro como um meio de transição da degeneração para a redenção, tanto física, como moral. A miscigenação era no Brasil um mal necessário e transitório em direção ao branqueamento da população, uma passagem da selvageria à civilização (SCHWARCZ, 2011). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100013>

A origem do sistema penitenciário brasileiro é ilustrativa, as chamadas “Casas de correção”, fundadas nos anos 1850, serviam como instrumento profilático do Estado para **purificar** a cidade, de grupos indesejáveis. A “boa sociedade”, moderna e civilizada dependia da segregação dos não-cidadãos, dos miseráveis, dos mendigos, dos vagabundos, dos desempregados, das prostitutas, como medida de segurança e imputação de uma reforma moral e do “gosto pelo trabalho” (BELARMINO, 2006). O reconhecimento de sujeitos tidos como nocivos e indesejáveis não é passado colonial ou escravista, atualmente, não raro, a pobreza permanece vista como um problema de segurança pública, os segmentos mais pobres da população são frequentemente associados à criminalidade, degeneração e degradação moral (COIMBRA, 2006).

A imagem depreciativa, a depuração, a purificação da população brasileira, sempre tendo como alvo os que são qualificados como “indesejáveis”, no decorrer do processo de modernização, evidencia mais do que uma ordem de reconhecimento que se institucionaliza a partir do não-reconhecimento desde a origem colonial. Para negar o reconhecimento social é preciso antes reconhecer e tornar público quem são os grupos indesejáveis, quais os sujeitos que podem ter a existência social dispensada, o que se aproxima do que Honneth (2011) definiu como invisibilização ativa. É por ter sido reconhecido que o sujeito será ignorado, porém, no caso da sociedade brasileira não se trata apenas de *ignorar* a presença do outro, mas se possível violentar, nulificar e dispensar sua existência.

O positivismo jurídico do sistema criminal, por exemplo, carrega consigo as referências da ideologia higienista e de reprodução da desigualdade social¹⁹, na repressão sistemática de diferentes grupos sociais pela força bruta, intimidação, humilhação e propagação de mitos que reforçam a segregação social (DA SILVA, 2011). No processo de modernização, a inferiorização e a criminalização de parte da população nas mais diversas situações do cotidiano, é a expressão da violência material e simbólica direcionada a determinados sujeitos tidos como representantes do atraso, cujo "comportamento" e personalidade não condizem com as propriedades do homem moderno (SOUZA, 2018; 2019).

Essa é talvez nossa maior herança intocada da escravidão, nunca verdadeiramente compreendida e criticada entre nós. Para que se possa odiar o pobre e o humilhado,

¹⁹ O reconhecimento fotográfico utilizado atualmente pela polícia e considerado até mesmo pelo poder judiciário como “prova”, promove muitas vezes um encarceramento equivocado de negros, pardos e pobres, por ser esse o “perfil” contido nos catálogos de suspeitos. O recurso ao reconhecimento fotográfico por perfis, sem o uso objetivo de outros meios, desvela um tipo de sugestionamento que reforça a seletividade nos processos de julgamento. Entre os anos de 2012 a 2020, ao menos, 90 pessoas foram presas injustamente por esse método, dessas 79 eram pretos, pardos e pobres. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/28070/19416>

tem-se que construí-lo como culpado de sua própria (falta de) sorte e ainda torná-lo perigoso e ameaçador. Se possível deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e matá-lo cotidianamente (SOUZA, 2019, p.179, grifo nosso).

A construção de estereótipos vinculados à degeneração, propensão ao crime, vagabundagem e transgressão da ordem recorrente no passado colonial, se mantém na sociedade moderna brasileira, o (não)reconhecimento continua produzindo o rebaixamento do valor social de determinados grupos, não só nas instituições sociais, mas na esfera pública e cotidiana. Os rituais de subordinação e autoridade se ampliam no cotidiano das relações sociais em que determinados sujeitos, especialmente os pertencentes à classe média (SOUZA, 2018), acreditam dispor de uma superioridade moral, por corresponderem à critérios de classificação social que julgam legítimos.

A ideologia do mérito acompanha essa narrativa, a defesa do esforço individual para o êxito encobre vantagens viabilizadas por distintas condições econômicas e socioculturais (SOUZA, 2018). O mesmo esforço defendido outrora pelos grandes proprietários de terras, com a disseminação de um imaginário laboral que unia trabalho e sacrifício, o mesmo proferido aos trabalhadores, como promessa de ascensão social pelo trabalho, no Estado Novo (MARTINS, 2017). Entretanto, a instauração do Estado e do mercado de trabalho, a passagem do vínculo de dependência para as relações contratuais de trabalho da modernidade e mesmo as mudanças tecnológicas não resultaram necessariamente em melhores condições de vida.

Na formação sócio-histórica do que atualmente se define por sociedade brasileira, a violação do respeito à integridade e valor do ser humano foi a base estruturante das relações sociais e não cessou com a passagem do regime escravocrata para a República. A atuação das elites agrárias na instituição do Estado, na esfera jurídica, na formação do mercado de trabalho livre e na constituição da sociedade civil desvela a permanência de uma dominação patrimonial revestida de modernidade, que não condiz com o progresso moral atribuído às novas bases normativas de reconhecimento social para a formação da autonomia. No processo de modernização, a fusão entre colonialidade e modernidade constituem um horizonte valorativo de degradação, humilhação, inferiorização e criminalização de sujeitos marginalizados na (pela) sociedade que nada tem a ver com formas ampliadas de reconhecimento social.

Axel Honneth é convicto na interpretação hegeliana de que os princípios normativos da modernidade - amor, igualdade jurídica e êxito - são as bases de um novo quadro referencial de expectativas normativas de reconhecimento, mobilizado por um horizonte valorativo/avaliativo de afirmação do valor social dos sujeitos, para a formação da autonomia. Contudo, a formação sócio-histórica de países como o Brasil coloca a descoberto a mobilização de um conteúdo não

só de afirmação, mas de negação do valor social dos sujeitos que repousa, justamente, sobre as bases do reconhecimento social da modernidade.

Tal proposição vai ao encontro da discussão sobre o modo com que grupos socialmente dominantes se estabelecem na esfera pública, sob um conjunto racional de princípios e ideias de justiça, para legitimar privilégios (HONNETH, 2007). Nas relações de dominação social, a defesa dos princípios normativos da modernidade como essencialmente emancipatórios não se sustenta, visto que o núcleo normativo das relações sociais não é neutro, nem a-histórico, mas carregado de um referencial que atribui a si qualidades civilizatórias tidas como superiores, aspecto preponderante na sociedade brasileira. O conjunto de princípios e ideias de justiça justificados na esfera pública não só legitima privilégios (HONNETH, 2007), mas alicerçou o não(reconhecimento) sob um horizonte valorativo de degradação dos grupos socialmente oprimidos como sujeitos de valor humano inferior²⁰.

A negação e a afirmação contidas no reconhecimento social instituído não resultam de um desenvolvimento falho ou da distorção dos princípios normativos da modernidade (HONNETH, 2012; 2016), tidos necessariamente como emancipatórios, mas encontram-se imersas em seu próprio conteúdo. A institucionalização da esfera jurídica e do mercado de trabalho sob o domínio das elites agrárias na esfera pública político-hegemônica evidencia tal característica. Honneth sustenta a tese de que “as injustiças distributivas devem ser entendidas como a expressão institucional da falta de respeito social” (HONNETH 2006, p.92). A historicidade na qual se institui a ordem de reconhecimento na sociedade brasileira mostra que *o caráter institucional* da falta de respeito social avança para além de problemas relacionados à redistribuição. No avanço do processo de modernização o reconhecimento se institucionaliza com o não-reconhecimento no aparato legal, político, econômico e social, condenando parte da população à condição de negação do tecido social.

²⁰ No mesmo sentido empregado por Elias e Scotson (2000) sobre a relação entre os grupos estabelecidos e os outsiders, a estigmatização social referenciada na valoração das pessoas como humanamente inferiores e superiores. A diferenciação social ocorre por meio da rejeição àqueles que não condizem com os critérios e normas de valoração impostos pelos grupos estabelecidos, a autoimagem dos outsiders é inferiorizada a fim de enfraquecer as possibilidades de resistência. Disponível em: <http://noosfero.uccs.br/articles/0010/5204/elias-norbert-os-estabelecidos-e-os-outsiders-.pdf>

2.2 NEM RECUSA, NEM FRUSTRAÇÃO: O TRANSITÓRIO PERMANENTE COMO LUGAR SOCIAL DO (NÃO) RECONHECIMENTO

Na sociedade brasileira a institucionalização da ordem de reconhecimento social da modernidade, mediada pelas elites agrárias, deu continuidade e roupagem liberal a um horizonte valorativo de inferiorização, degradação, criminalização e humilhação de parte da população, seja na esfera jurídica, seja na formação do mercado de trabalho, em que a negação do reconhecimento está para além da *recusa* e da *frustração* de expectativas (HONNETH, 2003). No processo de modernização a atuação de grupos socialmente dominantes na esfera pública político-hegemônica promoveu mais do que o bloqueio das reivindicações dos grupos socialmente oprimidos, como sugere Honneth (2007), o (não)reconhecimento se estabelece na base normativa da sociedade, sob um horizonte valorativo de superioridade sobre os que são considerados socialmente inferiores, indesejáveis e descartáveis.

O potencial analítico da abordagem honnethiana sobre o reconhecimento social na sociedade brasileira situa-se para além da luta social pela *aplicação* e *interpretação* dos princípios normativos de amor, igualdade jurídica e êxito individual (HONNETH, 2003), mas num acordo crítico com o autor releitura teórica que permita entender como o reconhecimento social instituído pode exercer uma força repressiva de negação do respeito à integridade e valor social de determinados grupos. Uma releitura da abordagem honnethiana a partir de *insights* abandonados pelo autor, ao longo de seu projeto teórico, como as relações de dominação social entre grupos socialmente dominantes e socialmente oprimidos, possibilita essa análise. Nessa perspectiva, o desrespeito social se desvela como negação *institucionalmente* ancorada, sob um núcleo normativo de degradação e rebaixamento do valor social dos sujeitos.

Nessa perspectiva, a negação é entendida para além da noção de *desenvolvimento falho*, *distorção* ou *esvaziamento semântico* dos princípios normativos da modernidade, argumentos defendidos por Honneth (2003, 2006, 2012, 2016) que se baseiam no caráter necessariamente emancipatório dos princípios de igualdade jurídica e êxito individual. A negação também não se restringe a manifestação intersubjetiva de *recusa* entre parceiros de interação, do desrespeito social apenas como experiência de *frustração de expectativas* de um reconhecimento social já garantido institucionalmente ou como *oposição* a um reconhecimento exclusivamente positivo. A leitura honnethiana do marco histórico da ascensão da sociedade burguesa capitalista como nova ordem institucionalizada de reconhecimento, criticado por alguns autores como ponto de

partida frágil e reformista²¹, traduzida a partir das relações entre grupos socialmente dominantes e socialmente oprimidos permite ampliar a análise da negação para a análise de uma *institucionalidade do (não) reconhecimento*.

Na institucionalidade do (não)reconhecimento a afirmação e a negação são mutuamente constitutivas do reconhecimento social institucionalizado na formação sócio-histórica da sociedade. O resgate de aspectos específicos apontados por Axel Honneth, em distintos momentos de seu trabalho, permite projetar a identificação de possíveis interfaces de análise dessa institucionalidade partindo do pressuposto de que o núcleo normativo da sociedade não é neutro, nem a-histórico. Tais interfaces analíticas tornam possível investigar como a institucionalidade do (não)reconhecimento se estabelece na ordem de reconhecimento social vigente.

- a) *a constituição normativa da sociedade*: o horizonte valorativo/avaliativo pertencente ao núcleo normativo das relações sociais (HONNETH, 2006a, 2011, 2012b);
- b) *os bloqueios e repressões articulados institucionalmente*: Estado, escolas, mídia e demais organizações, barreiras ao compartilhamento e elaboração coletiva das experiências de desrespeito social; exclusão cultural, individualização e invisibilização ativa (HONNETH, 2007).
- c) *os grupos socialmente dominantes*: articulação na esfera pública; instituição da esfera jurídica e formação do mercado de trabalho (HONNETH, 2003, 2007).
- d) *a experiência intersubjetiva*: o desrespeito social como experiência; formação da identidade prática; sentimentos de injustiça; elaboração das experiências de desrespeito, o meio social comum e a ponte semântica (HONNETH, 2003).
- e) *os grupos socialmente oprimidos*: violações, privações e vida cotidiana; desindividualização das experiências de desrespeito social, compartilhamento e elaboração coletiva pelas vítimas; articulação na esfera pública (HONNETH, 2003; 2007)
- f) *a forma ideológica de reconhecimento*: o reconhecimento afirmativo concedido pelas instituições em forma de distinção simbólica, submissão voluntária dos sujeitos (HONNETH, 2006b).

²¹ Gunn e Wilding (2013)

As interfaces sugeridas elaboradas a partir de textos honnethianos possibilitam diferentes frentes de investigação sobre como a institucionalidade do (não)reconhecimento atravessa o núcleo normativo das relações sociais, as ações de repressão e bloqueio do compartilhamento das experiências de desrespeito social por organizações que impactam na socialização dos sujeitos, como as escolas e a mídia, a articulação dos grupos socialmente dominantes na esfera jurídica e mercado de trabalho, a experiência intersubjetiva do desrespeito social e sua articulação, a forma ideológica de reconhecimento e as violações, privações e degradação sofridas na vida cotidiana pelos grupos socialmente oprimidos, interface escolhida nesse trabalho.

A opção por essa interface dá continuidade ao interesse de pesquisa, já sinalizado no prólogo, sobre os que se encontram a margem da sociedade. Tendo em vista o processo sócio-histórico da institucionalização da ordem de reconhecimento social vigente na sociedade brasileira, a presente pesquisa volta o olhar para a constituição de um lugar social a que determinados grupos estão submetidos sob um horizonte valorativo de degradação, humilhação e rebaixamento do valor social. A existência desse lugar de negação do tecido social não é contemporânea, mas paulatinamente constituída desde o regime colonial, conforme explanado na subseção anterior. Contudo, o processo de modernização da sociedade brasileira atualiza esse lugar em que os grupos referenciados por Honneth (2007) como socialmente oprimidos ou subalternos (HONNETH, 2012a), contextualizados nesse trabalho por meio da noção de ralé estrutural brasileira (SOUZA, 2018) e de sociedade vista do abismo²² (MARTINS, 1997; 2002), estão submetidos à um lugar social de (não)reconhecimento, o *transitório permanente* (MARTINS, 2002).

A “ralé estrutural brasileira” é uma classe social definida por Souza (2018) como socialmente e politicamente abandonada, estruturalmente marginalizada, desprezada e humilhada pela gramática moral do capitalismo, sua origem resulta de um processo de modernização seletiva e periférica de base escravista. A ralé é formada por uma parcela da população condenada a ser “corpo mal pago e explorado” em condições precárias, mantidas, justamente, pelas novas bases valorativas da sociedade moderna (SOUZA, 2018, p.137). Para o autor, tais bases sustentam um desprezo latente e manifesto nas instituições, práticas e relações sociais cotidianas, como um *consenso social irrefletido*, não tematizado, que subdivide a sociedade brasileira em gente e sub-gente. A matriz valorativa da modernidade segue uma

²² A noção de abismo segue a perspectiva sociológica sob a qual a pesquisa se orienta, tanto metodologicamente, como teoricamente, ao encontro de realidades marcadas por extremos sociais, do limiar, da margem, sob o olhar da vítima (MARTINS, 2002, 2019).

hierarquia moral presente, que classifica os indivíduos conforme certas qualificações comportamentais, tidas como típicas do homem racional moderno.

Na gramática moral do capitalismo, tais qualidades estão referenciadas no processo de individuação da classe média tomado como parâmetro universal de desenvolvimento do indivíduo preparado para o mercado de trabalho e atuante na esfera pública. Nessa classe, o acesso aos capitais econômico, cultural, social e simbólico possibilitam um comportamento disciplinado e prospectivo, indispensável à integração social do cidadão produtivo, valorado conforme as fontes morais de reconhecimento da modernidade - o trabalho útil/produtivo e a autenticidade. No processo de modernização seletiva da sociedade brasileira, a desigualdade de acesso pela ralé brasileira aos capitais já mencionados produziu e manteve uma condição social e existencial que não possibilitou aos sujeitos o desenvolvimento de propriedades requeridas para a formação do cidadão produtivo.

Os privilégios de classe alicerçados nos laços sanguíneos, que se mantiveram na passagem da ordem escravocrata para a sociedade capitalista, produziram uma massa populacional excluída e abandonada, em condições precárias de pobreza e degradação que promoveu uma base comum de marginalização social dos sujeitos, sejam eles negros, brancos, mestiços ou nativos. Essa singularidade marca o processo de modernização seletiva da sociedade brasileira, a ausência de “um esforço social e político dirigido e refletido de efetiva equalização de condições sociais” (SOUZA, 2018, p.436). A formação do Estado e do mercado de trabalho, sob o poder das elites dominantes, aliada ao abandono social e político consolidou uma ideologia do mérito, potencializada pela narrativa de harmonização entre raças e culturas, que delegou aos indivíduos a responsabilidade sobre a própria condição social.

A ideologia do mérito presente no senso comum e na vida cotidiana justifica publicamente as desigualdades sociais, mantendo a estrutura de dominação social em todas as classes e ocultando a falta de acesso às “precondições sociais que permitem o mérito” (SOUZA, 2018, p.136). Tal ideologia sustenta uma aparente justiça ao encobrir o acesso privilegiado, não só ao capital econômico, historicamente desigual a gerações, na sociedade brasileira, mas também as precondições sociais, culturais, familiares e emocionais, tidas como indispensáveis à formação do agente produtivo, de acordo com a matriz valorativa da modernidade, das quais a classe média se entende detentora (SOUZA, 2018).

Nesse cenário, a ralé estrutural brasileira, deixada à própria “sorte”, permanece marginalizada pelo Estado e pelo mercado por não possuir as precondições sociais necessárias à integração na sociedade capitalista como cidadão produtivo. A desigualdade de acesso e a marginalização vai acompanhada de uma matriz valorativa compartilhada socialmente que

desqualifica, condena e humilha quem não se “esforçou” o suficiente para superar a própria condição por meio do desempenho individual. A hierarquia moral manifesta-se no cotidiano das relações sociais em que os rituais de subordinação e autoridade se ampliam, determinados grupos acreditam dispor de uma superioridade moral por corresponderem a critérios de classificação social que julgam legítimos, no mesmo *modus operandis* do colonialismo.

No processo de modernização seletiva e periférica, a dominação social reproduzida pelas instituições, práticas e relações sociais afeta todas as classes sociais, a classe alta que necessita legitimar privilégios, a classe média que se define como penhor da racionalidade e moralidade e os grupos marginalizados passíveis de aplicar sobre si a moralidade que os criminaliza (SOUZA, 2018). Para José de Souza Martins a formação sócio-histórica da sociedade brasileira também produziu um limbo²³ a que parte da população foi e continua sendo submetida como “[sujeitos] para os quais não existe lugar estável de trabalho e vida” (MARTINS, 1997, p.72) na sociedade vista do abismo.

Entretanto, tal situação não é associada ao acesso privilegiado de precondições sociais, culturais, familiares, simbólicas para a integração na sociedade moderna, como característica singular do processo de modernização brasileira. O limbo ou abismo social a que parte da população está exposta se reproduz na *inconclusão*, não como estado de não-passagem e sim como conjunção, o inacabado entre o tradicional e o moderno que se mesclam, um mediando o outro. Na constituição da sociedade brasileira, o capitalismo e a formação do Estado se desenvolveram na aliança entre terra e capital, as representações do tradicional e do moderno se fundiram, os conflitos políticos e econômicos entre a classe burguesa e os grandes proprietários de terras, típico do referencial de sociedade capitalista europeia, deram lugar a outro cenário (MARTINS, 1997, 1999, 2002, 2017).

O processo de modernização do país não se realiza a partir do conflito social entre distintas classes, pelo contrário, as elites agrárias atuantes desde o período colonial protagonizaram a política, a economia e as relações sociais na constituição do Estado brasileiro, mediando o processo do capital. No lugar da clássica burguesia europeia, as oligarquias se modernizaram, o latifúndio se modernizou com os avanços tecnológicos e não se refugiou em valores “antimodernos” de um feudalismo que não existiu. A dominação patrimonial e o clientelismo fazem parte da formação sócio-histórica do país, de um liberalismo conservador que se reveste das instituições e políticas modernas adentrando os espaços público e legislativo em favor do poder oligárquico (MARTINS, 1999; 2017). Os grupos que se apropriaram da

²³ Termo cristão católico para definir a "fronteira do inferno", isto é, um lugar preparado para aqueles que não fazem jus ao céu, mas que também não merecem o inferno. Fonte: <https://www.icp.com.br/icpresponde044.asp>

esfera pública colocaram em segundo plano importantes mudanças no cenário nacional, garantindo a expansão da representação no plano político, principalmente no Congresso Nacional e na elaboração da atual Constituição.

(...) a contradição histórica entre a terra e o capital nunca tomou corpo...*Entre as velhas e as novas elites estabeleceu-se uma espécie de compromisso político*, mediante o qual os industriais e os grandes comerciantes tornaram-se grandes clientes políticos das oligarquias, às quais delegaram suas responsabilidades de mando e direção (MARTINS, 1997, p.70, grifo nosso).

Na constituição da modernidade brasileira não há oposição entre o tradicional e o moderno, a fusão entre ambos repercute no desenvolvimento econômico, social e político, mobilizado por grupos socialmente dominantes nos diferentes espaços da vida pública. O poder das elites agrárias e oligárquicas se manteve em todas as formas de regime, desde o período colonial, Império, República, ditadura (1964-1985), e em todos os governos posteriores nos quais sempre obtiveram concessões, mantendo "o progresso nos limites da ordem" (MARTINS, 2017, p.87). O domínio da vida pública configurou inclusive os limites do direito e da privação ao voto, que, na aurora da constituição da sociedade civil brasileira, foram limitados pelo patrimônio pessoal.

A predominância de relações sociais de lealdade, da cultura do favor, de débitos e créditos morais, que acompanham as trocas materiais, é um tipo de mentalidade, valores e condutas que se mantêm ao longo do tempo. A inconclusão entre os referenciais tradicional e moderno não permite a importação de uma concepção de sociedade civil aos moldes do cidadão como indivíduo de lógica racionalizante, partícipe da vida pública, atuante numa suposta esfera pública democrática. A subjetividade do cidadão burguês, como personificação do privado se entrelaça com uma lógica de sociabilidade familiar que se expressa no público, uma característica anômala para a modernidade regida pela lógica do indivíduo (MARTINS, 2017, 2018).

No processo de modernização a maioria da população, socialmente integrada pela servidão e escravidão no período colonial, foi posteriormente incluída de forma precária no desenvolvimento econômico, político e social (MARTINS, 2017). A manutenção da concentração de terras com o escamoteamento da reforma agrária não promoveu a sociedade do trabalho, mas uma inclusão precária nas relações contratuais de trabalho, produzindo a migração forçada, o desenraizamento social, a deterioração das condições de vida, material e moral, a perda das referências de origem e a frágil inserção sob o *status* de cidadão (MARTINS, 1997) nos aglomerados urbanos (MARTINS, 2017).

A inconclusão entre o tradicional e o moderno produziu um *estado de anomia* na sociedade, em que o anômico é resultante de estruturas, instituições e relações sociais referenciadas no passado, que persistem no presente, um desencontro entre temporalidades que constituem a trama da vida social, datando a ordem social vigente sob distintos referenciais. O contexto histórico, político, econômico e social, sob o qual se desenvolveu esse estado de anomia, mantém parte da população inclusa numa condição de negação do tecido social: sujeitos colocados à margem, desenraizados, descartados e abandonados pelos processos políticos do Estado que convivem, diariamente, com a ausência e o descrédito nas instituições legais, que deveriam primar pela justiça (MARTINS, 2017, 2019).

Para esse autor, a situação de degradação social não está vinculada à falta de acesso ao capital cultural, econômico e simbólico para a inclusão dos grupos socialmente marginalizados, pois esses não estão “excluídos” a sociedade que exclui é a mesma que integra de forma degradante. O desenvolvimento econômico e social da modernidade produz um paralelo entre progresso tecnológico e grandes privações, entre bem-estar e miséria, entre inclusão e exclusão. A desigualdade social não é exclusividade da sociedade capitalista moderna, ela existe desde o período colonial, contudo, não é próprio do regime antecedente a *promessa* de relações contratuais de igualdade social típicas da sociedade moderna (MARTINS, 2002).

É a *promessa* da modernidade de uma passagem da “exclusão” para a “inclusão”, da integração social por meio da igualdade jurídica e mérito individual que atualiza a condição de negação do tecido social a que parte da população tem sido historicamente submetida. No anômico da sociedade, a cidade, o meio urbano tidos como lugar de civilização e cidadania, torna-se o lugar da degradação, não proporcionam nem a ascensão social, nem a formação cidadã. A indefinição social perfaz a forma de vida dos descartados, um modo de vida dominado pelo não-pertencimento, um espaço de expressão do desenraizamento social, da *inclusão degradante*, da *integração excludente* (MARTINS, 1997, 2002).

O trânsito da exclusão à inclusão está bloqueado por condições econômicas precárias e socialmente degradantes, não há passagem, a *promessa* não se cumpre, a exclusão como inclusão degradante, está se tornando uma forma de vida permanente. Nesse lugar social de ausência e inconclusão, a pobreza não é somente privação material, mas condição social de milhares de sujeitos incluídos de forma precária e degradante na sociedade capitalista (MARTINS, 1997), o ser passível de ser descartado e nulificado, uma situação de degradação material, social, política, moral que coloca a vida “entre parênteses” (MARTINS, 2002).

Na inconclusão, o *transitório* se torna *permanente* e se constitui como um lugar social em que a promessa de igualdade social e ascensão pelo trabalho, conquistada pelo sacrifício,

esforço e mérito, já perdeu a credibilidade, a *promessa de integração* pelos princípios da contratualidade e da igualdade dá lugar ao medo de se tornar "ninguém e coisa alguma" (MARTINS, 1997). O caráter seletivo (SOUZA, 2018) e inconclusivo (MARTINS, 1997, 2017) que constitui o processo de modernização explícita como parte da população foi e permanece submetida à condição de negação do tecido social, em que a violação, a privação de direitos e a degradação social não se concretizam como experiências de *frustração* de expectativas, mas como situações cotidianas de desrespeito social que se encontra instituído no núcleo normativo da sociedade, forjado na inconclusão entre o tradicional e o moderno.

No anômico do transitório permanente o processo de modernização atualiza a institucionalidade do (não)reconhecimento na fusão de um conteúdo normativo pretérito de colonialidade juntamente com a matriz valorativa do capitalismo, sob os princípios da modernidade, promovendo um horizonte valorativo de inferiorização, humilhação e criminalização em que a vida dos sujeitos já não tem valor algum²⁴. Na sociedade brasileira, a ascensão da sociedade burguesa capitalista defendida na abordagem honnethiana como marco histórico da institucionalização de um *novo referencial normativo de reconhecimento* pelos princípios da igualdade jurídica e êxito individual está longe de se constituir como progresso moral de ampliação do respeito a integridade e valor social dos sujeitos.

O transitório permanente é um lugar social de ausências, abandono, incertezas, um espaço-tempo limiar de indefinição social, de quem está à margem e vive a duplicidade de estar dentro e estar fora, de ter direitos e não ter, de sujeitos que, mesmo possuindo poucos recursos, sabem que são considerados cidadãos de segunda categoria para os quais não há justiça (MARTINS, 1997, 2002, 2017, 2019). A condição de negação do tecido social vai ao encontro de duas figuras de linguagem utilizadas na teoria honnethiana, no que tange às experiências de desrespeito social: a *morte* psíquica e social (HONNETH, 2003).

A aparente propriedade de morte e invisibilidade como *experiência individual atomizada* é dissolvida quando analisada a partir do conteúdo normativo de valoração dos sujeitos, presente na institucionalização do (não)reconhecimento. A invisibilização ativa atribui uma insignificância à existência dos sujeitos não por uma avaliação cognitiva individual, mas a partir de uma base normativa compartilhada publicamente. No “*looking through*”

²⁴ No mesmo sentido empregado por Nascimento (1994) de um “processo de não-reconhecimento agudo” em que a existência de grupos sociais situados nas fronteiras da sobrevivência se torna passível de eliminação e extermínio, a expulsão da coesão social, do espaço de iguais é forjada pela representação social que os associa a criminalidade e violência como “excluídos perigosos”. NASCIMENTO, E. P. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. Caderno crh, v. 7, n. 21, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18772>>

(HONNETH, 2011, p.166) os sujeitos são reconhecidos numa ordem espaço-temporal que os visibiliza, normativamente, como indivíduos sem valoração social.

O lugar social de (não)reconhecimento do *transitório permanente* questiona o modo linear com que a luta social por formas *ampliadas* de reconhecimento é vista, um conflito acerca da interpretação e aplicação dos princípios normativos da modernidade (HONNETH, 2003), bem como a noção de formas *ideológicas* de reconhecimento (HONNETH, 2006b), em que os princípios normativos de igualdade jurídica e êxito são “distorcidos”. Os sujeitos que se encontram no transitório permanente estão expostos a uma invisibilização ativa produzida pela institucionalidade do (não)reconhecimento que os submete a uma força repressiva de negação da própria existência. As expectativas de igualdade jurídica e o êxito individual, como bases normativas de reconhecimento social, revelam-se como *promessas não cumpridas* e se mantêm como bases publicamente compartilhadas, a partir das quais a negação conta com uma justificativa normativa na esfera pública, seja pela ideologia do mérito, seja pela ideologia da igualdade social.

Como visualizar nesse cenário as “possibilidades intramundanas de emancipação” (HONNETH, 2007, p.66) submersas no cotidiano das relações sociais? Honneth (2011) admite a perda parcial do conceito de luta social no decorrer de sua teoria e aposta na noção de excedente de validade para explicar como os princípios normativos impulsionam formas ampliadas de reconhecimento. Entretanto, o reconhecimento social como afirmação e negação, situado em relações de dominação social, faz da luta social motivada apenas pela “deslimitação contínua” (HONNETH, 2003, p.145) do núcleo normativo um potencial reprodução do desrespeito social. Na perspectiva de análise adotada nesse trabalho a experiência de desrespeito social possui um *potencial normativo de enfrentamento* à institucionalidade do (não)reconhecimento contido, não na expectativa frustrada conforme prevê Honneth (2003), mas justamente na ausência de expectativa diante da ordem social vigente por parte daqueles que são, por ela, mantidos numa condição de transitório permanente.

Nesse lugar social de (não)reconhecimento as promessas de igualdade jurídica e êxito individual perdem a credibilidade diante da força repressiva de negação do respeito à integridade e valor social dos sujeitos que se revela como base comum de vivências cotidianas de desrespeito social, manifestas nas ausências, nas privações, na indefinição, no abandono, na inclusão economicamente precária e socialmente degradante.

Se na luta por reconhecimento o potencial de mudança da sociedade não reside nas instituições, mas no conteúdo normativo mobilizado pelas relações intersubjetivas e interações sociais (HONNETH, 2006a, 2012), na institucionalidade do (não)reconhecimento o potencial

de transformação, de certa forma, só pode estar inscrito na negação *produzida pelo* próprio reconhecimento social instituído e *por aqueles que são por ela afetados* tidos como sujeitos sem valor social. Nesse sentido, é como se, a institucionalidade do (não)reconhecimento, ao produzir o desrespeito social, também produzisse um *esgotamento necessário* para o seu enfrentamento, qual seja, a perda de expectativas nas promessas por quem sofre cotidianamente as consequências da violação, da privação de direitos e da degradação social no transitório permanente.

Cabe destacar que no lugar social de (não)reconhecimento do transitório permanente não se encontra pressuposta a formação de um sujeito coletivo, racionalmente orientado, trata-se antes de uma condição social comum de negação, de falta, de ausência, de não-pertencimento, de fardos e privações que, por essa razão, pode guardar um potencial de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento pelas vítimas do desrespeito social. Honneth (2007) já havia sinalizado para a existência de noções intuitivas de justiça de grupos socialmente oprimidos como o lado negativo da ordem social vigente, cujas “possibilidades de justiça, hegemonicamente excluídas, [são reveladas] com a força daquele que é afetado no curso de sua vida” (HONNETH, 2007, p.84).

Neste trabalho, entende-se que o potencial latente de transformação do meio por aqueles que são afetados no dia a dia pela institucionalidade do (não)reconhecimento reside no esgotamento das promessas de igualdade jurídica e êxito individual no transitório permanente. Contudo, corrobora-se com o argumento de Honneth, mantido em diferentes momentos de sua obra (2003, 2007, 2011), de que a análise de como esse potencial pode ser transformado em luta social só é possível a partir do entendimento de como as vítimas compartilham, elaboram e articulam tais experiências. O modo como isso ocorre é um tema pouco desenvolvido nos textos honnethianos e se limita a defesa de “condições sociais” que possibilitem o reconhecimento bem-sucedido nas diferentes esferas.

Num contexto de institucionalidade do (não)reconhecimento a lacuna acerca do meio pelo qual o compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito social pode proporcionar a luta social por reconhecimento ou, nos termos desse trabalho, formas de enfrentamento ao desrespeito social, coloca em pauta como as organizações podem mediar tal processo, ponto a desenvolvido na próxima subseção.

2.3 O MEIO SOCIAL DISPONÍVEL ENTRE A VÍTIMA E A INSTITUCIONALIDADE DO (NÃO)RECONHECIMENTO

O projeto teórico honnethiano acerca da luta por reconhecimento na sociedade contemporânea teve distintas versões e ênfases ao longo do tempo, desde uma abordagem das relações de dominação social (HONNETH 2007, 2011) até uma proposição mais *positiva* das instituições nucleares da sociedade capitalista para um reconhecimento bem-sucedido (HONNETH 2003, 2006a, 2016). Por um lado, a opção do autor pela definição positiva do reconhecimento social como progresso moral da sociedade moderna parece ignorar a possibilidade de um falso reconhecimento que distorce e bloqueia as contradições da sociedade (GUNN E WILDING, 2013; 2014). Por outro lado, a proposição sobre o desrespeito social como experiência cotidiana da vida social dos grupos socialmente oprimidos, as classes “baixas” (HONNETH, 2007), permite situar a análise do reconhecimento social vigente a partir desse lugar social, o que nesse trabalho se traduz no transitório permanente.

O transitório permanente desvela um lugar social de (não)reconhecimento em que se encontram os que estão submetidos a negação do tecido social. A negação não está associada apenas ao bloqueio das reivindicações dos grupos socialmente oprimidos na esfera pública político hegemônica ou ao controle dos sentimentos de injustiça pelos grupos socialmente dominantes (HONNETH, 2007). A negação se concretiza na violação, na privação de direitos e na degradação social, por meio das promessas não cumpridas da modernidade que torna a existência da subclasse (HONNETH, 2011), da ralé estrutural brasileira (SOUZA, 2018), dos que estão na liminaridade (MARTINS, 1997, 2002, 2018, 2019), passível de ser descartada, como vidas dispensadas pela sociedade.

O processo de modernização da sociedade que produz o transitório permanente, a que parte da população foi e continua sendo submetida, promove o que Enriquez (2004, p.21) define como uma solidão imposta ao “indivíduo só”, excluído e marginalizado. Na modernidade, a formação do Estado-nação e a ruptura dos antigos laços sociais elevou (?) o ser humano a um novo *status*, o de cidadão da urbe, capaz de tomar as próprias decisões, responsável por si e, mas também amparado por estruturas e instituições que o cercam. Contudo, esse Estado não serve mais como referência ao qual se propôs, o desamparo, a falta de assistência e credibilidade das instituições produzem um *vazio institucional*. As empresas capitalistas tentam preencher esse vazio, como as únicas capazes de gerar adesão, identificação e cumprir a promessa de desenvolvimento de “pessoal”. (ENRIQUEZ, 2004).

No contexto sócio-histórico da formação da sociedade brasileira, esse “vazio” institucional toma outro sentido, pois diferente de países ditos desenvolvidos o Estado não realizou o pleno emprego ou “deixou” de ter credibilidade. Para uma parcela da população o subemprego, o trabalho precário, a privação, a violência, a degradação e o desamparo das instituições sempre foram uma constante. O indivíduo só, para quem a solidão se concretiza na exclusão, na falta de moradia, na falta de trabalho, no trabalho precário, que vive no efêmero de cada dia, não por escolha e sim por sobrevivência (ENRIQUEZ, 2004), não se depara apenas com um “vazio” institucional, mas com uma ausência, violência e descaso exercida *pelos* instituições. É nessa perspectiva e para esse público que determinadas organizações, não necessariamente empresariais, podem ocupar o *espaço de ausência produzido pelo* Estado e pelas instituições que deveriam primar pelo amparo e assistência dos cidadãos.

No presente trabalho, tais organizações são identificadas como *meios socialmente disponíveis*, são organizações que possuem uma capacidade de inserção e adesão entre os indivíduos sós (ENRIQUEZ, 2004) que se encontram no lugar social de (não)reconhecimento do transitório permanente, propiciam o compartilhamento, a elaboração e a articulação das experiências de negação do respeito a integridade e valorização social e formas de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento. Para Honneth (2003) as experiências de desrespeito social se tornam um potencial de luta social na medida em que deixam de ser privadamente elaboradas e passam a ser interpretadas como experiências que afetam um coletivo inteiro.

Os meios sociais pelos quais as vítimas do desrespeito social podem compartilhar e elaborar coletivamente o não-reconhecimento foi tema pouco desenvolvido por Honneth (2003, 2006a, 2007), limitando-se a indicação da importância de os sujeitos participarem de práticas sociais que possibilitem o reconhecimento bem-sucedido nas diferentes esferas de reconhecimento. Pilapil (2011) também identificou que Honneth não explicita como se dá a construção da estrutura intersubjetiva a partir da semântica compartilhada das experiências de desrespeito ou *misrecognition*, idealizada como um consenso que conduziria, necessariamente, ao engajamento coletivo político. A análise da organização como meio social disponível preenche essa lacuna, pouco trabalhada na abordagem honnethiana, e torna-se um suplemento indispensável diante da força repressiva de negação da institucionalidade do (não)reconhecimento que mantém os sujeitos no transitório permanente.

Porém, de modo adverso ao que propôs Honneth (2003), o meio social disponível não se equivale à uma comunidade de valores na qual um *reconhecimento antecipado* impulsiona os sujeitos ao engajamento político na esfera pública. A base comum entre os sujeitos não está

num quadro de valores compartilhados, mas na negação, nas experiências cotidianas de violação, privação de direitos e degradação social do transitório permanente. Nesse sentido, a abordagem adotada neste trabalho sobre reconhecimento e organização não está *a priori* numa articulação política na esfera pública, tampouco em investigações cuja problemática está em analisar como o reconhecimento social, tal qual Honneth (2003) propôs, se realiza nas práticas e políticas de gestão das organizações, como é o caso de alguns estudos na área (KLIKAUER, 2016; VISSER, 2019, 2020; TWEEDIE et al., 2019).

A organização como meio social disponível, além de acessível à vítima do transitório permanente, viabiliza o processo dificultado pela força repressiva da institucionalidade do (não)reconhecimento: propicia um espaço de vazão ao sofrimento, de desindividualização, compartilhamento e elaboração coletiva das experiências de desrespeito social, bem como formas de enfrentamento a negação do tecido social. Nesses espaços, os que se encontram num estado social de invisibilização ativa de acordo com os padrões do reconhecimento vigente, desamparados e violentados, podem encontrar, em alguma medida, estratégias de sobrevivência. Se isso promoverá o engajamento coletivo político na esfera pública, dependerá de como as formas de enfrentamento ao (não)reconhecimento possibilitadas pela organização retornam à institucionalidade.

A análise do meio social disponível requer uma abordagem organizacional que possibilite compreender como a organização *mobiliza* a negação do respeito a integridade e valorização social das vítimas e, a partir disso, *oferece uma resposta* em meio as ausências, o desamparo e a violência, produzidas pelo processo de modernização no transitório permanente. A definição de organização como um sistema cultural, simbólico e imaginário de Enriquez (1997) se apresenta como profícua para tal empreendimento, ancorada em pressupostos teóricos psicanalíticos que, assim como as ciências sociais, têm por objeto o campo social das relações intersubjetivas, os processos de identificação e os vínculos sociais.

A organização como sistema cultural é formada por valores e normas que orientam a conduta dando sentido às ações, a apreensão do mundo, integram os processos de recrutamento, socialização, formação e exclusão de membros definindo a identidade organizacional. O sistema simbólico é constituído por mitos unificadores, rituais, heróis e narrativas que produzem uma memória coletiva e servem como fonte de legitimação e significação de práticas adotadas pela organização, envolve os membros e os controla afetivamente e intelectualmente por meio de seu sistema conceitual. O sistema imaginário envolve tanto o cultural quanto o simbólico e possibilita aos indivíduos a expressão de seus desejos e carências ao mesmo tempo

em que a organização, onipotente e frágil, oferece proteção diante das perdas de identidade, fragilidades e angústias (ENRIQUEZ, 1997).

O sistema imaginário pode se constituir em dois tipos, o enganador e o motor. O primeiro tende a aprisionar os sujeitos nos próprios desejos e na internalização de um conjunto de regras e normas, o segundo abre espaço à imaginação criativa dos sujeitos, o questionamento, a diferenciação contra a repetição, capaz de criar rupturas e promover novos projetos e utopias. A construção de sistemas cultural, simbólico e imaginário é uma busca não só das organizações empresariais, mas de todas as organizações que pretendem “substituir a identificação com a nação e com o Estado pela identificação com a organização que se torna assim o único sagrado transcendente ao qual é possível se referir e crer” (ENRIQUEZ, 1997, p.37).

O referencial que a organização pretende oferecer para seus membros, em contraposição ao Estado e demais instituições, é um aspecto particularmente importante na análise da organização como meio social disponível, por um lado porque que ocupa um lugar de ausência e descrédito nas instituições por aqueles têm as vidas dispensadas, por outro lado porque, estando nesse lugar, pode colocar em pauta as angústias, a solidão imposta, as incertezas e as inseguranças de quem está com a vida entre parênteses. Ademais, no transitório permanente, o indivíduo só (ENRIQUEZ, 2004), tratado como cidadão de segunda categoria (MARTINS, 1997, 2002), não só convive com o abandono e o desamparo, mas também com a violência de um Estado que age coercitivamente sobre as classes marginalizadas (SOBOTTKA E SANTO, 2018).

A composição do meio social disponível como um sistema cultural, simbólico e imaginário permite identificar como a organização medeia o enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento pelas vítimas. As instâncias mítica, social-histórica e organizacional podem contribuir nesse intento, por pautar questões relacionadas ao modo como os sujeitos encontram na organização formas de lidar com as inseguranças e o sofrimento social geradas pelo transitório permanente. A instância mítica versa sobre como o mito mobiliza afetivamente os sujeitos na formação da identidade coletiva, cria o vínculo social e mantém, sob a forma simbólica um sistema conceitual coerente, o combate a desordem, ao mesmo tempo em que suprime a angústia e a incerteza (ENRIQUEZ, 1997).

O mito tem o papel de possibilitar a resolução de questões cotidianas por meio da projeção, ele “transforma uma angústia pessoal em um problema coletivo...desdramatiza a experiência individual...” (ENRIQUEZ, 1997, p. 44). A instância social-histórica diz respeito a como a organização referencia a si própria como produtora de sua trajetória, a ideologia toma o lugar do mito como um sistema de crenças que visa a homogeneização da coletividade, o

ocultamento dos conflitos e das relações de dominação social. A ideologia, assim como o mito, mobiliza os afetos, preenche o vazio e a falta, para responder às angústias do indivíduo oferece a certeza no lugar da verdade. Por meio dessas certezas o indivíduo pode “ser gerado de novo simbolicamente...tornar-se um pouco, ele também, um 'herói'" (ENRIQUEZ, 1997, p.67).

A instância organizacional está relacionada aos sistemas de autoridade, o uso de tecnologias que tem por finalidade canalizar e estabilizar as pulsões, é a estruturação que rege a ordem. A tendência a ordem e a estabilidade mitigam determinadas angústias geradas pelo caos, proporcionando certezas, proteção e respostas diante do medo do informe, das pulsões, do desconhecido. A ordem domina a ansiedade frente as “angústias fundamentais ligadas aos 'horrores próprios da vida'" (ENRIQUEZ, 1997, p.85). A instância pulsional nas organizações tende a pulsão de morte pela propensão a repetição, como preço da estabilidade gerada pelo mito ou pela ideologia para a homogeneização, inércia e fechamento (ENRIQUEZ, 1997).

As angústias, incertezas, inseguranças e o sofrimento social das vítimas do transitório permanente colocam a descoberto mais do que reações subjetivas do indivíduo, escancaram as consequências da força repressiva da institucionalidade do (não)reconhecimento, das promessas não cumpridas da “nova ordem” de reconhecimento social da sociedade capitalista. Por essa razão, a organização como sistema cultural, simbólico e imaginário, em suas diferentes instâncias, permite compreender como o meio social disponível *se conecta com a vida cotidiana* de quem está num lugar social de (não)reconhecimento. A conexão é fundamental e está estreitamente associada aos mecanismos de compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito social proporcionados no coletivo.

Nessa perspectiva, a construção de uma ponte semântica dos sentimentos de injustiça e humilhação, sinalizada por Honneth (2003), não é simples passagem de uma elaboração individual para a coletiva. A elaboração do desrespeito social depende de como a organização viabiliza e articula o compartilhamento das experiências cotidianas das vítimas a partir da chave interpretativa que possuem *sobre e a partir da* própria condição em que vivem. A vida cotidiana é o lugar de imersão do homem simples, das pessoas comuns, dos que buscam nas batalhas do dia a dia um sentido e significado para seguir em frente e lidar com os desafios (MARTINS, 2018). É a condição compartilhada de negação do tecido social que torna possível a articulação de uma linguagem comum pelo meio social disponível

A institucionalidade do (não)reconhecimento é atualizada no processo de modernização da sociedade brasileira que mantém parte da população submetida à um lugar social de (não)reconhecimento, o transitório permanente entre a exclusão e a inclusão. Esse lugar de ausência, descaso e abandono político pelo Estado e marginalização pelo mercado de trabalho,

abre espaço para organizações que, de alguma forma, proporcionam as vítimas formas de enfrentamento a condição de negação do tecido social. Os elementos característicos de tais organizações, tomadas como meio social disponível às vítimas da institucionalidade do (não)reconhecimento, envolvem:

- i) a formação por sujeitos que se encontram num contexto de negação do tecido social pela institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente;
- ii) a disposição de mecanismos de compartilhamento e elaboração coletiva das experiências de desrespeito social pelas vítimas;
- iii) a mobilização das experiências cotidianas de negação do respeito a integridade e a valorização social dos sujeitos para formas de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento
- iv) o referencial de “nós” assentado no compartilhamento [e na superação?] da condição social de negação.

Na sociedade brasileira, o histórico do pentecostalismo e neopentecostalismo, a relevância e a disseminação das *organizações evangélicas pentecostais*²⁵, especialmente, nas periferias e nos centros urbanos do país, são elementos importantes que situam tais organização num contexto de institucionalidade do (não)reconhecimento como um meio social disponível as vítimas. O fenômeno pentecostal avança marcadamente em direção à periferia com adesão majoritária das camadas populares. As precárias condições de vida são situações comuns entre os que buscam nessa denominação religiosa o cumprimento da promessa: “Chega de sofrer”. A participação não denota simples ingenuidade, mas um cenário real de vida e existência subjugadas pela pobreza e privação. O apelo a conversão se associa a superação do sentimento de fracasso e rebaixamento social vivenciados nas situações de desemprego, delinquência, drogadição, problemas psíquicos e outros que revelam o desamparo das classes marginalizadas (ROCHA E TORRES, 2018).

Além do público atingido no Brasil, atualmente 60% são negros e pardos, as organizações evangélicas pentecostais geralmente se estabelecem em contextos de pobreza e periferia, nos quais se disseminaram rapidamente desde os anos de 1980 (SPYER, 2020). Na presente pesquisa, o pentecostalismo e o neopentecostalismo são analisados para além do

²⁵ Apesar da diferenciação entre pentecostalismo e neopentecostalismo presente na literatura acadêmica sobre o fenômeno pentecostal em suas diferentes fases, optou-se pelo termo genérico de organizações pentecostais evangélicas seguindo o uso do termo “evangélico”, sem diferenciações, que os adeptos atribuem a si.

caráter da doutrina religiosa do movimento, mas como fenômeno social relevante de alcance das camadas populares especialmente nas periferias urbanas, característica que têm se mantido ao longo do tempo desde a primeira década do século XX até os dias atuais. O espaço que a denominação ocupou na sociedade brasileiro, no cenário social e político do país, coloca em evidência a força das organizações evangélicas pentecostais que na presente pesquisa são analisadas a partir das lentes teóricas do (não)reconhecimento e suas formas de enfrentamento.

PARTE II. ORGANIZAÇÕES EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS

CAPÍTULO 3. MÉTODO

Os evangélicos ganharam maior relevância na esfera política nas últimas eleições para presidente do Brasil. No ano de 2018 cerca de 21 milhões de evangélicos votaram no ex-capitão, candidato Jair Messias Bolsonaro cujo slogan pregava “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!” na campanha eleitoral. É expressiva a força de mobilização e decisão nos rumos do país, na esfera política, que representa a população evangélica em ascensão. A projeção é que no ano de 2032 o número de evangélicos ultrapasse o de católicos, religião ainda predominante no país (SPYER, 2020). O fenômeno social do pentecostalismo e neopentecostalismo se expande em território nacional, atraindo para suas organizações a população marginalizada das grandes periferias e centros urbanos com uma mensagem de alento e superação.

Como estratégia para analisar como as organizações evangélicas pentecostais possibilitam às vítimas do transitório permanente formas de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento, a presente pesquisa recorreu ao método de estudo de caso, técnica de coleta e registro a partir de entrevistas não-estruturadas, observação não-participante e artesanato intelectual, com análise qualitativa dos dados. A escolha do estudo caso justifica-se pelo caráter de profundidade e intensidade do método na aproximação do campo para um conhecimento experiencial e reflexivo da unidade em análise e sua relação com os diversos contextos históricos, culturais, sociais, políticos, econômicos e outros (STAKE, 2005).

O aporte teórico que orienta a questão de estudo é importante tanto quanto o conhecimento concreto e dependente do fenômeno social pesquisado, que pode se referir à um ou mais casos (FLYVBJERG, 2005). A reflexividade do pesquisador em tais processos é indispensável para uma autoavaliação crítica em relação às crenças, preconceitos e experiências pessoais de pesquisa que podem influenciar reações, registros, análise, interpretação e sensibilidade para tópicos de linguagem. A familiaridade ou desconhecimento do campo de pesquisa pode causar diferentes impactos, uma estratégia é assumir o ponto de vista dos “desinformados” (BERGER, 2015).

Para aproximação do campo empírico de pesquisa foi necessário fazer-se ouvinte da prédica pentecostal e auscultar as narrativas de fiéis, a fim de sondar como a organização mobiliza um enfrentamento ao (não)reconhecimento para os que se encontram no trânsito entre a exclusão e a inclusão. A realização da coleta de dados coincidiu com o período de pandemia da COVID-19 limitando a possibilidade de participação presencial no ambiente

pentecostal de cultos e pregações, devido as orientações de isolamento social. Os materiais gráficos obtidos por registro fotográfico, mídia impressa ou cards, bem como os cultos evangélicos gravados e depositados em canais de YouTube, as programações em estações de rádio e de canais abertos de televisão, juntamente com as entrevistas realizadas, compuseram o material de pesquisa.

Na primeira subseção são apresentados os procedimentos dessa coleta e análise de dados empregados. Nos Apêndices, o conteúdo do material coletado e transcrito está disponível para acesso da leitora e do leitor. O compartilhamento dos dados coletados foi motivado pela disposição de provocar outras frentes de análise, de perspectivas complementares e/ou destoantes que proporcionem o aprofundamento da problemática da tese, dos modos com que organizações religiosas e outras, nesse caso as evangélicas pentecostais, se situam em contextos de institucionalidade do (não)reconhecimento.

3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Durante o processo de pesquisa, abraçar a desinformação como estratégia de abertura e reflexividade sobre o pentecostalismo brasileiro se revelou um desafio diante de um fenômeno que, como bem observa Spyer (2020), por vezes é generalizado sob um estereótipo negativo de fanatismo, intolerância e manipulação. A aproximação do empírico, à luz do referencial teórico desenvolvido nesse estudo, se deu de forma tímida, mas atenta e aberta as situações e eventos em que o tema de pesquisa e o campo empírico se encontravam. Nesse espaço de tempo entre idas e vindas, em pleno período pandêmico, dois eventos foram significativos.

Evento 1: a abordagem por um “crente” que panfletava na praça principal da cidade, enquanto esta pesquisadora retornava de mais uma jornada de trabalho, provavelmente com a “cara” do cansaço, foi acompanhada da entrega de material gráfico seguida da pergunta: Você está bem? Parece que você não está bem. Quer conversar? Evento 2: um certo dia no retorno para a casa de posse de uma caixa de papelão vazia, descartada por uma loja, para uso doméstico, esta pesquisadora passa por duas pessoas, na mesma calçada, cada qual com uma marmitta de café, que olham para a caixa e afirmam: Estão dando café ali na igreja (IURD), se tu quiser ir lá buscar. Provavelmente, por trás da oferta estava a conclusão de que a caixa de papelão havia sido recolhida para venda de material reciclável, meio de sobrevivência que, aparentemente, tem aumentado na cidade.

Apesar de corriqueiros, os dois eventos serviram de matéria de reflexão e apontamentos que mais tarde contribuiriam para uma aproximação mais sistemática dos meios e materiais

disponíveis para a coleta de dados, pesquisa documental, bibliográfica, websites de páginas oficiais das igrejas evangélicas, redes sociais (*Facebook, Instagram*), folders, jornais, registro de cartazes, anúncios, contato telefônico (SOS Espiritual - WhatsApp), cultos online via canal de Youtube, programações evangélicas em canais de televisão aberta e programações de rádio, conteúdos transcritos totalmente ou parcialmente. O artesanato intelectual tem essa característica do encontro do trabalho intelectual com as vivências cotidianas e requer o desenvolvimento de hábitos auto-reflexivos pelo pesquisador em meio as anotações pessoais, itens bibliográficos, observações, notas, questionamentos e formulações sobre eventos e ideias, os quais mantêm em seus registros (MILLS, 2018).

A tentativa de classificação de todos esses itens em um arquivo principal é mais do que um diário literário, é produção intelectual. Esse exercício aliado as observações, experiências diárias, imagens, elucubrações e pequenos ensaios alimentam a imaginação sociológica e proporcionam a formulação dos tópicos de pesquisa em que ideias originais podem surgir. “Há um estado de espírito lúdico por trás desse tipo de combinação, bem como um esforço verdadeiramente intenso para compreender o mundo” (MILLS, 2018). O artesanato intelectual é também uma troca de saberes que tanto abre uma entrada para as significações de linguagem e experiências do grupo, quanto ressocializa o pesquisador (MARTINS, 2020).

Por fim, se fez necessária a realização de entrevistas com pessoas adeptas ao pentecostalismo, para a escuta de suas trajetórias de vida e a participação nas organizações evangélicas pentecostais. As três entrevistadas foram escolhidas por conveniência e adesão para participação em entrevista não-estruturada. As participantes são mulheres, com idade entre 41 e 53 anos, chefes de família e trabalham como empregadas domésticas. Cabe ressaltar que o período de coleta de dados se deu durante a vigência das medidas de isolamento da população devido a pandemia mundial da COVID-19, o que impediu a execução de uma observação participante nos cultos evangélicos. Com o aumento do número de casos e mortes, o Ministério da Saúde emitiu um conjunto de orientações e protocolos sanitários que regraram as medidas de distanciamento e o fechamento de estabelecimentos, dentre os quais as igrejas.

O material coletado seguiu os procedimentos analíticos da conversação na qual os atos de fala, sequencias, detalhes, reações e formas específicas de relato guardam uma dimensão simbólica de produção de significados. O processo de interpretação analítica desdobra-se em: a) recuperação dos registros, anotações, gravações; b) análise do significado pragmático da conversação, como o assunto se desenvolveu, pontos altos, ausências, significados nucleares, incidentes e suposições implícitas; c) validação, afirmação da compreensão de fala; d) matriz

de consolidação das falas para unidades básicas de análise, e) análise de conjuntos, observações conclusivas para redação parcial (MATTOS, 2006).

Como caso particular de discurso, a abordagem semiótica-linguística das narrativas também inclui uma análise que visa entender o enunciado em sua totalidade intertextual, dialógica e polifônica por meio das funções e indícios, participação e protagonismo dos personagens e persuasão comunicativa. Nas organizações, as narrativas “são elementos importantes na criação de sentidos e dos conteúdos simbólicos” (ALVES E BLIKSTEIN, 2006, p.427) sejam eles pertencentes aos discursos hegemônicos ou contra-hegemônicos. Para atingir o objetivo geral de analisar como as organizações evangélicas pentecostais possibilitam às vítimas do transitório permanente formas de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento, a análise do material coletado foi efetuada à luz dos objetivos específicos, considerando os limites para a coleta de dados já mencionados.

A pesquisa documental, bibliográfica e os dados coletados nos websites de páginas e redes sociais (*Facebook, Instagram*) oficiais de igrejas evangélicas, foram analisados tendo em vista identificar como as organizações pentecostais evangélicas se disseminam num contexto de transitório permanente. O foco do analítico sobre esses materiais esteve em traçar o histórico das origens do pentecostalismo e neopentecostalismo e sua disseminação tanto na América Latina, como no Brasil, a relevância no cenário social e político, o público destinatário, os lugares de destino, o modo como as organizações pentecostais evangélicas se inserem e estão inseridas entre a população marginalizada das grandes periferias e centros urbanos.

Com o objetivo específico de analisar os mecanismos de compartilhamento e elaboração e das experiências de desrespeito social propiciados pelas organizações evangélicas pentecostais, primeiramente, procedeu-se a seleção de recortes em folders, jornais, anúncios e mensagens via contato telefônico (SOS Espiritual - *WhatsApp*) em que o conteúdo e as narrativas apresentadas referenciavam problemas cotidianos enfrentados pelos sujeitos no transitório permanente. Na sequência desse tratamento, partiu-se para a transcrição total ou parcial de cultos online via canal de Youtube, programações evangélicas em canais de televisão aberta e programações de rádio. A seleção dos trechos de transcrições parciais tivera como critério a saturação do conteúdo quando reiteradamente associado a doutrinação religiosa – como a leitura e repetição de textos bíblicos, cânticos e demais materiais litúrgicos.

A análise do material transcrito foi realizada a partir da leitura atenta e identificação de narrativas, evocações, associações, exemplos e expressões utilizadas pelos pastores, pastoras e fiéis, que conectavam a prédica pentecostal de forma persuasiva à vida cotidiana dos ouvintes. Após a leitura e releitura, excertos que remeteram de forma explícita ou implícita a situações

práticas da vida cotidiana e que possibilitavam, a sua maneira, o compartilhamento das experiências de desrespeito social, foram ordenados em agrupamentos de mesmo sentido. Já as entrevistas transcritas foram analisadas a partir do modo como as entrevistadas conduziram as narrativas sobre o histórico de vida, as ênfases, suposições, reações emotivas, os acontecimentos determinantes à adesão e identificação com o pentecostalismo evangélico, material também organizado em unidades de sentido, posteriormente exemplificadas com fragmentos de fala.

Na continuidade do processo acima descrito, no intuito de seguir o objetivo específico de entender como as organizações evangélicas pentecostais medeiam formas de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente, de posse dos recortes, registros, excertos, agrupamentos e elucubrações acerca do material já analisado, recorreu-se novamente a leitura integral das transcrições e dados gráficos. O procedimento buscou um “olhar sociológico” que coloca em movimento um saber intuitivo e relacional com os sujeitos “que nos permite invadir sua vida para que o observemos e, por meio dele, observemos a sociedade em que vive” (MARTINS, 2020, p.29).

O pensamento popular não está comprometido com o formalismo, mas recorre as representações disponíveis e saberes da vida cotidiana que formam um arranjo explicativo a partir do qual constrói sentidos e nomeia os males que causam aflição (COSTA, 1989). Nesse sentido, o entendimento sobre como as organizações evangélicas alcançam as vítimas do transitório permanente e mobilizam suas experiências implicou ter no horizonte de análise uma postura atenta as articulações entre a prédica pentecostal, sua inserção e aplicação na vida cotidiana de quem se deixa por ela orientar.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O pentecostalismo evangélico é um fenômeno, não só religioso, mas também social que tem sido alvo de inúmeros estudos sob diferentes perspectivas e momentos históricos na América Latina e no Brasil. As investigações, especialmente sob a ótica sociológica, contemplam as diferentes fases do pentecostalismo durante o processo de transformação social, econômica, política e cultural latino-americano (MANSILLA E MOSQUEIRA, 2020).

No Brasil, o pentecostalismo, desde a origem, com a chegada da Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911) se dissemina nos bairros periféricos do país, mantendo um número crescente de adeptos que passou de 3% no ano de 1940 (IBGE, 2010) para 31%, no ano de 2020 (BALLOUSSIER, 2020). O pentecostalismo evangélico também se destaca na política, com a participação partidária de líderes religiosos, e na esfera pública, com a apropriação dos meios de comunicação em massa, especialmente pelo neopentecostalismo, o que evidencia a força de disseminação do fenômeno.

Apesar dos diferentes matizes pentecostais, o fato é que, historicamente, essas organizações continuam mantendo uma significativa adesão por parte daqueles que se encontram numa condição de negação do tecido social, no transitório permanente entre a exclusão e a inclusão. É para aqueles que estão nesse lugar social de (não)reconhecimento que a prédica pentecostal se dirige, pessoas para as quais as promessas da igualdade social e do mérito individual não se cumpriram. As organizações pentecostais preenchem um espaço de ausências e incertezas produzidas pelas promessas não cumpridas da modernidade.

Na prédica pentecostal o sujeito é valorado como ser humano, ao mesmo tempo em que têm reconhecidas as experiências de privação e degradação social a que está submetido. A mobilização do conteúdo dessas experiências é realizada a partir de uma linguagem comum produzida *pela* organização, centralizada na *pessoa* do pastor. O quadro interpretativo captura a *intersubjetividade* da elaboração das experiências de desrespeito social e renova as *promessas* da ordem social vigente, promovendo a institucionalização do individualismo.

O exposto acima é desenvolvido nas subseções seguintes. A primeira versa sobre o pentecostalismo evangélico na América Latina e no Brasil, a segunda sobre a presença do pentecostalismo brasileiro entre os que se encontram numa condição de negação do tecido

social, a terceira compreende como as organizações pentecostais medeiam o enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento.

4.1 O PENTECOSTALISMO EVANGÉLICO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

O pentecostalismo é um movimento religioso do século XX que tomou força nacional e internacional a partir de uma comunidade, liderada por William J. Seymor, filho de ex-escravos, formada pelas camadas mais pobres da sociedade, como negros e imigrantes em fase de adaptação nas cidades industriais norte-americanas, em 1906, na cidade de Los Angeles. O pentecostalismo é dissidente do protestantismo e se tornou incompatível com as instituições protestantes por ser um movimento dinâmico e pluralista de perspectiva escatológica, já tendo passado por diversas mutações e transformações nos últimos cem anos (CAMPOS, 2020).

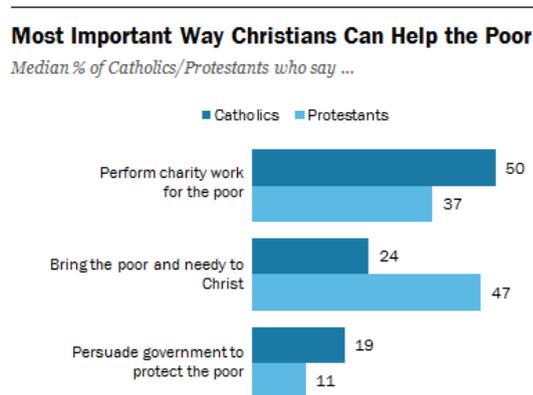
A expansão pentecostal na América Latina acompanha o decréscimo da população católica que passou de 90% nos anos de 1970 para 65% nos anos 2000 (CUADROS, 2018). O cristianismo encontra-se em expansão dos países ricos em direção aos países emergentes, os cristãos mais comprometidos do mundo são latino-americanos, acompanhados excepcionalmente dos Estados Unidos, onde mais de dois terços da população considera a religião muito importante (PEW RESEARCH CENTER, 2018). A Guatemala conta hoje com cerca de 40% da população composta por evangélicos pentecostais, o Chile, El Salvador e o Brasil com mais de 20% (GARCÍA-RUIZ E MICHEL, 2011). A pluralidade religiosa e o avanço do conservadorismo católico na década de 1990, com o conseqüente distanciamento das camadas populares, abriu caminho para denominações cristãs estranhas ao catolicismo historicamente predominante.

No âmbito da vida em sociedade, o crescimento do pentecostalismo ocorre em meio à complexa transformação social, econômica, política e cultural da América Latina e adentrando os meios urbanos periféricos. Dentre as estratégias de crescimento desses grupos é possível citar, a) um apelo à conversão, a uma nova identidade social, a transformação da própria vida; b) o uso massivo de meios de comunicação com mensagem associada à necessidade de cura e transformação, centrada nas emoções e no testemunho pessoal; c) a recorrente fragmentação das igrejas existentes, devido as tensões entre pastores da mesma denominação; e d) a participação das igrejas evangélicas na política (CUADROS, 2018).

Dados sobre a conversão dos latino-americanos para o pentecostalismo evangélico mostram que dentre os principais motivos estão a conexão pessoal com Deus, o estilo de adoração e a iniciativa da igreja em ajudar aos membros, se comparada com a igreja católica.

Para 58% dos convertidos a iniciativa de participação nas igrejas pentecostais não resultou de uma procura pessoal, mas da busca ativa por parte das igrejas, adesão posteriormente reforçada pelas experiências de cura divina, glossolalia e revelações divinas (*PEW RESEARCH CENTER*, 2014). O pentecostalismo é formado por grupos que se situam num contexto de maior propensão à migração e menor grau de escolaridade, para a maioria dos adeptos a resposta para as demandas socioeconômicas se encontram na adesão à igreja, conforme ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percepções sobre auxílio à população carente



Fonte: *Pew Research Center*, 2014.

De fato, no plano local, o dízimo acumulado pelas igrejas financia não só a construção de novos templos, mas também atividades de cunho assistencial, iniciativas que repercutem no plano político almejado por diversas lideranças pentecostais. Os “neopentecostais”, grupos que se diferenciam do pentecostalismo tradicional, tomaram a frente de um amplo processo de inserção na vida política. A ideia de que a realização do Reino de Deus acontece na terra, faz da sociedade um campo de disputa e poder conduzindo os cristãos a ocupar os espaços da vida política e econômica. Porém, a formação de partidos políticos evangélicos não logrou êxito, restando como estratégia o apoio a candidatos de diferentes orientações, a fim de influenciar no legislativo, negociando, como atores institucionais, a defesa de seus interesses e visão de mundo. O fenômeno está presente em países como Bolívia, Brasil, Argentina, Peru, Chile e Guatemala e encontra respaldo na convicção dos fiéis numa “dupla cidadania”, no céu e na terra para a construção de uma nação cristã (*GARCÍA-RUIZ E MICHEL*, 2011).

O pleito eleitoral para presidente, no ano de 2018, é ilustrativo. Diversas candidaturas foram amplamente apoiadas pelos evangélicos, na Costa Rica, Paraguai, Venezuela, Colômbia, México e Brasil, sob a motivação de restauração da ordem tradicional ameaçada pelas forças do mal (*MARIANO E GERARDI*, 2019). Uma pesquisa realizada nos EUA, no ano de 2020, mostrou que 80% dos protestantes evangélicos brancos, que tiveram expressiva participação na

eleição do ex-presidente Donald Trump, relataram que ele lutava em favor de suas “crenças”, ainda que não o considerassem religioso ou moralmente correto (*PEW RESEARCH CENTER*, 2020). A ideia de transformação da nação pela fé cristã por meio da atuação política na esfera pública, empreendida especialmente pelo neopentecostalismo, não é consenso entre todos os grupos evangélicos, mas tem marcada presença na constituição política de diversos governos (*GARCÍA-RUIZ E MICHEL*, 2011).

Na obra intitulada “Sociología del Pentecostalismo en América Latina”, Mansilla e Mosqueira (2020) dividem suas investigações sobre o pentecostalismo latino-americano em três etapas. A primeira, compreendida entre os anos de 1967 e 1979 teve por foco analítico o papel do pentecostalismo na transição cultural entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna, uma espécie de resposta a problemas macroestruturais do processo de modernização gerados pela intensificação da migração do campo para a cidade que obrigava os sujeitos a proletarianização. A ação dos missionários fora dos templos e a peregrinação pelas ruas foi destaque na disseminação do movimento, cenário que o caracterizou como a religião dos pobres. “A comunidade de fé servia como ponte de apoio para a sobrevivência no mundo urbano, num ‘contexto ‘anômico’ (...) um sistema de crenças eficaz que oferece sentido, identidade e mecanismos de integração a esses sujeitos que estão em transição” (*MANSILLA E MOSQUEIRA*, 2020, p.37, TRADUÇÃO LIVRE).

A segunda etapa localiza-se na passagem das ditaduras às democracias, no período entre 1980 e 1999, em que outras perspectivas despontaram. As dicotomias do paradigma funcionalista e modernizador - rural/urbano, anomia/estrutura, marginalização/integração - abriram espaço para uma noção de instrumentalização mediada por pastores, políticos e demais lideranças. O Chile aparece como caso emblemático, quando sob o comando do general Augusto Pinochet, dispara uma base interpretativa dos pentecostais como anticomunistas, conservadores e anticatólicos, generalização que enfraqueceu os estudos latino-americanos acerca do fenômeno pentecostal. Os diferentes matizes e contradições internas entre o pentecostalismo e a ditadura foram ofuscados por um estereótipo amplamente aceito do pentecostalismo como aliado da ditadura, concepção de difícil desconstrução até os dias atuais, denominada por alguns autores como “pentecosfobia” (*MANSILLA E MOSQUEIRA*, 2020).

Contudo, os autores identificam nesse período diversos estudos locais que reforçam a presença e atuação do pentecostalismo entre as camadas mais empobrecidas da sociedade. Dentre os temas de destaque estão a agência do sujeito pentecostal, a dimensão afetiva, como característica constitutiva e fundamental da comunidade pentecostal, o pertencimento e a construção identitária, a promoção do nível de vida familiar pela conversão do homem

evangélico, ainda que sob valores e papéis tradicionais, o enfrentamento e a superação da pobreza e do sofrimento. É nessa segunda etapa também que surgem as primeiras investigações sobre o neopentecostalismo, movimento marcado por uma lógica mercantil e politicamente pragmática de acordo com interesses e demandas, caracteristicamente moralistas (MANSILLA E MOSQUEIRA, 2020).

A relação entre o pentecostalismo e a globalização caracteriza a terceira etapa de empreendimentos analíticos, entre os anos de 2000 e 2017. A globalização fez emergir e reforçar uma nova forma de abordagem pentecostal, já sinalizada na segunda etapa, em que a dinamicidade do carisma vai cedendo espaço para a rotinização e institucionalização mediadas por distintos meios de comunicação, a industrialização do religioso e o surgimento de pregadores-*coach*. O período apresenta uma multiplicidade de perspectivas de análise na América Latina e Caribe, no Peru a crítica aos estereótipos do anti-intelectualismo e irracionalidade pentecostal, na Nicarágua o aumento da deserção e da mobilidade religiosa, no Chile a permanência do pentecostalismo como a religião dos pobres, num processo de rotinização e institucionalização, na Argentina a mobilização política e produção de bens religiosos, no Brasil a luta interna entre a conservação e a inovação no processo de institucionalização (MANSILLA E MOSQUEIRA, 2020).

Apesar das diferenças de enfoques analíticos, há três argumentos são recorrentes sobre o pentecostalismo latino-americano. O fundamento social: o maior movimento auto-organizado dos setores mais pobres da sociedade, não na resolução da pobreza, mas na possibilidade do sujeito tomar o domínio sobre a própria vida, que define uma mudança de perfil dos adeptos, sobretudo entre os neopentecostais. O fundamento político: os líderes pentecostais abandonam a visão apolítica para promover ou propor leis que tendem à direita, as lideranças neopentecostais, por sua vez, empreendem uma ação mais direta apoiando candidatos específicos, com quem podem negociar benefícios para suas denominações. O fundamento mítico: a visão pré-milenarista entrelaçada aos símbolos, ritos, técnicas sagradas, sonhos e visões, a catástrofe como imaginário de sustentação das profecias nas quais profetas e pastores apresentam diagnósticos sobre desastres sociais, interpretação associada ao modo como líderes analfabetos ou semianalfabetos significam a bíblia a partir da vida cotidiana, um recurso de protesto, esperança e consolo (MANSILLA E MOSQUEIRA, 2020).

No cenário brasileiro, o pentecostalismo surge no início do século XX, nas periferias do país, com a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911), a primeira à sudeste e a segunda ao norte do Brasil, fundadas por missionários europeus advindos do pentecostalismo norte-americano. Essas denominações se estabelecem com uma orientação

ascética, sectária, anticatólica, aversa a burocracia eclesiástica e com ênfase na glossolalia aos moldes do reavivamento da rua Azuza²⁶. No ano de 1950, um segundo grupo de missionários pentecostais norte-americanos chegou no solo brasileiro promovendo um amplo evento religioso em formato de tendas, com ênfase na cura divina, movimento que deu origem a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953). Um terceiro grupo e primeiro autóctone, é fundado por pastores brasileiros em meados de 1970, conquistando ampla visibilidade. O principal destaque é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), dissidente da Assembleia de Deus, fundada na periferia da cidade do Rio de Janeiro, caracterizada pela teologia da prosperidade e rejeição do ascetismo pentecostal tradicional (MARIANO, 2004).

De acordo com dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o número de evangélicos, somando protestantes e pentecostais, registrou um crescimento no país. No ano de 1940 o grupo representava aproximadamente 3% da população brasileira, em 1991 era de 6%, no ano 2000 foi para 15%, já no ano de 2010 alcançou 22% (IBGE, 2010), chegando ao ano de 2020 em 31%, conforme levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Data Folha (BALLOUSSIER, 2020). Na classificação adotada pelo IBGE, entre evangélicos de missão (protestantes), evangélicos de origem pentecostal e evangélicos não determinados, o segundo grupo formado pelos pentecostais somam 60% do total de evangélicos (IBGE, 2010).

A metade dos pentecostais pertence a Igreja Assembleia de Deus (12.314.410 membros), seguida pela Igreja Congregação Cristã do Brasil (2.289.633 membros) e, em terceiro lugar, as igrejas Universal do Reino do Deus (1.873.243 membros) e Evangelho Quadrangular (1.808.389 membros). Os dados registrados entre os anos 2000 e 2010 evidenciam algumas mudanças significativas, a Assembleia de Deus aumentou em 46% o número de fiéis, a Evangelho Quadrangular teve um crescimento de 37%, já a Igreja Universal do Reino de Deus registrou uma queda de 17% (IBGE 2000; 2010).

No cenário político, a postura ascética das primeiras igrejas pentecostais, em se abster da vida política do país, foi aos poucos cedendo lugar ao apoio à candidatura de líderes evangélicos e simpatizantes, especialmente no caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). No ano de 1989, o candidato a presidente, Fernando Collor de Melo, foi eleito com mais de 90% de votos evangélicos, sob forte campanha do líder religioso da IURD, Edir Macedo. O candidato Antony Garotinho foi eleito governador do Rio de Janeiro, no ano de 1998, e, no ano de 2002, chegou em terceiro lugar na corrida presidencial com expressiva

²⁶ Reavivamento da rua Azuza, ver <https://www.youtube.com/watch?v=7zkelqWTIyg>

participação de votos evangélicos (SANTOS, 2005). A eleição de 1998 rendeu a IURD dezessete deputados federais evangélicos eleitos sob o slogan “Irmão vota em irmão”. Já a Assembleia de Deus contou com a eleição da senadora Benedita da Silva (Partido dos Trabalhadores) que, em 2002, tornou-se governadora do Rio de Janeiro (BASTIAN, 2015).

Na eleição presidencial de 2002, o candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores) teve apoio decisivo de evangélicos ligados ao vice-presidente José de Alencar (Partido Liberal) também evangélico (SANTOS, 2005). Para Bastian (2015), o pentecostalismo apresenta uma afinidade eletiva com a cultura política brasileira no que tange ao autoritarismo e os mecanismos de dominação colonial. O exercício do poder é local e se estende por meio de cadeias de lealdade, reciprocidade e clientelismo dos líderes religiosos, os pastores candidatos contam com a comunidade local e seus atores coletivos. Já os líderes religiosos que optaram por não ingressar na carreira política pública, entram na barganha política mediante direcionamento dos votos dos fiéis (BASTIAN, 2015).

Os líderes pentecostais capitalizam a crise social oferecendo a ilusão e a irmandade enquanto se colocam como intermediários políticos entre o povo excluído e os que tomam as decisões vinculados às classes dirigentes (BASTIAN, 2015, p.10, TRADUÇÃO LIVRE).

A passagem de uma tradição pentecostal ascética e milenarista para uma versão terrena da realização do “Reino de Deus” é um pilar importante dessa dinâmica de participação política. Nesse sentido, o político cristão é um indivíduo duplamente eleito: por Deus e pelos homens, para ocupar a política e promover a vontade divina em favor dos cidadãos do reino, “Alguém, portanto, capaz do agir moral: a política precisaria de mais não-políticos, e eles estão nas igrejas, os melhores homens!” (CARVALHO, 2019, p.227). A participação evangélica na política e nos espaços do Estado avança pacificamente e de modo acelerado. Contudo, atualmente a hostilização desses grupos, especialmente por representações de esquerda fortemente secularizadas, tem potencializado a aliança de evangélicos conservadores aos grupos da elite econômica (SPYER, 2020).

A campanha eleitoral presidencial promovida no ano de 2018 é ilustrativa, enquanto o candidato da esquerda associava um dos maiores líderes evangélicos ao charlatanismo, o candidato de extrema direita os associava aos valores cristãos e da família, adotando como lema de campanha “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”. Nessa disputa, 68% dos evangélicos votaram na direita no segundo turno e, desses, 25% se arrependeram (SPYER, 2020). Desde o ano de 2002 até 2018, entre deputados e senadores, as igrejas elegeram um total de 332 representantes, filiados a diversos partidos, com destaque para a Assembleia de Deus

(AD), seguida das igrejas batistas e da IURD. No Brasil existem atualmente, aproximadamente, 178.511 templos evangélicos (MELLO E PORTINARI, 2022).

A inserção de evangélicos na esfera política data desde a Assembleia Nacional Constituinte de 1985, responsável pela elaboração da primeira Constituição, após os anos de ditadura²⁷. É somente no ano de 2003 que a chamada “Frente Parlamentar Evangélica” do Congresso Nacional foi formalmente fundada no Congresso Nacional e, desde o ano de 2018, é formada por 189 representantes entre deputados e senadores de diferentes denominações religiosas. Os projetos apresentados pela Frente Parlamentar Evangélica acompanham os temas gerais tratados na Câmara com ênfase em algumas agendas como direito penal e processual penal, defesa e segurança, processo legislativo e atuação parlamentar (GERSHON, 2022).

Além da atuação política, outro ponto de destaque da presença evangélica é o histórico de inserção nas estações de rádio que teve início na década de 1940 com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. O primeiro programa de sucesso foi ao ar em 1960, intitulado “A voz da libertação” e vinculado à Igreja Pentecostal Deus é Amor. Desde então, com o aumento da pluralidade religiosa brasileira os pentecostais investiram na mídia radiofônica disseminando a pregação da cura divina por meio de seus missionários. Com o advento do neopentecostalismo, a propagação da mensagem avançou para a televisão²⁸, mesmo não sendo uma prática consensual a todas as igrejas pentecostais (POLATO, 2015)

A IURD é a igreja de maior notoriedade na estratégia televisiva de comunicação, pois passou de locatária de alguns horários na televisão no final dos anos 1980 à proprietária da TV Record no ano de 1990, uma rede composta por mais de cem emissoras de TV. A Rede Aleluia de rádio, também da IURD, é outro exemplo, formada por sessenta e nove estações distribuídas em todas as regiões do Brasil²⁹. A expansão dos evangélicos nos canais de comunicação radiofônico e televisivo é propiciada por uma administração eficiente de recursos arrecadados

²⁷ A Assembleia constituinte contou com expressiva presença e atuação de evangélicos centrados principalmente nas discussões da subcomissão da Família, do Menor e do Idoso, temas tratados numa perspectiva moral conservadora e reacionária. A temática do aborto contou com forte oposição dos deputados evangélicos como Matheus Iensen (PMDB) e João de Deus (PDT), da Assembleia de Deus, o argumento de que a população brasileira era majoritariamente cristã, era utilizado como justificativa para legitimar a moral cristã como base para as decisões (SANTOS, 2021). Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627336325_ARQUIVO_33db25bc394e1af13a4d5a3c7a789bd5.pdf

²⁸ No ano de 2017 entre as onze redes de TV de maior audiência, três eram evangélicas: a Record TV, Record News e Gospel TV; no rádio o destaque foi para a Rede Aleluia e Novo Tempo, já entre o material online e impresso se destacaram, respectivamente, o portal R7 e o Jornal Correio do Povo. De todos esses canais, apenas dois não são da IURD. Fonte: <https://diplomatieque.org.br/igrejas-cristas-no-topo-da-audiencia/>

²⁹ Do total das emissoras de rádio da Rede Aleluia 40% estão concentradas entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, as regiões com menor presença são Norte e Centro-Oeste. Todas as emissoras possuem página oficial no Facebook onde totalizam 143.384 seguidores, com destaque para as cidades do Rio de Janeiro, Campinas, Taubaté, Sorocaba e Florianópolis. Fonte: [Emissoras – Rede Aleluia](#)

entre os fiéis, bem como as autorizações e concessões conquistadas junto a representantes políticos (POLATO, 2015). Além da TV Record, compõem o televangelismo liderado por distintas denominações, a Rede Boas Novas, IURD TV, TV Novo Tempo, Rede 21, Rede Gênesis, Rede Gospel, Rede Super e a Rede Internacional de Televisão (RIT).

A disseminação da pregação evangélica também abriu espaço na comunicação mediada por computador, a estratégia extrapola o protagonismo exercido apenas pelas lideranças das denominações³⁰. A divulgação da mensagem pentecostal é tomada como missão por grupos e indivíduos que, de modo distinto aos seguidores de outras denominações, se empenham arduamente no proselitismo militante religioso em favor das igrejas que congregam. A ação desses atores, instigada pela instituição, antes realizada presencialmente ou via rádio agora mobiliza a rede comunicacional via internet e redes sociais, potencializando o crescimento do número de adeptos (JUNGBLUT, 2020).

O pentecostalismo evangélico na América Latina e no Brasil, é mais do que um fenômeno religioso, é um fenômeno social que possui características próprias e tem arrebatado boa parte da população mais vulnerável como adepta. É um fenômeno que se tornou socialmente relevante e politicamente atuante na esfera pública, impactando, inclusive, a vida política dos países. A capilaridade com que se espalhou nos bairros e periferias, nos meios de comunicação em massa mostram uma capacidade de inserção social e presença na vida de milhares de pessoas. As investigações acadêmicas sobre o tema na América Latina transitaram em torno do papel do pentecostalismo na transição da sociedade tradicional à moderna, a relação com a ditadura e a industrialização do religioso.

No Brasil, o destaque é para a participação de líderes evangélicos na vida política do país, no Congresso Nacional, nas eleições presidenciais e a apropriação dos meios de comunicação em massa, especialmente pela neopentecostal IURD. Após essa breve descrição sobre a relevância do movimento pentecostal, na próxima subseção o fenômeno é analisado sob a perspectiva da teoria do reconhecimento social, revisada nesse trabalho, especialmente no que tange a capacidade de inserção das organizações pentecostais nas periferias brasileiras e adesão por parte de grupos socialmente oprimidos que se encontram numa condição de negação do tecido social, de não-reconhecimento.

³⁰ Os líderes neopentecostais, Edir Macedo (IURD), Romildo Ribeiro Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), Estevam Hernandes Filho (Igreja Apostólica Renascer em Cristo), Valdemiro Santiago de Oliveira (Igreja Mundial do Poder de Deus) e Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo), também ganham destaque em programas de TV, não apenas evangélicos, mas em redes de TV no geral (JUNGBLUT, 2020).

4.2 A NEGAÇÃO DO TECIDO SOCIAL: A VIDA ENTRE PARÊNTESES³¹

A pregação de um pastor auxiliar da AD, Ministério de Belém/SP, num evento de pastores, coloca a descoberto o nível de envolvimento político das igrejas evangélicas na eleição presidencial no ano de 2018, na qual saiu eleito o candidato conservador de direita Jair Messias Bolsonaro. Contudo, para além do teor político, o contraponto que o pastor apresenta aos simpatizantes das ideias de Jair Bolsonaro é oportuno em explicitar a *missão* e o *público* para quem a igreja evangélica se entende destinada.

Mas queridos irmãos, eu não vou me calar, diante de pastores e igrejas que pra apoiar... não tenho nada contra se você votou no presidente que aí está, não tenho nada contra se você votou no outro que perdeu, não quero nem saber em quem você votou! O voto é secreto, é livre e é democrático! (...) Não é disso que estou falando! (...) Eu não posso e não vou me calar, diante de uma... que transforma a frase diabólica “Bandido bom é bandido morto” em frase sagrada! Essa frase não é sagrada!! (...) Eu sou de um tempo da Assembleia de Deus que os crentes, mesmo sem saber ler, pastores que não tinham teologia, de pastores que não sabiam pregar direito, mas saía na rua dizendo “Jesus salva bandido! Jesus salva a prostituta! Jesus salva ladrão! E Jesus salvava mesmo! (...) Ele andou entre a escória da sociedade!³²

A fala do pastor contém um contraponto ao modo como a adesão às afirmativas de Jair Bolsonaro pelas lideranças evangélicas têm distorcido a doutrina evangélica que historicamente, segundo a marcação “sou de um tempo”, tem como destinatários os “bandidos”, as “prostitutas” e a “escória” da sociedade. O conteúdo da defesa categórica do pastor revela uma referência importante para entender como as igrejas pentecostais não só atribuem a si a missão de chegar até a população marginalizada, mas também contam com o envolvimento dessa para a disseminação da prédica pentecostal, como mostra a afirmativa “os crentes, mesmo sem saber ler, pastores que não tinham teologia”.

É inegável a capacidade de inserção das organizações pentecostais nas periferias brasileiras e sua proximidade com as populações marginalizadas pela sociedade, uma marca desse fenômeno social que, até hoje, se encontra em expansão no território brasileiro. Numa perspectiva analítica da teoria do reconhecimento, revisada nesse trabalho, o pentecostalismo possui uma habilidade de inserção e aproximação de grupos que se encontram numa condição de negação do tecido social, no transitório permanente entre a exclusão e a inclusão. De modo

³¹ Termo originalmente utilizado por José de Souza Martins na obra intitulada “A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais”, publicada no ano de 2002, em referência ao meio urbano como lugar de expressão da transitividade, que não proporciona nem ascensão social, nem a formação cidadã.

³² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dOXBowvGPVQ>

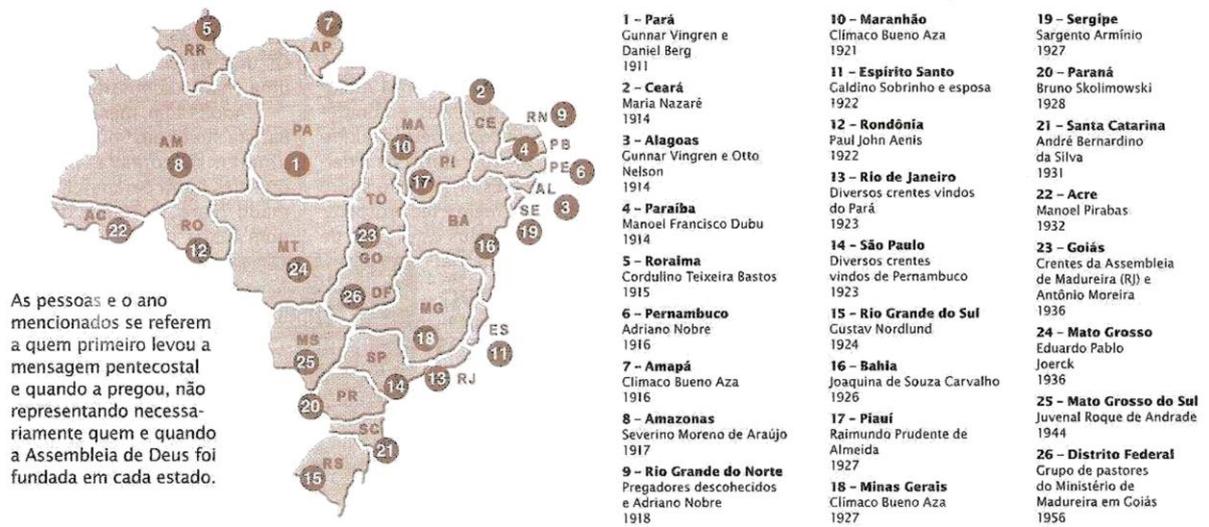
distinto às abordagens na América Latina, tais como o papel do pentecostalismo na transição da sociedade tradicional à moderna, a relação com o conservadorismo político e a industrialização do religioso, o olhar analítico se volta para a presença pentecostal num lugar social de (não)reconhecimento.

Assim como em outros países da América Latina, o pentecostalismo chega no Brasil, pelos bairros periféricos das grandes cidades e rapidamente peregrina por todo o território brasileiro. Apesar das diferentes ramificações e mudanças internas ao movimento pentecostal ocorridas ao longo do tempo, o público atingido é o mesmo: a população marginalizada pelo processo de modernização da sociedade brasileira. Segundo Spyer (2020) as primeiras igrejas, Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD), tornaram-se um movimento marcadamente popular, de linguagem simples, formado por pessoas humildes e abandonadas pela sociedade (SPYER, 2020).

A migração forçada para as grandes cidades, em busca de sobrevivência, nos anos de 1900 a 1920, resultaram em aumento expressivo de habitantes nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, após a denominada "abolição" da escravatura. A maioria dessa população passou a viver em prédios velhos e cortiços, expulsos para os morros, onde a pobreza tinha cor, era identificada, isolada e discriminada. Não tardou para que a AD se inserisse nesse meio, em pouco tempo a igreja já havia implantado trinta e um pontos de pregação nas casas ou barracos (CORREA, 2020). As casas, os barracos, as garagens, os galpões, se tornaram os lugares privilegiados da pregação pentecostal pelos missionários, um enraizamento local importante para a adesão dos fiéis, desde sua realidade cotidiana.

Conforme mencionado acima, na fala do pastor, nos primórdios do pentecostalismo a pregação não exigia formação teológica formal, a maioria dos crentes era analfabeta, mas o espaço da casa se tornava o lugar privilegiado de escuta, expressão e pregação. A atuação das ADs teve início no ano de 1911, em Belém, no Pará. De acordo com Duarte (2019), a narrativa apresentada pela AD do Meier argumenta que seria mais racional escolher o sul do país para o começo da evangelização, porém, a inspiração divina apontava para o ponto "mais crítico" do território nacional. Desde então, partindo de Belém, os cultos se espalharam nas casas, nas vilas, nos bairros e, em quatro décadas, a AD já estava presente em quase todo território nacional, conforme ilustra a Figura 19.

Figura 1 - Início das Assembleias de Deus por Estados



Fonte: Casa publicadora das Assembleias de Deus (2011)

A rápida expansão da presença da AD, ilustrada na Figura 19, evidencia a força de adesão e aceitação que a denominação encontrou em diversos pontos do território brasileiro. Trechos retirados da história de origem de algumas ADs são apresentados a seguir para sinalizar como o movimento pentecostal se inseriu entre as camadas mais pobres da população, para quem destinava sua mensagem e esforços.

(...) o estado (Goiás) começava a receber migrantes e trabalhadores que iriam construir a capital, Goiânia. Por volta de 1931, dentre os que aqui chegaram estava o pedreiro carioca Antônio Moreira, diácono da Assembléia de Deus de Madureira – RJ, um homem simples (...) solicitou aos seus superiores autorização para dirigir cultos, à noite, ali mesmo, no canteiro de obras. Em pouco tempo seu humilde barracão já não comportava mais o grande número de peões que vinham assistir as reuniões³³.

(...) em 1954 assumiu a direção da AD Floripa (SC), o pastor Antonieto Grangeiro Sobrinho, que intensificou os cultos no interior da Ilha, e iniciou a evangelização na Penitenciária do Estado (...) Em 1961, foi aprovada a compra de uma motocicleta para uso do pastor, que até então fazia o trabalho de ônibus ou bicicleta (...), as irmãs cuidavam da assistência social da igreja, através do “Grupo Dorcas”, encarregado da distribuição de alimentos, roupas e enxovais para bebês de famílias carentes³⁴.

Ao chegar no lugar (Ilha Grande - Provetá/RJ), Deoclécio e Helena (missionários) encontraram uma comunidade de pescadores, uma comunidade onde muitos não queriam pisar devido às doenças do local. Havia muitas doenças incuráveis, o mar era agitado, onde chegava a ficar de 8 a 9 dias de porto fechado³⁵.

³³ Fonte: [Assembléia de Deus Madureira » Nossa História \(adanapolis.com.br\)](http://Assembléia de Deus Madureira » Nossa História (adanapolis.com.br))

³⁴ Fonte: [Nossa História - Assembleia de Deus de Florianópolis - SC \(adfloripa.com.br\)](http://Nossa História - Assembleia de Deus de Florianópolis - SC (adfloripa.com.br))

³⁵ Fonte: <https://www.adproveta.com/nossa-hist%C3%B3ria>

O primeiro fragmento evidencia como a igreja se fazia presente junto a população de migrantes e trabalhadores, sendo o próprio pregador de profissão “pedreiro”, fazendo do espaço de trabalho “o canteiro de obras” o lugar da pregação. No segundo fragmento, a igreja coloca no centro de sua missão a população carcerária, acompanhada ainda de ações de assistência social para “famílias carentes”. O terceiro fragmento também coloca em evidência a relação de proximidade com a comunidade local, lugar onde “muitos não queriam pisar” formada por pescadores.

Os fragmentos sinalizam como o pentecostalismo evangélico brasileiro foi paulatinamente chegando até aqueles que se encontravam num lugar social de não-reconhecimento, abandono e ausências. A migração forçada em busca de sobrevivência no meio urbano, o estigma social dos encarcerados e o isolamento profilático dos pescadores da ilha, são situações em que a vida dos sujeitos está posta entre parênteses, pessoas para as quais as promessas da igualdade social e do mérito individual não se cumpriram. É a esse público que a mensagem pentecostal de batalha e superação é dirigida.

Assim como as ADs, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) também adotou uma estratégia diferenciada de contato direto com o público, sem a mediação dos grandes templos: as tendas itinerantes, acessíveis a todos que quisessem ouvir uma mensagem de esperança e fé. A ação deu vida ao movimento pentecostal “Cruzada Nacional de Evangelização”, com uma linguagem popular de fácil compreensão tinha por conteúdo de pregação a experiência cotidiana do povo leigo, com ênfase na cura, a formação dos obreiros não exigia estudo teológico (BRASIL, 2020). O movimento inicial itinerante proporcionou a institucionalização posterior de templos em todo o Brasil³⁶.

Algumas imagens fotográficas, recuperadas em websites, registram as fundações de diferentes templos, bem como a ilustração de uma das tendas de evangelização, conforme Figuras 20, 21, 22 e 23.

³⁶ Atualmente, conforme consta no site oficial da igreja no Brasil, o país conta com mais de 17 mil templos e obras abertas e estruturadas. Fonte: <https://www.quadrangular.com.br/>

Figura 2 - Assembleia de Deus, Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em
[Fotos Antigas - Assembleia de Deus](#)

Figura 3 - Assembleia de Deus, Mato Grosso do



Fonte: Disponível em
[História da Assembleia de Deus - IEAD Méier](#)

Figura 5 - Cruzada de Evangelização, São Paulo



Fonte: Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=fjMUbfVf21k>

Figura 4 - Assembleia de Deus, Santa Catarina



Fonte: Disponível em
<https://adfloripa.com.br/nossa-historia/>

Conforme exposto nas figuras, é possível visualizar que, na origem, a simplicidade e a modéstia eram uma marca dos locais das primeiras igrejas pentecostais brasileiras, inseridas em bairros periféricos frequentados por pessoas simples e humildes, com expressiva participação de pretos e pardos, crianças e mulheres. Conforme Correa (2020), a periferia e os morros do Rio de Janeiro e de São Paulo, não foram os únicos lugares em que se destacou a inserção do pentecostalismo junto à população marginalizada. No estado de Santa Catarina, na cidade de Itajaí, a primeira igreja pentecostal foi composta por afrodescendentes da região, fundada no espaço de um antigo quilombo de escravos fugidos (CORREA, 2020).

É possível identificar que a origem do pentecostalismo brasileiro se assemelha ao modo com que o fenômeno se disseminou na América Latina, num movimento nomeado como “a religião dos pobres”, composto de pequenos grupos de “sobrevivência” às intempéries da vida.

Segundo Correa (2020), a presença do pentecostalismo nas periferias de uma sociedade em processo de urbanização possibilitou “a muitos brasileiros de origem africana, a participação comunitária e importância social, coisas que o Estado e as religiões tradicionais negavam” (CORREA, 2020, p.624). De fato, as primeiras análises do pentecostalismo o identificaram como um fenômeno de ajustamento e integração social, uma "resposta" a problemas macroestruturais gerados na transição do rural-urbano, tradicional-moderno, perspectiva adotada especialmente pelos sociólogos Christian Lavile d'Epina y e Emilio Willems (MARIANO, 2011).

Nesse prisma, o pentecostalismo oportunizava uma nova identidade social garantindo o referencial tradicional de relações familísticas, propiciadas pela comunidade de fé, uma forma de "contraste com o caráter anômico dos centros urbanos" (MARIANO, 1999, p.100). A expectativa era de que uma vez terminada a transição da sociedade tradicional para a moderna, a situação de anomia seria superada, assim como o sucesso pentecostal, o que não se efetivou. De fato, a análise que limita o crescimento do fenômeno pentecostal a esta noção de anomia não se sustenta, tampouco o pressuposto da transição do tradicional para o moderno. O pentecostalismo não só não desapareceu, como se fortaleceu ao longo do tempo, na inconclusão entre o tradicional e o moderno e, ainda hoje, se constitui como um espaço de pertencimento e fortalecimento dos que o procuram.

A relevância das organizações evangélicas pentecostais, como espaço de integração, evidencia como a institucionalidade do (não)reconhecimento mantém um estado de anomia, no qual persistem inseguranças, incertezas e desamparo, produzidas pela sociedade moderna(?) por meio das promessas não cumpridas de igualdade jurídica e êxito. A presença e atuação do evangelismo pentecostal e neopentecostal crescem paulatinamente, seja nas pequenas igrejas, seja nos grandes templos e seus matizes, a prédica pentecostal continua atraindo adeptos e congregando fiéis. As ADs, por exemplo, tiveram sua expansão inicial devido ao recrutamento de pastores e adesão das camadas de baixa renda, movimento que, passados quase cem anos, continua em expansão, um crescimento de 46% de 2000 a 2010. A diversidade de ramificações e formas de organização das igrejas pentecostais, possibilitam uma multiplicidade de perspectivas analíticas sobre sua atuação e a estrutura organizacional que adotam.

Nesse universo, estão as igrejas evangélicas pentecostais organizadas por ministérios independentes³⁷ que se disseminam por meio do esgarçamento institucional, divisão sem

³⁷ Dentre os ministérios mais antigos, estão o Ministério de Belém liderado pelo pastor José Wellington Bezerra também presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e os ministérios desvinculados da convenção, Assembleia de Deus Madureira (Bispo Abner de Cássio Ferreira), Assembleia de

fragmentação, filiais (FAJARDO, 2015) ou cissiparidade institucional, projetos próprios (TELES, 2021); as que aplicam uma administração empresarial centralizadora, se apropriam dos meios de comunicação em massa e investem na luxuosidade de grandes templos, como a IURD, (MARIANO, 2004; CAMPOS, 2006) até aquelas que não se institucionalizaram e/ou não se vinculam à sede, possivelmente referenciadas³⁸ como evangélicas não-determinadas.

Um olhar fotográfico sobre a coexistência de templos imponentes como o Templo de Salomão (IURD) e templos improvisados nas periferias do Brasil, explicita, arquitetonicamente, a amplitude e heterogeneidade do fenômeno pentecostal e seus matizes. Desde o modelo empresarial de luxo no centro das grandes cidades até o casebre localizado “em algum canto do Brasil”, o pentecostalismo brasileiro marca presença, conforme ilustrado nas figuras 24 e 25.

Figura 7 - Templo de Salomão, São Paulo.



Fonte: Disponível em <https://www.universal.org/noticias/post/templo-de-salomao-da-ideia-a-construcao/>

Figura 6 - Templo “Em algum canto do Brasil”



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/templosassembleianosoficial/photos>

A polêmica construção da réplica do Templo de Salomão custou à IURD um montante de 680 milhões de reais. Atualmente, como ponto turístico com ampla comercialização de produtos religiosos³⁹, o templo passou a ser mais do que um monumento religioso. Conforme já mencionado na subseção anterior, a IURD foi a primeira igreja neopentecostal do Brasil, fundada por pastores brasileiros dissidentes da AD. De forma distinta das demais igrejas

Deus Bom Retiro (Pastor Samuel Ferreira) e Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Pastor Silas Malafaia). Fonte: <https://www.gospelprime.com.br/conheca-as-diversas-ramificacoes-da-assembleia-de-deus-a-maior-denominacao-pentecostal-do-mundo/>

³⁸A pesquisa censitária do ano de 2010 registrou um salto quantitativo de pessoas identificadas nessas denominações, o público passou de 1.627.869 em 2000 para 9.218.129 em 2010 (IBGE, 2000; 2010). O termo é de difícil definição, conforme já assinalado por Santos (2018). Contudo, aponta a complexidade de classificação das igrejas pentecostais que têm, muitas vezes, como ponto de partida uma “garagem”, conforme aponta a reportagem do Jornal da Unesp sobre as “Quebradas Evangélicas”. Fonte: <https://jornal.unesp.br/2021/06/28/quebradas-evangelicas/>

³⁹ Fonte: <https://religiao.culturamix.com/curiosidades/qual-foi-o-valor-gasto-no-templo-de-salomao/>

pentecostais, a IURD abandonou o contato missionário direto com o público para investir na posse dos meios de comunicação em massa e propagar uma mensagem menos ascética e mais individualista. Embora não seja a maior denominação do Brasil, conquistou visibilidade por meio da organização de grandes concentrações de fé, da atuação nos cinemas, teatros e comércio religioso (CAMPOS, 2020).

Contudo, a distância física tomada pelos templos da IURD do interior das periferias e o imperialismo empresarial iurdiano se dão ao mesmo tempo em que a igreja mantém uma prédica pentecostal ampla, também situada no cotidiano das massas marginalizadas da sociedade. A linguagem do sofrimento estampada no lema “Pare de Sofrer!” na entrada de todos os templos da IURD mostra-se como uma das estratégias mais bem sucedidas de conexão com o cotidiano da população. A mensagem propagada durante programação ao vivo da emissora de rádio iurdiana, Rede Aleluia, no fim da tarde de uma sexta-feira, destinada pelo pastor aos trabalhadores exemplifica a prática.

(...) quantas pessoas que estão finalizando essa semana, frustradas! Porque a dívida cresceu, os problemas se avolumaram, infelizmente! E ela está aí desassossegada, de cabeça quente, pra baixo...quem fica alegre na miséria? até o básico faltando na mesa! Meu Deus, isso tem que mudar! olha para esse trabalhador que está apertado, financeiramente falando, essa dona de casa, esse aposentado, esse empresário, que está desesperado (...) destrava essa situação! Ajuda esse trabalhador (...) tira essa angústia, tira essa depressão, tira esses maus pensamentos! Pai! E dá paz para esse trabalhador! (...) respira fundo, enxugue as suas lágrimas e receba ânimo!⁴⁰

O programa destinado aos trabalhadores, ao final de tarde da sexta-feira, remete ao fim de mais uma semana de trabalho, o locutor se coloca como intermediário divino de todas as pessoas que estão “frustradas”, endividadas, em que talvez esteja “faltando o básico na mesa”. O pedido é por mudança na vida dos interlocutores (trabalhadores, inclusive empresário) pelo fim da “angústia” e “depressão” que a situação descrita acima pode gerar, a mensagem termina com uma fala direta ao interlocutor “receba ânimo!”. A teologia da prosperidade, fortemente adotada pelo neopentecostalismo em detrimento de outras igrejas pentecostais, ao enfatizar a dimensão financeira da vida também inclui temas como desemprego, vícios, depressão, enfermidades, vida familiar, afeto.

Um estudo realizado por Almeida (2004), numa das maiores favelas de São Paulo, revelou que os moradores em maior situação de maior vulnerabilidade são atraídos pela rede de relações que encontram nas igrejas evangélicas. A IURD é uma dessas igrejas presente nas

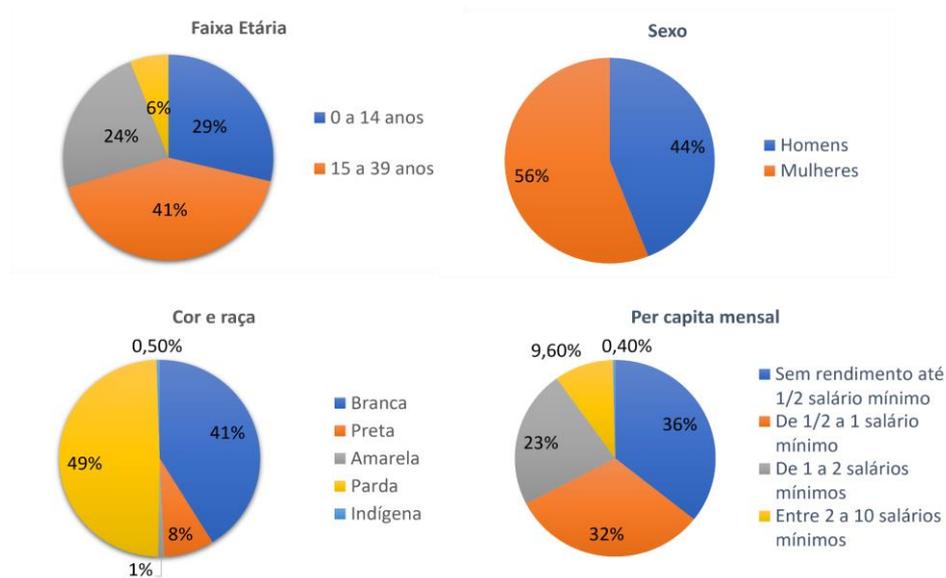
⁴⁰ Trecho transcrito durante a coleta de dados da programação da rádio “Rede Aleluia” de propriedade da IURD. Disponível em: <https://www.radio-ao-vivo.com/rede-aleluia>.

proximidades dos bairros periféricos, contudo os templos iurdianos são maiores e ficam em pontos mais distantes das zonas de vulnerabilidade, apesar de terem ampla participação dos adeptos que condizem com tal situação. Já os templos da AD são localizados no interior dos bairros, estruturados por redes familiares e de vizinhança. “Essas redes atuam em contextos de carência, operando, por vezes, como circuitos de trocas, que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros” (ALMEIDA, 2004, p.21)

Para além da análise da estrutura organizacional, plural e diversa, nas quais as investigações podem transitar, desde uma perspectiva sociológica, antropológica até a empresarial/empreendedora, é possível identificar na pluralidade do pentecostalismo brasileiro um ponto em comum, ainda expressivo: a adesão das camadas populares. A adesão ao pentecostalismo não findou com o passar dos anos, nem com a suposta passagem do rural para o urbano, defendida pela sociologia funcionalista, pelo contrário, se manteve constante. As regiões com maior expansão do pentecostalismo, entre os anos de 2000 e 2010, foram a região norte, com crescimento de 82%, e o nordeste brasileiro, com crescimento de 46% (IBGE, 2010).

A última pesquisa censitária, realizada em 2010, mostra que os evangélicos pentecostais ainda estão entre as camadas mais vulneráveis da sociedade, conforme consta no Gráfico 2.

Gráfico 2 - População evangélica de origem pentecostal



Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE (2010)

Conforme os dados apresentados no Gráfico 2, a faixa etária predominante entre o público evangélico é de 15 a 39 anos, majoritariamente formado por mulheres, pelas etnias preta e parda e com rendimento mensal per capita de até meio salário-mínimo. Além do baixo

rendimento, do total de membros pertencentes à categoria evangélicos de origem pentecostal, aproximadamente, 43% trabalham por conta própria e/ou sem carteira assinada. O cenário é o mesmo nas pequenas igrejas pentecostais que surgem pelo país afora e não estão vinculadas a nenhuma das denominações mais antigas e tradicionais, como a CCB, a AD, a IEQ e a IURD.

Os templos-garagem identificados por Teles (2021) como “Projetos Miríficos”, foram fundados por núcleos familiares e são geralmente formados pelas camadas mais pobres da população. Os projetos seguem uma estrutura de rede familiar, “o pulular de pequenas igrejas na paisagem urbana resulta de engajamentos coletivos e não de ações solitárias ou isoladas para enfrentar a vulnerabilidade econômica e social” (TELES, 2021, p.33). Esses espaços propiciam a busca pelo reconhecimento não só divino, mas social na comunidade e um meio simbólico de ascensão social (TELES, 2021). É interessante notar que, no trabalho do autor, fica explícito que a ascensão social está mais associada ao respeito do que a ascensão econômica, visto que os pastores, na maioria analfabetos, dividem a atividade pastoral com o trabalho remunerado, geralmente de pintor, mecânico, pedreiro e outras atividades primárias.

Para o antropólogo brasileiro Juliano Spyer, autor do livro “Povo de Deus: quem são os evangélicos e porque eles importam” publicado em 2020, os evangélicos⁴¹ são o fenômeno social de massa mais importante das últimas décadas em território brasileiro. Na maioria das vezes os evangélicos são generalizados sob estereótipos negativos de fanáticos, intolerantes ou manipuladores, rótulos reforçados pela mídia e formadores de opinião que desconsideram a pluralidade contida no pentecostalismo. O autor reforça como a adesão a essas igrejas melhora as condições de vida das camadas mais pobres da sociedade, envolvendo vários aspectos como o combate ao alcoolismo, à violência doméstica, bem como o fortalecimento do ambiente familiar, da autoestima e da disciplina no trabalho (SPYER, 2020).

A habilidade pentecostal não está somente em traduzir religiosamente as experiências cotidianas, mas também em prover aos moradores da periferia o que não chega pelo Estado: redes de apoio mútuo entre vizinhos, ajuda material, emocional, atividades para crianças, jovens e adolescentes, oportunidades de trabalho, doações (SPYER, 2020). As ações de cunho social desenvolvidas pelos evangélicos pentecostais tem como alvo aqueles que se encontram em um lugar de ausências, abandono e incertezas: a população carente periférica, a população

⁴¹ O uso desse nome se associa a uma diferenciação religiosa com forte marcador de classe instituída pelas religiões cristãs tradicionais, católica e protestante. Na distinção entre "cristão" e "evangélico" o primeiro é atribuído ao protestantismo, geralmente formado pela classe média, já o segundo abrange o pentecostalismo formado majoritariamente pelas camadas populares. Cabe destacar ainda que para os fiéis das igrejas evangélicas não há distinção entre pentecostal e neopentecostal, essa é uma atribuição acadêmica (SPYER, 2020).

carcerária, pessoas em situação de rua, dependentes químicos, os que necessitam de acompanhamento psicológico, os que não tem acesso aos serviços de saúde.

Para citar alguns exemplos, a IURD⁴² realiza ações sociais por meio da “Unisocial”, como doação de alimentos, roupas, materiais de higiene e, também, durante a pandemia da COVID-19, disponibilização de máscaras e álcool em gel, para pessoas carentes em diversos bairros. Além dessas doações, a Unisocial promove a “Feira Solidária” uma ação de distribuição de cestas, a logística da entrega de alimentos, frutas e verduras, é realizada por voluntários que participam desde a colheita, nas propriedades dos agricultores doadores, até o transporte para um local onde é feita a triagem e, posteriormente, montadas as cestas para a entrega⁴³. O grupo Universal nos Presídios (UNP), com mais de 8 mil voluntários, atua junto a população carcerária e seus familiares prestando auxílio espiritual e apoio material.

As ações da UNP também envolvem a doação de materiais de higiene pessoal, apoio aos dependentes químicos e distribuição de alimentos para as famílias dos detentos, ações definidas como “Apoio às famílias ‘esquecidas’ pela sociedade”. O grupo Anjos da Noite, atende pessoas em situação de rua, aqueles que sofrem com “O frio, a solidão, a fome, a falta de amparo, o choro solitário...”. O grupo Calebe oferece atividades e apoio psicológico para pessoas em processo de envelhecimento, já o grupo “Depressão Tem Cura” oferece um serviço de escuta e atendimento gratuito de apoio emocional e espiritual⁴⁴.

A Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ministério localizado no Rio de Janeiro, também desenvolve ações de cunho social por meio do “Departamento Socioambiental”, as doações de alimentos, roupas, calçados, fraldas, leite, materiais de higiene em diversas situações⁴⁵ e bairros carentes do Rio de Janeiro são acompanhadas de alguns “serviços”. O anúncio de uma dessas ações lista o que será oferecido ao público: solicitação de segunda via de RG, certidão de nascimento e de casamento, isenção de certidão de casamento, orientação jurídica ao consumidor, esclarecimento de dúvidas sobre Bolsa Família, LOAS e CAD único, cadastramento de currículo, corte de cabelo e exame oftalmológico. Outros temas públicos

⁴² Fonte: <https://www.igrejauniversal.pt/obra-social/>

⁴³ Fonte: <https://www.facebook.com/unisocialoficial/>

⁴⁴ Fonte: <https://www.igrejauniversal.pt/obra-social/>

⁴⁵ Na página oficial do facebook do departamento consta um post datado de 29.06.2022 com a descrição “Hoje estivemos na comunidade Kelson's na Penha (...) ajudamos com cestas e cobertores as famílias que perderam suas casas no incêndio ocorrido noite passada nesta localidade”. De fato o evento se referia a um incêndio na comunidade Kelson's, na Zona Norte do Rio de Janeiro, num galpão de ferro velho atingindo 16 casas, em reportagem do [G1](#) uma das afetadas afirma “Estamos sem nada. Perdemos a moradia, perdemos tudo. Só temos a nossa vida”. Durante a coleta de dados nas mídias sociais da igreja foi comum encontrar ações pontuais como essa.

como o setembro amarelo (mês de prevenção o suicídio), o outubro rosa (mês de prevenção ao câncer de mama), educação inclusiva e autismo, também são pautados⁴⁶.

A igreja também possui a “Associação Vitória em Cristo” que desenvolve projetos sociais como: a Casa de Maquir, recuperação para dependentes químicos, a Casa Renascer, atende mulheres jovens e adultas com transtornos decorrentes do uso de drogas lícitas ou ilícitas, a ASBEPE, oficina gratuita de reforço escolar, música, esportes, informática, artes e apoio emocional, o lar Amor Maior, abrigo de idosos e moradores de rua, o Restaurando Vidas, proteção e melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes⁴⁷. A Assembleia de Deus de Florianópolis, em Florianópolis/RS, também possui uma casa de apoio social “O Bom Samaritano” que acolhe gratuitamente ex-drogados, mendigos, andarilhos, além tratamento, também é oferecida escolarização e oficinas de panificação, olaria, entalhamento em madeira, tricô, crochê e costura, dentre outras⁴⁸.

A igreja do Evangelho Quadrangular também dispõe de projetos sociais por meio da secretaria geral de missões (SGM), dentre vários projetos direcionados somente à doutrina estão o “Projeto Lucas” realiza ações sociais, em alguns estados, através do ônibus missionário. O veículo contém um consultório médico e odontológico onde são prestados serviços, gratuitamente, nos bairros onde transita, além de distribuição de medicamentos. O “Projeto Ribeirinhos” é destinado à população ribeirinha visando a promoção da qualidade de vida, especialmente na busca de alternativas frente a prostituição, recorrente na localidade. A igreja do EQ também é parceira do Projeto S.O.S Missões no atendimento as vítimas de catástrofes naturais⁴⁹.

O histórico de constituição do pentecostalismo brasileiro, enquanto fenômeno social, o situa, desde a origem, como movimento que se insere nas periferias das cidades, nos bairros e lugarejos onde estão as camadas mais pobres da população, público que é atraído pela pregação pentecostal, seja nos grandes templos, pequenos templos ou igrejas-garagem, nos diferentes matizes que o pentecostalismo brasileiro possui. A população evangélica continua formada pelos grupos mencionados no início dessa subseção: migrantes trabalhadores, autônomos, pessoas sem carteira assinada, pessoas em situação de privação, reclusos, dependentes químicos em tratamento, pessoas precariamente incluídas na sociedade.

⁴⁶ Fonte: <https://www.facebook.com/socioambientaladvec/>

⁴⁷ Fonte: <https://www.vitoriaemcristo.org/projetos-sociais/>

⁴⁸ Fonte: <https://adfloripa.com.br/o-bom-samaritano/>

⁴⁹ Fonte: <https://www.sgmbrasil.com.br/projetos-sgm>

As histórias de vida narradas pelas entrevistadas E1, E2 e E3, também falam sobre esse lugar social de (não)reconhecimento entre a exclusão e a inclusão degradante que coloca a vida entre parênteses. O histórico de migrações forçadas em busca de melhores condições de vida revela como as promessas não cumpridas de igualdade jurídica e êxito individual violam, privam e degradam os sujeitos que possuem uma vida marcada por incertezas e inseguranças. A E1, desde pequena, precisou lidar com as constantes mudanças de cidade em cidade na busca de melhores condições de vida. Numa dessas mudanças, o pai solo agricultor foi o para o interior buscar uma vida mais tranquila, mas não teve condições de sustentar a única filha, retornando para cidade onde tinha esperança de que ela, teoricamente, “teria mais oportunidades” (E1).

A E2 também passou por situação semelhante ao migrar para uma região metropolitana na qual buscou, sem sucesso, a segurança de um trabalho com carteira assinada e melhores condições para sustentar educar a filha pequena, tendo que se submeter a formas precárias de trabalho para pagar aluguel, luz, água e ter o sustento. O relato da infância e adolescência de E2 também é permeado por experiências de abandono, violência, alcoolismo e inseguranças, conforme afirma: “perdi meu pai e pela minha madrasta ter muitos filhos neh, ela colocou um pouco de filhos que...em cada casa” (E2). A saída encontrada para a sobrevivência foi a de “morar em casa de família” às quais, mais de uma vez, se refere como “boas pessoas”, a entrevistada ainda explica as condições contratuais “naquela época, a gente não ganhava dinheiro naquela época, aquela época em que a gente morava em casa de outras famílias, a única coisa que diziam assim óh “ah...tu dá roupa, calçado, estudo, tá pago” (E2).

A E3 narra uma experiência de migração forçada similar à de E2, mas aquela que se realiza dentro do núcleo familiar, uma migração pela sobrevivência diante de situações de violação, degradação e ruptura do vínculo materno. A entrevistada narra com emoção que, devido ao alcoolismo do pai, precisou ser criada pela avó e pelas tias que eram empregadas domésticas e sobreviviam com dificuldades, “as minhas tia e a minha vó que notavam que aquilo ali não era vida pra me criá, daí eu fui, criada pela vó (...) eu não acostumei a chamar a minha mãe de mãe...foi sempre Fulana (pausa, emoção, lágrimas)”. O racismo também fez parte da história da família exemplificado na situação da tia que pretendia cursar o ensino superior. “Ela trabalhava de doméstica, mas ela estudava na universidade federal pra pedagogia só que hoje ela não terminou o estudo. Naquela época tinha o racismo, ela acha que não tinha oportunidade, aquilo ali ela foi se desgostando e não fez” (E3).

Os relatos das entrevistadas mostram como as experiências de violação, privação de direitos e degradação social estão presentes no transitório permanente e manifestam como a

negação do respeito a integridade e valoração social do ser humano, instituído na ordem de reconhecimento social vigente na sociedade continua interditando vidas. É a esse público que as organizações evangélicas pentecostais dirigem a sua mensagem no Brasil e, desde 1906, sejam grandes templos ou templos-garagem, preenchem um espaço de ausências, incertezas e indefinição social, deixado pelas promessas de igualdade jurídica e mérito individual aos que se encontram no trânsito entre a exclusão e a inclusão.

Nesse sentido, a perspectiva de análise sobre as organizações pentecostais, metaforicamente, desce do altar para se colocar ao lado do ouvinte e entender como a prédica pentecostal articula as experiências de negação do tecido social. No fenômeno social do pentecostalismo, isso requer voltar o olhar e os ouvidos ao altar junto daqueles que o procuram, ouvir do pastor, aproximar-se das narrativas dos fiéis e analisar como a organização possibilita uma forma de enfrentamento ao (não)reconhecimento, conteúdo da próxima subseção.

4.3 NÓS ACREDITAMOS EM VOCÊ

As organizações evangélicas pentecostais possuem diversas frentes de atuação, desde a realização de grandes eventos, manutenção de projetos sociais até a participação na esfera política. Porém, dentre todas as ações, há um ponto comum em todas as organizações evangélicas pentecostais independente de estrutura organizacional, presente das igrejas-garagem até os grandes templos: a *pregação*. Os cultos presenciais ainda são os lugares por excelência de disseminação do pentecostalismo, mas não só, a prédica pentecostal está presente nos sistemas de rádio e televisão, na mídia impressa e nas principais redes sociais (*WhatsApp, Youtube, Instagram, Facebook*)⁵⁰. Um estudo comparativo entre católicos, evangélicos e outras religiões, mostra o público evangélico a frente de católicos e da média geral da população no uso das mídias sociais. A adesão cresceu de 48,1% em 2013 para 78% em 2018, com destaque para o *Facebook e WhatsApp* (COSTA, 2021).

A pregação que chegou ao Brasil disseminada pelos missionários de porta em porta, nos lugarejos e bairros periféricos das cidades, nas massivas reuniões em tendas de evangelização,

⁵⁰ A produção de redes sociais específicas para evangélicos está entre as iniciativas das lideranças evangélicas brasileiras. No ano de 2015, o empresário e político Acir Filló dos Santos, membro da CCB, lançou o “FaceGlória”, uma rede social alternativa ao Facebook, empreendimento processado pelo CEO do Facebook, Mark Zuckerberg. Fonte: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/07/facebook-acusa-facegloria-de-copia-e-pede-mudanca-de-nome.html>. Atualmente, as redes sociais têm sido o “púlpito” amplamente utilizado para a difusão da “Teologia *coaching*”, um passo a passo para alcance do sucesso e da prosperidade pregado por lideranças evangélicas como Tiago Brunet que mantém 3,4 milhões de seguidores no Instagram (COSTA E SILVA, 2021).

ganhou novos veículos de comunicação ao longo dos anos, mas não deixou de alcançar as camadas populares que até os dias atuais formam a população evangélica, conforme mostram os dados do perfil do público evangélico descritos no Gráfico 2. Nas organizações pentecostais, além da rede de apoio e traços de uma sociabilidade familística, expressos na relação entre “irmãos”, a pregação se sobressai como um dos principais meios de aproximação da população, com uma mensagem de valorização da pessoa e de motivação para a luta nas adversidades do dia-a-dia. Com as medidas de isolamento e restrições durante a pandemia da COVID-19, período em que se deu esta pesquisa, a transmissão de cultos online foi o principal recurso de divulgação da mensagem e manutenção da adesão dos fiéis.

As palavras de encorajamento, luta e superação, permeiam os espaços e as pregações. Numa pequena igreja, localizada num bairro do Rio de Janeiro, um local modesto, o púlpito fica em frente à um banner no qual se lê “Fortalecerei o exausto e saciarei o enfraquecido”, enquanto o pastor encoraja a todos “não pare de lutar, não desista!”⁵¹. No círculo de oração de mulheres numa catedral da AD a pregadora inicia o culto afirmando às ouvintes, Deus “não olhou a sua aparência (...) não quis saber de onde você vinha, simplesmente ele te escolheu”⁵². Em diversos lugares e diferentes cultos a mesma mensagem de reconhecimento e motivação para a luta nas dificuldades se repete, “você não é um desprezado, uma desprezada, você não é um excluído”⁵³, Deus “não vai te jogar fora, você não é descartável (...) nós temos valor!”⁵⁴.

As organizações pentecostais possuem uma expertise comunicacional na produção de uma linguagem simples, referenciada no cotidiano dos fiéis, em detrimento de um conjunto de regras e preceitos doutrinários, típicos de religiões cristãs tradicionais, apesar da costumeira articulação entre os ensinamentos bíblicos e a “vida terrena”. O modo como os pastores se dirigem aos que participam presencialmente ou que acompanham os cultos em casa, pelos canais da TV aberta, ondas de rádio, redes sociais, raramente está desvinculado da condição social em que vivem. Nas pregações, os pastores fazem questão de adjetivar os destinatários da mensagem, de modo a situar o sujeito no cotidiano, externalizando as dificuldades e problemas que podem estar enfrentando, conforme ilustrado na Figura 26.

⁵¹ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=dTG7E_2PGrk&t=55s

⁵² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1L74PgIIVvg>

⁵³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2lkwSMMZS4Q>

⁵⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=h8kCJjwEASU>

Figura 8 - Destinatários da mensagem pentecostal



Fonte: dados da pesquisa

A figura 8 em formato de diagrama elaborada a partir da análise dos cultos transcritos nesta pesquisa, indicam as formas mais frequentes como os destinatários da pregação pentecostal são referidos a partir dos problemas cotidianos que enfrentam. A habilidade comunicacional na evocação dos pastores não está apenas na performance discursiva, geralmente efusiva e enfática, mas porque expõe a realidade de vida de quem está ouvindo. As enfermidades, o desemprego, as aflições, as angústias daqueles que estão “cansados” falam de situações de vida permeadas por incertezas e inseguranças, sujeitos para os quais as promessas de igualdade jurídica e êxito individual se esvaíram restando as consequências de uma condição de negação do tecido social.

O cenário faz parte do histórico de vida das entrevistadas de como a migração em busca de melhores condições de vida, a mudança da “casa de palha” até a cidade (E3), a busca de “oportunidades” (E1), “pra tentar mudar de vida (E2), não resultou de imediato na melhoria de vida desejada. A expectativa de mudança de vida com a migração forçada do interior para a região metropolitana se transformou, inicialmente, em sucessivas experiências de privação e degradação social, conforme ilustra o relato da E2.

(..) minha filha não tinha leite pra tomar e eu peguei e fui capinar, um calorão de janeiro, peguei e fui, quando eu cheguei em casa de noite eu tive um aborto espontâneo, sem saber que estava grávida (...) eu sofri, eu sofri muito porque os médicos me maltrataram, me chamaram de tudo que foi coisa porque eles acharam que eu (ênfase) tinha provocado o aborto. E ali foi então pra mim assim óh...o fim da picada, foi o fim da picada, daí eu achava que eu não tinha mais importância nenhuma (...) quando eu me dei por conta né, eu...tava assim óh, escorada num muro, o dia tava amanhecendo, eu tava escorada num muro, porque eu tinha dormido numa calçada (E2).

O fato narrado pela E2 exemplifica como o transitório permanente coloca a vida dos sujeitos entre parênteses em que a violação e a degradação social se manifestam não só na privação material, mas também na experiência do ser descartado, nulificado, de ter a vida dispensada pela sociedade, um ser “ninguém”. A negação do reconhecimento social é mais do que a recusa de respeito ao cidadão que, teoricamente, tem direitos, o não “ter importância” nessa narrativa coloca a descoberto uma experiência de (não)reconhecimento em que a mulher se sentiu um *ser humano totalmente sem valor*. A experiência de desrespeito social da vítima do transitório permanente não é situacional ou ocasional, é consequência de um processo de modernização que mantém e violenta os sujeitos num lugar social de promessas não cumpridas enquanto exerce uma força repressora de negação.

A institucionalidade do (não)reconhecimento se revela em forma de humilhação na instituição que deveria prover o amparo e o cuidado com a vida: “os médicos me maltrataram, me chamaram de tudo que foi coisa”. Nas organizações evangélicas pentecostais situações como essa são invocadas no conteúdo da pregação, seja pelos pastores, seja pelo *testemunho* dos fiéis que também possuem espaços de fala, situações da vida cotidiana no transitório permanente são expostas, conforme ilustram os fragmentos compilados no Quadro 1.

Quadro 1 - O transitório permanente externalizado na prédica pentecostal

Agrupamento	Fragmentos retirados da transcrição de cultos e testemunhos
Falha/ausência das instituições	causa na justiça [processo parado]; laudo médico [demorado]; processo jurídico pendente; exames de saúde [demora]; doenças crônicas; perda da visão, alto custo e espera por tratamento; aposentadoria; violência, insegurança.
Aflições e privações cotidianas	cativeiro espiritual, emocional, social, financeiro, sentimental; quem dormiu preocupado; quanto sofrimento passa uma família, lutas, adversidades; luta, angústia e pensamento suicida do desempregado; deserto.
Situações limites de abandono/sofrimento	saúde física, espiritual, traumas, frustrações, problemas psicológicos e familiares; momentos difíceis, dificuldade física, emocional, espiritual, familiar, situação desesperadora; desânimo, enfermidades; ansiedade, crise; no fundo do poço; porcaria de vida, esse lixo não-reciclável; muitas pessoas abandonadas, aflitas, enfermas, sozinhas.
Degradação social	drogadição, prostituição, vícios; filhos privados de liberdade; drogas, enfermidades; no presídio; desemprego, os planos da faculdade, o primeiro emprego; não vê o fruto do trabalho; fonte de renda, dívidas.

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme a compilação exposta no Quadro 1, as narrativas dos cultos evangélicos e testemunhos analisados manifesta e denuncia experiências de descaso, abandono, violência, sofrimento e marginalização. Na prédica pentecostal estão representados os que convivem

concretamente com a falha ou ausência das instituições quando necessidades básicas como saúde e segurança são necessárias ou mesmo no direito à seguridade social de quem trabalhou por anos e aguarda sem sucesso o resultado do processo de aposentadoria. As aflições e privações são situadas na dura batalha pela sobrevivência de cada dia em que muitos se encontram sós e presos, como bem ilustrado pela narrativa do cativo e do deserto. O desespero e o “fundo do poço” em que a vida se torna um “lixo não-reciclável” remetem a situações limites de abandono e sofrimento em que a vida do sujeito já não possui valor algum, o ser humano nulificado.

A vulnerabilidade dos sujeitos expostos à degradação social também encontra eco na pregação e no testemunho evangélico que exibem as consequências da marginalização econômica e humana dos que estão submetidos ao transitório permanente. Em determinados momentos a monopolização da palavra pelo pastor dá lugar ao testemunho das vítimas, são oportunidades de expressar no coletivo fragilidades, fatos e dificuldades de uma trajetória de vida quase interrompida, como mostram os excertos a seguir.

Boa noite irmãos e irmãs (sob fortes aplausos de todos os presentes) e...então...eu estou aqui...pra dizer a vocês que o meu testemunho é um pouco triste, eu sou órfã, perdi minha mãe e meu pai, um pouco da minha família, eu era traficante, lésbica, prostituta, não sou mais, eu sou livre⁵⁵.

(...) é uma oportunidade que Deus dá a nós, a cada um de nós, nós tá aqui, porque não sabemos o dia de amanhã (...) faz dez meses que estou na igreja buscando, minhas falha, mais tô querendo, consertando erro. Graças a Deus tô liberto das bebidas, faz dez mês, das droga, tô liberto da vida dos crime (...) Deus quando tem prano na vida de cada um que está aqui nessa noite, nós não morre tão fácil assim, porque vale a pena a gente buscar o Senhor⁵⁶.

Os fragmentos transcritos de uma série de “testemunhos” relatados pelos participantes e expõem a violação e a degradação social a que muitas pessoas estão expostas na sociedade, relacionadas ao vício, a prostituição, ao tráfico, a criminalidade e ao cárcere. No culto, após uma breve pregação de como Jesus andava com os “escanteados da sociedade”, as pessoas que se sentiam a vontade eram encorajadas a relatar seus problemas em frente a comunidade que vibrava após os relatos de superação e “libertação”. A prática permite a todos compartilhar de angústias e sofrimentos sem julgamento, assim, “o adepto pode se submeter a um ‘esculacho público’ daquilo que ele mesmo é, sabe que não é e não quer ser, sem que isso signifique sua depreciação pessoal direta” (ROCHA E TORRES, 2018, p.246).

⁵⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JWf-cvHAvE4>

⁵⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JWf-cvHAvE4>

O compartilhamento coletivo dessas experiências estreita a distância entre os sujeitos e evidencia uma base comum de vivências das vítimas do transitório permanente. A violação, a privação e a degradação social se tornam aí um elo comum que, parafraseando Emcke (2000), poderia ser definida como uma igualdade produzida na inclusão degradante. Os testemunhos permitem um processo de identificação e cumplicidade entre os que se encontram numa mesma situação de negação do tecido social, os “irmãos” não se abandonam porque sabem o que estão enfrentando “nóis não morre tão fácil assim” e com quem podem contar.

Esse tipo de simetria, gerada pela falta e pela força repressiva da negação do respeito a integridade e valoração social dos sujeitos que coloca a vida entre parênteses, também é identificada na descrição da E1, em relação as lideranças religiosas do “ministério independente” no qual participou. A entrevistada narra que na pequena igreja local o casal de pastores que ministrava os cultos recorria ao próprio “exemplo de vida” para a pregação. Os pastores davam testemunho de uma vida pregressa de traficantes e usuários de drogas, no bairro, antes da conversão, e como, apesar das dificuldades, graças ao credo religioso, mudaram de vida, conseguiram um emprego e constituíram uma família.

Durante a entrevista quando questionada se os ouvintes também tinham um espaço de fala, E1 respondeu que nos encontros havia oportunidade “pra quem quiser falar, testemunhar alguma coisa, fica(r) a vontade”. O fato chama a atenção por dois aspectos importantes. Por um lado, há determinados momentos em que o testemunho se torna um instrumento de legitimidade de quem prega, pois a vivência encontra eco na realidade de quem escuta. Por outro lado, além de compor um ritual de aceitação e passagem, o testemunho, em alguma medida, valida uma relação de igualdade entre aqueles que compartilham da falta, aspecto acentuado na igreja local em que os adeptos dividem o mesmo território.

A oportunidade de compartilhamento das experiências de vida no testemunho pelas organizações evangélicas pentecostais possibilita a construção de um certo “nós”, há uma noção de igualdade situada na vivência de árduos desafios e lutas cotidianas, a dificuldade, a falta, as ausências e as adversidades da vida é que tornam os diferentes iguais. “Então ela (pastora)...ela como uma pessoa assim...“normal” neh? entre aspas, como a gente neh? então ela fala assim com a gente como se fosse de...igual pra igual” (E1). O testemunho não é o único meio de compartilhamento e escuta das experiências cotidianas dos fiéis.

Nas igrejas locais, as relações de vizinhança e proximidade também estreitam os laços entre os fiéis e os possíveis adeptos, moradores do bairro, que recebem o convite à participação por meio da prática de visitação nas casas ou por amigos. A E1 descreve que após o período em que o pai descobriu que estava com câncer se aproximou de uma igreja “bem simples, bem

humilde” perto de sua casa e que “o Pastor era muito amigo do pai” visitando-o com frequência. Os “encontros” e “grupos” também são estratégias importantes de aproximação e adesão de novos participantes.

O “encontro de casais”, mencionado pela E1, e o “Grupo de princesas”, citado pela E3, são exemplos de pequenos grupos avaliados como espaços de acolhida e bem-estar. No encontro de casais, é dada aos presentes a possibilidade de externalizar as “dificuldades (...) crises” (E1) no casamento, já no grupo de mulheres cada qual pode expressar sobre “a família, a educação dos filhos” (E3). Os encontros e grupos possuem temas específicos sensíveis que remetem a realidade dos fiéis, além de uma forma de externalização das experiências, também ensinam como lidar com as “crises” e desafios domésticos. A E3 que participa do grupo de mulheres, por exemplo, em determinado momento do relato afirma “Eu aprendi bastante ali, tem coisas que eu suporto através disso, porque senão...que é o meu casamento neh...com bebida... Se eu já tive essa cruz, já venci tantas, porque não vou vencer essa?”.

Os testemunhos, os encontros, a formação de grupos e o modo como a pregação evoca os ouvintes nos cultos se tornam importantes mecanismos de compartilhamento das experiências das vítimas do transitório permanente. O conteúdo dos cultos, testemunhos e relatos analisados evidencia o esgotamento das promessas de igualdade jurídica e êxito individual que coloca os sujeitos numa condição de negação do tecido social. A institucionalidade do (não)reconhecimento permeia o cotidiano das vítimas nas mais diversas experiências de violação, privação e degradação social em que a vida do ser humano é um “lixo”⁵⁷, não “tem mais importância nenhuma” (E2).

A institucionalidade do (não)reconhecimento, a humilhação e o rebaixamento do valor social não têm como fonte as relações intersubjetivas de interação ou a frustração de um reconhecimento social garantido apenas “recusado”. Essa institucionalidade está por toda parte na concretude de vida dos sujeitos no transitório permanente, como externalizam os cultos e relatos: num processo de aposentadoria que não anda, na dificuldade de um tratamento de saúde, no trabalho precário, no desemprego, na exposição a violência, a drogadição, a prostituição, a criminalidade. A maneira como essas experiências são situadas pela organização evangélica pentecostal denuncia como a ordem social vigente, este “mundo”, falha em cumprir as promessas que anuncia.

A prédica pentecostal mostra como o desrespeito social presente na vida cotidiana dos sujeitos é a prova dessa falha, é sob essa realidade que as organizações pentecostais se

⁵⁷ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xKj8WmVpVHw>

apresentam como aquelas que podem mediar a solução dos problemas, a saída para a sobrevivência diante do desamparo e do desespero. Conforme indica a súplica da pastora, “A tua palavra diz pai, que tu tira uma pessoa do lixo, Senhor, e coloca junto com os reis (...)faça-os crer que há um novo dia e que um novo dia pode ser diferente”⁵⁸. Nesse sentido, as organizações evangélicas pentecostais, como meios socialmente disponíveis às vítimas do transitório permanente, ocupam um espaço deixado pela ausência, violência e descaso produzido pelas instituições.

O olhar analítico sobre as organizações como meio social disponível às vítimas permite compreender a especificidade das formas de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento numa sociedade que se constitui de forma distinta aquela pensada pela abordagem honnethiana. Por um lado, os meios sociais que possibilitem o envolvimento dos sujeitos afetados pelo não-reconhecimento em práticas democráticas – esfera do direito - e projetos comunitários cooperativos – esfera da solidariedade – (HONNETH, 2011b) não é uma opção disponibilizada pelas instituições liberais na sociedade vista do abismo. Por outro lado, não se trata apenas de uma limitação de “acesso” às arenas oficiais das esferas de reconhecimento socialmente sancionadas (HONNETH, 2012b), o (não)reconhecimento dos grupos socialmente oprimidos é constituinte dessas arenas.

É exatamente sobre esse lugar social de (não)reconhecimento que atua a organização evangélica pentecostal como meio social disponível às vítimas, ocupando um espaço de ausência e desamparo, produzido pelo processo de modernização, geralmente em contextos de pobreza e periferia. As organizações evangélicas conseguem alcançar e estabelecer uma conexão com a vida cotidiana das vítimas do transitório permanente. Os indícios disso se revelam no histórico de inserção nos lugarejos e bairros periféricos das grandes cidades, na crescente adesão entre as camadas populares desde os anos de 1914 e no conteúdo das pregações e relatos apresentados até o momento. O pentecostalismo atua sobre a negação do tecido social, mobilizando as experiências de negação do respeito a integridade e valoração social dos sujeitos.

A experiência da vítima é central nessas organizações e seu compartilhamento é oportunizado pela organização por meio dos cultos, dos encontros e dos grupos, espaços que são ao mesmo tempo mecanismos de externalização e elaboração das experiências de desrespeito social na vida cotidiana. Contudo, apesar do caráter coletivo desses espaços, a articulação de uma *linguagem comum* dos sentimentos de humilhação e injustiça diante das

⁵⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/quadrangularindaiatuba/videos/936706917128672>

experiências de (não)reconhecimento não resulta de uma reflexividade coletiva produzida *pelas vítimas*. A consequência disso é que o compartilhamento é coletivo, mas a elaboração não é produzida pelo coletivo.

A elaboração coletiva das experiências de violação, privação e degradação social não é construída pelas vítimas do (não)reconhecimento, mas *produzida pela prédica pentecostal*, a intersubjetividade é capturada e centralizada na pessoa do pastor. As organizações evangélicas pentecostais articulam as experiências de desrespeito social das vítimas num *quadro interpretativo* a partir do qual se oferecem como a única capaz de mediar o enfrentamento à negação do tecido social. No discurso pentecostal, o chamado dos fiéis é geralmente articulado com súplicas de ânimo e coragem em favor dos ouvintes, ao mesmo passo que a igreja é oferecida como meio de enfrentamento às situações limites, de esgotamento e exaustão. Como menciona um dos pastores, muitos estão abandonados, aflitos, desempregados e ninguém ajuda, mas a igreja “é exatamente o pronto-socorro”⁵⁹.

A *aceitação* e a *acolhida* dos sujeitos que estão no transitório permanente são valores importantes do sistema cultural das organizações evangélicas pentecostais e orientam a conduta dos membros diante do recrutamento de *novos* adeptos. Os que chegam são aceitos e acolhidos independente do fundo do poço em que estão⁶⁰, de aparência⁶¹, de ter sido bandido, ladrão, um lixo de vida⁶², da drogadição, da prostituição, da vida do crime a que se submeteram⁶³. Nesse sentido, o termo “irmão” como forma de tratamento entre os fiéis ganha um significado que está para além da doutrina bíblica, retrata uma forma de identidade organizacional em que os laços sociais de irmandade estão situados no caráter simétrico gerado pelo compartilhamento da falta, das ausências e privações de quem tem a vida entre parênteses.

(...) vamos pedir que Deus dê saúde e aqueles que estão enfermos, estão com problema, que Deus possa abençoá-los de uma forma maravilhosa (...) ore pelos trabalhadores irmão, quem sabe se você tá desempregado⁶⁴.

Deus tem uma resposta pra você irmã, Deus tem uma resposta para você meu irmão (...) para nos dar saúde física, saúde espiritual, para nos curar de nossos traumas, estamos vivendo tempos muito adversos, estamos saindo agora recente de uma pandemia, que nem saímos direito ainda, tem muitas pessoas frustradas, traumatizadas, em suas casas⁶⁵.

⁵⁹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=phJAiu3A0XU>

⁶⁰ Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=W1fIpRprJ_o&list=PLkzyeH9PVuLYdZTYVSpelpwScHYtk32c0&index=80

⁶¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1L74PgIIVvg>

⁶² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xKj8WmVpVHw>

⁶³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JWf-cvHAveE4>

⁶⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4ltGjiXI-Qo>

⁶⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=phJAiu3A0XU>

Conforme já mencionado na análise do relato da E1, o compartilhamento das experiências das vítimas do transitório permanente possibilitado nos cultos e testemunhos permite que as pessoas falem de “igual para igual” possibilitando a construção de um certo “nós”. A aceitação e acolhida de *novos irmãos* independente da situação em que se encontrem é uma prática, porém, para permanecer como membro do grupo é preciso que se mantenha obediente a Deus, por meio dos líderes religiosos, e disciplinado na fé, como “entrega total”.

É o espírito que santifica aquela criatura que é oferta viva para o Senhor (...) que cada pessoa seja a própria oferta viva! (...) quando você entrega a sua vida pra Jesus, a sua vida é problema dele, deixou de ser seu o problema, você vive na dependência dele⁶⁶.

Quando a gente pede pra Deus, quando a gente entrega nossa vida pra Deus, Deus faz (ênfase) a obra, Deus faz (ênfase) a diferença, Deus...Assim óh...o socorro nosso, o socorro do ser humano hoje é Deus (E2).

A *obediência* e a *disciplina* no pentecostalismo e neopentecostalismo, de modo adverso do protestantismo, não estão vinculadas ao cumprimento de um conjunto rígido de preceitos e ritos, mas como normas gerais que conduzirão o sujeito a superação das dificuldades e desafios que enfrentam na vida cotidiana. Na prédica pentecostal, ambas são articuladas ora como atitude de resiliência e resignação de uma espera passiva, no caso do pentecostalismo, ora como atitude necessária a autossuperação dos limites que impedem a “vitória” em oposição ao “fracasso”, no neopentecostalismo. A obediência e a disciplina precisam ser constantes nas lutas cotidianas é o que trará o livramento⁶⁷ ou a “vitória”.

Deus quer restituir a tua família, Deus quer restituir o teu emprego, Deus quer restituir a tua empresa, a tua saúde, mas pra isso você tem que se colocar de joelho diante dele⁶⁸.

(...) aqui na Graça (igreja) só tem pessoas vitoriosas (...) nós não podemos aceitar a derrota, mas muitas pessoas estão aceitando! Estão aceitando a falta de dinheiro, estão aceitando o nome sujo, estão aceitando a derrota! mas quem é da fé, quem é do nome de Deus não aceita a derrota! não aceita a miséria! não aceita entrar numa batalha para perder⁶⁹.

⁶⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xKj8WmVpVHw>

⁶⁷ Livramento é um termo utilizado que se refere geralmente a situações de morte, em que Deus intervém a favor de quem está em perigo. A entrevistada E3 menciona que inúmeras vezes Deus deu o livramento para a filha em perigo de acidente, nas pregações o livramento foi associado a situações de escassez, grandes dificuldades e a pandemia da COVID-19.

⁶⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/quadrangularindaiatuba/videos/936706917128672>

⁶⁹ Fonte: Igreja internacional da Graça de Deus/ Programação de canal aberto Rede Bandeirantes.

Após ter encontrado aceitação e acolhida, os sujeitos devem manter a obediência e a disciplina como requisitos básicos de pertença ao pentecostalismo e neopentecostalismo, mas esse pertencimento tem por motivação uma contrapartida prometida pela organização: a possibilidade de *uma vida nova*. Para que essa promessa encontre adesão e tenha credulidade é preciso oferecer aos sujeitos um sentido diante das dificuldades e desafios cotidianos no transitório permanente. É através do quadro interpretativo, centralizado pela organização e exercido pela prédica pentecostal, que as experiências cotidianas de violação, privação e degradação social sofridas pelas vítimas são elaboradas e significadas em torno do mito do *plano divino traçado para a pessoa*.

Em um dos programas que vai ao ar na rede aberta de televisão a pregação do pastor é intercalada com uma vinheta “Novela da vida real”, uma voz feminina narra a história de uma fiel que passava por sérios problemas de saúde, diagnosticada com a possibilidade de perda de visão. Após detalhar a trajetória da mulher, a narradora afirma “após quase dois anos na fila de espera pelas aplicações intraoculares, ela [fiel] inicia o tratamento, entretanto, sem bons resultados, mas Deus tinha um plano perfeito”⁷⁰. A crença de que todas as situações de sofrimento e privação estão previstas num plano maior também é expressa pela E2, no decorrer de sua narrativa de vida após o relato de dificuldades e desafios, de abandono, vício, trabalho precário, arremata: “mesmo que a gente esteja em dificuldade a gente sempre pensa assim óh “lá na frente Deus tem um propósito, lá na frente Deus tem uma bênção” (...) tem lutas? tem sim, tem, isso é normal”.

A significação das experiências das vítimas do transitório permanente dentro de um plano divino traçado para a pessoa permite aos sujeitos elaborar e lidar com o rebaixamento social e os sentimentos de humilhação. Conforme aponta Enriquez (1997), a instância mítica da organização combate a desordem e neutraliza as angústias e as incertezas. No caso das organizações pentecostais evangélicas depositar todas as inseguranças, angústias, a solidão imposta, o abandono e o descaso, produzido pela institucionalidade do (não)reconhecimento, num plano ordenado entrega aos sujeitos uma expectativa de superação da negação do tecido social. Conforme ilustra a pregação do pastor, “Deus tem um plano, um projeto para a sua vida (...) você pode estar se perguntando aí na sua casa “Mas para mim? Será que para mim tem uma

⁷⁰ Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=W1fIpRprJ_o&list=PLkzyeH9PVuLYdZTYVSpelpwSchYtk32c0&index=80

esperança? será que pra mim tem jeito?” eu digo pra você, existe sim uma esperança pra você”⁷¹.

O modo como o quadro interpretativo pentecostal mobiliza as vivências da vítima do transitório permanente em torno do mito do plano divino para a pessoa não só oportuniza a elaboração dessas experiências e oferece uma resposta, mas também *oferece a organização como resposta* na inauguração de uma *vida nova*. A abordagem do pastor em um programa de rádio ao interpelar os ouvintes para um *pacto* no “Congresso da Prosperidade” é ilustrativa. Na programação, primeiro, vai ao ar uma gravação realizada na Terra Santa onde um punhado de sal é consagrado e simbolizado como aquele que torna a terra fértil. Na sequência, o pastor chama a atenção para aqueles que desejam *prosperar* na vida, seguido do primeiro testemunho de uma empresária falida que, mesmo tendo toda formação e especialização, só conseguiu “vencer” depois de adquirir a *sabedoria* divina, alcançada exclusivamente no congresso.

O segundo testemunho não é do meio empresarial, mas também retrata a situação de muitos trabalhadores autônomos.

Pastor: Qual foi a boa notícia Cláudio?

Claudio: A boa notícia, eu trabalho por conta, e toda semana eu tenho que matar um leão, então eu compro, eu compro material e tenho que vender na semana. Toda a semana, as vezes é pouco, as vezes é muito, toda semana eu tenho vindo no pacto, coloco Deus na frente e tudo que eu compro eu vendo, na semana, fica nada pra outra semana.

Pastor: Tá dando tão certo?

Cláudio: Tá dando tudo certo.

Pastor: Tem luta aí!

Claudio: Deus tá abençoando

Pastor: É isso aí!

Claudio: E as lutas vem, mas a vitória, Deus vai dando sabedoria⁷².

A prosperidade financeira para a empresária e a sobrevivência para o trabalhador autônomo é a promessa que somente a igreja pode garantir visto que, nas palavras do pastor, “Experiência, esforço e estudos serão importantes, mas somente uma direção divina é capaz de fazer com que tudo isso se transforme em sucesso!”. Nesse processo, a organização evangélica pentecostal se apresenta como espaço indispensável para a superação das violações, privações e degradação social, vivenciadas no cotidiano dos fiéis, ao se afirmar como aquela que medeia a *verdadeira* inclusão. A vida nova prometida pela organização evangélica pentecostal, desde que os adeptos não abandonem a obediência e a disciplina na fé, é mobilizada a partir da

⁷¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=h8kCJwEASU>

⁷² Programação matinal da Rádio Rede Aleluia ao ar no dia 03 de outubro de 2022. Fonte: <https://www.radio-ao-vivo.com/rede-aleluia>

negação do tecido social presente na vida cotidiana, se o “mundo” é falho e excludente, na adesão a igreja há uma resposta.

A vida nova está em oposição ao mundo falho, as narrativas contidas nos testemunhos e mensagens vinda dos púlpitos se conectam a problemas reais da vida cotidiana e denunciam essas falhas, conforme exemplificam as transcrições a seguir.

(...) quando Jesus chega para dar a resposta, as gavetas são movimentadas, o processo (aposentadoria) que estava lá embaixo, vem pra cima e a resposta vem em nome do Senhor (...) Jesus Cristo modifica todo o sistema, Jesus Cristo modifica toda a situação⁷³.

Entrevistada: e aí um dia eu deitada ali assistindo, eu comecei a ouvir a pregação (...) Quando foi na quarta eu fui pro hospital pra fazer outra aplicação, chegando lá (...) ‘Dona Quitéria, o que que aconteceu? a senhora está curada!’⁷⁴.

(...) você pode se especializar, você deve, mas só isso não é o suficiente, a prova é que você está me ouvindo agora, você é advogado e você não tem dinheiro pra colocar gasolina (...) vai tentar uma porta de trabalho e dizem “Olha...o teu currículo é bom demais aqui pra gente” (...) mas ou você trabalha nisso, ou fica desempregado, olha que situação!⁷⁵

Os fragmentos mostram como a pregação pentecostal sabe explorar os problemas vivenciados cotidianamente pela população, situações que remetem as dificuldades de quem não tem acesso ou já está cansado de “esperar” pelas instituições que deveriam atender as suas demandas. A intervenção mágica que “movimenta” o processo de aposentadoria engavetado é a solução de quem está há tempo aguardando o direito “garantido” a seguridade social. O alto custo do tratamento de saúde e a longa fila de espera, esvaziam as esperanças de ter “bons resultados” que somente se tornam possíveis com a mediação divina. O exemplo utilizado pelo pastor em referência ao desemprego e a saturação do mercado de trabalho, expõe como a capacitação profissional ou a realização de curso superior é insuficiente para a inserção no mercado de trabalho e quais as consequências disso.

(...) quando é final do ano é difícil de voltar a arrumar um emprego, mas Deus vai abrir portas pra você (...) nós cremos no Cristo que é maior do que a crise (...) todo espírito de suicídio, meu Deus, que entra no coração daquele que não tem trabalho, nós repreendemos nesta noite (...) Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima, toda a angústia que você passou, toda luta que você passou⁷⁶.

⁷³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=phJAiu3A0XU>

⁷⁴ Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=W1fIpRprJ_o&list=PLkzyeH9PVuLYdZTYVSpelpwScHYtk32c0&index=80

⁷⁵ Programação matinal da Rádio Rede Aleluia ao ar no dia 03 de outubro de 2022. Fonte: <https://www.radio-ao-vivo.com/rede-aleluia>

⁷⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4ltGjiXI-Qo>

O fragmento acima é transcrito de um culto, realizado no dia posterior a data alusiva ao dia do trabalhador, mostra como o pastor faz memória de inúmeras pessoas que perderam o emprego durante a pandemia, motivo pelo qual muitas estão expostas a tentativa de suicídio, pelas situações extremas que vivenciam⁷⁷. O contexto social de desemprego, pandemia e saúde mental do trabalhador é citado como uma “luta” que será vencida. Durante a coleta de dados, foi comum encontrar mensagens desse teor diante da pandemia da COVID-19, direcionadas para “pessoas frustradas, traumatizadas, em suas casas”, para os que foram salvos do “vale da sombra da morte” e em agradecimento por aqueles para quem não “faltou o pão”.

A elaboração articulada pela prédica pentecostal sobre a negação do tecido social, mantida pelo esgotamento das promessas de igualdade jurídica e êxito individual no transitório permanente, encontra eco no modo como a E3 narra como enfrentou um episódio de racismo do qual foi vítima.

Eu não ia vender minha moradia! O dia que ela me xingou eu disse “Deus é meu advogado, Deus é fiel comigo, ele não vai me deixar, eu não tenho defesa, eu não sabia lidar em celular, pra mim gravá aquilo ali, no tempo de agora que ela me chamou, negra é racismo! (...) Aí a gente entregou pra Deus e hoje ela tomou a decisão [vendeu a casa e se mudou], foi ela neh? Deus achou de certo...se era pra ficar perturbando e a gente não tava vivendo em paz.

No relato a entrevistada expressa um sentimento de humilhação vivenciado diante do ato racista por meio do qual foi “xingada” pela vizinha, restando conviver com a situação pois se desfazer da própria casa não era uma saída. A certeza da proteção repousa em Deus que assume o papel de “advogado” já que a vítima não tem quem a defenda e, nesse amparo, a saída não foi recorrer as instâncias jurídicas, mas entregar para a providência divina que, posteriormente, promoveu a saída da agressora. Os testemunhos, os encontros, os grupos, a visitação, evidenciam como as estratégias de aproximação realizadas pelas organizações pentecostais estão, frequentemente, conectadas a vida cotidiana dos fiéis, influenciando no modo como elaboram suas experiências de vida e oferecendo uma saída diante das dificuldades e desafios, no mesmo registro da chamada ilustrada na Figura 27.

⁷⁷ De fato, uma pesquisa publicada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) revelou que assim como os traumas, transtornos mentais e falta de acesso a saúde, o desemprego foi um dos principais fatores de risco para o risco de suicídio entre a população. Fonte: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-9-2021-apos-18-meses-pandemia-covid-19-opas-pede-prioridade-para-prevencao-ao-suicidio>.

Figura 9 - Recorte de jornal



Fonte: Folha Universal

Na história de vida narrada pelas entrevistadas, E1, E2 e E3 o primeiro contato com as igrejas pentecostais é sempre situado numa situação limite em que a igreja é significada como uma “saída” diante das dificuldades. As situações limites que levaram as entrevistadas a aceitar o convite para participação nas igrejas pentecostais, geralmente, remete à um estado de esgotamento, aflição e exaustão, o mesmo evocado no modo como os pastores se referem aos fiéis. A maneira como a E2 situa e significa a intervenção de pessoas ligadas ao pentecostalismo que a encontraram jogada numa calçada em situação de abandono, exemplifica uma dessas situações.

Na ocasião, descrita pela E2, o amparo chegou por meio do casal pentecostal que a contratara para serviços de cuidadora, “ele sempre ia me buscar em casa pra cuidar da esposa dele e ele me achou, e daí ele me levou pra casa dele, fez eu tomar um café, fez eu tomar um banho, tudo”. Após esse episódio, E2 conta que resolveu entrar na igreja, momento do relato em que faz questão de pormenorizar como esse evento aconteceu, narra que entrou no templo calada, atravessou o corredor, chegou até o altar e só viu “quando ele (o pastor) disse assim óh “não fazem nada” pro pessoal que trabalhava com ele na igreja”, indicando que não foi barrada. A igreja é exaltada como se fosse o último ou único recurso acessível ao qual poderia recorrer, no mesmo sentido empregado pela E3, “mas sabe? *chega dessa vida*. Eu vou, a igreja tá ali, eu vou, vou experimentar”.

O caráter ritualístico de passagem da “antiga” vida, para uma vida “nova” integra a mensagem pentecostal direcionada a todos os cansados, os fracassados, os abandonados e os derrotados que encontram na organização a *certeza* de uma *nova chance*⁷⁸.

⁷⁸ A IURD tem em circulação uma pequena revista chamada “A última chance” que também remete a oportunidade de uma vida nova ao alcance de todos por meio da participação na igreja, na edição escaneada no ANEXO I o tema era a depressão.

Você pode ser a pior das criaturas, mas a partir do momento que você esboça uma fé (...) você é perdoado, você é lavado, o seu passado é aniquilado, é apagado e você recebe uma vida nova (...) Agora mesmo, muitos de vocês (apontando para a plateia) vão entregar a vida, “ah...bispo, não tenho nada mesmo, então toma essa porcaria de vida, se o Senhor aceita, toma aqui esse lixo” (simulando com gestos). Jesus aceita o seu lixo como ele é (...)⁷⁹

O trecho da pregação transcrito é precedido de uma fala em que o pastor faz questão de supor e nomear os ouvintes que podem ser, “prostituta, bandido, mocinho, branco, negro, feio, bonito, magro, gordo”, para afirmar que todos são aceitos e podem, a partir de uma decisão pessoal e espontânea aderir a igreja para *mudar de vida*. Porém, o preço da adesão é manter-se obediente e disciplinado na fé, é delegar à igreja a orientação da própria vida sem a qual não será possível manter a *vida nova*. A intensidade disso é revelada na fala desse pastor quando prega a plateia que todos são “ofertas vivas” simbolizando o que é uma entrega total⁸⁰.

O pentecostalismo evangélico oferece aos sujeitos que estão expostos a negação do tecido social o desenvolvimento de uma *autorrelação positiva*, diferente do proposto por Honneth (2003) como resultado de relações bem-sucedidas nas esferas de reconhecimento social da modernidade para a formação da autonomia. A autorrelação positiva se dá pela aceitação e valorização da pessoa que é reconhecida na comunidade de fé como “nascida de novo”, capacitada pela igreja para superar todas as adversidades, vencer todas as lutas. A organização monopoliza a elaboração intersubjetiva das experiências de desrespeito social e ainda oferece ao ouvinte a *certeza* da mudança, da superação, da vitória, de uma nova pessoa com uma vida nova.

Psiu! Senhora, senhor, não é isso que você deseja? você quer ver o fruto (ênfase) do seu trabalho, você quer que a sua empresa produza! prospere, avance! Que a sua fonte de renda, que tá amarga, sabe...se torne saudável, *então hoje você vai dar um jeito (...) de chegar aqui na nossa catedral...* Venha preparado, venha determinado que a partir de hoje vai começar uma nova história pra você⁸¹. (GRIFO NOSSO)

Entenda, todo mundo passa por problemas (...) certas situações que você não sabe o que fazer, mas a maneira que você enfrenta, faz toda a diferença, a maneira como você reage (...) dias ruins tem todo mundo, *quem tá na igreja e quem não tá*. “Pastor o que que adianta eu estar na igreja então?”... A Palavra que você ouve,

⁷⁹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xKj8WmVpVHw>

⁸⁰ A menção também faz referência ao ritual da “Fogueira Santa” praticada pela IURD, um ato simbólico de “entrega total” em que os fiéis fazem sacrifícios monetários em troca de bençãos. A fogueira santa é um ato de esperança da mudança por melhores condições de vida, a promessa é que oferta será “multiplicada” por Deus, trazendo sucesso, realização pessoal, financeira e social (ROCHA E TORRES, 2018).

⁸¹ Programação matinal da Rádio Rede Aleluia ao ar no dia 03 de outubro de 2022. Fonte: <https://www.radio-ao-vivo.com/rede-aleluia>

ela instrui você, ela prepara você, pra você lutar e pra você vencer!⁸² (GRIFO NOSSO)

Se não conhecer a verdade, não vai ser liberto (...) vamos falar da nossa TV (...) tem muita gente perguntando pela nossa TV, ela tá despertando o povo para aquilo que ela é, ela é uma verdadeira *fábrica de felicidade* dentro sua casa⁸³ (GRIFO NOSSO).

A organização evangélica pentecostal oferece a si como capaz de mediar o enfrentamento ao transitório permanente, a sobrevivência material que está “amarga”, a resposta a problemas em que não se “sabe o que fazer”, situações para as quais a apresenta uma “solução” de como “vencer” e ser feliz, “uma fábrica de felicidade”. O vencer nem sempre está referenciado num sentido mercadológico de pessoa de “sucesso”, a vitória em oposição a perda, a força em oposição ao fracasso, por vezes estão relacionadas a uma forma de *sobrevivência* diante da violação, privação e degradação social do indivíduo só. A luta contra o “mal” é vencer o desânimo, as enfermidades, os problemas, o desemprego, o vício, a aposentadoria que não vem, o processo judicial que não anda, o exame de saúde que não se realiza, a insegurança nas ruas.

O conteúdo das transcrições analisadas nesta pesquisa, sob a perspectiva da institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente, mostram que a oferta religiosa pentecostal pode estar para além do caráter mercadológico de bens e serviços de consumo (MARIANO, 2011) ou como possibilidade de ingresso numa carreira de pregações e testemunhos (CÔRTEZ, 2014). As organizações evangélicas pentecostais mobilizam uma “resposta” a situações limites diante das quais os “pregadores sabem unir a magia com o trabalho de cada um e misturar o sonho com a dura realidade da exclusão social” (CAMPOS, 2020, p.570).

É nesse sentido que a instância organizacional de análise possibilita entender como o sistema imaginário da organização evangélica pentecostal à reforça como a única que pode prover uma saída possível diante das consequências das promessas não cumpridas da modernidade. O pentecostalismo e o neopentecostalismo conseguem alcançar os que estão no transitório permanente, nomear suas carências, significar o caos, o abandono e a desordem a que estão submetidos, mitigar as angústias e oferecer proteção, amparo e a esperança de que

⁸² Dados transcritos da programação matinal em canal aberto da rede bandeirantes de televisão - Programa Show da Fé, das 6h às 8h.

⁸³ Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=W1fIpRprJ_o&list=PLkzyeH9PVuLYdZTYVSpelpwScHYtk32c0&index=80

não se tornarão totalmente nulificados. No mesmo passo em que as organizações pentecostais afirmam o respeito a integridade e valoração social dos sujeitos e reconhecem as experiências de violação a que estão submetidos na vida cotidiana, tomam para si a chancela do cumprimento da promessa de uma vida nova.

Não sei o deserto que você está passando na sua vida, mas não desiste! Deus estará com providência na sua vida! (...) não é para qualquer pessoa! é para aquele que crê [pregação]⁸⁴

E eu sempre [ênfase] trabalhando, levantando de manhã cedo, pegando sol, pegando chuva, as vezes andando de a pé, as vezes andando de bicicleta, mas sempre com aquela esperança de que dias melhores iam vir e o dias melhores estavam vindo [graças a adesão ao pentecostalismo], só que o problema é que a gente quer tudo da noite pro dia (E2).

O primeiro fragmento mostra como um pastor se utiliza do termo “deserto” para significar como os fiéis estão passando por momentos difíceis seguido da certeza de que serão superados. O intento é que a mensagem de superação seja absorvida pelos adeptos, elaboração que é possível identificar na forma como a E2 expressa uma sequência de ações em que manifesta as dificuldades da vida cotidiana, seguida de uma “esperança” e certeza de que “dias melhores” estão se concretizando. As organizações pentecostais possuem uma capacidade de mobilizar o (não)reconhecimento e devolver aos sujeitos um sentimento de pertença, fortalecimento da autoestima e motivação para sobrevivência diante de um não-reconhecimento agudo (NASCIMENTO, 1994) que torna suas vidas dispensáveis.

Há um senso de coerência, reforçado pela fé na providência divina, que situa todos os acontecimentos e sofrimentos cotidianos, num plano maior em que, ao final, o bem prevalecerá (MARIZ, 1991). A morte psíquica e social (HONNETH, 2003) é combatida, a organização coloca a disposição recursos simbólicos e comunitários para enfrentar tais condições (MARIANO, 2008). O abandono, as ausências, a falta de credibilidade das instituições, o esgotamento das promessas da modernidade na transitividade permanente entre a exclusão e a inclusão, são a matéria prima da prédica pentecostal. O pentecostalismo e o neopentecostalismo reforça entre a população carente e abandonada o sentimento de dignidade e respeito próprio, produzindo uma narrativa de vida alternativa (SPYER, 2020).

Nesse sentido, as organizações evangélicas pentecostais medeiam uma forma de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente ao alcançar os que se encontram nesse lugar social de (não)reconhecimento oportunizando o

⁸⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LzjIm8h3vpk>

compartilhamento coletivo das vivências de desrespeito social e, a partir daí, a elaboração de uma linguagem comum dessas experiências. O apelo pentecostal disseminado nas estações de rádio e televisão, nas redes sociais, nos eventos de massa, nos grandes templos e nas igrejas-garagem, possui um misto entre a valorização da pessoa celebrada em sua integridade como ser humano - não é descartável, possui valor, não será abandonado - e a *promessa* de uma vida nova por meio da qual a pessoa é simbolicamente gerada de novo.

A promessa de vida nova é a resposta que a organização oferece diante do esgotamento de uma outra promessa de vida nova que não se realizou com o processo de modernização da sociedade, conteúdo presente na pregação, nos testemunhos e entrevistas. Porém, a escolha da fé que promete a mudança de vida de sofrimentos e dificuldades se torna um passaporte que desvincula o sujeito da sociedade “o transitório, são as coisas desse mundo (...) mas eu estou escrevendo uma história não para cá (terra) eu estou escrevendo uma história para lá (céu)”⁸⁵. A consequência disso é que o potencial de transformação do meio, gerado pelo esgotamento das promessas de reconhecimento social da modernidade, é canalizado, novamente, para a ação individual, nos mesmos moldes do individualismo institucional (HONNETH, 2007).

Os grupos, os encontros, os testemunhos, o convite para que os fiéis manifestem seus problemas, permitem a desfragmentação e agregação das experiências de desrespeito social pelos afetados, num espaço comum, mas não coletivizam uma luta social que avança para a esfera pública protagonizada *pelo* coletivo. A organização como meio social disponível possibilita uma forma de enfrentamento a institucionalidade do (não)reconhecimento em que a elaboração das experiências de desrespeito social é capturada das vítimas pelo quadro interpretativo da organização. A vida nova, a certeza da vitória, da superação dos obstáculos e adversidades no transitório permanente são as respostas prometidas *pela organização* para os *seus* adeptos.

O mito do plano divino ordena o caos e associa as experiências cotidianas de violação, privação e degradação social a presença do “mal” que deve ser combatido com a *fé da pessoa*, sob a tutela da organização. A elaboração propiciada pelo quadro interpretativo devolve aos sujeitos a superação da própria condição social de negação, as relações de dependência e obediência a orientação pentecostal canalizam o potencial de enfrentamento ao desrespeito social ao nível pessoal. A organização mobiliza a negação do tecido social, produzida pela institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente, para oferecer uma relação de dependência no lugar de autonomia e de obediência no lugar de reflexividade. Com

⁸⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CtlCT3CIAtc>

isso, há o deslocamento de uma possível mobilização coletiva e de engajamento político na sociedade, para uma superação individual das experiências de violação, privação e degradação social.

(...) quando Deus quer o seu crescimento, não há ninguém na face da terra que vem impossibilitá esse crescimento se você estiver em obediência ao Deus que você serve, aos seus líderes, às autoridades que Deus constituiu para você estar obedecendo.⁸⁶

A maneira como o fenômeno pentecostal viabiliza o compartilhamento e a elaboração das experiências de desrespeito social das vítimas, acaba por reforçar os bloqueios socio-estruturais de controle sobre os sentimentos de injustiça de exclusão cultural e individualismo institucional, propostos por Honneth (2007). No pentecostalismo aqueles que têm negados o respeito a integridade e a valoração social são aceitos e reconhecidos em suas lutas diárias diante das promessas não cumpridas da modernidade, porém, a retenção sistemática dos meios linguísticos e simbólicos de expressão, que impede a reivindicação dos grupos socialmente oprimidos na esfera pública, já exercida pela exclusão cultural, é atualizada pela prédica pentecostal.

Desde os testemunhos, até os encontros, a formação de grupos e ministração de cultos, com temas específicos nos grandes e pequenos templos, é visível o modo como o pentecostalismo coloca em evidência os problemas cotidianos da população e proporciona espaços de externalização e vazão de experiências de sofrimento, privação e dificuldades. Esses mecanismos de compartilhamento e elaboração proporcionam uma forma de enfrentamento ao (não)reconhecimento, produzido no transitório permanente, ao mesmo tempo em que exercem um controle sobre os sentimentos de injustiça. Honneth (2013) afirma que a “experiência de ser considerado importante nas próprias carências, na sua capacidade de julgamento e, sobretudo, nas suas habilidades precisa ser renovada e reconstruída pelo sujeito sempre de novo na vida em grupo” (HONNETH, 2013, p.65), como um reconhecimento reconcretizado.

O membro pentecostal encontra na organização evangélica essa experiência, o respeito a integridade e valoração social que lhe é negado no transitório permanente é restituído na relação entre “irmãos”, as experiências de violação, privação e degradação social são significadas no mito do plano divino, o seu valor como ser humano é reafirmado e, assim como ele, todos os demais também procuram uma *vida nova*, não importa o passado ou o estigma social que tenham. Nas organizações pentecostais o reconhecimento (re?)concretizado promove

⁸⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1L74PgIIVvg>

uma espécie de autorrelação positiva, definida por Honneth (2003) como autoconfiança, autorrespeito e autoestima, que devolve os sujeitos “renovados na fé” à institucionalidade do (não)reconhecimento para “suportar”, se “superar” e “vencer” dentro da ordem social existente, sem transformá-la.

A forma de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento no transitório permanente, possibilitada pelas organizações evangélicas pentecostais como meios socialmente disponíveis, não avança para além de uma *mudança* por meio da *transformação pessoal de vida* que, no entanto, não será conquistada por meio da transformação social empreendida pelo coletivo. A relação entre a negação do reconhecimento social e o engajamento político na esfera pública, sugerido por Honneth (2003), não deixa de se cumprir no caso do fenômeno pentecostal. Porém, nesse caso, os sujeitos estão politicamente tutelados pelas lideranças evangélicas pentecostais que ocupam os espaços de representação política e elegendem, por meio do voto orientado dos fiéis, os próprios candidatos como já mencionado na subseção 4.1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria de Axel Honneth possui um potencial analítico acerca de como a ordem institucionalizada de reconhecimento social se institucionaliza na formação sócio-histórica das sociedades de países não-europeus e de “passado” colonialista, como é o caso do Brasil. Esse potencial se encontra numa releitura possível dos primeiros escritos honnethianos, em que a ordem de reconhecimento social vigente é resultante das relações de dominação social entre grupos socialmente dominantes e grupos socialmente oprimidos. O não-reconhecimento deixa de ser entendido apenas como um ato de recusa ou frustração das expectativas normativas de reconhecimento social da modernidade entre parceiros de interação e se desvela como experiência de injustiça.

Nessa perspectiva, a sociedade capitalista como ordem institucionalizada de reconhecimento social, nas esferas do amor, do direito e da solidariedade, é situada no modo como os grupos socialmente dominantes se estabelecem na esfera pública e se apropriam do processo de modernização da sociedade, mantendo o controle sobre os sentimentos de injustiça e humilhação dos grupos socialmente oprimidos. A formação sócio-histórica da sociedade brasileira desvela como a negação ao respeito e à integridade e valorização social dos sujeitos formaram a base estruturante das relações sociais a partir de um referencial eurocêntrico que atribui a si o penhor da civilização e da superioridade.

O encontro entre a colonialidade e o processo de modernização foi protagonizado pela atuação das elites agrárias na esfera pública e política, na constituição da esfera jurídica e da formação do mercado de trabalho, estabelecendo uma ordem de reconhecimento social que se institucionaliza a partir do não-reconhecimento. A inconclusão entre o tradicional e o moderno produzem um estado de anomia em que instituições e práticas pretéritas persistem ao longo do tempo, atualizando sempre de novo a afirmação e a negação contidas no reconhecimento social vigente, estabelecido pelos grupos socialmente dominantes.

A institucionalidade do (não)reconhecimento presente da sociedade brasileira produz um lugar social de (não)reconhecimento, um transitório permanente entre a exclusão e a inclusão, onde as expectativas de igualdade jurídica e êxito individual da modernidade são desveladas como *promessas não cumpridas*. A violação, a privação e a degradação social

produzidas no transitório permanente mantém os grupos socialmente oprimidos, a ralé estrutural brasileira (SOUZA, 2018), aqueles que estão no abismo da sociedade (MARTINS, 1997, 2002) numa condição de negação do tecido social em que a vida está suspensa.

O compartilhamento, a elaboração e a articulação coletiva das experiências de desrespeito social pelas vítimas, indispensáveis para a luta por reconhecimento (HONNETH, 2003, 2006a, 2011), se tornam o grande desafio na institucionalidade do (não)reconhecimento que, além de expor os sujeitos a violação, privação e degradação social, procura manter o controle sobre os sentimentos de injustiça (HONNETH, 2007). Nesse cenário, as organizações se apresentam como um meio social disponível importante no compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito para a mediação de formas de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento, por aqueles que se encontram no transitório permanente.

Para Sobottka e Santo (2018) a fenomenologia das experiências de desrespeito social abre espaço para um processo anterior a manifestação pública das injustiças que, no contexto brasileiro, encontra dois desafios: i) a atuação de espaços intersubjetivos de transformação das experiências de desrespeito em proposições positivas de formas de vida dificilmente será viabilizada por um Estado que age coercitivamente sobre as classes marginalizadas, ii) parte da população cujo reconhecimento é negado não consegue significar situações de injustiça como experiência de desrespeito social.

O pentecostalismo evangélico brasileiro tem, historicamente, se estabelecido e disseminado entre a população marginalizada, exposta a migração forçada, incluída de forma degradante nos bairros periféricos das grandes cidades, ao menos, desde 1911 até os dias de hoje, ainda em crescimento. As pequenas igrejas, as igrejas-garagem, os grupos, os grandes templos, os meios de comunicação em massa, a rede de televisão, a panfletagem de material impresso, as redes de WhatsApp, em todos esses canais, uma mensagem é dirigida e situada a todos os exaustos, os enfermos, os desempregados, os frustrados, aqueles que já estão cansados de recorrer às instituições sem obter respostas.

As organizações pentecostais ocupam um espaço de ausências, de abandono social e político, de incertezas e indefinição social, produzidas pela institucionalidade do (não)reconhecimento sobre aqueles que se encontram no transitório permanente. As experiências de privação e degradação social, a que estão submetidos os sujeitos na vida cotidiana, são habilmente mobilizadas pela prédica pentecostal, conectadas à uma mensagem de respeito à integridade e valorização social dos sujeitos. O modo como o pentecostalismo proporciona o compartilhamento coletivo e exerce a captura da elaboração intersubjetiva das

experiências de desrespeito social, canaliza o potencial de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento pelas vítimas à uma conduta de *obediência* a Deus, aos líderes religiosos, de *disciplina na fé*, resiliência e *superação individual*.

A linguagem do sofrimento, que é factual, forma a base comum de vinculação entre os fiéis que buscam nesses espaços uma forma de enfrentamento ao sentimento de humilhação social. As injustiças vividas são significadas pela fé capaz de devolver aos sujeitos afetados uma compreensão positiva de si, especialmente em contraposição ao fracasso, tido como individual. O potencial de enfrentamento à condição social de negação é concretizado na qualificação de “crente” ou “convertido”, aqueles cuja institucionalidade do (não)reconhecimento já não pode mais rotular pelo fracasso e delinquência.

O mito do *plano divino* desenvolvido na pregação pentecostal alimenta um quadro interpretativo que significa todas as experiências de sofrimento e privação vividas no cotidiano. A organização se apresenta como a *detentora da direção divina*, a única capaz de mediar uma resposta efetiva diante das dificuldades e adversidades “desse mundo”, desde a demora do processo de aposentadoria até o desemprego, a cura das enfermidades e as garantias que as instituições falham em prover. A mediação da organização oferece a certeza da transformação, da mudança de vida, da vida nova, a geração simbólica de um novo ser, capacitado para vencer todas as lutas cotidianas, a superação da negação do tecido social.

As organizações pentecostais tutelam o processo de reflexividade e a construção da ponte semântica (HONNETH, 2003) de elaboração das experiências de desrespeito social, neutralizam o potencial de enfrentamento coletivo à institucionalidade do (não)reconhecimento, produzido pelo esgotamento das promessas de igualdade social e êxito individual, e reconduzem os sujeitos à ordem social vigente, sob um discurso de transformação e superação individual de problemas que são sociais. A elaboração das experiências de violação, privação e degradação social é monopolizada pela organização, reproduzindo o mesmo mecanismo de controle dos sentimentos de injustiça e humilhação dos grupos socialmente dominantes, via institucionalização do individualismo (HONNETH, 2007).

As relações, muitas vezes de amizade, cumplicidade, ajuda mútua entre os fiéis, a disponibilidade da igreja e sua prédica pentecostal de respeito a integridade e valorização social dos sujeitos promove um meio social que proporciona o resgate de uma autorrelação positiva dos sujeitos, não raramente, progressos de uma vida de vícios, prostituição, drogadição, criminalização, reclusão e de lutas cotidianas pela sobrevivência. Honneth (2012a) se questiona por que diante de tanta exclusão “no Século XXI” não houve/há uma indignação moral massiva e rebeliões públicas pelos grupos que tem “impedido” o acesso as esferas de reconhecimento

social. A conclusão do autor é de que as lutas sociais se tornaram anômicas por não dispor mais de uma direção normativa, devido o esvaziamento semântico e distorção dos princípios normativos da modernidade.

Na sociedade brasileira, o contexto sócio-histórico de constituição da institucionalidade do (não)reconhecimento mostra que o anômico gerado *pelos princípios* de igualdade jurídica e êxito individual são um terreno fértil de mobilização do potencial de enfrentamento ao desrespeito social. A análise situada do lugar social da vítima do (não)reconhecimento evidencia como as organizações se tornam um meio complementar indispensável ao enfrentamento da negação do tecido social ao proporcionar o compartilhamento e a elaboração coletiva das experiências de desrespeito social. O caso do pentecostalismo é emblemático ao desvelar como a mobilização da negação do respeito a integridade e valorização social dos sujeitos pela organização possui gera uma força de adesão capaz de atrair multidões, especialmente entre a população marginalizada pela sociedade.

O exemplo de como essa mobilização impacta na vida política e social está na maneira ascendente como a adesão ao pentecostalismo continua crescendo no Brasil, ocupando os bairros, os becos, os grandes centros, as periferias da cidade, os meios de comunicação em massa e, na delegação da atuação cidadã aos líderes evangélicos, o Congresso Nacional. O cenário político não só do Brasil, mas também da América Latina e Norte-americana tem apresentado provas do peso da população evangélica nas decisões da vida política e nos rumos país. No Brasil, as eleições presidenciais mais recentes, no ano de 2018 e 2022, colocaram a descoberto uma arena de disputa pelo voto evangélico em que o núcleo mais crítico do discurso se referia a prédica pentecostal em favor da família, Deus e a pátria.

Conforme afirma Honneth (2003), a transformação do compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito social pelas vítimas em engajamento político na esfera pública “democrática” depende “sobretudo de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos (HONNETH, 2003, p. 224). As organizações pentecostais como meio social disponível de compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito social pelas vítimas possibilitam uma forma de enfrentamento à institucionalidade do (não)reconhecimento que mantém os sujeitos no transitório permanente enquanto transferem a luta social para o nível pessoal de superação individual e delegam a ação coletiva de transformação da sociedade à igreja, sob a direção divina.

Dentre as limitações de pesquisa neste trabalho destaca-se a impossibilidade da realização de uma observação participante nos espaços das organizações evangélicas pentecostais, devido às restrições de isolamento social impostas pela pandemia da COVID-19

no período de coleta, o que também limitou o contato com o público pentecostal. O acordo crítico com a abordagem honnethiana na proposição da institucionalidade do (não)reconhecimento e o lugar das organizações, como meio social disponível às vítimas do transitório permanente, se torna um desafio e uma possibilidade para um desenvolvimento teórico qualificado a partir da literatura disponível no campo organizacional que também tenha como foco de discussão a vida na margem.

Para estudos empíricos futuros, a investigação de outras organizações, coletivos, grupos, associações e espaços, como meios socialmente disponíveis, poderá amadurecer e ampliar a discussão acerca das diferentes formas de enfrentamento ao (não)reconhecimento e como esse retorna à esfera pública e política. A institucionalidade do (não)reconhecimento nas diferentes interfaces, propostas nesse trabalho, também compõe um horizonte de pesquisa não esgotado. De modo especial, destaca-se o aprofundamento de como se constitui historicamente o núcleo normativo publicamente compartilhado da ordem de reconhecimento social vigente, os bloqueios e repressões ao compartilhamento e elaboração das experiências de desrespeito social pelo Estado, pelas escolas, pela mídia e a atuação dos grupos socialmente dominantes na esfera pública, jurídica e mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. Religião na metrópole paulista. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 19, p. 15-27, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/mC8NHF43DJSf8KkHwnWVXLH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 ago. 2021.
- ALVES, M. A.; BLIKSTEIN, I. Análise da narrativa. In: GODOI, C. K.; MELLO, R.B.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. 480p.
- ALVES, A. F. **O Parlamento Brasileiro: 1823-1850**: debates sobre o tráfico de escravos e a escravidão. 2008. 181 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2605/1/2008_AndreiaFirminoAlves_completo.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.
- BALLOUSSIER, A. V. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jan. 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 06 set. 2022.
- BASTIAN, J. P. *Pluralidad religiosa y escena política en Brasil*. **Outre-Terre**. n.1, p.1-10, 2015. Disponível em: <<https://www.cairn-mundo.info/revista-oultre-terre2-2015-1-page-255.htm?contenu=article>> Acesso em: 18 jul. 2021.
- BELARMINO, G. **A Galeria dos Condenados e a institucionalização da memória na Casa de Correção da Corte (1859-1876)**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss181.pdf>. Acesso em: set. 2021.
- BENEVIDES, R. F. O debate entre Axel Honneth e Nancy Fraser e algumas implicações para a sociedade brasileira. **Emblemas**, v. 10, n. 1, p. 149-171, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/29216>. Acesso em: 04 mar. 2019.
- BERGER, R. *Now I see it, now I don't: researcher's position and reflexivity in qualitative research*. **Qualitative Research**, v. 15, n. 2, p. 219-234, 2015.
- BRASIL. **Ministério da Economia**. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/economia/pt-br/imagens/organograma_v11.pdf/. Acesso em: 14 ago. 2020.
- BRASIL. **Ministério da Cidadania**. 2020. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/cidadania/Organograma%20MC%20-%20Decreto%20jul-2020%20\(3\).pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/cidadania/Organograma%20MC%20-%20Decreto%20jul-2020%20(3).pdf). Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL, G. F. **A missão na Igreja do Evangelho Quadrangular em relação com a teologia da missão em Comblin**. 2020. Tese (Doutorado em Teologia), PPG de Teologia. PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51161/51161.PDF>> Acesso em: 20 set. 2022. Acesso em: 20 set. 2022.

BRESSIANI, N. A. **Crítica e poder?** crítica social e diagnóstico de patologias em Axel Honneth. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-11122015-130851/pt-br.php>. Acesso em: 3 dez. 2021.

CARDOSO, A. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia social. **Novos estudos CEBRAP**, n. 80, p. 71-88, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100006. Acesso em: 26 set. 2019.

CARVALHO, M. Que crente foi esse? **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, v. 12, n. 01, p. 203-241, 2019. Disponível em: <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/159>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Casa publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). **Lições bíblicas CPAD: jovens e adultos**. Disponível em: https://www.estudantesdabiblia.com.br/licoes_cpad/2011/2011-02-10.htm. Acesso em: 15 set. 2022.

CORREA, A. O. S. **O pentecostalismo negro no Brasil: das senzalas aos púlpitos**. In: In: MANSILLA, M. A; MOSQUEIRA, M. Sociología del pentecostalismo en América Latina. RIL editores, 2020. p. 611 – 647.

COSTA, J. F. **Psicanálise e contexto cultural: imaginário: psicanalítico, grupos e psicoterapias**. Rio de Janeiro: Campus, 1989. 175p.

COSTA, W. S. R. As religiões e as mídias sociais: o quadro geral brasileiro e o caso evangélico. **Anais dos Simpósios da ABHR**, 2021. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/2115/1649#:~:text=Em%20meio%20a%20isso%2C%20evang%C3%A9licos,nas%20investiga%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20fake%20news>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CAUX, L. P. Contorno e limites do conceito do social em Axel Honneth. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 28-48, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/12489/10910>. Acesso em: 8 fev. 2020.

CAMPOS, L. S. Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas-o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Revista Organizações em Contexto**, v. 2, n. 3, p. 102-138, 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/1319>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CAMPOS, L. S. *Los nuevos pentecostales de Brasil y la fuerza de la esperanza*. In: MANSILLA, M. A; MOSQUEIRA, M. Sociología del pentecostalismo en América Latina. RIL editores, 2020. p. 545 – 581.

CORTES, M. O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento. **Religião & Sociedade**, v. 34, p. 184-209, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/fnPbW8xQ6kmCqGW5RB46TxN/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CHAIA, V. **A longa conquista do voto na história política brasileira**. 2010. Disponível em: https://www5.pucsp.br/fundasp/textos/downloads/O_voto_no_Brasil.pdf. Acesso em: 22 abril. 2022.

CUADROS, J. D. R. *El cambio de rumbo de la religión en América Latina*. **Herodote**, p. 119-134, 2021. Disponível em: <https://www.cairn-mundo.info/revista-herodote-2018-4-page-119.htm>. Acesso em: 10 jun. 2022.

COIMBRA, C. M. B. Direitos humanos e criminalização da pobreza. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, VIOLÊNCIA E POBREZA. **Anais...A situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2006. Disponível em: https://app.uff.br/observatorio/uploads/Direitos_Humanos_e_Criminaliza%C3%A7%C3%A3o_da_Pobreza.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.

DUARTE, R. **História da Assembleia de Deus**. 2019. Disponível em <<https://www.ieadmeier.com.br/historia-da-assembleia-de-deus/>> Acesso em: 13, set. 2022.

EMCKE, C. *Between choice and coercion: Identities, injuries, and different forms of recognition*. **Constellations**, v. 7, n. 4, p. 483-495, 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8675.00204>. Acesso em: 16 jan. 2020.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis: Vozes, 1997. 404p.

ENRIQUEZ, E. Da solidão imposta a uma solidão solidária. **Revista Cronos**, v. 5/6, n.1/2, p. 19-33, jan/dez. 2004/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3230>. Acesso em: 5 jan. 2023.

FERNANDES, F. O Mito da “Democracia Racial”. In: FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. v1. São Paulo: Globo, 2008, p. 304-326.

FAJARDO, M. P. A organização piramidal das Assembleias de Deus na cidade de São Paulo. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*, n. 31, 2015, p.1-13. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/28690>. Acesso em: 20 set. 2022.

FLYVBJERG, B. Case study. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**: Fourth Edition. London: Sage, 2005. p.301-317.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50109/54229>. Acesso em: 25 abr. 2019.

FRASER, N. *Toward a nonculturalist sociology of culture: on class and status in globalizing capitalism*. **Blackwell Companions to Sociology**, p. 444, 2005. Disponível em <<https://gacbe.ac.in/images/E%20books/Blackwell%20Companion%20to%20the%20Sociology%20of%20Culture.pdf#page=461>> Acesso em: 25 abr.2019.

FUHRMANN, N. Luta por reconhecimento: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 79-96, 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2586>. Acesso em: 04 mar. 2019.

KLIKAUER, T. *Negative recognition: Master and slave in the workplace*. **Thesis Eleven**, v. 132, n. 1, p. 39-49, 2016. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/KLINRM>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GARCÍA-RUIZ, J.; MICHEL, P. *América latina: los evangélicos en la política*. **Etudes**, v. 414, n. 5, p. I-XIII, 2011. Disponível em: <https://www.cairn-mundo.info/revista-etudes-2011-5-page-583.htm>. Acesso em: 29 ago. 2022.

GERSHON, D. Atuação da frente parlamentar evangélica na Câmara dos Deputados. **Observatório do Legislativo Brasileiro**. 2022. Disponível em <https://olb.org.br/atuacao-da-frente-parlamentar-evangelica-na-camara-dos-deputados/#cite_note-2> Acesso em: 25 set. 2022.

GUNN, R; WILDING, A. *Revolutionary or less-than-revolutionary recognition*. **Heathwood Institute and Press**. 2013. Disponível em: <http://www.heathwoodpress.com/revolutionary-less-than-revolutionary-recognition/>. Acesso em: 4 mai. 2020.

GUNN, R; WILDING, A. Recognition Contradicted. *South Atlantic Quarterly*, v. 113, n. 2, p. 339-352, 2014. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/south-atlantic-quarterly/article-abstract/113/2/339/30338/Recognition-Contradicted>. Acesso em: 4 mai. 2020.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**: São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 226p.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais/Axel Honneth; tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003. 296p.

HONNETH, A. *Redistribución como reconocimiento: respuesta a Nancy Fraser*. In: FRASER, N.; HONNETH, A. (Org). **Redistribución o reconocimiento? Un debate político-filosófico**. A Corunã: Paideia Galiza, 2006a.

HONNETH, A. *El reconocimiento como ideología*. **Isegoría**, n. 35, p. 129-150, 2006b. Disponível em: <https://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/33>. Acesso em: 27 jun. 2020.

HONNETH, A. **Disrespect: the normative foundations of critical theory**. Cambridge: Polity Press, 2007. 291p.

HONNETH, A. **La sociedad del desprecio**. Trotta, 2011a. 240p.

HONNETH, A. *Rejoinder In: Axel Honneth: Critical Essays*. Brill, 2011b. p. 391-421.

HONNETH, A. *Brutalization of the social conflict: struggles for recognition in the early 21st century*. *Distinktion: Scandinavian Journal of Social Theory*, v. 13, n. 1, p. 5-19, 2012a. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1600910X.2012.648736>. Acesso em: 14 jul. 2020.

HONNETH, A. **The I in we**: studies in the theory of recognition. Cambridge: Polity Press, 2012b. pp. 246.

HONNETH, A. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. *Sociologias*, v. 15, n. 33, p. 56-80, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/8KhhHgJWbTRBYgmvYpMQ3H/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2020.

HONNETH, A. **O direito da liberdade** [livro eletrônico]. São Paulo: Martins Fontes, 2016, ePUB.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2000**: características gerais da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/83/cd_2000_caracteristicas_populacao_amostra.pdf> Acesso em: 13 mai. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf> Acesso em: 13 mai. 2022.

JUNGBLUT, A. L. Transformações na comunicação religiosa: Análise dos dois modelos comunicacionais operantes no Brasil atual. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 12, p. 453-468, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/13010>. Acesso em: 20 set. 2022.

MANSILLA, M. A; MOSQUEIRA, M. **Sociología del pentecostalismo en América Latina**. RIL editores, Universidad Arturo Prat, 2020. pp. 732.

MARIANO, R. O futuro não será protestante. *Ciencias Sociales Y Religión*, v.1, n1, p. 89–114, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669409>. Acesso em: 21 set. 2022.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**, v. 18, p. 121-138, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/H6DCFyvKr6Yrxw7W6pWJcBz/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2022.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da religião**, v. 4, p. 68-95, 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

MARIANO, R. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. **Perspectiva Teológica**, v. 43, n. 119, p. 11-11, 2011. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1028>. Acesso em: 20 set. 2022.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, n. 120, p. 61-76, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>. Acesso em: 20 set. 2022.

MARIZ, C. L. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 33, 1991. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/33/Cecilia%20Loreto%20Mariz%20-%20A%20Religiao%20e%20o%20Enfrentamento%20da%20Pobreza%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997. 140p.

MARTIN, J. S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 174p.

MARTINS, J. S. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 228p.

MARTINS, J. S. **A política do Brasil**: lúmpen e místico. São Paulo: Contexto, 2017, 253p.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3ed. São Paulo: Contexto, 2018. 172p.

MARTINS, J. S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019. 206p.

MARTINS, J. S. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2020. 221p.

MATTOS, P. L. C. L. Análise de entrevistas não estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem. In: GODOI, C. K.; MELLO, R.B.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: Paradigmas, Estratégias e Métodos São Paulo: Saraiva. 2006.

MELLO, B.; PORTINARI, N. Salto evangélico: veja quais são as maiores igrejas evangélicas do país. **O Globo**. 2022. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/salto-evangelico-veja-quais-sao-as-maiores-igrejas-evangelicas-do-pais.ghtml>> Acesso em: 21 set. 2022.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar. Edição digital: fevereiro 2018.

NASCIMENTO, E. P. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. **Caderno CRH**, v. 7, n. 21, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v7i21.18772>. Acesso em: 6 out. 2021.

OLIVEIRA SOBRINHO, A. S. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Sociologias**, v. 15, p. 210-235, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/LJBz4P3sqLrM4ss4sNQJZSG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. 2014. Disponível em <https://www.pewresearch.org/religion/2014/11/13/religion-in-latin-america/>. Acesso em: 15 set. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. 2018. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/08/22/the-worlds-most-committed-christians-live-in-africa-latin-america-and-the-u-s/>. Acesso em: 15 set. 2022.

PEW RESEARCH CENTER. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2020/03/12/white-evangelicals-see-trump-as-fighting-for-their-beliefs-though-many-have-mixed-feelings-about-his-personal-conduct/>. Acesso em: 15 set. 2022.

PETHERBRIDGE, D. *The critical theory of Axel Honneth*. Lexington books, 2013. pp. 266.

PILAPIL, R. *Psychologization of injustice? On Axel Honneth's theory of recognitive justice*. **Ethical perspectives**, v. 18, n. 1, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/290515632_Psychologization_of_Injustice_On_Axel_Honneth's_Theory_of_Recognitive_Justice. Acesso em: 23 mai. 2022.

PINZANI, A. O valor da liberdade na sociedade contemporânea. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 94, p. 207-15, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/12516546/O_valor_da_liberdade_na_sociedade_contempor%C3%A2nea. Acesso em: 16 mai. 2020.

PINZANI, A. Os paradoxos da liberdade. In: MELO, R.. (Org.). **A teoria crítica de Axel Honneth. Reconhecimento, liberdade e justiça**. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2013, v. 1, p. 293-315.

POLATO, F. S. O uso do rádio e da TV por instituições religiosas: Um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação. 2015. 86f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo), Departamento de Comunicação Social, UNESP, Bauru. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126680>. Acesso em: 21 set. 2022.

PRADO JÚNIOR, C. **O Sentido da Colonização**. In: Formação do Brasil Contemporâneo. Formação do Brasil Contemporâneo-Colônia. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 13-33.

RAMOS, L. P. Justificativas da igreja católica para o escravagismo: no Brasil colônia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 604-623, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2257>. Acesso em: 4 mar. 2022.

ROCHA, E.; TORRES, R. **O crente e o delinquente**. In: SOUZA, J. A ralé brasileira: quem é e como vive. 3ed. Contracorrente: São Paulo, 2018. p. 225-262.

SANTOS, A. P. Cultura evangélica no território brasileiro. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, X, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/55.pdf>. Acesso em: 22 set.2020.

SANTOS, D. A. Souza. “Não-determinados”? a pulverização evangélica e o problema metodológico do censo brasileiro. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 03-23, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/38721>. Acesso em: 24 set. 2022.

SEBRECHTS, M.; TONKENS, E.; DA ROIT, B. *Unfolding recognition: an empirical-theoretical contribution to the concept*. **Distinktion: Journal of Social Theory**, v. 20, n. 2, p. 173-189, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1600910X.2019.1586741>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SPYER, J. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020. E-pub.

SILVA, M. P.; COSTA, R. V. Sentidos de positividade e teologia coaching na rede digital Instagram: Uma análise discursiva de Tiago Brunet. **Revista Tecer**, v. 14, n. 27, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas-izabela/index.php/tec/article/view/2409>. Acesso em: 12 out. 2022.

SCHWARCZ, L. M. História não é bula de remédio. In: SCHWARCZ, L. M. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 11-26.

DA SILVA, G. F. Considerações sobre criminalidade: marginalização, medo e mitos no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/85>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SOBOTKA, E. A.; DE SANTO, T. M. Reconhecimento, justiça e a questão da autonomia: desafios para uma teoria social normativa. **Política & Sociedade**, v. 17, n. 40, p. 65-87, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2018v17n40p65>. Acesso em: 10 mar. 2019.

SOUZA, J. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. 3ed. Contracorrente: São Paulo, 2018. 505p.

SOUZA, J. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. Estação Brasil, 2019. 272p.

STAKE, R. E. *Qualitative case studies*. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**: Third Edition. London: Sage, 2005. p.443-466.

TAYLOR, C. *The politics of recognition. New contexts of Canadian criticism*, v. 98, p. 25-73, 1997. Disponível em: <http://fs2.american.edu/dfagel/www/Class%20Readings/Taylor/multiculturalism.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

TWEEDIE, D. et al. *How does performance management affect workers? Beyond human resource management and its critique. International Journal of Management Reviews*, v. 21, n. 1, p. 76-96, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/ijmr.12177>. Acesso em: 23 nov. 2020.

TELES, J. E. F. **Igrejas Rebeldes**: uma etnografia do processo de autenticação de pequenas igrejas pentecostais entre as camadas populares das periferias urbanas. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), PPG de Antropologia Social. FFLCH, USP, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-27122021-142711/en.php>. Acesso em: 02 out. 2022

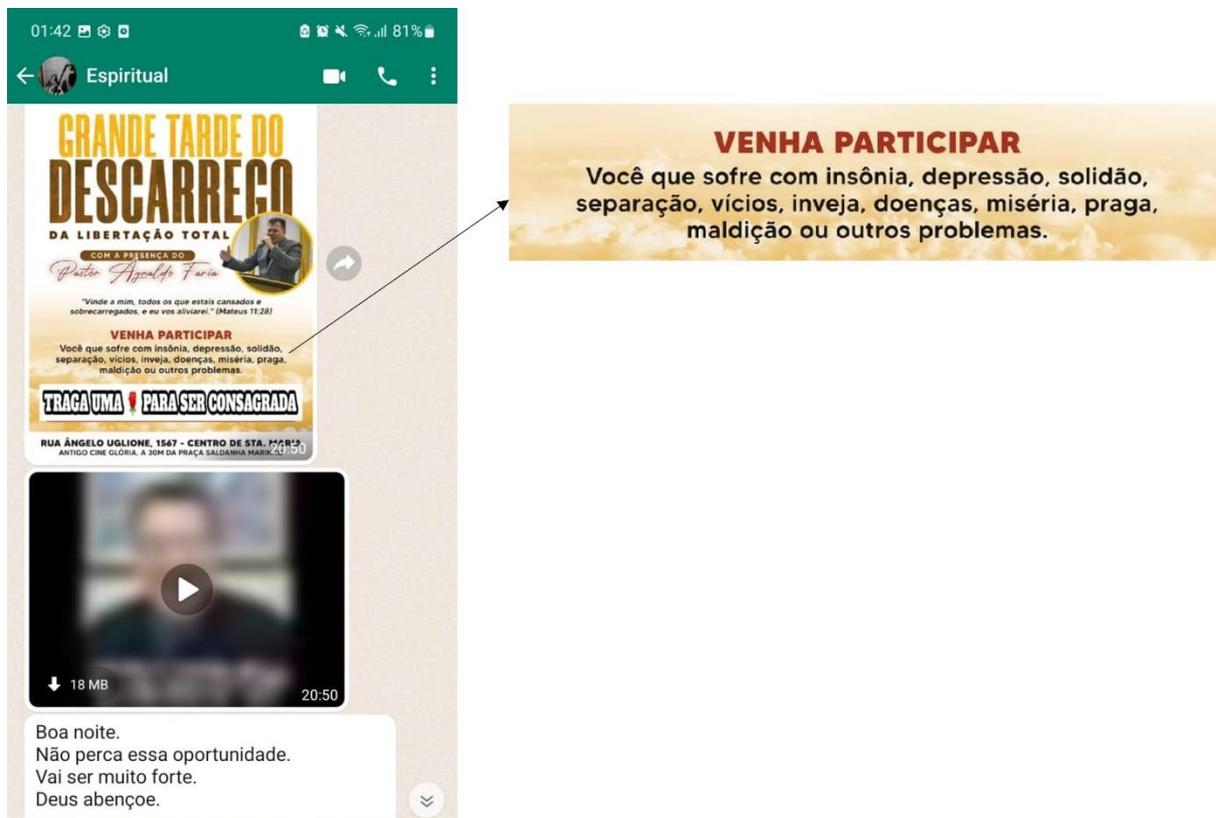
VISSER, M. *Pragmatism, critical theory and business ethics: Converging lines. Journal of Business Ethics*, v. 156, n. 1, p. 45-57, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10551-017-3564-9>. Acesso em: 01 dez. 2020.

VISSER, M. *Recognition and (de) humanization in the neoliberal workplace: Prospects and possibilities. Full paper, Subtheme 26: Humanizing management: Foundations, precautions, and prospects*, 36th EGOS Colloquium, Hamburg, 2-4 July, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342282117_Recognition_and_dehumanization_in_the_neoliberal_workplace_Prospects_and_possibilities. Acesso em: 01 dez. 2020.

WESTIN, R. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. Agência Senado. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios#:~:text=No%20Segundo%20Reinado%2C%20o%20Brasil,e%20n%C3%A3o%20em%20pequenas%20propriedades>. Acesso em: 16 abr.2022.

APÊNDICE 1. MATERIAL GRÁFICO

Figura 10 - Publicação WhatsApp: tarde de descarrego



Fonte: SOS espiritual, envio diário

Figura 11 - Publicação WhatsApp: a vitória



Fonte: SOS espiritual, envio diário

Figura 13 - Publicação WhatsApp: as muralhas caíram



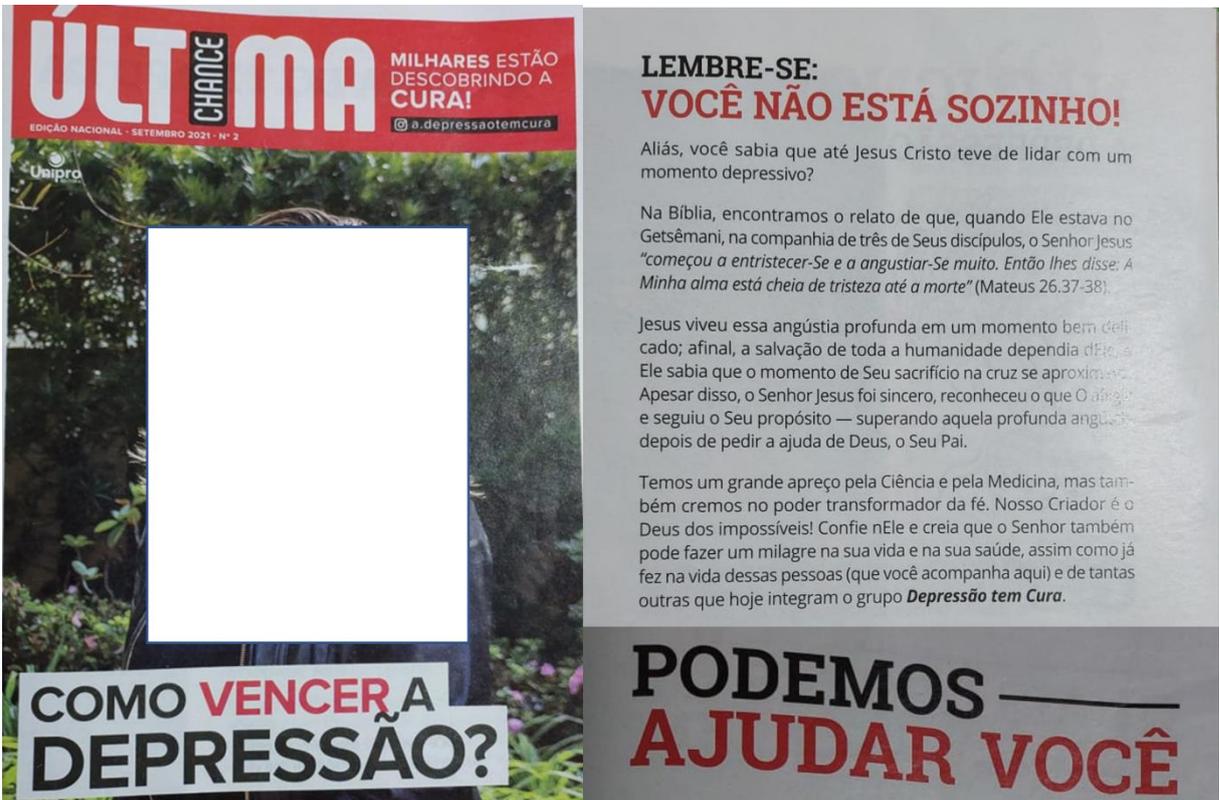
Fonte: SOS espiritual, envio diário

Figura 12 - Mensagem de acolhida



Fonte: Registro de letreiro de parede exposto na entrada de acesso principal a uma igreja.

Figura 14 - Última chance



Fonte: Folder “Última Chance”

Figura 15 - Você já se cansou de tentar tudo?

VOCÊ JÁ SE CANSOU DE TENTAR DE TUDO E NUNCA ENCONTRAR A RESPOSTA?

Mesmo se empenhando para conquistarem o que desejam, muitas pessoas não veem a concretização desse esforço porque o alvo de suas buscas está no lugar errado. Mas há uma chance de mudar esta realidade

O RESULTADO ESTÁ NO LUGAR CERTO

Você se esforça em prol de seus objetivos, mas não tem alcançado os resultados que deseja? Tem se empenhado para concretizar seus sonhos, mas a cada dia que passa o que mais vê são decepções? Se a sua resposta for positiva, então reflita: será que você está buscando no lugar errado?

Bem, é possível que você desconheça o lugar em que você certamente vai encontrar o que deseja ou então já tem conhecimento disso, mas tem sido uma pessoa indefinida, que não sabe exatamente o que quer e, consequentemente, fica trilhando caminhos que não levam ao lugar certo.

Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 16 - Repleta de problemas

Repleta de problemas, a vida de A [] tomou um rumo inimaginável. Até que ele conheceu o lugar que mudaria sua história PÁG. 16

“

A minha fé, antigamente, era só ler a Palavra e orar, mas a vida era igual a de um incrédulo. Eu nem sabia como usar a fé

Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 17 - Pare de sofrer!

PARE DE SOFRER!

Se você está passando por dificuldades e não vê mais saída, peça a ajuda de Deus. Escreva aqui seus problemas e leve este pedido na Universal mais próxima de você

Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 18 – Pensamento suicida



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 19 - Mudança de vida



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 20 - Um novo início de vida



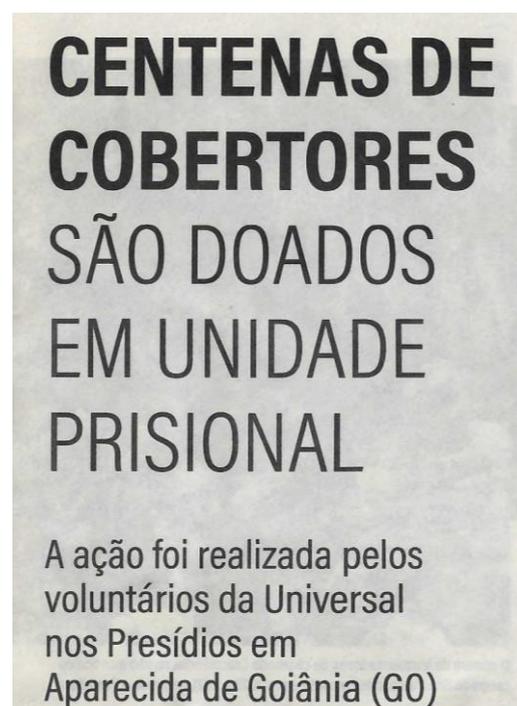
Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 21 - Oportunidade de vida nova



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 22 - Atuação nos presídios I



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 23 - Atuação nos presídios II



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 24 - Reescrevi minha história I



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 25 - Reescrevi minha história II

**“EU ACHAVA QUE O MUNDO SERIA A
MINHA SOLUÇÃO, MAS SE TORNOU O
MEU SOFRIMENTO”**

**“A CADA DIA QUE PASSAVA,
MINHA VIDA AFUNDAVA MAIS”**

Vícios, prisão e prostituição fizeram parte do conturbado passado de [nome], que conseguiu reescrever sua história por meio da fé

Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

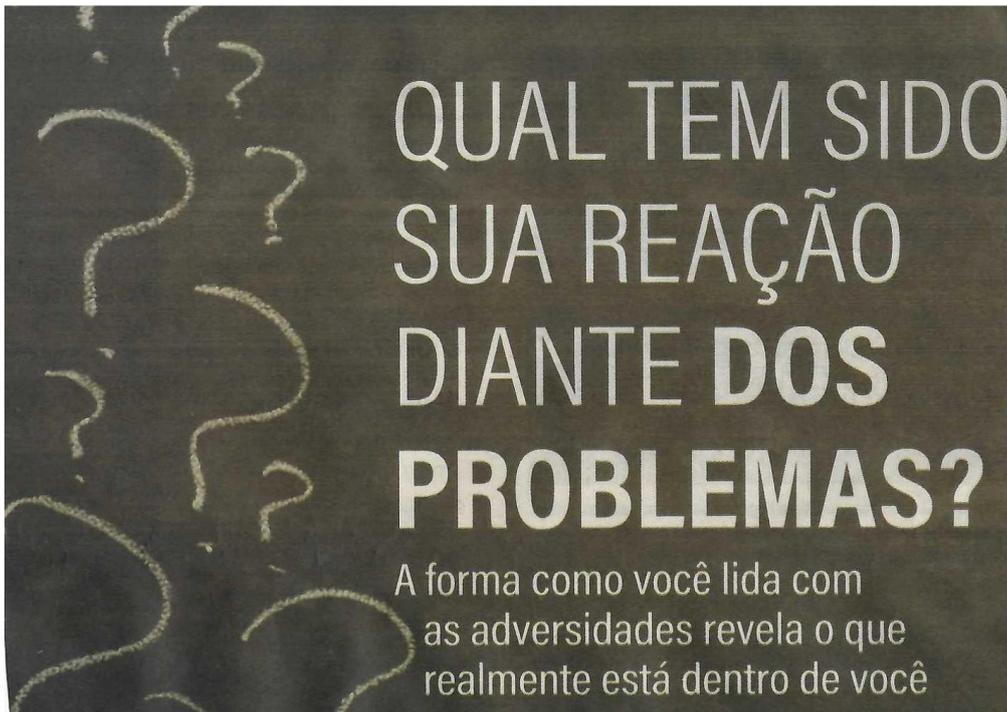
Figura 26 - Quem me curou

**“EU DISSE: OU O SENHOR ME CURA
OU O SENHOR ME MATA, PORQUE
EU NÃO ACEITO SOFRER”**

**“
Quem me curou
não foi o homem nem
foram os medicamentos.
Na verdade, quem
me curou foi
o poder de Deus**

Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Figura 27 - A forma como lida com as dificuldades



Fonte: Recorte retirado da “Folha Universal”, o jornal impresso oficial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

O jornal impresso da “Folha Universal” entregue por meio de panfletagem, nas ruas. Os recortes apresentados foram retirados de jornais entregues na principal praça da cidade, a ação acontece ao menos uma vez a cada quinze dias. O jornal é publicado desde o ano de 1992, com quase 1.9 milhão de exemplares semanais e conta ainda com divulgação em site⁸⁷ redes sociais, no Instagram⁸⁸ e no Facebook⁸⁹.

⁸⁷ <https://www.universal.org/folha-universal/>

⁸⁸ <https://www.instagram.com/folhauniversal/>

⁸⁹ <https://www.facebook.com/FolhaUniversal/>

APÊNDICE 2. TRANSCRIÇÃO DO MATERIAL AUDIOVISUAL

Assembleia de Deus/Ministério de Madureira - Oração pelos pedidos das redes sociais: orar pela sua casa, sua família, pela nação brasileira... a necessidade do teu povo, casa que está precisando do teu agir, esse coração que está agitado...esse choro..essa lágrima...esse clamor...Deus vem ver a situação que em si próprio não pode resolver...estamos aqui clamando a solução desse problema, por essa causa na justiça, essa aposentadoria, esse médico que examinou e precisa dar laudo pra apresentar aposentadoria...há poder em teu nome para desfazer todo intendo do adversário...que haja uma visitação tua nas ruas, na vielas, nos corredores...visita as famílias, cancela o divórcio, renova o amor...libera a vitória nessa tarde...⁹⁰

Assembleia de Deus/Círculo de oração (de mulheres) - Deus te escolheu, Ele não olhou a sua aparência, Ele não quiz saber de onde você vinha, simplesmente ele te escolheu! Onde estão as escolhidas do Senhor? (canto/salmo 126 - libertação do povo de Deus do cativo) O livramento que Deus deu à nação...a gratidão por Deus ter entrado no cativo e resgatado aquela nação...ninguém gosta de viver uma vida cativa, porque cativo fala de escravidão, de jugo, de sofrimento, quando alguém está no cativo, ele perde o direito de ir e vir, perde a liberdade e muitas vezes também perde a alegria...escravo muitas vezes não é respeitado, é humilhado (...) quando Deus quer o seu crescimento, não há ninguém na face da terra que vem impossibilita esse crescimento se você estiver em obediência ao Deus que você serve, aos seus líderes, às autoridades que Deus constituiu para você estar obedecendo (...) observamos que cativo é lugar de comida regrada, escassez, mas quando alguém é levado para o cativo não pode paralisar a vida porque foi levado ao cativo, a vida segue! Ele tem que seguir a vida dele até que o socorro venha do alto, até que Deus entre com a intervenção, até que Deus traga o livramento, até que Deus entre lá e traga você das garras de Faraó, ou seja, da situação que você está vivenciando. Não pode parar, não pode abrir mão de sonhos e projetos porque está passando um momento de cativo...Quando você está sozinho lá no cativo, longe de casa, longe da família, longe da parentela, longe dos amigos, achando que nada vai dar certo, achando que você está esquecido na face da terra, achando que os seus projetos não vão avante! É nesse exato momento que Deus se revela pra você...ele vem te dar o livramento (...) Ninguém gosta de viver uma vida no cativo, mas devemos nos acomodar com aquela situação? não, jamais!

⁹⁰ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ht17E8b7nbE>

(...) E eu tenho uma notícia pra você que chegou aqui no cativeiro espiritual, no cativeiro emocional, no cativeiro social, no cativeiro financeiro, no cativeiro sentimental, eu não sei qual é o cativeiro que você chegou aqui, mas eu tenho uma notícia pra você: o Deus de Israel é o meu Deus e é o seu Deus e ele está dizendo que é só um pouco de tempo, é só um momento, você não vai morrer no cativeiro não! (...) não fique desanimado, não fique com o seu emocional tão abalado, o cativeiro, muitas das vezes, deixa o nosso emocional abalado (...) e você olha e vê que já caminhou até aqui, olha pra você! você chegou até aqui! Você nem imaginava que estaria aqui no ano de 2020 em plena pandemia! Muitos chegaram no vale da sombra da morte, muitos pensaram que não estariam aqui, muitos acharam que seria o fim, o último ano, mas Deus foi lá no cativeiro, Deus foi lá no vale, pegou na sua mão e disse “Vem comigo!” (...) porque eu fiz uma promessa pra você, eu fiz uma promessa pra sua vida, eu fiz uma promessa pra sua casa, eu te entendo, eu conheço o seu emocional, eu sei como você está, eu sei que você pode estar sorrindo por fora, mas a sua alma está chorando. Mas eu vou dizer pra você, que hoje eu vou revestir você de coragem, de capacidade, de graça, de unção, de força, de sabedoria, de conhecimento (...) quando você está preso a algum tipo de situação que você sabe que você não pode sozinha, que você não consegue sozinha e, de repente, chega uma notícia, Deus!! colocou um ponto final nessa situação!... não sinta-se sozinho, todos podem te abandonar, mas eu o teu Senhor, jamais te abandonarei!⁹¹

Assembleia de Deus/Culto da vitória. Nós intercedemos ó Pai por aqueles que estão hospitalizados, enfermos, aqueles que estão aflitos, caídos, aqueles que estão necessitando de ti, aonde quer que estejam o Senhor tem o poder de ir ao encontro de cada um destes, Meu Deus! e mudar com esta situação e entrar com a providência... (Hinos da arpa cristã). O pastor retoma a palavra para falar sobre a oferta: Meus irmãos, momento de contribuirmos ao Senhor com as nossas ofertas, com os nossos...dizimos, nós temos isso também como nosso momento de adoração ao Senhor. Porque ofertarmos ao Senhor, eu sempre digo, com toda certeza, que é uma forma de nós objetivarmos a nossa fé, colocando as nossas finanças nas mãos do Senhor Jesus. (passagem bíblica sobre a oferta = sacrifício) Vejam que a oferta começa muito tempo antes de entregar ela ao Senhor, porque a oferta irmãos, nos dias de hoje, ela começa no nosso coração...quando tu traz a tua oferta com o coração, com disponibilidade, ali o Senhor já aceitou a tua oferta. E com toda a certeza quando o Senhor recebe a nossa oferta, Ele gera galardão, ele gera recompensa...ele abençoa o nosso sustento (trabalho)...(passagem bíblica sobre fidelidade

⁹¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1L74PgIIVvg>

e superação)...você que veio aqui nesta noite dizendo “Deus, eu preciso de uma resposta”...permaneça fiel, porque a tua fidelidade atrai a atenção de Deus pra tua vida...Ele veio aqui pra mudar a tua história, tem pessoas aqui que entrou de uma forma, mas vai sair de outra, tem pessoas aqui que na noite de ontem dormiu preocupado, mas hoje vai dormir tranquilo, tem pessoas aqui que amanhã vai acordar cantando o hino da vitória⁹².

Assembleia de Deus/Culto de ensino: ...nos amou (o Senhor) de maneira tão especial, nos socorreu no dia da angústia e da aflição, nos libertou Senhor, nossa alma manchada pelo pecado...nesse momento Senhor adoramos a ti pelo que fizestes por nós, pelo que tu és Senhor...vamos adorar a Ti, vamos contribuir a ti, vamos receber a tua Palavra, abençoe grandemente aquele crente que aqui já está Senhor ...os que estão em trabalho, os que estão em viagem...os que estão desanimados...os que estão desviados...os que estão enfermos...aqueles que estão seus lares Senhor, há muitos doentes, acamados...rogamos também pela nossa nação Senhor, salva a nossa nação da ruína e do mal Senhor, dirija a mente daqueles Senhor, pelas eleições esse ano (...) que haja legisladores, governadores, presidente, temente a Ti, atento aos valores da tua Palavra, ética e a moral (...) casas bonita irmão não vai levar ninguém para o céu, carros bonito não vai levar ninguém para o céu, precisa, quem vai levar para o céu é Jesus Cristo através da renúncia de cada um que vai fazer (...) - O Pastor se utiliza de um exemplo prático de um evento que aconteceu com ele, a caminhoneta que fundiu o motor a caminho de mato grosso, para dizer que Deus é providente - ...não sei o deserto que você está passando na sua vida, mas não desiste! Deus estará com providência na sua vida! Mas é para aqueles que anda em justiça diante de Deus, não é para qualquer pessoa! é para aquele que crê (versículo bíblico). Onde está a sua cidade irmão? a nossa cidade está no céu donde esperamos o nosso salvador! Tem muita gente esperando nessa vida, mas a nossa cidade está no céu⁹³.

Assembleia de Deus/Culto de missão: pastor enaltece a dimensão missionária da igreja “pessoas que estão longe, muito longe, mas foram alcançadas, encontradas, pelo Evangelho”...agradecimento do pastor a todos fiéis que tornaram possível “porque os irmãos abriram o coração e entregaram o seu recurso para a igreja, para que a igreja pudesse investir nesse trabalho de missões, enviando obreiros, preparando obreiros, abrindo igrejas, construindo templos, comprando terrenos...”⁹⁴.

⁹² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UHwbKgYVy7Y>

⁹³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LzjIm8h3vpk>

⁹⁴ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=pw3LehCB_0U&t=4778s

Assembleia de Deus/Santa Ceia - Durante o culto o pastor chama um casal que viajou de longe para participar do culto, a filha nasceu prematura em situação de quase morte e a mãe havia pedido ao pastor oração, na sequência o pastor faz a oração “ Pai querido nós te louvamos, porque o Senhor com a mão forte preservou a vida dessa criança da morte (...) consagramos essa vida pequena aqui no seu altar (...) guarde essa criança de todos os tipos de acidentes Senhor (...) aos seus pais, provê Senhor, os meios a sabedoria, as partes das finanças para prover a educação da menina, prover bons meios de educação, estudo, roupa, alimentação (...). Na sequência depois da pregação, o dízimo é recolhido (pregação) nós vivemos o espiritual e vivemos o material todos os dias, mas entre o material e o espiritual, nós também fazemos escolhas diárias, ocorre irmãos que nem sempre nós priorizamos aquilo que é espiritual daquilo que é material na nossa vida. Nós acordamos todos os dias e desde o início que você acorda ali, desde o princípio, você começa a tomar as suas decisões diárias, mas grande parte dessas decisões nós não pensamos em consultar o Senhor (...) preste bem atenção irmãos, porque num determinado dia da sua vida, você fez uma escolha, uma escolha que mudou a sua vida, uma escolha que mudou a sua história, uma escolha que mudou o seu caminho, que mudou a sua trajetória de vida por quê? Porque você escolheu seguir a Jesus Cristo...o transitório, são as coisas desse mundo, aquilo que passa...(depois de relatar a situação de pessoas no hospital desde jovens até idosos) mas eu estou escrevendo uma história não para cá (terra) eu estou escrevendo uma história para lá (céu)...⁹⁵.

Assembleia de Deus/Culto dominical- O pastor dá ênfase para a atitude de humildade de Jesus... Vocês têm que se sentir como um filho de Deus, um filho amado, um filho cuidado, um filho protegido, um filho acariciado. Glória a Deus! Eu estou falando isso pela palavra do Espírito Santo para desfazer a obra do diabo que diz que você é um desprezado. Não! você não é um desprezado, uma desprezada, você não é um excluído! Os filhos de Deus, são filhos amados, são filhos acariciados (...) que nós possamos ser uma bênção para nós e para todos aqueles que estiverem perto de nós (...) onde o crente chega, ele é uma bênção! E todos nós irmãos somos chamados para servir (...) nós temos que sair, irmãos, das quatro paredes desta igreja para servir, servir onde? Servir na penitenciária, ir lá com o Fulano na prisão para pregar aos presos aos encarcerados, o ano aceitável do Senhor. Ajudar os estrangeiros, pobres, ajudar os sem-tetos, aqui na nossa área na zona norte, está assim (gesto com as mãos) de estrangeiro pobre e haverá um dia que Jesus vai falar, “Eu fui estrangeiro e você me acolheu” (...) Nós estamos construindo

⁹⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CtlCT3CIAtc>

uma congregação em uma invasão onde a maior parte, ou...[falando] politicamente correto, uma ocupação, onde a maior parte das pessoas são bolivianos, venezuelanos e nós estamos lá, fazendo uma congregação. Leva uma cesta básica lá todo mês! Faz alguma coisa!⁹⁶.

Assembleia de Deus/ Culto de louvor e adoração - Nós queremos a todos nessa noite, meus queridos irmãos, estamos aqui adorando e bendizendo o nome do nosso Deus. Eu gostaria antes mesmo de ler a palavra dessa noite, eu gostaria de trazer uma palavra de conforto de alento, para os nossos queridos irmãos. Sabemos que estamos em uma quarentena, isolados em nossas casas, mas uma coisa temos certeza, estamos sentindo a presença de Deus. Deus, ele está no controle de tudo e eu gostaria nesta noite de deixar um versículo para os amados irmãos, salmo 91, o versículo primeiro, que diz que aquele que habita no esconderijo do altíssimo, a sombra do onipotente descansará. Creio, queridos irmãos, que o mundo, ele tá passando por um momento difícil, muito difícil e sabemos que o Brasil também está envolvido com esta...com este vírus que está assolando não só o Brasil, mas o mundo. Nós temos ali visto que os EUA, uma potência, não é? econômica, bélica. Nós estamos vendo o que eles estão passando ali. Então isso eu creio que eles possam reconhecer na verdade, não só os EUA, como temos visto alia na Itália, Espanha, a própria China que deu início ali, mas eu creio irmão, diante desta pandemia, não é? que tem assolado essas nações. Eu creio que ali é o seguinte, é um recado de Deus, para que eles possam entender que Deus, Ele está no controle de todas as coisas. O nosso Deus irmãos, não está alheio as coisas que estão acontecendo, isto eu creio que é uma demonstração para todos esses governantes, para que eles possam saber que verdadeiramente só o Senhor é Deus e ele tem o poder nas suas mãos. Nós estamos vendo irmãos, o que esse vírus, ele está fazendo, esses países, chamado...esses países que é...rico! neh? o que nós observamos é que eles possuem muito recurso, muito dinheiro, nós sabemos que existe ali é...eles fabricam ali, armas, e essas armas elas são armas...como diz...ela atômica! não é verdade? Mas o que eu quero dizer é que, um pequeno vírus, permitido por Deus, está fazendo esse movimento todo, eu acredito irmãos que Deus está no controle. Eu quero pedir ao queridos irmãos que continuem orando, mantenha-se lendo, meditando na palavra de Deus, também orando para que nós possamos passar por essa onda. Eu creio que a Igreja ela passará por essa prova, por esse, tão difícil momento em que o mundo está passando. Mas eu creio que existe um Deus, o nosso Deus! o Deus todo poderoso, o Deus que nós estamos adorando nessa noite, ele é poderoso para nos garantir a nossa vitória!...porque é certa! a nossa vitória! (...) (pregação

⁹⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2lkwSMMZS4Q>

bíblica)...Irmãos eu paro aí nesse momento, só para trazer a nossa memória quanto sofrimentos passa muitas das vezes uma família, uma mãe, um filho, muitas das vezes, a sociedade, a igreja, por muitas das vezes de atitudes que nós tomamos errada. Que muitas das vezes, saímos da presença de Deus, mas achamos que as coisas vai continuar normalmente, não irmãos!...⁹⁷.

Assembleia de Deus/Culto dominical - Pai, nós estamos aqui em nome de Jesus para nos fortalecer espiritualmente e não deixar que a luta e as adversidades da vida venha nos atrapalhar... (banner de fundo do altar: “Fortalecerei o exausto e saciarei o enfraquecido”) Confia naquele que você aceitou como Senhor e salvador da tua vida, não pare de lutar, não desista (...)fica firme, persevera na fé, persevera na esperança, persevera da Palavra que é alimento pra tua alma, confia...⁹⁸.

Assembleia de Deus/Culto santa ceia - Peço oração por mim e minha esposa Marileia se recuperando dessa ansiedade pra honra e Glória ao nosso DEUS e pelos meus filhos e familiares e uma porta de emprego por mim (pedido no chat)...O culto inicia com uma música que foi feita pelo pastor durante a visita em penitenciária de segurança máxima “Jesus entrou dentro da prisão, abriu a cela, olhou pra mim e disse, ‘Você está livre’...como nave sem rumo navegava sem Deus, era um prisioneiro dos pecados meus, como um barco a deriva no meio do mar, a minha alma cansada só fazia chorar. Eu não tinha esperança de ter salvação, estava acorrentado em uma prisão, parecia que o sol não brilhava pra mim...Quando Ele chegou vou dizendo assim, este seu sofrimento terá fim... (louvor) (oferta) E esse é momento de fazer com alegria, com gratidão, ninguém aqui é obrigado, é constrangido, ninguém aqui dever fazer isso, simplesmente por necessidade, mas por gratidão. Você não vai dar pra que Deus te dê mais, você vai dar porque Deus já te abençoou, Deus tem cuidado da tua vida, mais de um ano de pandemia e Deus tem sustentado, não faltou pão na nossa mesa, não faltou cuidado de Deus... Quantos aqui passaram pelo COVID? quantos? Deus te deu livramento, muitos não tiveram essa mesma alegria (...) Eu quero agradecer aqui ao presbítero irmão Leandro e a esposa irmã Greice, e também o Levi, ela que vai nos ajudar aqui com a “Escola de servas” também com aula para nossas moças e rapazes do nosso campo eclesiástico onde nós temos nossos cultos online para prepará-los se Deus quiser, para serem também intérpretes de libra. Deus abençoe a irmã Greice, ela já faz um trabalho lá na ala feminina do “Bom Samaritano”...levem o meu abraço ao pastor Alcides Adriano que nos emprestou os irmãos para nos ajudar aqui na igreja,

⁹⁷ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=f4mukarxiUo>

⁹⁸ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=dTG7E_2PGrk&t=55s

porque lá eles não tem esse culto sendo transmitido através do sistema de interpretação de libras, mas aqui nós temos (...) Eu quero essa noite parabenizar a todos os trabalhadores, ontem foi o dia do trabalho (...) e todo o Brasil houve um manifestação é... muito linda, eu quero parabenizar os trabalhadores, mas também quero pedir a benção de Deus pelos nossos irmãos e amigos que estão desempregados, que perderam os seus empregos e quero orar essa noite também pelos empresários que tiveram que demitir funcionários, tiveram alguns que fechar suas empresas e como ontem foi o dia do trabalhador e eu sei que cada um de nós somos trabalhadores, vamos ficar em pé e vamos orar (...) e vamos pedir que Deus dê saúde e aqueles que estão enfermos, estão com problema, que Deus possa abençoá-los de uma forma maravilhosa (...) Ore pelos trabalhadores irmão, quem sabe se você tá desempregado, abençoa quem tá empregado que você abençoando ele, vem a benção também pra você. E você que está em casa, esta noite, Deus vai abençoar e abrir portas. Nós estamos chegando pro meio do ano, quando é final do ano é difícil de voltar a arrumar um emprego, mas Deus vai abrir portas pra você (...) nós cremos no Cristo que é maior do que a crise (...) nós cremos que o Senhor é o Deus provedor (...) todo espírito de suicídio, meu Deus, que entra no coração daquele que não tem trabalho, nós repreendemos nesta noite (...) Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima, toda a angústia que você passou, toda luta que você passou o Senhor limpará as nossas lágrimas (para quem permanecer obediente, ouvir a Palavra, na vida eterna), mas recompensas só para aqueles que fizeram obras maravilhosas para Deus (ganhar almas para Jesus)⁹⁹.

Assembleia de Deus/Culto da restauração - texto bíblico sobre os leprosos de Betesda - Não sei quanto tempo você tá buscando, eu não sei quanto tempo você tá clamando, eu não sei quanto tempo aquela causa está pendente lá e você aguardando, no momento que Jesus movimentar (...) quando Jesus chega para dar a resposta, as gavetas são movimentadas, o processo que estava lá embaixo, vem pra cima e a resposta vem em nome do Senhor. Quando Jesus chega para dar a resposta, o exame que deu negativo, você volta ou torna a fazê-lo e a agora ele vai dar positivo em relação aquilo que você quer para a sua saúde (...) Jesus Cristo modifica todo o sistema, Jesus Cristo modifica toda a situação (...) Reafirmo,. Mas nesse dia também, Jesus cura dos traumas, dos problemas psicológicos, dos problemas a nível familiar e tantas coisas que acontecem conosco no dia a dia, Jesus Cristo está exatamente aqui para nos Deus tem uma resposta pra você irmã, Deus tem uma resposta para você meu irmão... nesse dia de culto da restauração o Senhor quer operar também nas vidas (...) para nos dar saúde

⁹⁹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4ltGjiXI-Qo>

física, saúde espiritual, para nos curar de nossos traumas, estamos vivendo tempos muito adversos, estamos saindo agora recente de uma pandemia, que nem saímos direito ainda, tem muitas pessoas frustradas, traumatizadas, em suas casas dar vitória! Deus resolve o teu problema, Deus resolve o teu problema! (...) nesse dia do culto da restauração, alguém vai sair daqui vitorioso, alguém vai sair daqui vitoriosa, alguém vai sair daqui liberto de seus traumas, das suas frustrações, da sua enfermidade física, da sua enfermidade espiritual, porque Jesus é o mesmo, ontem, hoje e eternamente (...) você está necessitado? você está necessitada? este lugar é exatamente o pronto-socorro de Jesus Cristo, viemos aqui para clamar, viemos aqui para buscar, pode...temos toda a liberdade de abrir a nossa boca e buscar a presença de Deus da nossa vida, Ele livrará o necessitado quando clamar, como também ao aflito e a quem não tem que o ajude (...) que essas vidas que aqui chegaram, irmão e irmãs, Senhor se deslocaram de seus lares, tiraram essa manhã, Senhor, para estar aqui nesse Templo, possam na verdade serem recompensadas com a tua presença em suas vidas, aqueles que estão acompanhando pelos sistemas de comunicação que possam ser alcançados, alcançadas Senhor, quantas pessoas estão enfermas em seus lares? quantas pessoas estão aflitas, quantas pessoas olham para um lado e para outro e não encontram quem os ajude. Chega nesse dia Senhor, com ajuda do céu, com bálsamo, com conforto (...) Testemunhos (chamado no culto como “voto”. 1 - eu quero pagar um voto que eu fiz ao Senhor, que meu pai queria muito que eu orasse que o Senhor aposentasse ele e eu orei e disse “Pai a gente vai tá junto no culto da restauração e eu vou contar, e ali tá ele (apontando) estamos aqui contando para a honra e glória do Senhor (...) histórico de doença pulmonar crônica... Deus fez transplante sem fazer cirurgia, porque os meus pulmões não prestavam mais, o médico mesmo disse...depois teve outro filho precisou retornar ao hospital por complicações, o Senhor disse pra ela “Você não está entendendo, mas agradeça!” a palavra obrigado não saía da minha boca... Eu vou confiar no Senhor, eu vou agradecer, mas as coisas foram se agravando...eu tive que ir pra UTI...graças a Deus, Deus trouxe meus pulmões de volta...retornou para casa e a COVID estava matando por insuficiência respiratória, mas Deus disse que eu ia passar por esse processo, mas o Senhor era comigo...teve COVID...mas não precisou ir para o hospital... 2 - depois que eu tive COVID no início do ano...eu testei positiva que tava grávida neh, fiz os exames, infelizmente, quando foi seis semanas, nada do meu feto crescer, eu fui ali no médico ele disse vamos fazer exames...o médico disse, infelizmente, nós vamos ter que fazer curetagem. E eu cheguei me internei ali, a médica disse “Olha...se não der pra fazer hoje só amanhã”. Aí eu fiquei preocupada e fiz um voto com Deus naquela noite, ali naquele lugar e Deus me concedeu que foi feita naquela noite aquela curetagem...quando foi no outro dia a noite eu tava em casa com meu esposo, já doente neh,

coretada, e ele do nada sentiu uma dor muito forte na perna, Senhor! o que vai ser de mim neh... já estou assim, ele vai ter que trabalhar no outro dia e aquela correria, muita preocupação, e eu fiz outro voto com o Senhor. Se o senhor passasse aquela dor na perna dele, eu vinha pagar no culto da restauração neh? estou aqui para pagar os dois votos que eu fiz. 3 - vim pagar um voto que fiz ao meu Senhor, tinha um benefício que estava sendo muito difícil ser aprovado e...eu confiei no Senho neh? fiz o voto fiquei confiante (...) e eu falei, pra Deus nada é impossível e fui aprovada, louvado seja Deus, aí hoje eu estou aqui para...fiz o voto pra pagar aqui no culto da restauração se Deus me desse essa vitória, eu recebi a vitória da mão do Senhor¹⁰⁰.

Igreja do Evangelho Quadrangular/Culto dominical - Pai, é tua palavra que transforma, é tua presença que convence, espírito de Deus e nessa noite, nesse lugar, Senhor, nós queremos poder desfrutar mais e mais desses milagres que o Senhor possa estar fazendo em nosso meio Senhor...Jesus andava no meio de pessoas que eram escanteadas pela sociedade...porque as pessoas tem medo de Deus? a mão de Deus pesa? Deus não tá querendo te pesar, Deus tá querendo te abraçar, te envolver, porque Ele te ama...não é mais um conjunto de ideias e pensamentos, Ele transforma sua vida!...Ele pode pegar você como o oleiro pega o barro e faz, um novo homem, uma nova mulher (...) Ele veio para os pecadores arrependidos (...) Testemunhos, após o Peniel, um encontro de experiência pessoal e libertadora com Deus: eu quero agradecer o meu filho que tá ali Fulano, eu sou muito duro com ele, pedir perdão à ele, que Deus amoleceu meu coração, (sob forte aplausos de todos presentes) Boa noite irmãos e irmãs e...então...eu estou aqui...pra dizer a vocês que o meu testemunho é um pouco triste, eu sou órfã, perdi minha mãe e meu pai, um pouco da minha família, eu era traficante, lésbica, prostituta, não sou mais, eu sou livre (muitos aplausos), Graças a Deus!...Uma boa noite a todos, eu tô me tremendo toda de tá aqui, pra falá isso. Foi difícil pra mim, pra mim entrar ali lá rua X, foi muito, muito, muito difícil, muito difícil mesmo, eu não consegui, eu fui a última, a última a entrar, as minhas perna travou, consegui entrar ali dentro, eu não tinha roupa adequada pra ir, tudo de ruim que tinha pra acontecer, aconteceu! Quinta-feira era pra mim estar aqui, eu não vim, eu me desviei pra um bar, eu fui beber, fui vender meu corpo, que eu não vou mentir, tudo de ruim aconteceu quinta-feira. Mas eu fui atrás de fulana e beltrana, na casa delas e pedi pra elas me levarem para o Peniel porque eu queria tá lá, eu queria me libertar, dessas coisas ruins que vem acontecendo comigo...e hoje eu tô aqui (aplausos)...Boa noite...eu queria realmente ser transformada e eu vinha de muito sofrimento, relações realmente frustradas, muita

¹⁰⁰ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=phJAiu3A0XU>

dor, muito sofrimento bastante que eu não vou entrar em detalhes, porque Deus...desde a hora que entrei, que eu botei o pé na escola, as lágrimas começaram a fluir...depois de todo sofrimento, eu posso dizer e garantir, eu estou curada e liberta em nome de Jesus. Boa noite...as pessoas olhavam pra minha vida e achavam que tava tudo bom, que tava tudo perfeito, não tava, não tava perfeito, eu alimentava um vício, e quanto mais eu alimentava, mais de mim saía, mais de mim doía e cada vez mais aquilo ia me esgotando. Eu tentava me liberar daquilo, eu não conseguia, porque os meus olhos estavam cegos e eu não conseguia enxergar que eu sozinho não conseguia, que não era sozinho, que não era daquela maneira que eu ia conseguir me libertar daquilo...na segunda noite que eu tava lá, naquela rampa do colégio, eu vi na minha mão toda a minha imundície, todo o meu pecado, na minha outra mão a cruz de cristo, e ao meu lado um fogueira e quando eu vi que eu tinha oportunidade de jogar aquilo tudo fora e começar uma nova vida, de ser um novo homem, uma nova pessoa, construir uma nova história...Boa noite a todos, a paz do Senhor, é muita alegria estar aqui neh, porque essa é uma oportunidade que Deus dá a nós, a cada um de nós, nós tá aqui, porque não sabemos o dia de amanhã. E eu estou muito feliz de estar na presença do Senhor, faz dez meses que estou na igreja buscando, minhas falha, mais tô querendo consertando erro. Graças a Deus tô liberto das bebidas, faz dez mês, das droga, tô liberto da vida dos crime, quem não me conhece, quem me conhece meu nome é Fulano, eu em 2008 levei quatro tiro no intestino, mas, Deus quando tem prano na vida de cada um que está aqui nessa noite, nós não morre tão fácil assim, porque vale a pena a gente buscar o Senhor (...) eu disse me ajuda pai, eu não aceito mais essa vida nesse mundo aí não, porque tudo que tinha no mundo eu provei (...) eu dei muito trabalha a minha família, a meu pai, minha mãe (...) fui uma pessoa rejeitada pela minha mãe legítima, naquele tempo meu vô não queria ela em casa (...) quem me criou foi meu avô, minha avó (mãe de criação)¹⁰¹.

Igreja do Evangelho Quadrangular/ Cultos simultâneos - (...) somos enganosos, e queremos ter um controle maior sobre nossa vida e queremos tomar conta disso. Mas Jeremias percebeu também que quando o oleiro pegou o vaso de volta, ele não jogou fora aquele barro, mesmo com aquele barro ele foi moldando, moldando, até ser feito da sua vontade. Deus não desiste de você, o mesmo oleiro é o Senhor Jesus, pega o mesmo barro que é você, Ele não vai te jogar fora, você não é descartável, você não é algo que vai ficar esquecido, Deus tem algo novo pra sua vida, Deus tem planejamentos novos sobre a sua casa (...) muda-me Senhor...(pregação) Princípios universais: o princípio eterno que dura para sempre é o amor de Deus (...) Deus ama

¹⁰¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JWf-cvHAvE4>

e te valoriza, sabe porquê? porque nós temos valor! porque Deus trocou o filho dele por nós (...) Deus tem um plano, um projeto para a sua vida (...) você pode estar se perguntando aí na sua casa “Mas para mim? Será que para mim tem uma esperança? será que pra mim tem jeito?” eu digo pra você, existe sim uma esperança pra você no poderoso nome de Jesus (...) O segundo princípio eterno é o pecado...o pecado da desobediência...todos pecamos, independente, de credo, de raça, de cor, inclui todos nós, todos pecamos e estamos carentes da glória de Deus...(...) quando Jesus entra na vida de uma pessoa ele muda a vida da pessoa, ele transforma a vida de uma pessoa...o que nos une nessa noite é a pessoa bendita de Jesus Cristo que na pessoa do espírito santo está agora Senhor em cada lar, agindo, trabalhando (...) nós estamos orando agora Senhor, pela família, nós estamos pedindo a tua benção, entrando em cada lar, em cada casa, entrando Senhor naqueles que necessita de uma cura, naqueles que neste momento abriram o seu coração para que houvesse salvação e alegria. Óh Deus estamos orando para pessoas que talvez tenham familiares agora, passando por momento difíceis, seja qual for a dificuldade, física, espiritual, emocional, familiar. Oramos pelos casais que talvez estejam num momento de crise, de dificuldade, talvez a vida Senhor, esteja lhes impondo uma situação desesperadora, mas nós estamos aqui para dizer que há esperança...oro também pelos filhos (...) que também estejam talvez precisando da tua cura, da libertação dos vícios, das drogas, de enfermidades... famílias que tenham filhos privados de liberdade...estamos orando agora e pedindo a tua benção que muda a vida, que constrói, que repreende todo mal (...) nos livra Senhor de todo o mal, de toda violência, insegurança, livra Senhor a nossa nação, o nosso Estado, abençoa porque nós cremos que feliz é o Estado, feliz é a nação cujo Deus é o Senhor¹⁰².

Igreja do Evangelho Quadrangular/Culto de orações - ...agradecemos Senhor pela vida, pela proteção divina, agradecemos, pelo pão de cada dia, agradecemos, por nos ajudar a vencer o mal, vencer o pecado, vencer todas as coisas...por mais um mês que tá terminando...talvez você que está aí comigo agora, você está passando uma luta no seu casamento, às vezes você está pensando até em divórcio, ce tá com seus filhos em dificuldade, você está passando alguma luta no seu lar (...) quantos casamentos que estão sendo destruídos agora pelo inimigo, o inimigo tem cirandado nessa casa, nessa família (...) clamamos por esse casamento que está na desunidade, desunião, abençoa Senhor a unidade dos pais (...) os filhos (...) que o Senhor venha abençoar os planos desse jovem, dessa moça, desse moço, Deus, os planos de faculdade, do trabalho, Senhor, do primeiro emprego,(...) esta criança senhor dá um crescimento saudável (...)

¹⁰² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=h8kCJjwEASU>

há tantas esposas, tantos maridos, Senhor, que às vezes ficam se drogando e filhos que muitas vezes acabam até mesmo vendendo coisas de dentro de casa, Senhor (...) alcança Senhor, todas as famílias, o inimigo está aí para tirar nossos filhos da tua presença (...) há tantos becões aqui nessa cidade Senhor, onde as pessoas estão se perdendo, onde as pessoas estão morrendo (...) tudo por conta de drogas, de vícios. Por isso te pedimos, envia os teus anjos Senhor, nessas ruas, nessas madrugadas, ó Deus, e vai tocando nesses corações (...) tenha misericórdia Senhor e age... Senhor nessas vidas, toca Senhor nessas vidas, levanta Senhor essas vidas! A tua palavra diz pai, que tu tira uma pessoa do lixo, Senhor, e coloca junto com os reis. Pai, em nome de Jesus nós cremos Pai, cremos que o Senhor é Deus e pode levantar essas pessoas, levantar essas famílias (...) faça-os crer que há um novo dia e que um novo dia pode ser diferente, Pai (...) Deus quer restituir a tua família, Deus quer restituir o teu emprego, Deus quer restituir a tua empresa, a tua saúde, mas pra isso você tem que se colocar de joelho diante dele¹⁰³.

Igreja internacional da Graça de Deus/ Programação de canal aberto Rede Bandeirantes - (...) as mulheres brasileiras também estão vivendo as bênçãos dos céus... “Eu faço parte do ministério das mulheres que vencem e sou patrocinadora a mais ou menos vinte anos e desde então eu tenho visto Deus abençoando de maneira grandiosa a minha vida e a da minha família (...) para a glória de Deus todos os problemas de saúde que eu tinha, desapareceram, fui completamente curada. Somos uma família completa, uma família feliz, para a glória de Deus. Se você ainda não é patrocinadora ou deixou de ser patrocinadora, não se esqueça: não é apenas uma ajuda para que o evangelho seja pregado em todo o mundo, é também um ato de obediência” como é bom servir a esse Deus que nos socorre e opera o impossível em todas as áreas da nossa vida, inclusive em nosso lar! (...) Missionário: fala sobre a Ucrânia, contexto de guerra, necessidade de oração...às vezes é uma pessoa simples que vai fazer uma obra muito grande e Deus então usa essa pessoa e pode usar você (chamando para ser patrocinadora da obra)...às vezes você encontra um caixa (banco, lotérica) que está sendo usado pelo inimigo. Uma senhora contou nas campanhas que eu fiz pelo interior, que ela foi no banco e levou uma quantia considerável e todo mês ela depositava, aí a moça disse “todo mês você faz isso? você vem aqui?”, ela disse “venho”, a moça “não faça isso, esse pessoal não precisa disso”, senhora “ah é?” aí ela foi pra casa, “mas que moça, mal educada, é problema meu, eu vou na lotérica”, o demônio tinha preparado o caixa da lotérica, moça perguntou “porquê se tá fazendo isso aqui?”, a senhora “porque eu amo a obra de Deus”, a moça “pára com isso, esse pessoal não

¹⁰³ Fonte: <https://www.facebook.com/quadrangularindaiatuba/videos/936706917128672>

precisa”. Aí ela parou uns mês, fez tudo que é tumulto na vida dela. O que aconteceu? ouvi a voz do Diabo, o Diabo gostou, ele agora pode entrar e destruir. Ela disse “vai parar isso agora!”, correu lá e depositou (...) é tudo plano pra poder tirar o programa fora pessoal, olha...qualquer ameaça, de qualquer lado contra a obra de Deus, fique esperto, não ajude o diabo, que o diabo pode entrar na sua vida. Você pode fazer também pelo pix (...) Oração que ordena a várias doenças e enfermidades que “saíam” dos fiéis...ainda que seja uma obra de bruxaria, de feitiçaria, de magia negra (...) eu anulo isso aí, eu tiro em nome de Jesus e eu exijo que vá embora! Os impossíveis aos homens são possíveis a Deus...sai toda dúvida, toda incerteza, toda incredulidade vá embora, nós exigimos, nós ordenamos, há poder nesse nome, há poder no nome de Jesus (...) música gospel “Não deixe o problema ditar o seu fim, não abandone Deus, se tudo perdeu, nada está perdido se a fé não morreu...”. Na sequência a fala de pastores locais. Eu vou orar pra inveja saí, eu vou orar pra amarração sair, pro desemprego sair, pros vícios saírem da sua casa, essa oração vai te dar uma força, essa oração vai te dar uma ajuda espiritual que você nem imagina, mas é necessário que você continue o seu tratamento espiritual (...) é necessário que você venha até a casa de Deus. E hoje aqui na nossa sede estadual teremos reuniões muito abençoadas, aonde o meu irmão de fé, estará atendendo você, orando por você no dia da prosperidade, os nossos horários na nossa sede é 9h da manhã, meio-dia, 14h, 17h e 19h30min (...) determinado a vitória, determinando que o impossível se torne possível na sua vida e olha...essa semana vai ser muito especial, nosso Missionário está chegando em Porto Alegre e olha, você vai dar a volta da vitória...Você quer vencer? você quer sair da derrota? você quer se tornar um vencedor? (...) Deus tem usado nosso missionário poderosamente, trago os doentes, trago os enfermos, trago aquelas pessoas que estão endemoniadas, carregadas! Eu vou mostrar pra você testemunhos do que acontece quando o missionário ora (...) testemunhos em que R.R Soares chama as pessoas aos altar e pergunta qual era a enfermidade (que foi curada no culto - entre pés e joelho sempre), pede pra imitar como era e como está, após pede para caminhar pelo “Corredor da Vitória” (a vista de todos) - cultos prosperidade, família, milagre, louvor - Entenda, todo mundo passa por problemas, todo mundo passa por crises no casamento, todo mundo passa por...certos problemas, certas situações que você não sabe o que fazer, mas a maneira que você enfrenta, faz toda a diferença, a maneira como você reage (...) dias ruins tem todo mundo, quem tá na igreja e quem não tá. “Pastor o que que adianta eu estar na igreja então?”... A Palavra que você ouve, ela instrui você, ela prepara você, pra você lutar e pra você vencer! A pessoa que não vem na igreja, vem os dias ruins, ela não vem na igreja? ela fuma, ela bebe, ela se droga, ela briga, ela sai de casa, ela faz aquilo que muitas vezes o inimigo sugere (pregação Hagar e esmael) Você não pode desistir, você não pode jogar a toalha,

você não pode se entregar não, você tem que levantar a cabeça, você tem que lutar...(oração) Senhor meu Deus e meu poderoso Pai, eu venho mais uma vez em tua presença e eu faço isso em nome de Jesus, eu estou orando por essa pessoa que está me assistindo do hospital, eu estou orando por essa pessoa que está no presídio, estou orando por essa pessoa que está lá em Bento Gonçalves gemendo de tanta dor no corpo pai, meu Deus eu estou orando por esta pessoa, Pai, que sente meu Deus, uma dor terrível nas pernas, ela sente o mal amarrando as pernas dela, eu digo espírito do Diabo saia dessa pessoa! ô depressão! ô crise de ansiedade! vai embora! desapareça em nome de Jesus Cristo, que a paz de Jesus invada o seu coração. (outro pastor...) angústia...aflição...nada nos separará do amor de Cristo... Ele exerce vigilância sobre nós nas 24h do dia, que coisa boa poder ser guardado por ele! e também nos sete dias da semana...a segurança mais...é...a melhor...essa aí que a gente vê em filme, essa...segurança do presidente, a segurança do não sei que lá, a swat, a não sei que lá, não chega nem perto da segurança de Deus, é importante neh? mas a melhor que tem é a de Deus (...) imagina se você encontrasse um mapa e nesse mapa tivesse uma direção, caminhos que levassem você até encontrar um tesouro, o que você faria? você sairia correndo, você faria de tudo com muita alegria e iria até o encontro desse tesouro. É possível isso? “Pastor, isso é fábula!”, olha eu tenho esse caminho pra você, eu tenho esse caminho que vai levar você a prosperidade, eu quero lhe ensinar as lições que levarão você a prosperidade, você quer saber o lugar? já vou te mostrar...esse é o lugar que você vai realmente receber o caminho que vai levar você à prosperidade, esse é o local na nossa sede...serão 12 semanas, o mapa da prosperidade.

É...vamos começando a semana, nada de tristeza gente óh! Nós temos que começar a semana alegres, pra cima, na fé. Na verdade, as coisas são mais simples do que você imagina, ou você começa a semana animado, ou desanimado, ou você começa a semana forte, ou você começa a semana fraco, ou você começa a semana alegre, ou...triste. E como você vai começar a sua semana, como você vai enfrentar as suas guerras, as suas lutas, está muito claro que é como você vai encerrar a sua semana. Se você começar a sua semana, alegre, positivo, com o pensamento de uma pessoa vitoriosa, você vai encerrar a semana é com a bênção, com o milagre nas suas mãos. Porém, se você começar a sua semana desanimado, pra baixo, reclamando, tudo vai ser difícil pra você e muitas são as pessoas que dizem “ah...segunda feira de novo, ah que preguiça, que vontade de ficar em casa” não, não! jogue fora esses argumentos, tire da sua cabeça esses pensamentos e coloque aquele pensamento positivo, aquele pensamento de vitória “Eu vou vencer! vai dar certo! Deus é comigo!” e na força do Senhor você vai vencer a guerra! na força do Senhor você vai ter uma entrada de mês, como há muito você não tem...onde as boas notícias vão chegar, onde o impossível vai se tornar possível, você crê? é necessário você

crer, porque da maneira que você crer, as coisas vão acontecer...Pastor Tedi, nós estamos aqui pra mostra pra essa pessoa que tem jeito sim a vida dela, que ela pode sim mudar essa situação e que a vida dela pode ser sim transformadas pelo poder de Deus, pelo poder da fé...Pastor Cristiano, nós começamos o mês da vitória, e começamos ontem o mês com vitória, pastor Cristiano, então é uma sinal que o Senhor está do nosso lado, é um sinal que aqui na graça só tem pessoas vitoriosas...porque nós cremos na palavra de Deus e toda pessoa que crê na palavra de Deus, ela se torna vencedora...nós não podemos aceitar a derrota, mas muitas pessoas estão aceitando! Estão aceitando a falta de dinheiro, estão aceitando o nome sujo, estão aceitando a derrota! mas quem é da fé, quem é do nome de Deus não aceita a derrota! não aceita a miséria! não aceita entrar numa batalha para perder. O nosso missionário nos ensina isso, o nosso missionário nos ensina que nós temos que gostar dos desafios, se você é uma pessoa que toda vez que você encontra o desafio, você foge, você é uma pessoa que toda vez que a coisa fica difícil você recua, você nunca vai saber o que é o gosto da vitória...tudo fica mais difícil quando a pessoa começa a semana desanimada, desacreditando das coisas, essa pessoa, ela precisa crer na vitória. Nenhum lutador ele entra, pastor Tedy, pra uma luta pensando em perder, ele entra pensando em vencer e ele vence, pastor Tedy. Essa pessoa tem que mudar esse pensamento de derrota, de fracasso e começar a pensar como um verdadeiro vencedor. Você tem que pensar assim “Vai dar certo, eu vou conseguir! Eu vou chegar lá! Não vai ter diabo, não vai ter saravá, não vai ter urucubaca, não vai ter mandinga, não vai ter olho gordo que vai me amarrar! que vai me segurar! Você vai alcançar todos os seus objetivos (...) Pastor Cristiano, então vamos combinar assim, sete e meia nós vamos fazer aquela guerra, a oração contra o desânimo, pastor Cristiano (...) Você está acompanhando o programão do “Congresso Águia: voando alto” é pra quem quer ir longe, é pra quem quer vencer, é pra quem quer ir além! Você vai chegar onde ninguém da sua família chegou, você vai conquistar o que ninguém da sua família conquistou, porque a fé, ela lhe dá essa condição, a bíblia diz que tudo é possível para aquele que crê...

Igreja internacional da Graça de Deus/Show da fé – leitura de texto bíblico, ênfase sobre a “posse da benção”, com a ressurreição de Jesus Cristo todos já foram salvos, ênfase maior no novo testamento, que estudo e intelectualidade não valem nada para o mundo espiritual, ciladas do Diabo para tirar do caminho etc...Novela da vida real (testemunho precedido de imagens que mostram um casal feliz, alguém indicando a carteira de trabalho com assinatura, o pastor pregando, mãos dadas, alguém lendo a bíblia) - “Choro de alegria” - Em agosto de 2017, Quitéria começa a sentir dores nos olhos, vai ao médico e é diagnosticada com uma doença (nos olhos)... “A médica foi curta e grossa neh? perguntou se eu estava sozinha, eu disse a ela que

não. Ela chamou meu acompanhante, que era o meu esposo. E aí ela falou com meu esposo, “Olha...a sua esposa, ela pode dormir hoje enxergando e acordar amanhã cega, completamente”. O tratamento seria muuito caro, a injeção teria que tomar nos olhos pra diminuir o edema. Filha: a gente descobriu que ela tava com a perda da visão esquerda em 80%, cada injeção in vitro custava cerca de R\$ 5.000, aproximadamente. Quitéria: Com esse olho esquerdo, estava condenado, não...eu não ia mais conseguir enxergar nada. Filha: Ela não conhecia mais as coisas dentro de casa praticamente neh...ela só conhecia pelo olfato e pelo tato. Quitéria: eu conhecia o R.R Soares e alguns atores da televisão, porquê? por conta da voz, não porque eu enxergava, letras eu não enxergava mais nenhuma, mas eu tinha certeza de que Deus era comigo e que Deus, Ele ia restaurar a minha visão. Narradora: após quase dois anos na fila de espera pelas aplicações intraoculares, ela inicia o tratamento, entretanto, sem bons resultados, mas Deus tinha um plano perfeito. Quitéria: e aí um dia eu deitada ali assistindo, eu comecei a ouvir a pregação do pastor Jaime Amarin, e ele ali falando na oração neh... “Você aí que tá aí deitada, com esse problema, que acha que não tem mais jeito, quantas e quantas vezes o Senhor Jesus te tirou do fundo do poço? E você acha que agora dessa vez, Ele não vai te tirar?” e naquele momento, ele tava falando comigo. Quando foi...no domingo eu fui pra igreja e quando eu desci, Deus fez assim...abra as suas mãos, eu vou colocar suas bênçãos em suas mãos agora! A sua cura! E aí eu abri a mão assim de vagarinho neh? e quando eu fui descendo o passeio eu senti o poder de Deus na minha vida neh, eu comecei a chorar sozinha no meio da rua e dando glória a Deus, porque eu senti que naquele momento Deus estava me transformando. Quando foi na quarta eu fui pro hospital pra fazer outra aplicação, chegando lá doutor Bruno me chamou pra fazer exame e aí ele falou “Dona Quitéria, o que que aconteceu? a senhora está curada!”...A Bíblia dá um conselho, vamos seguir e conhecer o Senhor, quando nós conhecemos mais de Jesus, conhecemos mais dos nossos direitos, e Ele falou bem claro, e conhecereis a verdade, Ele é a verdade, e a verdade vos libertará. Se não conhecer a verdade, não vai ser liberto (...) vamos falar da nossa TV (...) tem muita gente perguntando pela nossa TV, ela tá despertando o povo para aquilo que ela é, ela é uma verdadeira fábrica de felicidade dentro sua casa. Quando você não tá fazendo nada, você assiste a nossa TV, deixa no canal da bíblia, deixa no canal da oração (propagando de assinatura de operadora de TV “A nossa TV”)¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=W1fIpRprJ_o&list=PLkzyeH9PVuLYdZTYVSpelpwScHYtk32c0&index=80

Igreja Universal do Reino de Deus/Culto no Templo de Salomão - A fé é assim, quem crê vai, quem não crê, fica. Isso é uma revelação quando você tem essa certeza, foi Deus que deu pra você, é Deus que dá essa certeza pra gente (...) essa fé a gente não pega na esquina, não pega dos nossos pais, dos nossos antepassados, não, essa fé vem do teu espírito, é o espírito que santifica aquela criatura que é oferta viva para o Senhor (...) que cada pessoa seja a própria oferta viva! em casa, no trabalho, na rua, na igreja em qualquer lugar (...) olhando só para frente e não para as coisas que já passaram (...) Fale com Deus minha amiga e receba o espírito dele aí onde você está, onde quer que você estiver, você recebe o espírito de Deus, em casa, no trabalho, no hospital, no presídio, qualquer que seja a sua situação de aflição, de angústia, de dor, de problema, Deus é com você, aí agora (...) óh meu pai venha sobre este povo, venha sobre essa criatura, venha sobre esses aflitos, feridos, os cansados, os sobrecarregados, os depressivos, os enfermos, os doentes, venha sobre aqueles desigrejados, aqueles afastados (...) o fogo do teu espírito venha aquecer essa gente pra levantar o teu exército que tem estado cansado, que tem estado deitado, que tem ficado a preguiça. Óh poderoso de Israel, movimenta o teu fogo agora e faz-se erguer os que estão caídos, levantar os que estão prostrados, curar os que estão enfermos, doentes, necessitados, meu pai, dá pão para o faminto! (...) o teu vento venha varrer a miséria (...) amarrar todo o mal e fazer o teu povo se erguer, para a tua glória (...) Na igreja a gente canta, porque a gente crê naquilo que estamos cantando, é como se fosse a nossa pessoal oração (...) porque se você tiver doente, se tiver fraco, se você tiver débil, Deus vai te levantar agora (...) Feche seus olhos minha amiga, meu amigo, use a sua fé com a sua imaginação, imagine-se você sozinho, sozinho, aqui agora, diante do todo poderoso (...) Ele resgata a sua alma aflita, Ele fortalece a sua alma, Ele enche a sua alma de fé, de força, de coragem! (pregação - tema pós-morte- rico/lázaro) sobre ser rico e ser pobre... Se você quer ser rico, rico! ter, como Abraão teve suas bênçãos, mas sobretudo, a riqueza de Abraão não começou com o seu trabalho, com a sua luta, não. A sua riqueza começou com a fé em Deus, quando ele começou a obedecer a palavra de Deus, aí ele se tornou rico (...) essa justiça de Abraão o contemplou com os bens materiais (...) não quer dizer que os ricos vão pro inferno e os pobres vão para o céu, se fosse assim, é só você pensar um pouco comigo, quem existe mais nesse mundo? pobre ou rico? (...) se a gente vai nessa crença que os pobres vão pro céu e os ricos vão pro inferno, então a maioria dos pobres vai pro céu, mas Jesus disse que a porta do céu é estreita (...) tanto o pobre quanto o rico dependem da escolha que cada um faz com a sua vida (...) sabia da Palavra, sabia da disciplina de Deus, mas preferiu seguir os desejos de seu coração (...) só existem dois tipos de pessoas nesse mundo, os que vão pra Deus e os que vão pro inferno, a maioria vai pro inferno, a maioria vai pro inferno! não tenha a menor dúvida, tenha certeza! (...)

não é porque fui chamado e escolhido que posso deitar de papo pro ar e gozar a vida, não. Eu tenho que manter a minha fé em dia, todos os santos dias (...) Pessoas que entregam suas vidas no altar, 100%, entregam seus pecados, entregam suas prostituições, seus enganos, suas mentiras, tudo o que não presta, tudo o que tem, tudo o que não presta, é a vida por inteiro, essa é a razão da fogueira santa (...) nem sempre a pessoa recebe o batismo com o espírito santo porque ela entrega quase tudo, mas fica uma reserva lá dentro, no fundo do coração, não vou dar não porque, poxa, isso aqui é meu, meu amante, minha amante, prostituição, sim ou não? (essa é uma expressão utilizada várias vezes durante a pregação, em tom de “cordialidade”) sabe aquela vida de gandalha? (...) não se esqueça que bala perdida aqui no Brasil é a moda agora, sim ou não? então você tá dançando (carnaval) e de repente, tá lá no fogo do inferno, já era! (...) quando você entrega a sua vida pra Jesus, a sua vida é problema dele, deixou de ser seu o problema, você vive na dependência dele (...) É por isso que eu prego o evangelho, pra tentar salvar o máximo possível de pessoas, se você é uma dessas pessoas que diz “Bispo, eu me vejo perdido, eu não sei o que fazer”, Jesus aceita você como está, você pode ser prostituta, bandido, mocinho, você pode ser branco, negro, feio, bonito, magro, gordo, cê pode ser o que for, cê pode ser a pior das criaturas, mas a partir do momento que você esboça uma fé (...) dizendo “pelo amor de Deus Senhor, eu entrego a minha vida”, você é perdoado, você é lavado, o seu passado é aniquilado, é apagado e você recebe uma vida nova (...) A probabilidade do pobre ser salvo é muito maior do que a do rico, porque o pobre não tem nada. Agora mesmo, muitos de vocês (apontando para a platéia) vão entregar a vida, “ah...bispo, não tenho nada mesmo, então toma essa porcaria de vida, se o Senhor aceita, toma aqui esse lixo” (simulando com gestos). Jesus aceita o seu lixo como ele é, mesmo não sendo reciclável, Ele aceita você, mas se você tem dinheiro, tem condições, “ahhh...sou muito jovem pra entregar a minha vida pra Jesus...” (...) Nesse momento Jesus está batendo a porta de todo mundo (...) você que tem abrir a porta, é uma atitude espontânea, liberal (...) você vai perder o que o mundo lhe oferece, mas vai ganhar o gozo do espírito santo (...) - durante a oração com os fiéis - Não espere sentir, não espere sentir, porque o coração que quer sentir, que almeja sentir alguma coisa é enganador! Eu não tô sentindo nada. “Você não tá sentindo nada bispo?”, não. Dificilmente eu sinto (apontando para o púlpito) alguma coisa assim com respeito a Deus, mas eu tenho certeza, ahhh...eu tenho certeza (andando) e essa certeza é que guia minha vida, essa certeza. Há lutas, tribulações, problemas, perseguições, o inferno que vem contra, mas eu tenho certeza que (gesto de coisas explodindo) plef...plef...e eu vou passar. Essa certeza que eu quero que você tenha (...) essa certeza que norteia nossa vida (...) que faz de nós, mensageiros de Deus, (...) que faz de você uma nova criatura. Eu sei que vocês andam com dúvida, medos, preocupações,

ansiedade, sim ou não? É verdade ou não é? Graças a Deus por isso, porque se você não tivesse essas preocupações e tal, você não viria buscar Jesus. Se você tivesse muito dinheiro, você não estaria aqui, hihihhi, é ou não e? sim ou não? Deus sabe que você é interesseiro, eu também sou interesseiro, claro! Deus permitiu que você tivesse nessa situação aí que você está, caída, prostrado, perdido, sem emprego, sem dinheiro, sem perspectiva de nada, Deus permitiu, pra te trazer aqui nessa manhã (no Templo de Salomão)...se você é pedófilo, ex-pedófilo, se você é vigarista, isso e aquilo, assassino, bandido, ladrão, enfim...seja lá o que for, Jesus recebe você do jeito que você está. Ele recebeu o ladrão (...) ele recebe você do jeito que está, vida estragada, lixo, lixo, “minha vida é um lixo” ele recebe, você merece? não, você não merece não, muito menos eu (...) não é o mérito, não é o merecimentos que a gente alcança a misericórdia de Deus, mas é a fé que nós temos dentro de nós, a fé é a certeza que Ele está nos vendo, que Ele nos aceita do jeito que a gente está, amém? Então você já está perdoado, lavado, purificado de todo o seu passado só porque você está aqui na frente e você não fez nada ainda, você só veio entregar a sua vida. Então a fé é que nos faz justos diante de Deus, merecedores (...) e tem mais, Ele ouve a sua voz, tanto quanto ouve a minha e a deles (cantores da igreja)...o peso que você está carregando invisível, vai cair e você vai sentir-se leve, em paz e alegre, amém? Mas você também tem que perdoar se você carrega mágoa dentro si e perdoar é aqui (apontando para cabeça) coração não perdoa ninguém (...) você não pode contar com o coração, deixa o coração pra lá e agarre-se na sua mente, na sua inteligência (tempo) Sem mágica, sem mimimi, receba a paz de Deus dentro de você...Oração breve pelo pastor e assessores...(os assessores pregam com mais emoção). Ao final do culto unção com o óleo sagrado e entrega do dízimo...¹⁰⁵.

Rede Aleluia de rádios - (gravação direto de Israel em que um pastor consagra sal). O profeta foi até a nascente das águas e lançou o sal nas águas e a partir daquele momento, as águas que eram amargas, se tornaram saudáveis, a terra que era estéril passou a produzir! Não é isso que você deseja? Psiu! Senhora, senhor, não é isso que você deseja? você quer ver o fruto (ênfase) do seu trabalho, você quer que a sua empresa produza! prospere, avance! Que a sua fonte de renda, que tá amarga, sabe...se torne saudável, então hoje você vai dar um jeito. Psiu! ouça com atenção, preste atenção, você mesmo! que está me ouvindo aí no seu automóvel, em casa, no trabalho, hoje você vai dar um jeito de chegar aqui na nossa catedral...Venha preparado, venha determinado que a partir de hoje vai começar uma nova história pra você. Eu vou colocar pra você ouvir, o que Deus fez na vida da Marta. A Marta chegou aqui, sabe, mesmo tendo curso,

¹⁰⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xKj8WmVpVHw>

formação, mesmo sendo capacitada, mas ela não conseguia vencer, mas depois de um pacto com Deus aqui, nesse altar, aí, tudo se transformou. “Minha vida antes do pacto era uma derrota total, eu acho que igual a todo mundo que chegou aqui neh, falido, desprezado, humilhado, sem ter mais ar pra respirar (...) ei cheguei triste, chorava toda a noite, toda a noite porque não tinha uma saída pra mim (...) aqui no congresso, Deus foi em ensinando a ser uma empreendedora, empresária e ele me deu na mão uma empresa de comunicação e publicidade e uma empresa de eventos corporativos (...) eu era petulante, arrogante, era tudo de ruim, existe a Marta antes do congresso e a Marta depois do congresso, então hoje, eu não faço nada sem perguntar à Ele, Ele é o dono da minha vida”...Não existe nada, nada impossível para Deus. Psiu! você que está me ouvindo agora, sabe, você está com a cabeça a ponto de explodir, só pensando nas dívidas, só pensando nos problemas, você não vê uma solução diante de seus olhos, você só vê problemas. Você luta, luta, mas parece aquele carro atolado que patina e não sai do lugar, é com você que eu tô falando! (...) Você ouviu o que a Marta falou? enquanto ela se apoiava no conhecimento humano, ela estava fracassando. “Ah, mas então eu não preciso ter conhecimento?”. Não...é bom...se pode estudar, você deve estudar, se você pode se especializar, você deve, mas só isso não é o suficiente, a prova é que você está me ouvindo agora, você é advogado e você não tem dinheiro pra colocar gasolina no seu carro (...) a prova é que você vai tentar um emprego, vai tentar uma porta de trabalho e dizem “Olha...o teu currículo é bom demais aqui pra gente”. De repente você está se submetendo trabalhar em um área que você nunca sonhou em trabalhar, mas ou você trabalha nisso, ou fica desempregado, olha que situação! (...) Reaja! Hoje você vai dar um jeito de vir aqui na nossa catedral (...) você vai sair daqui com a direção de Deus pra mudar a sua vida (...) hoje você vai receber a unção da sabedoria (depois de uma propaganda em que explicam como muitas pessoas se dedicam exaustivamente ao trabalho e não conseguem o que querem) ...a prosperidade bate a porta de todos, mas sem sabedoria de Deus nada é conquistado com solidez. Onde você encontra sabedoria para transformar a sua vida e sair da ruína? no Congresso da Prosperidade! é onde você aprenderá a ser sábio e abrir as portas do sucesso e da prosperidade financeira e espiritual na sua vida. (outro testemunho) Qual foi a boa notícia Cláudio? (pastor) A boa notícia, eu trabalho por conta, e toda semana eu tenho que matar um leão, então eu compro, eu compro material e tenho que vender na semana. Toda a semana, as vezes é pouco, as vezes é muito, toda semana eu tenho vindo no pacto, coloco Deus na frente e tudo que eu compro eu vendo, na semana, fica nada pra outra semana. Tá dando tão certo? (pastor) Tá dando tudo certo. Tem luta aí! (pastor) Deus tá abençoando (Claudio) É isso aí (pastor) E as lutas vem, mas a vitória, Deus vai dando sabedoria. Deus faz os clientes se lembrarem de mim e eu lembrar dos clientes... (propaganda) Dedicção...nada disso tem

adiantado para você? Quantas pessoas acreditam que conhecimento basta para que suas vidas sejam completas, elas se empenham e colocam todas as suas forças nisso e ao não receber o resultado esperado, se perguntam, o que está faltando?! Experiência, esforço e estudos serão importantes, mas somente uma direção divina é capaz de fazer com que tudo isso se transforme em sucesso! (o óleo da unção passou por uma lista de países considerados potências em distintas áreas)¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Fonte: <https://redealeluia.com.br/>

APÊNDICE 3. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 01

Modalidade: vídeo conferência

Idade da entrevistada: 41 anos

Ocupação: empregada doméstica

Cidade: Guaíba

Duração: 36min

E - Nasci em Esteio, morei em Sapucaia, bem na divisa entre Sapucaia e Esteio..ãaaa...morei ali até meus oito anos, mais ou menos, oito, nove anos, aí meu pai se aposentou nós fomos morar no interior, numa cidadezinha chamada Barão do Triunfo, na época nem era uma cidade ainda, era um distrito de...bah agora não lembro do nome...de São Jerônimo. Aí moramos lá...ãaaa...até meus quatorze anos e de lá nós viemos pra Guaíba. Eu vim pra cá (Guaíba) com quatorze anos, aí bem na época da adolescência neh...aí terminei o ensino fundamental aqui...eee...aí começou aquela fase de namorar neh...de saí...aí conheci o pai da Amanda foi...eu com dezessete anos, com...com dezoito me casei neh...aí continuei morando aqui, depois de um tempo a gente se mudou pra Sapucaia de novo..ah..pra aquela mesma casa que morava na infância, mudamos pra lá, depois de dois anos a Amanda nasceu e...quando a Amanda tinha três anos aí nós voltamos pra Guaíba, porque lá eu me sentia muito sozinha, não tinha parentes, tinha uns amigos assim...mas tudo pessoas já de mais idade, neh...iiii...e eu me sentia muito sozinha enfim...lá. Aí voltamos pra cá, aqui pra Guaíba, onde moro até hoje neh...no mesmo lugar ainda, eu vim pra cá com...voltei pra cá com vinte e três, já faz algum tempo...A Amanda se criou aqui neh...e...a minha relação com a igreja se deu mais ou menos...eu acho que eu tinha vinte e nove pra trinta anos, fomos convidados por...um casal de amigos nossos pra participar de um encontro de casais que era numa escola aqui, próximo ao CIEP, era um feriado, eu acho que de Páscoa, e...eram os dois dias, sábado e domingo, e nós fomos pra aquilo ali, aquele encontro era tudo muito bonito, tudo muito diferente porque eu nunca, até então não acreditava neh...nessas coisas de igreja...de crente...aquela coisa toda, até dava risada debochava, e aí lá eu comecei a conhecer, a ver o outro lado das coisas neh...e nesse encontro eles...ãaa..ensinavam...a tu lidar com as dificuldades no casamento, neh...com as crises e tal...e eu até então não entendia porquê que eu tava lá, porque eu não tinha nenhum problema no meu casamento...até o momento neh (risos) que eu sabia assim...Tá enfim...passou aquilo ali, foi muito bom, aí lá no final eles perguntam neh quem quer conhecer Jesus, quem quer aceitar Jesus, e aí nós....fomos assim neh...não sei se por impulso, por emoção do momento ali, a gente foi...e fomos e começamos a frequentar a igreja neh...e como

que...ãaaa...como é que vou te dizer...não sei se aquilo foi uma preparação neh...para o que vinha depois, mas em seguida já comecei a ter problemas no casamento, não só eu, como o casal esse que nos convidou pra participar, também começaram a ter problemas e pelo mesmo motivo neh, nosso...no meu caso foi traição por parte dele e no caso da...do outro casal também, mesma coisa. E aí neh...nós na igreja cada vez buscando mais porque daí falava com o Pastor, falava com esse, fala com aquele...dizia assim... “não..porque neh...vamo orar...vamo...” aquela coisa toda e nós lá...tentando, tentando...Até que fui falar com o Pastor diretamente numa certa vez ele me falou assim “não...se até agora não mudou nada, tu separa” eu disse, mas como assim!? eu tô aqui lutando pra não destruir minha família, pra manter minha família e o pastor que era a pessoa que era pra tá me ajudando, pra tá me orientando, me fala pra eu separar, eu achei aquilo ali muito absurdo sabe... iii...que eu fiz? eu troquei de igreja (risos) fui pra...eu comecei a ir em outro ministério iii..iii nada mudava, sabe? não mudava, não mudava, até que eu finalmente decidi. Decidi me..decidi pelo divórcio neh? me divorciei..aí me afastei totalmente neh...porque...na minha cabeça era...que as coisas tem que acontecê, quando as coisas tem que acontecê porque não adianta tu orar, tu pedi, que o acontecer vai acontecer, independente do que tu pedir, e aí foi, aí eu fiquei afastada da igreja, acho que por uns cinco ou seis anos, sem pisar numa igreja, sem voltar assim, bem revoltada mesmo. Aí...em 2019 meu pai faleceu, aí nós passamos por um...um baita duma crise assim, e aí uma amiga minha muito religiosa, desde sempre na igreja, essa é firme na igreja ali, disse “Ai vamo ali na igreja da fulana,não sei o quê...é muito bom, tal...” e aí eu fui de novo, comecei a frequentar de novo, 2019 até 2021 eu fiquei assim...nossa! tinha um culto? vamo, tô indo, sabe? parece aquela coisa assim “primeiro amor” como eles falam...voltou com tudo neh? E...fui de novo e mais uma vez me decepcionei de novo na igreja neh, não com a igreja em si, com os ensinamentos, mas com as pessoas neh? porque...infelizmente quem tá ali a frente são pessoas neh?iii...como seres humanos a gente erra neh..ee...enfim, é normal isso. E assim...hoje eu não frequento, vou assim...esporadicamente, sabe...quando eu tenho vontade de ir eu vou, mas não aquela coisa assim que eu tinha aquele compromisso sabe? de toda quarta, todo sábado, e de fazer parte do ministério e de ajudar ali na obra, hoje em dia não (pausa) não é mais assim.

P - Tu te mudou três vezes neh? pelo que tu falou

E - sim

P - Lá quando tu tinha oito anos tu se mudou, todas essas mudanças que tu teve, como foi pra ti? como tu sentia essas mudanças?

E - Quando eu tinha ali...na primeira vez neh...com...oito, nove anos por ali...eu gostei, porque eu ia ter uma vida diferente, já tinha conhecido o lugar, era pro interior neh, eu sempre gostei muito, eu adorava neh...então pra mim foi uma festa aquela mudança ali, conheci novas pessoas, uma nova escola, novas maneiras, eu...eu gostei. Já nos quatorze anos eu vim revoltada pra Guaíba neh, já tinha aquele apego pelos amigos neh, já tinha aquela turminha, aquela coisa toda, não queria vim, eu disse que...eu...o pai tava destruindo minha vida, que não sei o quê...aquela coisa toda, neh. Mas em pouco tempo tava ambientanda aqui também, com novas amizades e tudo mais.

P - E porquê o teu pai decidiu retornar pra Guaíba?

E - Diz ele que por minha causa neh? que eu teria mais oportunidades aqui, enfim...E lá não tava dando muito certo pra ele, que a ideia dele era plantar, era produzir, ele não tava conseguindo.

P - Lá vocês tinham um pedaço de terra então?

E - É...se não me engano eram sete ou oito hectares, mais ou menos. Ele contratava um peão de vez em quando pra trabalhar com ele...tinha um fixo e às vezes dependendo da demanda contratava mais alguém.

P - E os teus pais, o teu pai frequentava alguma igreja?

E - Não, não. O pai começou a ir na igreja quando ele teve câncer de próstata, aí eu tava naquela fase que eu tava bem...bastante indo na igreja assim. Aí veio uma colega, uma conhecida, veio orar por ele, aí ele gostou neh, da maneira que aquilo foi conduzido, daí ele começou a ir, passou a ir, daí desse momento até a morte até a morte dele, ele frequentava a igreja, mas começou já com idade.

P - Essa colega que foi convida vocês é a mesa que tu se referiu da outra vez?

E - Não, não, é a irmã dela, da mesma família. A gente fica bem fragilizada neh, aí qualquer palavra ali de apoio, de conforto, de carinho que tu tem neh...tu...sente ali neh...bem, se sente confortável, acolhido neh?

P - Sim...tu disse que foi em uma igreja e depois em outra, elas são a mesma e só muda o local ou são diferentes?

E - Não, são ministérios diferentes. Eu comecei na igreja batista, neh...na primeira igreja batista, não sei se tu conhece...a igreja batista é aquela que tu vê nos filmes americanos, com coral, sabe? aquela coisa toda bem bonita, bem alegre, é aquilo, o mesmo estilo, a mesma coisa, o mesmo preceito. Depois, aí eu fui pra uma um pouquinho mais rígida, um pouquinho mais diferente, não é tão liberal como a batista, que foi a “Nova vida com Cristo”, que é um ministério que tem aqui em Guaíba. Diferente da Assembleia, por exemplo, porque tudo que é canto tem uma assembleia néh...a batista também, enfim...Aí tá...fomos para a “Nova vida com Cristo”, aí lá saímos de lá também porque aconteceu um fato lá com o pastor que daí a igreja acabou se separando neh...em função desse fato. O pastor foi pego em traição com a empregada da esposa dele e daí (risos) imagina neh...o pastor. Aí a igreja acabou se dividindo neh...algumas pessoas ficaram ali assumindo e outras foram...cada uma foi pra um canto assim. Aí nessa fase eu fui pra onde meu pai tava, uma igreja bem simples, bem humilde, que tem aqui perto de casa, que é o mesmo seguimento da Assembleia assim...aquelas igrejas onde as mulheres usam cabelo comprido, saia, neh...aquela coisa toda. Aí nós ficamos ali um tempo também.

P - Qual a diferença que tu vê entre essas igrejas que participou?

E - Ah...a maneira neh...como...assim...como de diz...do que tu pode e não pode fazer. A Batista ela vai muito pelo novo testamento neh, nada é proibido, tu faz...tu tem a tua vida ali neh...como é que eles falam... “que tudo é lícito, mas nem tudo te convêm”, tu que sabe o que vai fazer neh, enfim...Não tem essa doutrina de vestido comprido, de saia, de cabelo comprido, de não corta cabelo, de não se depilar. Já a Assembleia, hoje em dia tá bem mudada neh, mas antigamente não podia se depilar, a mulher não podia se depilar, homem só podia ir na igreja de calça e camisa neh (risos), não podia ir de bermuda, por exemplo. As mulheres, tanto na igreja como na rua, só de saia ou vestido, cabelo longo, sem pintar, sem nada, a diferença é esse assim...os preceitos neh, mas a Palavra é a mesma assim...os ensinamentos, só o modo assim...de agir das pessoas.

P - E essa igreja que tu mencionou que era mais próximo que teu pai foi, por que vocês optaram por ela?

E - Nós fomos nessa porque era...como o Pastor era muito amigo do pai, tava sempre aqui em casa, a gente começou a ir pra...conhecer neh, pra ajudar, pra ver como é que era ali, aí a gente ficou um tempo ali...Aí foi ali...eu tava ali quando foi, quando eu decidi me separar, aí eu parei

de ir e o pai continuou, o pai foi sempre daí. Quando eu voltei depois de alguns anos, foi quando o pai faleceu neh.

P - Voltou para essa mesma?

E - Não, não...aí pra um ministério...também assim...um ministério independente, que só tem aqui neh. Fui lá gostei do acolhimento, da recepção, e aí como era uma igreja pequena, poucos membros assim...aí eu comecei a me envolver com eles lá, querer ajudar, querer trabalhar na obra neh...e...foi isso.

P - Pra eu entender, porque não conheço todas as denominações, quando tu fala “Ministério independente” o que significa?

E - É assim...é um ministério que ele...ãhn...é só ele sabe? que nem a...como assim, a Assembleia, a Assembleia tem uma que seria...como que vou te dizer...que seria central, neh, e ali tem o pastor, a pastora, o pessoal que cuida ali das outras, como se fosse uma ramificação e...o independente não, é ela sozinha. A fulana vai abrir uma igreja, bota lá, aí tu vai escolher o nome da tua igreja e vai ser um ministério independente, tu que vai tomar conta tudo, não vai ter ninguém pra te dizer o que tu tem que fazer ou não fazer.

P - Entendi. Qual era o nome do que tu ia?

E - Era “Por amor a ti Senhor”, ministério de um casal.

P - E esse ministério era ligado a outros ministérios?

E - Sim eles eram.

P - E que tipo de atividades eles fazem?

E - Faz o culto, tem o dia da oração que daí vai só pra orar, cada um fica num cantinho ali orando e pedindo o que quer neh, pra aquela semana, normalmente é nas segundas-feiras...ali nesse último que eu tava indo neh...ainda tem, é nas segundas-feiras neh aí tu pede, tu agradece pela tua semana, e...aí na quarta-feira normalmente tem um culto que normalmente eles chamam de “culto de libertação” e no sábado o “culto da família” e aí quando tem algum evento assim, alguma data, algum dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, o pessoal se reúne pra...fazer assim uma...confraternização neh, faz um chazinho, um almoço, é isso...assim..é como uma família sabe? só que o foco ali é na oração, nos ensinamentos da bíblia neh.

P - E quem prega é o casal nesse caso?

E - Isso.

P - E essas ações são desenvolvidas no bairro? como é

E - Sim, na outra rua ali.

P - Como é o bairro que tu mora? faz quantos anos que está ali?

E - Fazem vinte e dois anos. Olha...como todo lugar acho que assim..tem aquelas pessoas as boas e as ruins neh, na nossa percepção às vezes é boa pra ti, pra outra não é, mas aqui é tranquilo assim, na maioria das vezes é tranquilo. Eu já fui assaltada uma vez, uma única vez (risos). Tava indo trabalhar de madrugada e...fui assaltada, mas era um menino, acho que pra...se drogar mesmo sabe? Mas...no mais assim, tranquilo, os vizinhos são praticamente os mesmos de quando eu vim pra cá. Houve mudanças, claro, neh...ãaa...na estrutura, áaaa...em questão assim de pavimentação piorou muito de quando eu vim pra agora sabe? Agora tá bem feia a situação nossa aqui da...de Guaíba em geral neh...nessa questão. Tu vai andar na rua tu...não consegue desviar dos buracos, é tão pertinho um do outro que tu não consegue desviar, tá assim, tá bem feio mesmo. E mudanças assim, na estrutura de prédios neh que não tinha naquela época, hoje já tem neh...lojas, supermercados, que não faziam parte da comunidade agora tá...tem bastante. Tá bem desenvolvido neh, o bairro aqui poderia até se emancipar se fosse o caso neh, porque tem bastaaante pessoas, tem bastante comércio neh, tem dois postos de saúde, tem farmácias mercados, posto de combustível, tem uma mini cidade aqui, nesse bairro, mas falta infraestrutura sabe?

P - Ahan...e quais denominações religiosas vocês tem por ali no bairro, sabe dizer?

E - Tem bastante...ahan...tem bastante, tipo igreja e farmácia tem uma em cada esquina sabe? tem bastante, tem de todo jeito, tem pra todo gosto. Tem as igrejinhas pequenininhas, essas que são assim de “garagem” como se diz neh...e tem aquelas mais edificadas, que tão o prédio já da neh, que tu olha assim e tu diz que é uma igreja neh, tem de tudo um pouco...casa de religião também, tem tudo bem misturado. Casas de religião que a gente fala é candomblé, batuque, essas mais pro lado espírita assim, tem bastante também.

P - E o pessoal do bairro frequenta geral?

E - Sim, sim.

P - Tu vê alguma diferença do pessoal que participa nas igrejas de ministério independente e nas outras denominações?

E - Não... é o mesmo público.

P - E na tua ideia o que faz com que as pessoas optem por uma e não por outra?

E - Eu acho que é onde a pessoa se sente melhor neh, onde ela se...ai me faltou a palavra agora...onde ela se...se identifica melhor neh, que ela acha que tá melhor pra ela ali. Uma pessoa assim como eu já não ia gostar de ir numa igreja “ah..tu não pode isso, tu não pode aquilo”...como assim eu não posso? (risos) Então acho que é mais assim, tem aquelas pessoas que tem mais temor neh, como eles falam assim...que tem...aquela obediência, aquela coisa assim, tem que...não pode fazer nada errado que eles já acham que...vão pro inferno. Daí eles seguem naquela linha mais...mais reta neh.

P - Lá onde tu participava, o pessoal que ia, fora a relação com o pastor, como tu descreveria a relação entre os que participavam?

E - Não...era muito boa assim, a gente era uma família mesmo, tanto que a gente continua...eu mesmo não indo mais neh? mas a gente continua se falando, se visitando, se procurando, sabe? São pessoas assim (pausa)...eu não sei mas ali a gente fez, fez um círculo assim de amizade mesmo sabe? sabe de irmandade mesmo. Quando uma precisa a outra tá junto, indo ou não sabe? frequentando ou não a igreja a gente tá sempre se apoiando.

P - Começou lá, mas continuou?

E - Isso, ahan.

P - Quando tu diz assim “eu não vou frequente, vou quando tenho vontade”, tu poderia descrever o que é esse impulso, qual é a motivação que te leva a participar?

E - Às vezes assim...me dá saudade sabe...daquele ambiente, daquele louvor, daquela palavra, das pessoas mesmo neh...em si, do sentimento que tu sente quando tá lá, é...diferente assim...é bom.

P - Uhum...e teve algum momento que tu viveu que gostaria de destacar?

E - Eu acho que tudo o que tu faz te ajuda alguma coisa neh? tudo o que tu faz tu tira proveito daquilo ali, alguma coisa de bom tu vai tirar pra tua vida neh, então acho que é isso assim, tudo o que a gente faz é válido. Não importa se deu certo ou não deu, alguma coisa tu aprendeu. Se foi ruim, tu errou...tu vai aprender a não fazer aquilo ali de novo neh e pro bem...é o que tu leva neh..Que nem agora por último, as amizades, tenho amizades dos ministérios ainda neh, mas...ali é mais...não sei que porque é mais recente neh...a gente neh, então o pessoal tá ainda...E é tudo próximo aqui também neh, vizinha do lado, a outra vizinha, então...sabe...é tudo por aqui mesmo.

P - E nessas conversas, nesses encontros que tu fala, vocês costumam compartilhar situações mesmo de vida...ou da própria comunidade ali onde vocês moram?

E - Ahh, sim, sim, é compartilhado. Na igreja mesmo neh, como falam ahh “dar o testemunho” neh, aí fala sobre o que aconteceu neh, com aquela pessoa ou...a pastora mesmo vive...falando, dando o exemplo mesmo da vida dela neh...o que ela fez, o que ela não fez, e...o que aconteceu, como ela queria que fosse, acabou não sendo daquela maneira, mas foi de uma maneira melhor muitas vezes, ou muitas vezes também não é como a gente quer neh...mas...de tudo a gente tira um proveito neh.

P - Esses testemunhos eram da vida dela no caso.

E - Sim, ahan.

P - E o pessoal que participa também tem algum momento de testemunho?

E - Sim, sim, ela dá oportunidade neh, pra quem quiser falar, testemunhar alguma coisa, fica a vontade ali pra poder falar.

P - Tu lembra algum testemunho que te marcou?

E - Não, não me lembro. Deve ter tido alguns, mas agora assim nesse momento não me recordo.

P - Olhando pra tua trajetória de vida, qual momento mais crítico que tu destacaria? Se tu te sentir a vontade de falar, claro...

E - Ahh..foram dois neh Rita...assim...foi quando eu tava vivendo a fase que eu não queria me separar, neh...que eu sabia e tal das coisas que estavam acontecendo e eu não queria...pra não destruir a família neh, meu intuito era esse. Foi...foram cinco anos eu fiquei ali neh, sofrendo,

chorando, chegava a sangrar meus olhos de tanto chorar e...eu não falava pra ninguém, meu pai não sabia, ninguém sabia, só eu, sabe? eu queria poupar eles, não queria que eles soubessem neh...a Amanda também...E o outro momento foi quando meu pai faleceu neh...que foi bem...difícil...Foi...foram nesses momentos assim, bem ruins. Aí eu...me ajudou bastante ter voltado, quando meu pai faleceu neh...que eu...daí...depois de um tempo voltei pra esse ministério, pra esse último neh, também fui bem...tive bem...tive consolo neh...não que tu esqueça, mas tem um conforto, uma...as pessoas tentam te ajudar com palavras, mas ali tu...encontrei realmente sabe? um conforto ali na...naquele ministério.

P - E eles conversavam bastante contigo?

E - Ahhh sim...uhunn

P - E conheciam teu pai e tals?

eu tinha perdido o meu, então a pastora sabia neh...exatamente o que estava acontecendo.

PE - Conheciam é...e a pastora também tinha passado por isso, ela tinha perdido o pai dela também há um ano e pouco atrás, quando eu comecei ir de novo neh, fazia alguns meses que - Então ela conseguia...falar na tua linguagem...vamos dizer assim?

E - Simm. Inclusive esses pastores, ele são pessoas assim que...que...como diriam os outros ministérios são “do mundo” porque ele foi traficante, sabe? ele era traficante, a pastora mesmo foi drogada neh...foi...eles são...são pessoas comuns assim...sabe? e hoje em dia, eles neh...eles ãnnn...dizem que foi pela...por Jesus neh...que eles mudaram, que enfim...é o testemunho deles neh...Hoje eles são...ele trabalha, ela também trabalha, dona de casa, cuida dos filhos neh, então é uma vida totalmente diferente a que eles têm hoje da que eles tinham. Então ela...ela como uma pessoa assim... “normal” neh? entre aspas, como a gente neh? então ela fala assim com a gente como se fosse de...igual pra igual.

P - Uhun...e quando tu fala assim, eu não tinha parado pra pensar, que “é do mundo” de onde que vem essa referência?

E - É assim óh...eles falam que existe as coisas de Deus e as coisas do mundo, neh? Se tu tá seguindo na igreja, tu não pode...tu tem que ficar nas coisas de Deus, tu não pode ir pro mundo. O que é ir pro mundo? Ir pro mundo é tu ir pra um barzinho tomar uma cerveja, tu ir pra uma

festa, com músicas do mundo, neh...que não são louvor entendeu? esse tipo de coisa assim...se envolver com coisas que não são da igreja.

P - E pra todas denominações é assim? se for ministério independente ou da Assembleia, como tu tava falando?

E - Sim, sim...com exceção da Batista que eu tava te falando antes...ela...ela é mais liberal neh.

P - Como assim?

E - Assim...ela é liberal, ela...a Batista é uma das primeira igrejas que aceitou o casamento homoafetivo neh, eles é que tão dando início a isso neh? Tão aceitando as pessoas como elas são, neh...não tão apontando, dizendo que aquilo ali não é de Deus, entendeu? A Batista é uma igreja bem mais aberta assim...em relação a isso. Inclusive esse ministério que eu tava também, lá...

P - Esse último?

E - Esse último ahan...lá eles aceitam qualquer pessoa. Eles dizem neh...que se a pessoa tá ali é pra...tá em busca de algum apoio, de algum acalanto, alguma coisa neh? E...eles não podem negar porque Jesus é amor, então como seria se eles não ajudassem qualquer pessoa que chegasse ali? neh..então qualquer pessoa é bem vinda.

P - Hoje se tu fosse relatar qual o critério teu pra não participar da igreja batista, mas participar da igreja que é um ministério independente, qual seria?

E - Vou te dizer assim Rita, que toda essa experiência que eu já tive, que eu passei por várias...hoje em dia eu opto por não frequentar nenhuma. Eu opto assim...quando der vontade de ir em alguma eu vou...não ser vinculada a nenhuma sabe? Justamente por isso, porque vai que tem alguma coisa que a gente não vai concordar às vezes, sabe? então...E tem pessoas, eu não consigo sabe?, mas tem pessoas que conseguem ir só em busca, como eles falam, de Jesus. Eu não consigo, eu vejo as pessoas e sabe? eu julgo as coisas erradas, principalmente aquela...quem tá a frente do ministério sabe? então eu pra...eu tenho que ir só de vez em quando mesmo, pra me manter assim, porque se não...

P - Tem mais alguma coisa que tu gostaria de falar?

E - Se tu tiver mais alguma pergunta (risos).

P - Bem...acho que é isso mesmo, conhecer um pouco da tua história e como que tu participou neh. É como tu disse, agora tu vai quando tu sente...vontade...e pelo que eu entendi, quando tu fala que é quando tem vontade, é naquele momento que tu precisa de uma palavra de conforto?

E - É pode ser...ou as vezes não também, dá saudade sabe? daquele sentimento, daquela coisa assim, que a gente tem dentro da igreja.

P - Qual sentimento?

E - Ahhh...é...eu não sei te explicar, só tu indo pra tu...sabe? talvez tu sentir, talvez tu não goste também...não vai sentir nada. Mas é só a gente indo mesmo...pra...parece que te enche sabe? Assim...eu sinto assim...parece que o meu coração vai enchendo, enchendo, enchendo até explodir, sabe? não sei se é coisa da minha cabeça, mas é o que eu sinto. E assim óh, tu falando em igreja neh? mas hoje em dia eu vou em tudo que é lugar, porque eu acho que Deus não é uma placa, Deus não é um prédio neh, Deus tá em todos os lugares, tá com a gente, tá contigo, tá comigo, neh...então. É isso também que me leva a não querer frequentar nada fixo assim.

P - Sim. Muito obrigado fulana, te agradeço por ter tido essa abertura pra gente conversar. Possivelmente depois que eu elaborar a nossa conversa, talvez eu volte a conversar contigo sobre pontos específicos pra eu conhecer um pouco mais da tua história, no sentido da história mesmo, das vivências e tals.

E - Tá bem.

P - Muito obrigada. Tchau.

ENTREVISTA 02

Modalidade: via whatsapp, a entrevistada não tem prática com videoconferência

Idade da entrevistada: 50 anos

Ocupação: empregada doméstica

Cidade: Canoas

Duração: 59 min

P - Pode ficar bem a vontade, começar como...a tua história de vida mesmo, se tu fosse narrar a tua história de vida, creio que conforme tu vai contando vai chegar no hoje, como que tu participa da igreja, como tu conheceu.

E - Tá bom então, vamos lá, qualquer coisa neh...tu me ajuda. A minha história de vida, ela começou assim...ehh..meio complicada neh, mas graças ao meu bom Deus neh, a gente vai indo, vai aprendendo e vai conseguindo superar algumas coisas e vencer outras neh. ãann...minha história de vida é...eu nasci de um relacionamento meio conturbado neh, tive uma infância bem difícil, uma infância de...ãann...uma infância de altos e baixos, uma infância de um relacionamento que...não era de um casamento neh, era de um outro relacionamento e eu fui criada neh, pela minha madrasta e os meus outros irmãos, filhos dela. Aí neh, muito jovem, perdi meu pai, com três anos de idade eu perdi meu pai neh, perdi meu pai e pela minha madrasta ter muitos filhos neh, ela colocou um pouco de filhos que..em cada casa, porque naquela época, eu com treze anos neh...eu...com treze anos eu fui morar numa casa de família pra cuidar de algumas crianças e ali foi indo uma...uma adolescência bem chata, bem conturbada. E...nos meus quatorze anos eu comecei a beber, e...eu comecei a beber, por tristeza, por saudade, por falta de um pai, por falta de uma mãe, neh...então eu achava que eu bebendo...neh...eu esqueceria tudo isso. Aqueles momentos assim de que tu tá bebendo, tu tá em festa, tu tá feliz, neh? só que depois que passa vem a realidade. ãn...nos meus quinze anos neh, nos meus quinze anos eu resolvi que eu tinha que sair de casa, aí eu saí de casa, fui trabalhar numa outra casa de família e...eu não voltei mais pra casa, eu não dava mais satisfação pra ninguém, porque eu achava assim óh “não são minha família, então não vou dar satisfação”. E...ali eu trabalhava e chegava fim de semana eu ia pras festas, ia pras festas, bebia de novo, entendeu? a bebida era a minha companhia, entendeu? era mais minha companhia do que meus amigos. E eu fui crescendo assim, entendeu? fui crescendo assim...Aí depois eu troquei de emprego fui pra uma outra casa de família onde lá nessa casa, essa família me acolheu em todos os sentidos, eu era praticamente como se eu fosse...da família. Eles me fizeram eu voltar estudar que eu tinha parado de estudar, porque o meu sonho era ser brigadiana, entendeu? entrar pra brigada porque o meu pai, os homens da minha família eram brigadianos e eu queria muito ser brigadiana e essa família me ajudou bastante, me ajudou a voltar a estudar neh, pagou a inscrição do curso pra mim. Comecei a fazer o curso, só que...por eu beber demais, chegava épocas que eu bebia direto neh e bebia de tudo, neh, não era só uma única coisa, bebia de tudo que tinha álcool eu bebia. E ali as pessoas de onde eu fazia o curso viram que eu não ia

conseguir, em função da bebida, mas eu queria neh fazer o curso, terminar o curso e fazer as provas, só que com a função da bebida foi uma porta que se fechou, porque eu não conseguia me controlar, entendeu? eu tomava mais bebida de álcool do que água. E várias vezes neh...várias vezes os próprios colegas do meu pai que me ajudavam. Uma vez tive hospitalizada por causa disso e daí um senhor que ainda, um senhor de idade, já bastante idade que conhecia o meu pai da época da brigada, ãn...ele me aconselhou que aquilo ali não era uma vida pra mim, que não tinha como eu participar neh...(suspiro) da carreira que eu queria agindo daquela maneira, que eu não tinha um psicológico pra entrar na brigada, aí eu...neh...eu pensei assim..."digo ahh...se eu não posso ser brigadiana, então...neh...seja o que Deus quiser" eu pensava assim...só que eu não acreditava em nada, eu não acreditava em nada, eu acreditava assim que...tinha Deus tudo...tinha...mas eu não tinha aquela fé, que nem eu tenho hoje. Não tinha uma fé assim, "ah não..eu vou, vou conseguir" eu não...neh. Aí...ãnn...eu ia pras festas e eu sem..eu sempre tinha na minha mente que eu tinha...neh, pra mim era um trauma que...eu sempre ouvia falar muito que...eu ia ser parecida neh...ãnn...que eu ia ser parecida com a minha mãe, que eu ia ter muitos filhos de vários homens e que eu não ia ser ninguém, que eu ia ser uma...que eu sempre ia ser uma derrotada neh. Então eu acho que era por isso que eu era muito rebelde, eu era muito rebelde, eu não aceitava nada de ninguém, qualquer um que vinha me falar as coisas eu já partia pra ignorância neh, de responder, de...ãnn..de querer mostrar que eu podia neh? Só que eu mostrava da maneira errada e foi aí que começaram as dificuldades neh, que daí eu tinha que trabalhar feito louca, não consegui terminar meus estudos neh e comecei a...só trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar daqui, trabalhar dali. Foi aí que conheci neh..o (pausa) homem do meu primeiro casamento neh, engravidei, na época nós estávamos namorando eu engravidei, aí a gente teve que morar junto, aí eu tive que trabalhar mais e mais ainda neh, mas seempre bebendo, sempre fazendo festa, sempre bebendo, sempre botando em primeiro lugar neh a bebida, sempre, sempre, sempre. E...mas eu sempre tive responsabilidade, mesmo eu fazendo isso eu tinha uma responsabilidade, eu tava grávida, depois eu ia ter um filho e eu sabia que aquele filho dependia de mim neh, mas como eu era nova vinte e um aninhos neh...não tinha uma pessoa que dissesse assim óh...ãnn.. "bota a tua cabeça no lugar que tu tá grávida, que tu vai ter um filho, que as tuas responsabilidades vão dobrar, entendeu? eu não tinha uma pessoa assim, eu era assim...praticamente aquela pessoa solta ao vento, entendeu? Eu fazia aquilo que eu achava que eu tinha que fazer. E quando as pessoas vinham pro meu lado, as pessoas vinham pro meu lado só pra me recriminar, pra colocar eu pra baixo, pra dizer sempre que eu não ia ser ninguém, que eu não era ninguém, que eu era filha de chocadeira, que eu era isso, era aquilo, e...aquilo foi ficando, foi ficando na minha mente, foi ficando no meu

coração e eu tinha um coração muito duro, muito duro mesmo. Graças a Deus tive uma gravidez muito boa, ganhei a minha filha, ãnn...passei algumas dificuldades pra criar ela. Até então eu morava em Santa Maria, quando neh...por algumas...por alguns (suspiro) erros neh do...do primeiro esposo, eu vim para Canoas, pra tentar mudar de vida, pra dar uma outra vida pra minha filha e...mas sempre trabalhando, sempre trabalhando, sempre trabalhando, sempre trabalhando. A gente chegou em Canoas, a gente encontrou uma certa dificuldade e...foi aí que tuuudo começou. Toda parte de um...de uma nova etapa da minha vida começou. Nós estávamos morando de aluguel, não tinha serviço pra nenhum dos dois porque a gente chegou, a gente era novos em Canoas e...o meu primeiro esposo teve que fazer uma cirurgia nos olhos e eu então tive que...batalhar...procurar qualquer coisa que aparecesse neh, pra...pra mim poder sustentar a casa. Só que e eu não conseguir a gente passou por um período de oito meses numa casa de aluguel que eu não conseguia pagar, nem o aluguel, nem água, nem luz, nós éramos ajudado por pessoas de igreja, nós éramos ajudado por pessoas...ãnn..alguns parentes. E...foi aí que eu encontrei foi o serviço de um senhora, que tinha que cuidar de uma senhora que tinha câncer, e...só que o câncer que ela tinha era na cabeça e nas pernas e ela sentia muita dor, ela gritava dia e noite. E eu peguei esse emprego, peguei pra cuidar dela porque era uma maneira de nós ganharmos dinheiro e pagar o aluguel. Aí eu fui cuidar dessa senhora no hospital, e...essa senhora todas as semanas, ela me mandava ir numa igreja tá, levar o dízimo dela e levar as ofertas dela, só que eu muuuuito discrente, eu era muito discrente. E...ela sempre falava de Jesus pra mim, que se eu conhecesse Jesus a minha vida ia mudar, que se eu conhecesse Jesus eu ia parar de beber, que se eu conhece Jesus, Jesus ia transformar minha vida. E eu escutava ela só por escutar, por educação, por carinho neh...e ela me dizia palavras bem bonitas só que eu não acreditava naquilo ali porque...eu pensava assim.. “tá, se esse Jesus, esse Deus que ela fala neh, é tudo isso, porque que eu tenho a vida que eu tenho?” neh... “Por que que eu sofro tanto? por que que eu não tenho paz? por que que eu não tenho alegria? por que que a minha vida é uma derrota só?”. E...eu tinha que levar esse dinheiro, tinha que levar essas ofertas na igreja e eu tinha que trazer de volta o jornal da igreja, tinha que trazer de volta tudo o que...ela já sabia tudo o que ia voltar da igreja quando eu chegasse na igreja e entregasse o que ela pedia pra eu entregar. Só que eu continuava bebendo e não ia na igreja. Aí...depois de um ano, a gente foi pra casa e...ela continuou falando de Jesus pra mim, ela continuou falando de Jesus pra mim e um dia eu cheguei e disse pra ela assim “Vó! Se...Jesus que a senhora fala é tudo isso, porque a senhora está em cima de uma cama com câncer?”. Aí, ela disse, daí ela chegou e me falou dos erros dela, e disse que Jesus era muito bom pra ela, porque ela poderia...por mais que ela pudesse estar com câncer, por mais que ela tivesse dores no corpo,

Jesus era com ela porque Jesus tinha colocado pessoas boas pra cuidar dela, como eu e o esposo dela. Ela disse...”se Jesus não fosse tão bom eu estaria sozinha, ou num hospital, ou dentro de casa. E Jesus me deu meu esposo, me deu...me deu tu que vocês cuidam muito bem de mim, não falta nada pra mim comer”. Então...ali ela começou, todos os dias. Só que do lado da casa dela tinha uma igreja bem humilde, bem pequenininha e um dia eu tava de folga e uma outra senhora chegou e disse assim pra mim, “bah fulana...ã...eu sei que tu gosta de capiná, tu não...tu não quer capiná a frente da minha casa pra mim? eu te pago”. Só que até então eu não sabia que eu estava grávida de novo e daí eu disse pra ela que eu capinava, que eu precisava de dinheiro, porque justo naquela semana minha filha não tinha leite pra tomar e eu peguei e fui capinar, uma calorão de janeiro, peguei e fui, quando eu cheguei em casa de noite eu tive um aborto espontâneo, sem saber que estava grávida. E...naquela época, o...o meu ex-esposo estava viajando a trabalho em outra cidade, só que era longe e não tinha como ele vim. E ali eu fiquei assim óh...eu sofri, eu sofri muito porque os médicos me maltrataram, me chamaram de tudo que foi coisa porque eles acharam que eu (ênfase) tinha provocado o aborto. E ali foi então pra mim assim óh...o fim da picada, foi o fim da picada, daí eu achava que eu não tinha mais importância nenhuma, eu não pensei na minha filha que era pequena, que tava na casa da vó, eu não pensei em nada, simplesmente eu peguei, eu saí do hospital e...fui pra um bar. Fui pra um bar, bebi, bebi, bebi, bebi até assim óh não (ênfase) poder mais, não poder mais. Eu saí assim óh...que eu não ouvia, eu não enchergava onde eu tava caminhando, simplesmente quando eu me dei por conta neh, eu...tava assim óh, escorada num muro, o dia tava amanhecendo, eu tava escorada num muro, porque eu tinha dormido numa calçada. Foi aí então que esse senhor, foi atrás de mim pra...porque ele sempre ia me buscar em casa pra cuidar da esposa dele e ele me achou, e daí ele me levou pra casa dele, fez eu tomar um café, fez eu tomar um banho, tudo. E daí naquele dia (suspiro) eu não contei pra ela e ela chegou e disse assim pra mim “Olha só...eu sei que eu tô partindo, mas eu quero...eu gostaria de ir muito feliz se eu soubesse assim óh...que tu chegasse pra mim e dissesse assim...’ahh dona fulana! eu fui na igreja hoje’...eu ia ir tranquila porque...eu ia ir tranquila porque eu sabia que eu tinha feito a minha parte, de te ajudar, a te dar um bem, bem precioso, que é Jesus”. Aí naquela noite eu saí daí e tomei mais...tomei mais algumas...alguma cerveja, e daí nesse dia eu tava indo embora, depois de ter tomado essas cervejas e passei pela frente dessa igreja, e daí tava acontecendo uma reunião, daí eu peguei e disse assim... “vou entrar!..vou entrar...” e entrei daí, entrei porta a dentro assim, eu não conversei com ninguém, entendeu? eu não conversei com ninguém, eu não falei com ninguém. Eu entrei quieta, atravessei o corredor, o pastor que estava pregando lá na frente continuou pregando e eu fui, e só vi quando ele disse assim óh “não fazem nada” pro

peçoal que trabalhava com ele na igreja. Aí eu cheguei até o altar, me escorei e fiquei ali, daí ele tava falando o que Jesus tava mandando ele dizer pra algumas pessoas, tudo...e eu olhei (ênfase) pro altar e foi aí que eu disse pra Deus, pra... falei pra Deus, falei pra Jesus que se eles me tirassem o vício, se eles mudassem a minha vida, Deus e Jesus, que naquela época eu achava que...neh...era Deus e Jesus, neh, na minha ignorância, que se eles me curassem daquilo, daquele vício, eu serviria eles, que a partir do momento que eu não bebesse mais, eu fazia a obra pra eles, e...saí de novo. Não fiquei, não assisti culto, não sentei, ninguém me procurou nem nada. Aí eu cheguei em casa e eu tinha o hábito de cada vez que eu ia fazer janta eu bebia, e daí eu cheguei em casa tomei um banho e fui fazer a janta. E quando eu fui me servir um copo de vinho, que eu fui tomar, eu senti um cheiro horrível, um cheiro horrível de podre e daí eu ainda fui procurar encrenca com o dono do bar que ele tinha me vendido bebida podre. E foi dali que começou a transformação, foi dali que eu não consegui beber mais porque cada vez que eu ia beber eu sentia o mesmo cheiro (pausa). Só que daí o que aconteceu? ela faleceu e eu arrumei um outro serviço. Eu arrumei um outro serviço e...cada vez que eu tentava beber eu não conseguia mais... e eu (suspiro) pensei assim...digo bom...agora eu vou ter uma nova vida, porque eu não consigo mais beber, vou cuidar da minha filha e vou cuidar da minha casa e vou trabalhar como todo mundo trabalha. Só que daí, eu não fui mais igual pra igreja, eu não fui, eu fui aquele dia e não fui mais, mas eu parei de beber, mas eu não entendia até então porquê que eu tinha parado de beber. Eee...um dia eu tô indo no ônibus neh, pro serviço, e uma senhora estava lendo a bíblia, e essa senhora chegou e disse assim pra mim “Olha só...eu não sei porquê que eu tenho que lhe dizer isso, mas algo muito forte, algo muito forte me disse que Jesus tá lhe chamando”...daí eu até...até pensei assim...Jesus me chamando? será que eu vou morrer?!, foi a primeira coisa que eu pensei, será que eu vou morrer? Jesus me chamando...eu vou morrer! E ali eu fui pro serviço tudo, só que...até então eu trabalhava de faxina e às vezes eu fazia duas, três faxinas por dia, porque até então eu já estava separada (pausa) e eu não ganhava pensão, eu não ganhava nada, aí era eu e a minha filha e eu tinha que traabalhar...pra sustentar minha filha. Aí eu...fui pra aquele serviço de manhã e de meio-dia eu fui pra um outro, e daí eu passei por um morador de rua, também neh, porque o centro de Porto Alegre é...imenso neh...e a gente não vê as mesmas pessoas todos os dias e um morador de rua passou por mim e me bateu e disse assim “desculpa!” e eu...“tudo bem”, e ele chegou e me olhou e disse assim “oh môça, olha só, Jesus tá te chamando” daí eu com pressa disse assim “ah tá, tá, tá”. Aí fui pra aquele outro serviço, quando foi de noite eu fiquei pensando naquilo (pausa) daí pensei “ah! que Jesus nada!” neh...(suspiro). Aí um dia eu tô...um dia eu tô em casa assim...e disse assim...”ah..eu vou numa igreja, eu vou ver o quê que é isso que Jesus tá me chamando, só que daí eu tava indo

e...nisso encontrei uma amiga no meio do caminho e não fui na igreja. Daí eu disse assim, “que engraçado!” daí expliquei pra ela tudo e daí e ela disse assim “ah..quem sabe tu faz alguns exames, quem sabe tu tá doente e não sabe”. Daí...tá...fui fazer e não tinha nada. E daí um dia eu cheguei e disse assim...não...eu vou ir numa igreja, porque se Jesus tá me chamando, alguém da igreja deve saber o quê que tá acontecendo. E eu cheguei e fui conversar com o Pastor e ela me falou que a gente tinha que cuidar das promessas que a gente fazia, porque...Jesus uma hora ia cobrar...Jesus uma hora ia chegar e ia dizer “me fez uma promessa e não tá pagando” e daí ele me perguntou. Aí que eu me lembrei, eu digo “ahhh tá, um dia eu tava assim, assim, assado e...falei isso...” neh, e daí ele pegou e disse “então...a senhora vai ter que ir...numa igreja, a senhora vai ter que...neh...alguma coisa a senhora vai ter que fazer em relação a isso”. E eu, trabalhando feito louca pra sustentar minha filha, pagava aluguel, água, luz e mais um serzinho que dependia de mim. Foi aí que eu entrei, pela primeira vez eu entrei numa igreja. Entrei numa igreja, e daí tinha um menininho com síndrome de down neh, e eu entrei e tudo e vi aquela criança caminhando no corredor e me sentei. Quando chegou na metade do culto assim eu disse assim “ah! eu vou embora, eu não vou ficar aqui, eu não gostei, eu vou embora”. Aí aquela criança, eu acredito até hoje que aquela criança foi enviada de Deus, porque aquela criança veio até mim, quando eu tava saindo no corredor, pegou na minha mão me levou até o banco e sentou no meu colo e a criança ficou até o restante do culto neh, da reunião, no meu colo. Quando terminou a reunião, a mãe da criança disse assim... “olha...meu filho nunca ficou sentado tanto tempo no colo de alguém. O meu filho ele não pára nas reuniões, ele fica pra trás e pra frente, ele fica entre os banco, ele vai num e vai noutro, mas ele nunca sentou no colo de alguém, ele nunca ficou tanto tempo no colo de alguém”. Terminou o culto, daí eu saí pra ir embora e o gurizinho não queria me largar, daí...como a gente foi pro mesmo lado neh, daí eu fui iiindo...fui contando as coisas pra ela tudo e ela chegou e disse assim “ah! tal dia tem de novo, se a se...se tu quiser eu passo lá de novo e agente vem junto” e eu por educação disse que sim. E daí eu comecei a dar os primeiros passos, foi muito sofrido? foi...foi bastante, porque era um sentimento que...um sentimento que eu queria ficar lá dentro e outro sentimento que eu queria tá lá fora, um sentimento que era confuso, porque...eu me sentia muito sozinha, eu me sentia desamparada e...mas eu, eu tinha que arrumar força, porque eu tinha uma filha e aquela filha dependia de mim, totalmente. Então eu buscava força, eu achava que eu buscava força de mim mesmo, dos meus braços, eu tinha vontade eu fazia as coisas, às vezes eu chegava em casa quase meia-noite cansada que eu só me atirava na cama, não comia, não dormia, porque as vezes eram três, quatro faxina por dia, e (suspiro) foi aí que tudo foi se acalmado, tudo foi se acalmado. Quando eu decidi que eu ia congregar numa igreja, quando

eu comecei a me sentir bem, uma paz dentro de mim, quando eu já conseguia dormir bem, quando já conseguir sorrir invés de só chorar, quando eu já conseguia ver as coisas de outra forma. E eu fui crescendo dentro da igreja, fui...meu, meu espiritual foi melhorando, meu coração foi sendo limpo, curado, eu já não pensava mais nas...nos...nas dificuldades, eu já não pensava mais nas coisas do passado. E daí eu comecei a entender que tudo aquilo ali era obra de Deus, era obra de Deus, eu chegava na igreja eu me sentia acolhida, eu me sentia feliz e eu não gostava quando terminava as reuniões, eu não gostava porque ali eu me sentia bem. Aí...nós tava...nós tava bem, eu e minha filha foi crescendo, se tornando adolescente, estudando, eu trabalhando...até que quando ela chegou na adolescência ela encontrou um rapaz, aí ela engravidou, aí tinha mais uma boquinha pra sustentar neh, daí os...aí dobrou de novo porque daí eu já tinha uma filha, eu já tinha...alguém que vinha vindo a caminho e precisava de nós duas. Continuei de novo...digo vamo lá...vamo de novo...Aí...todas aquelas dores que eu sentia, dores que eu sentia da alma, dores de...neh...de passados...aquilo ali tudo foi saindo...porque eu fui tendo entendimento, eu fui lendo mais a bíblia, eu fui conversando mais com Deus, eu fui dependendo mais de Deus. E eu senti uma coisa muito...eu senti...eu tinha um sentimento muito gostoso, eu tinha um sentimento assim que...neh...aí veio a neta. Aí eu já tinha duas, eu tinha a filha e tinha a neta e...foi aí que daí a minha filha e o meu genro foram morar juntos neh, mas eu sempre dando suporte aos dois. E aí quando eu já tava...quando eu já tava firme na igreja, quando eu já tava firme com Deus, eu já não sentia mais aquela dificuldade, porque eu sabia que tudo que eu pedia, tudo o que...tudo o que eu chegava e falava pra Deus eu era atendida, eu era respondida e foi me dando aquela calma por dentro, eu fui tendo outra visão, eu fui tendo outra direção, eu fui aprendendo a perdoar, eu fui aprendendo a...a amar, sentimentos que eu achava que não ia ter, eu tive, foi recuperado esses sentimentos. Sentimento pela minha filha de amor, sentimento pela minha neta de amor. E ali aquela alegria foi começando a aumentar, a aumentar, a aumentar. E eu seeempre trabalhando, levantando de manhã cedo, pegando sol, pegando chuva, as vezes andando de a pé, as vezes andando de bicicleta, mas sempre com aquela esperança de que dias melhores iam vir e o dias melhores estavam vindo, só que o problema é que a gente quer tudo da noite pro dia. E foram acontecendo...aí quando estavam, os três neh, estavam bem, meu genro, a minha neta, a minha filha, eles tavam bem, decidiram ir morar na sua casinha neh, daí eu...aí eu me casei de novo. Aí eu me casei de novo, daí eu fui pra Santa Maria alguns meses, daí eu casei, daí...ãnnn...eu e meu esposo a gente assumiu uma denominação, a gente foi fazer a obra de Jesus. Aí, a partir do momento que eu comecei a frequentar a igreja, que eu comecei a buscar, ninguém mais me disse assim óh “Jesus tá te chamando”, aí...eu não ouvia mais aquilo. Mas cada vez que eu

entrava na igreja, cada vez que eu ia orar, que eu ia cantar, aquilo pra mim era a maior alegria, era um momento assim óh que...era um momento mágico. Aí eu e meu esposo a gente assumiu uma denominação, aí a gente foi fazer a obra de Deus, nós fomos fazer a obra de Deus, e...ali eu comecei a...ali ouvir quem pode nos trazer a alegria, não a felicidade, mas a alegria que vem de dentro, que vem de dentro, que não importa os obstáculos, não importa se tem que levantar de manhã, não importa se tem que trabalhar, se tem que...não (ênfase) é aquela alegria assim que a gente sente prazer de fazer as coisas. Que a gente sente o prazer assim...não...hoje o dia vai ser lindo! porque, porque a gente tem uma alegria de dentro da gente que essa alegria dentro da gente não era o álcool que me trazia. Aquela alegria que eu tinha...ah...vou beber pra ficar alegre, não! Aquilo ali era só ilusão. Aquela meu vício ali da bebida era só ilusão. A partir do momento que eu conheci Jesus de verdade, a partir do momento que eu entreguei assim óh...meu coração de verdade, que eu perdoei, que eu tirei as mágoas, que eu esqueci todos os problemas, é uma alegria que assim...bahhh...mesmo que a gente esteja em dificuldade a gente sempre pensa assim óh “lá na frente Deus tem um propósito, lá na frente Deus tem uma bênção”. E daí a gente fez a obra do Senhor, entendeu? e...pra mim assim agora assim óh, tem dificuldades? tem lutas? tem sim, tem, isso é normal. Mas quando a gente tem um Deus grande, quando a gente confia (ênfase) em Deus, quando a gente tem fé (ênfase) em Deus. Porque...a fé, não é só assim a gente ter fé porque a gente vê, a fé da gente é uma coisa que a gente não vê, a gente não vê. A gente tem que acreditar que a gente...que aquela coisa que a gente tá precisando vai acontecer! Que vai acontecer e acontece. Acontece. Porque Deus é...Deus é maravilhoso, e a partir do momento que eu, não é nem que “eu” decidi. A partir do momento que eu comecei a pensar assim...não...eu vou continuar porque tá bom, as coisas só melhoraram. Hoje, a gente não faz mais a obra de Deus, a gente não tá mais dentro de uma denominação, mas se a pessoa quiser uma palavra, se a pessoa quiser uma oração, se a pessoa quiser só falar e não quiser que a gente fale nada...a gente só...ouve a pessoa. Porque é muito bom...é muito bom quando a gente precisa de algo e sabe que a gente pode abrir o nosso coração, a gente pode chorar, a gente pode abrir o nosso coração, a gente pode rir, porque...o amor de Deus é muito lindo, o amor de Deus assim é uma coisa que...quem for experimentar não vai se arrepender, quem for experimentar esse amor de Deus, não vai sair de perto, não vai querer parar de buscar, não vai querer outra coisa neh. E...eu sou muito grata, sou muito grata porque todas as lutas, todas as dificuldades que eu passei, me fizeram eu ser a pessoa que eu sou hoje, uma pessoa que graças ao meu bom Deus eu não tenho vício nenhum, eu não...ãnn...eu não sou aquela pessoa rancorosa, eu não sou mais aquela pessoa revoltada, eu sou uma pessoa de bem com a vida. Quem me conhece sabe que eu sou uma pessoa de bem

com a vida, e as vezes eeu fico chateada, fico triste de não poder ajudar quem precisa, mas a partir do momento que eu vejo assim...bah..eu não posso ajudar, mas a primeira coisa que eu faço é pegar o nome da pessoa e pedir pra Deus que Deus abençoe, que Deus vá até essa pessoa, pra que essa pessoa possa sentir Ele, que essa pessoa possa ter paz, ter que essa pessoa possa ter uma outra...ãh...uma outra direção, uma outra visão. Hoje (ênfase) eu não faço a obra...ãh...hoje eu busco, busco bastante (ênfase), hoje eu vou na casa de Deus porque ele é...ele é o que tudo pode, ele é o que tudo pode. Quando a gente busca de fato e de verdade, quando a gente vai, não interessa a religião, não interessa religião, cada um acredita na...cada um acredita no...no que...no que vai...no que deseja, mas assim óh, Deus, Deus é maravilhoso, Deus é maravilhoso. Quando a gente pede pra Deus, quando agente entrega nossa vida pra Deus, Deus faz (ênfase) a obra, Deus faz (ênfase) a diferença, Deus...Assim óh...o socorro nosso, o socorro do ser humano hoje é Deus. Hoje, depois de uma pandemia, depois desse surto que teve, as pessoas hoje estão nervosas, estão estressadas, estão com síndrome de alguma coisa, síndrome de pânico, é de medo, sabe? estão sobrecarregadas por causa dessa pandemia. Porquê? porque muitos estão sofrendo, a maioria da população hoje sofre depois desta pandemia, e...porque perderam alguns entes queridos, porque perderam amigos, porque perderam neh? Então assim óh...hoje, hoje (ênfase)...ãh...o nosso socorro hoje, aquele que pode enxugar nossas lágrimas, aquele que pode nos dar a mão e nos levar, carregar consigo é Deus (ênfase). Deus pode tudo, Deus pode nos abraçar, Deus pode enxugar nossas lágrimas, mostrar um novo caminho, e...foi isso que eu busquei. Foi isso que...as vezes eu digo assim óh..bah...seu eu tivesse conhecido Jesus, ãh...na minha adolescência eu não tinha feito nada do que eu fiz, eu não tinha feito nada do que eu fiz. Mas...há tempo pra tudo, há tempo pra tudo, só que...(ênfase) a gente não pode demorar muito tempo não, mas eu acredito assim óh..que quem...que chamar por ele, quem chamar por Deus, quem gritar por Deus, quem pedir socorro pra Deus, pode ter certeza que vai ter a vida transformada, vai ter a vida mudada, vai ver a vida com outros olhos. Trabalhá...a gente tem que trabalhá, mas...quando a gente tem Deus no coração, tudo é mais fácil, tudo é mais fácil. E...eu espero que...eu possa ter ajudado, eu possa ter ajudado, porque ai..(suspiro profundo) como eu gostaria assim de ver a humanidade, como eu gostaria de ver essa...o povo de Deus, porque nós somos povo de Deus, nós somos filhos de Deus. Como eu gostaria de ver...ãh...todos bem, todos bem, todos tendo a alegria que eu tenho hoje, sentindo a alegria que eu sinto hoje, por ter esse Deus tão maravilhoso na minha vida. E que Deus abençõe a todos, a todos mesmo, em nome de Jesus. Ai ritinha não sei como é que eu fui, mas eu espero que eu tenha ajudado e qualquer coisa que tu precisar perguntar, pode me perguntar, tá bom?

P - Bom fulana...primeiro, muito obrigado pela tua confiança de...compartilhar a tua história de vida, uma história muito bonita, cada história tem a sua beleza e claro...seus desafios também neh. O que eu queria te perguntar...é que lá no início, tu relatou assim que tu se mudou algumas vezes de casa, a primeira pergunta que eu queria te fazer é assim...da tua...da tua família, o que tu lembra, o que tu recorda história da tua família, de onde que eles vieram...Se tu puder contar um pouco mais das tuas raízes, vamos dizer assim.

E - Assim óh...ãhn...o meu pai ele trabalhava na brigada, tá, e na brigada onde ele trabalhava era em Santa Maria e a minha mãe morava em Porto Alegre, tá daí eles se conheceram aqui em Porto Alegre. Só que o meu pai tinha uma família já em Santa Maria, ele era casado, e daí ele teve um relacionamento com a minha mãe aqui em Porto Alegre. E...a partir do momento que eu nasci neh, a...ele levou a minha mãe pra Santa Maria também, porque ao mesmo tempo que eu nasci aqui, a...a esposa dele morava lá e também tinha acabado de ter um nenê, então praticamente eu e a minha outra irmã nascemos juntas. Aí...chegando em Santa Maria, ãn...a família dela era de Santa Maria e a família do meu pai também só que ela morava aqui (Porto Alegre), não sei porque ela tinha vindo morá pra cá entendeu? E...aí eu me criei neh, meus primeiros anos de vida, ela me cuidou, aí quando eu completei quatro ou cinco anos, a mãe da minha mãe neh, me levou pra morar com ela, na mesma cidade, só em bairros diferentes neh. Uma morava na Parque Pinheiro Machado, outra morava mais lá perto do Itararé neh, bem distante e niguém se conhecia, nem uma, nem a outra, e como meu pai também, ele...meu pai bebia também, neh, meu pai...ãnn...ele bebia muito também, foi que lá pelas tantas, ãn...a minha mãe arrumou um outro relacionamento, teve um outro relacionamento. Aí...desse relacionamento dela, aconteceram algumas coisas que fez com que a minha vó, mãe dela neh, ãn...me tirasse dela, minha vó me tirou dela e me levou pro meu pai e disse pro meu pai que...meu pai tinha que me cuidar e não a minha mãe. Aí meu pai me levou pra casa da esposa dele neh, e...foi aí que...eu nunca mais vi a minha mãe, eu nunca mais vi a minha mãe, morando na mesma cidade de Santa Maria eu nunca mais vi a minha mãe, entendeu? Meu pai não deixava e minha madrasta também não por ser uma pessoa que..que sofria muito com tudo isso e naquela época os homens era muito...muito machistas neh (ênfase), então era sim, sim, não, não. Então a minha madrasta só tinha que obedecer e me cuidar neh...então era aquela coisa assim de que...me cuidava porque...era a ordem do meu pai neh. Aí foi que...meu pai sofreu um acidente na brigada, dentro da brigada, ele teve que ser aposentado, ele era...aposentado da brigada. E eu sempre naquela coisa assim óh...de uma hora estar na...com meu pai e minha madrasta, outra hora eu estava com minha vó, outra hora eu estava com tios neh, mas nunca

mais com a minha mãe. Uma que a minha mãe não me quis mais mesmo e...o meu pai por não querer que eu tivesse mais contato com ela neh. E a foi aí que eu fui crescendo com o meu pai daí...morando com o meu pai, morando com a minha madrasta, e...era aquele coisa assim...meu pai como daqui a pouquinho ele tava num bairro, daqui a pouquinho a gente se mudava pra outro, dali um pouquinho a gente já tava...morando na boca do monte, dali um pouquinho a gente voltava de novo, sabe? então a gente não tinha paradeiro. E as escolas neh, nós éramos atrasados porque de tempos em tempos a gente tinha que mudar de escola e as vezes na metade do ano a gente tinha que parar de estudar neh...e foi aí que meu pai se tornou um alcóolatra de verdade. Aí...depois que ele se aposentou era...era...uma coisa assim óh...muita...e ele era uma pessoa muito violenta com os filhos dele, ele era uma pessoa que...era uma e duas e nós apanhávamos muito. Ele queria que a gente fôssemos pessoas de bem, ele que a gente fôssemos pessoas que tivessem um futuro bom neh. Pra ele (ênfase) ele queria que todas as filhas mulheres dele, as três filhas mulheres que ele tinha, fossem professoras e os homens fossem da brigada neh. Então ele cobrava muito de nós isso, nós apanhávamos muuuuito, muito mesmo, nós tivemos uma infância bem, bem chata, por causa disso, nós apanhávamos demais, qualquer coisinha a gente entrava pro laço neh, então...eu acho que naquela época que eles pensavam assim, que quanto mais eles surrassem a gente mais a gente aprendia, mas não era neh? Mas...era eu e mais cinco irmãos, dois eram do meu pai com a minha mãe e os outros eram da minha madrasta com o meu pai, então imagina...a minha madrasta cuidando de filhos de outra mulher neh, criando filhos de outra mulher, então era bem...era bem difícil. Foi uma infância bem difícil, não foi uma infância boa não. E por ser filha de outra mulher eu sempre escutei palavras que...neh...eu era culpada, eu era neh, não ia ir pra frente, sempre aquela neh...mas eu me dava bem com meu irmãos e na medida do possível com a minha madrasta neh...E...quando ele morreu que eu tinha 13 anos, ãn...quando ele morreu que eu tinha treze anos, ele...morreu lôco, ele morreu lôco porque...o próprio álcool deixou ele assim, o próprio álcool deixou ele totalmente no estado em que ele ficou. E...aí que começou a função...eu não tinha mais ninguém daí neh...não tinha um pai, a mãe não me queria e daí eu tive que...neh..ficar sob a supervisão da minha madrasta neh...e foi aí que tudo começou, todas as...todas as lutas que eu passei...e todas as função de...eu começar a beber neh. Então hoje neh, hoje eu moro aqui em Canoas, meus irmãos moram em Santa Maria, neh, todos eles, minha madrasta também mora em Santa Maria e poucas vezes eu vou lá, mas a gente continua se comunicando, quando dá eu vou e...é isso aí.

P - Teve um momento...que eu anotei aqui também, que tu foi morar em casas de família, pra trabalhar e tal...se tu puder me descrever como que era a tua relação com essas famílias, como que foi a tua experiência.

E - A...a primeira família que eu saí de casa com quinze anos, a primeira família foi...eu conheci uma...enfermeira que trabalhava na...na universidade aí de Santa Maria e daí ela era muito minha amiga, eu contava tudo pra ela, por ela ser uma pessoa mais velha, tudo assim, eu contava tudo pra ela e um dia eu falei pra ela que eu queria sair de casa. E teve um dia que ela me ligou do serviço dela lá da universidade e disse assim pra mim “Olha Cléo, ãn...tem uma colega minha, ãn...que ela tá morando ali no Centro” era na Appel ali perto do ginásio do farrezão, ela disse assim “ela tem duas guriazinhas, ela tá precisando de uma pessoa, só que ela quer que a pessoa more no serviço porque às vezes, como ela trabalha, ãn...às vezes ela trabalha durante o dia, às vezes ela trabalha durante a noite, o esposo dela tem uma floricultura, então ela precisaria de uma pessoa que morasse no serviço, ãn...sábado pode ir pra casa, domingo pode voltar a tardinha, então ela precisaria de uma pessoa que morasse no serviço”. E eu na hora neh aceitei! tava com vontade de ir embora de casa mesmo eu aceitei na hora! E...não falei com ninguém da minha família, eu simplesmente disse que eu aceitava, peguei as minhas coisas, marquei com ela, ela foi lá me buscar, na época a gente já morava ali na Tancredo Neves, e ela foi me buscar e eu fui. Daí eu chegando lá...ãn...era um apartamento e tinha duas meninas, uma de quatro e outra de cinco neh e o casal. E eles foram...boas pessoas comigo, eles foram boas pessoas, ela me ensinava muita coisa neh...a respeito de...ãn...a respeito assim, me dava muito conselho, neh, perguntou se eu estudava, se eu não tinha vontade de ter um...qual era o meu sonho...o que que eu queria fazer neh. E...eu como criança neh, criança não, mas com quinze anos de idade a gente não é muito neh, não tem ainda uma noção, naquela época eu não tinha ainda muita noção do que queria fazer. E...a primeira coisa que ela fez foi dizer que eu tinha o direito de...de ter um emprego com tudo direitinho neh, com documento tudo, que eu não tinha, e ele também o...uma pessoa muito legal, uma pessoa muito assim...de ensinar as coisas neh, de ensinar como a gente poupar, como a gente, ãn...querer ter as coisas, mas saber até onde a gente pode ir neh...me ensinar a respeitar, me ensinar...os valores neh que um pai e uma mãe ensinam pra gente porque eles viram que eu não tive isso neh, eles viram que eu não tive isso. Só que...antes disso, quando ãn...quando foi a missa de sétimo dia do meu pai, tinha um casal também na missa que...tava procurando uma...uma menina assim pra...ficar com a filhinha deles, porque eles trabalham e eles queriam uma companhia pra guriazinha deles e eles moravam na mesma cidade, Santa Maria, ele era brigadiano também neh...e...naquela época,

a gente não ganhava dinheiro naquela época, aquela época em que a gente morava em casa de outras famílias, a única coisa que diziam assim óh “ah...tu dá roupa, calçado, estudo, tá pago”. E...esse casal que foi onde eu fui, que foi a primeira família onde eu fui morar, eu tava estudando, daí esse casal me achou de colocar ligeiramente num colégio, transferência tudo e me colocar numa escola. Só que eu era muito atrasada, era muito atrasada e esse casal me ajudou muito nos meus estudos, ele..ãn...como ele levantava muito ãn...cinco horas da manhã pra se preparar, pra ir pro trabalho, ele me acordava neh, ãn...fazia eu tomá café, me arrumava pro colégio e antes dele sair pro serviço ele me fazia eu pegar meus cadernos neh e me ensinava. Ele me ensinava todos os dias de manhã, no mesmo horário, eu tinha que levantar, me arrumar, tomar café, sentar na mesa pra ele me ensinar. E ele me ensinou uma coisa, muito assim...que eu guardei aquilo pra mim e eu passava pra minha filha depois, que ele dizia assim que a melhor hora de estudar, que a gente aprende bem mais...bem melhor é de manhã cedo. Porquê...porque a explicação dele era assim que, ãn...quando a gente levantava a mente da gente tava vazia, por que, porque a gente já tinha dormido, já tinha descansado. Então...tudo o que a gente fosse estudar, naquela hora da manhã a gente aprenderia mais, era mais fácil de aprender, então, todos os dias...eu morei com ele dois anos e nesses dois anos, todos os dias eles faziam, eles faziam isso comigo, ela me ensinava de tarde a fazer os meus temas e ele me ensinava de manhã cedo antes de ir pro serviço. E era uma família assim...eles eram...uma família assim oh, católicos neh, tinham a vida normal deles, saíam pra trabalhar, voltavam, sempre fui...praticamente, da família, aonde eles iam, eles me levavam neh, eles compravam roupa, eles, sabe? Como eu era...como se eu fosse filha deles. E a época que as minhas notas foram...a época que as minhas foram mais altas, foram esses dois anos em que eu morei com eles. As minhas notas eram assim...excelentes, porque? porque esse dois anos eles se levantavam, eles me ensinavam assim óh...e não era aquela coisa assim de me xingar pra eu não saber, não era aquela coisa assim...sabe...de força (ênfase), não, dois anos com dedicação, que nem eu te falo, como se...eu fosse filha deles. Então assim...esses dois anos eu tirei notas maravilhosas, eu ia pro colégio assim óh, ele me levava no colégio de manhã cedo e ela me buscava meio-dia, entendeu? Então nesses dois anos eu tive uma vida assim...aquela vida que todo filho quer ter, entendeu? de pais...de pais...ãn...carinhosos, de pais que se importam com os filhos e foi ali só que depois desses dois anos eu (ênfase) quis voltar, eu quis voltar morar com minha madrasta neh. Eu quis morar com a minha madrasta e daí eu pedi pra eles pra mim voltar pra casa. E daí eles me levaram de volta e quando eles me deixaram em casa, eles ainda disseram pra mim assim que...que...ãn...os dois anos que eu morei com eles, eles foram bem felizes porque eles não tinham só uma filha, mas sim duas e o que eu precisasse eu podia contar com eles. Só que

daí eu fui crescendo neh, aí cresci, daí já me esqueci de tudo neh, aí nesses...desde o momento que eu cheguei em casa até os meus quinze, daí foram bem...bem tribulados, bem neh...Daí eu tive que trabalhar, aí o meu dinheiro que eu ganhava eu tinha que deixar em casa, apesar de não precisá neh, porque eu tinha a pensão do meu pai. Então...cada filho que ele deixou eram menores de idade então todos tinham pensão e a minha madrasta também tinha pensão. E a casa não precisava pagar porque quando meu pai morreu a casa ficou quitada, então no caso o que tinha que pagar era a água, a luz e as comidas neh, mas mesmo assim. Aí eu fui...eu trabalhava durante o dia no supermercado e de noite eu ia pro colégio neh, aí...no colégio neh, no colégio eu mais brincava do que estudava, mas eu ia pro colégio porque eu preferia tá no colégio do que tá em casa neh. Aí foi que começou as batalhas e daí que com quinze anos, daí sim, quinze pra dezesseis eu decidi sair de casa, daí que eu fui morar com esse outro casal, dessas duas meninhas, aí lá...neh, també...ela incentivou (ênfase) a voltar a estudar, ela incentivou (ênfase) a aprender coisas novas neh, a ter...a ter uma vida de respeito, a ter uma vida direita, uma vida de não ficar só saindo. De todas as casas que eu precisei ficar, que eu precisei morar, todos eles, todos eles só me ensinavam coisas boas, mas...eu era tão rebelde, eu era tão rancorosa, eu era tão doente da alma que eu não...algumas coisas eu pegava, outras não neh. Aí eu fiquei...fiquei acho que uns quatro anos morando com eles. Aí...decidi também que eu não queria mais ficar ali, decidi que eu queria...outra coisa. Só que essa outra coisa que eu queria era festa neh? Sempre era festa (pausa). Aí eu...conheci uma senhora que...que ela era...que ela frequentava um...ela frequentava uma...como é que vou te dizer...uma casa espírita do Alan Kardec, uma pessoa muito meiga, muito humilde assim, ãn....e ela...e ela conversava bastante comigo. E daí...eu comecei a trabalhar pra ela, que ela dizia que a mãe dela já tava velhinha e que a mãe dela não dava conta de toda a casa e me fez a proposta de morar no serviço também, de trabalhar com ela neh e ajudar a mãe dela. E eu fui. Aí ela perguntava neh, falava...me dava bastante conselho neh, e eu sempre rebelde e ela me dando conselho e eu sempre rebelde e ela dando conselho, a mãe dela muito carinhosa neh e eu tenho o hábito de tudo que são pessoas de mais idade eu tudo chamo de vó. E...essa vó eu me senti assim que ela era minha vó de verdade, ela era minha vó de verdade, porque ela era muito carinhosa, muito mesmo. E um dia nós conversando eu falei que eu queria ser brigadiana e ela disse assim “porque que tu não é?”. Daí eu disse assim...porque eu não tenho os meus estudos. Foi aí que ela conversou com a filha dela e filha dela disse “se tu quiser ser brigadiana eu pago os teus estudos”. Ah! aí na hora eu aceitei, daí ela pagou os meu supletivo pra mim, terminar o primeiro grau neh, e...fazer o concurso. Ela disse “tu faz o teu primeiro grau e eu te ajuda a tu estudar pro concurso”, e eu fui. Daí eu trabalhava durante o dia neh...trabalhava modo de dizer,

fazia as coisas da casa neh...e eu estudava de noite e ela também era professora, só que ela não era professora na mesma escola que eu estudava, mas ela me ensinava. Terminei (ênfase) o meu primeiro grau! Ela me inscreveu pras inscrições da brigada, só que daí neh como eu falei anteriormente eu preferia ir as festas e beber do que neh...(suspiro) levava tudo na brincadeira, mas ela sempre me puxando, ela sempre me mostrando o caminho certo, só que daí eu fui crescendo neh, daí eu cresci, daí eu já me esqueci de tudo neh. E...só que a minha cabeça era...era outra neh, minha cabeça era sabe...vou aproveitar a vida, vou aproveitar a vida, a vida passou e eu perdi a oportunidade neh. Mas todas essas casas de família que eu trabalhei, todo eles foram assim óh...foram exemplos pra minha vida, sabe...eu não via discussão, eu não ouvia...ninguém beber, não via ninguém fumar, eu não via ninguém sabe? eram famílias, eram famílias (ênfase) assim que...meu Deus...se eu tivesse assim óh...ficado até...até casar, até sair da casa de um deles assim óh, eu ia ter uma vida...sabe?...ia ter outra vida. Mas é que as escolhas da gente às vezes fazem neh, às vezes a gente tem a...como é que vou dizer...a...o...resultado meio...não é um resultado bom neh, não é um resultado bom. Mas tudo isso que eu aprendi neh, de tudo isso que eu aprendi eu passei pra minha filha, eu passei pra minha filha neh. Então eu tive muitas coisas boas. A única coisa que fez só eu sofrer foi a minha infância...foi a minha infância que fez eu sofrer, entendeu? Porque as casas onde eu morei, depois que eu perdi meu pai, eram pessoas maravilhosas, até hoje assim se eu ver cada um deles eu só tenho a agradecer.

P - Por último fulana, pra encerrar neh, pelo que eu fui acompanhando, na tua trajetória, tu participou de algumas denominações neh, de algumas igrejas. Foram todas as mesmas? se tu puder me explicar, se teve diferença, o que te fez optar por uma ou por outra.

E - Ân..ah...o meu início assim...do evangelho foi...nessa igreja neh, nessa igreja humilde que eu falei aqui do...que fica aqui em Canoas, no bairro Rio Branco, tinha uma...a primeira igreja que eu entrei ela era bem...bem humildezinha neh..daí com certo tempo ela fechou neh, ela fechou e... daí eu fiquei uns...uns meses sem ir. Aí depois, de tanto ir a Porto Alegre neh, eu...comecei a visitar a Universal, a igreja Universal que fica ali no centro de Porto Alegre, na catedral ali. E foi ali que eu comecei a dar os primeiros passos neh, fui bem atendida tudo, e comecei a dar os primeiros passos ali. Só que eu não entendia muita coisa neh, eu ia nas reuniões tudo, participava das reuniões e vinha embora pra casa, só que...ali foi me despertando um querer, neh...foi me despertando um saber mais, um...um entender mais, um buscar mais, procurar saber mais do que tava sendo dito lá, do que tava sendo pregado, do que tava sendo falado a respeito de Jesus neh. Só que daí...pra mim foi ficando muito caro em relação as

passagens nhe, daí eu chegava em casa do serviço, aí tinha que tomar banho e ir até Porto Alegre ainda, daí começava a ficar meio tarde pra mim voltar pra casa. Aí aqui no bairro mesmo, no Rio Branco, tinha a igreja da graça, do Show da Fé, do missionário R.R Soares, e uma vez uma amiga falou e disse “ah...vamos ali visitar” neh. Aí eu fui, daí eu fui, aí comecei a frequentar neh, da igreja...na igreja da graça, do R.R Soares, do Show da fé. E...e aí eu comecei a frequentar, aí o pastor me convidou pra fazer...pra trabalhar na obra neh, pra fazer parte da obra. Daí comecei como tia da escolinha neh, cuidando das crianças dos membros, enquanto eles assistia a reunião eu ficava na escolinha com as crianças. Aí depois, eles me convidaram pra fazer o curso de ser a obreira neh, que daí era orar pelo povo neh, receber o povo neh, orar pelo povo quando quisessem oração particular. Aí depois me convidaram pra fazer um mini...um mini curso de teologia neh, daí eu fiz. Aí concluí o curso e...fui obreira dali uns bons anos, acho que foi em torno de quatro a cinco anos. E...só que daí nesse meio tempo, aí a fulana engravidou (filha), a fulana engravidou e eu fiquei envergonhada de neh...como que eu tô numa igreja neh, a minha filha engravidou sem casar e daí a gente fica com aquela...com aquela coisa neh...a gente fica com vergonha do que os irmãos vão falar, do quê que o pastor vai falar...aquela coisa toda. E daí, foi aí que eu não quis mais ficar ali, daí eu saí dessa igreja e não...e não fui mais em igreja nenhuma. Aí no mesmo bairro abriu uma igreja nova, que é a Mundial, neh, que é a do Apóstolo Valdemir Santiago. Aí abriu uma igreja aqui no bairro e eu comecei a frequentar ali. Comecei a frequentar ali, daí fui obreira ali também, fazia a obra ali e foi ali que eu conheci o meu esposo, do segundo casamento. Aí a gente casou, daí a gente foi morar um tempo em Santa Maria também...e a gente continuou trabalhando na igreja lá, que fica na Rio Branco também em Santa Maria, na igreja mundial de Santa Maria. Aí de tempos em tempos a gente tinha que...trocar de cidade neh, porque daí trocava os pastores e a gente assumia outras igrejas. Depois de...a gente...ficou uns...cinco anos na igreja mundial. Aí o meu esposo quis...ãn...abrir a igreja dele neh, a “Apascentar” em Cachoeira do Sul. Aí a gente tentou abrir e...não deu muito certo neh, a gente ficou um ano tentando e não deu muito certo. Aí que a gente decidiu fechar a nossa igreja. Aí eu fiquei uns...fiquei uns meses sem frequentar igreja nenhuma neh, só em casa, até que um dia, agora esse ano...em dezembro agora do ano passado, ãn...inaugurou uma outra igreja, inaugurou uma outra igreja aqui no bairro neh, e...daí ela me convidou pra nós ir. E daí eu fui com ela, e daí a gente tá frequentando essa igreja que é a...a igreja Alagoinhas. E...a gente tá frequentando ali...entendeu? Então...de todas essas igrejas assim foi por escolha minha entendeu? cada uma tinha uma...cada um tem o seu jeito de trabalhar, de fazer a obra. Então agora eu não sou mais missionária, nem pastora, eu sou só membro da igreja, agora eu só vou e assisto as reuniões.

E - Entendi. Muito obrigado fulana. Obrigado pela tua partilha e testemunho.

ENTREVISTA 03

Modalidade: presencial

Idade da entrevistada: 53 anos

Ocupação: empregada doméstica

Cidade: Santa Maria

Duração: 54 min

P - Então assim fulana...gostaria que primeiro a senhora se apresentasse, o seu nome, a sua idade e contasse um pouco assim da sua...da sua história de vida.

E - Eu sou fulana, tenho cinquenta e três anos, moro da na vereador João Dalazana e sou...sou evangélica, da sétima igreja quadrangular que, inclusive, a igreja fica em frente da minha casa. Tá...e como eu cheguei na igreja neh?

P- Isso. A gente pode começar, contando um pouquinho da história da sua família por exemplo neh, se a senhora era daqui, se veio de outro lugar. Um pouco da sua trajetória assim neh...da sua vida e tal...até chegar na participação da igreja e tal.

E - Tá. Eu nasci aqui onde que eu moro, na vila Brasília. E me criei aqui e sempre teve a igreja. A igreja antes, que é na frente da minha casa, era uma igreja de madeira, aí eles foram arrumando, entrou um pastor, fez mais um pouco, entrou outro e fez a parte deles. E daí no entanto chegou uma igreja de...como é que é...de material com a atual...ã...a atual pastora aqui agora tá. Mas daí a minha família toda era umbandista, eu vim de uma família de umbandista, tinha umas que era do Candomblé e a minha vó mesmo que começou, que é a principal, que era a minha vó era da umbanda da linha branca que chamava. Aí eu me criei, mas não frequentava era só um meio de eu ir, naquele tempo eu era com eles, com as minhas tias eu ia porque eu era pequena, era a primeira sobrinha mais velha, então onde que as tias e a vó tavam eu tava junto. A vó desenvolvia e eu ia junto com as tia. Depois as tia já começaram a se desenvolver, aí minha mãe não saía, eu que ia com elas, mas nunca me envolvi com trabalhá, recebê, esses orixá aí, mas só frequentava junto com elas. Aí depois fui crescendo, fui crescendo, aí já...como a gente...já fui batizada na católica. Aí aquele negócio fui até aí a começar a ir na igreja buscar a presença de Deus pra mim, porque eu dizia que Deus não me ajudava em nada, fui crescendo, casei e aonde que tá Deus? porquê que a gente tá passando por

sofrimento? Ah...Deus não existe se não a gente não passava por isso. Então...era meio uma descrença que Deus não me atendia em nada e não queria frequentar aquela vida, não queria aquilo ali pra mim neh, que as minhas tias que criaram, mas não sou contra (ênfase). Hoje elas continuam, mas eu...e não muda nada nossa amizade de tia e sobrinha continua a mesma, elas vêm na minha casa, eu vou na casa delas. Aí eu peguei...casei, tive minha filha, tive muitos problema familiar, aí depois eu...com a igreja na frente da minha casa. Aí depois aquele atrito de família, envolveram meu casamento, na criação da minha filha, andemo meio ficando de mal com algumas tia. Aí umas tia começaram a fazer tipo...uma espécie de maldade, mas não que eu deixe de...que eu queria bem elas, eu queria só que elas...como elas eram daquilo ali, acharam de revidar naquelas maldade neh. Aquilo tava prejudicando muito a minha vida, a vida da minha filha. Aí eu engravidei tive que ficar escondendo delas, casei, nasceu a minha filha, minha filha doente com problema, eu com problema que já vinha afetando meu casamento devido a todo esses transtorno familiar e a igreja ali. E eu comentava com as minhas amizade “bah! não aguento mais essa vida!”, aí... “mas tem uma igreja na frente da tua casa! tem uma igreja na frente da tua casa”. Mas eu não conseguia me desprender, aí eu começava a ir ali nas religiões de umbanda pra tentar vir melhoras pra minha vida. Nenhum momento não vi nada de melhora, bem pelo contrário, tava até me tirando as coisas de mim, mais dava do que eu tinha coisa na minha de vida de bom. E não conseguia, não conseguia, quando foi um dia eu disse...mas sabe? chega dessa vida. Eu vou, a igreja tá ali, eu vou, vou experimentar. Quando elas me convidaram pro “Grupo de princesas” daí eu peguei e fui, participei desse grupo de princesas, fui como convidada, aí de convidada me convidaram pro culto. O grupo de princesas era numa quinta e na sexta tinha o culto, aí me convidaram pro culto, eu disse “bom...vô também frequentá”. E realmente aí depois eu comecei a frequentar na sexta, fui no domingo, aí eu ia todas as sexta, todos domingo, grupo de princesas na quinta e aí, fui me envolvendo, fui me envolvendo, me envolvendo. Aí já fui ficando mais crente, mais...tendo Deus, puxando Deus pra minha vida, orando, que Deus entrasse mais no meu coração, que me fizesse eu aceitar Ele, que ele é o único nosso salvador. Não que...Deus é um só, mas não era aquela religião pra mim das minhas tias, eu vi não era pra mim e pra minha mãe. Aí terminei conversando com a minha mãe, quem sabe nós frequentando...foi o passar do tempo, um ano, dois ano. Aí eu disse vamo...vamo se batizá, aí a gente se batizou, desceu as águas. Aí eu fui batizada no evangelho, no evangelismo, no evangélico. E daí hoje, tô até hoje, mas a minha vida mudou por completo, buscando bastante (ênfase), buscando Deus sempre pra minha vida. Aí fui batizada com o Espírito Santo, hoje ele me mudou minha vida, eu sou outra pessoa, a minha filha também, não toma mais medicação, não parava no trabalho, hoje pára. Eu sei que Deus é tudo, é só a gente

buscar ele e foi aí que eu entrei e hoje eu agradeço a Deus, a Deus mesmo, ao espírito santo que eu fui batizada por Ele e o que eu pedi Ele me atende e é isso aí...é só a Deus. Eu pelo menos falo por mim neh, não tem outra saída, a gente tem que...Não adianta dizer Deus é um só, mas se a gente não buscar Deus pra gente, não adianta. E eu como não precisava bus...a gente tem que buscar em casa, a gente diz que busca, mas ali dentro de uma igreja seja lá qual for, não vou falar só pela minha, seja qual for a gente busca. E eu sei que eu não buscava longe, na católica, eu era católica e não buscava e não ia buscar em outras longe, como tinha uma evangélica, me criei ali, já nasci mesmo, na frente já tinha a igreja, fiquei...mas tô casada, tenho filho, tô precisando e...me dava com todos os membros ali, só não frequentava. Aí, comecei a frequentar e vi que é importante a gente buscar Deus, mas a gente tem que achar e ter um momento com ele, em casa é um momento, mas enquanto a gente não tá preparada e não aceita Deus na vida da gente, a gente não adianta só...ah..Deus!...só pra hora em que tá em apuro ali e depois não procura mais. Eu aprendi neh, momentos ruins, bons, tem que ter um coração humilde, é o que eu tenho todo o tempo, o espírito santo comigo e hoje eu sou outra pessoa, sou transformada. Minha filha tá empregada, parou em serviço, dois anos que não parava, hoje tem mais uma profissão na carteira dela, agradeço a Deus, sou muito grata.

P - Como que foi a sua criação? a sua família, a senhora é filha única, como que foi...um pouco da sua história, da sua infância?

E - A minha infância foi...eu sou filha única, meu pai era alcóolatra, a minha mãe não tinha vício nenhum e...aí a gente fui criada numa casa entre só eu, ela, eu, minha mãe e meu pai e...sou a única filha, daí eu via tudo aquela situação que ele bebia, incomodava e...aquilo ali foi me prejudicando. Aquilo ali eu não notava, mas as minha tia e a minha vó que notavam que aquilo ali não era vida pra me criá, daí eu fui, criada pela vó, até a minha mãe tomar aquela decisão se não parasse, ela tinha que tomar a decisão da separação, aí eu fui morar com a vó e as minhas tias. Daí quando eu fui morar com a minha vó e as minhas tias eu não acostumei a chamar a minha mãe de mãe...foi sempre Fulana (pausa, emoção, lágrimas) e é Fulana até hoje, mas respeito, eu sei que ela é minha mãe, mas eu me sinto mal em chamar ela de Fulana, porque eu tenho que dar explicação...Fulana é minha mãe, Fulana é minha mãe. Eu não consigo, mas...Deus já sabia todas as coisas da minha vida, Deus ali que...era coisa que a gente tinha que passar. Hoje tô aqui e aí me criei com as tias e com a vó. Aí depois ela separou dele, daí foi morar lá junto, trabalhar, eu ficava com minhas tias e ela trabalhando pra me dá o sustento, me criou com tudo que tinha que me dá, foi uma dignidade mesmo, como mãe (ênfase) mesmo, mãe e pai. Não me deixava faltar nada, não me deixou faltar estudo, estudei em escola...São

Vicente de Paula que hoje é UNIFRA e...sou muito grata a ela, me corrigiu, uma vez faltei a aula, fui pro serviço dela que era perto na Silva Jardim daí ela disse “tu fugiu do colégio?” eu disse fugi, daí ela...,primeira, segunda série, acho que era quinta, daí ela disse “pois é, então tu vai ficar de castigo pra ti não fazer mais isso”. Ali eu nunca mais fiz, realmente, foi a primeira e a última. E aí eu...tive bons estudos, boa criação, aí depois terminei me casando.

P - E a sua...a senhora morou com sua vó neh? e suas tias?

E- Uhum.

P - E daí morava sua vó, suas tias e sua mãe?

E - É.

P - E como era no dia a dia? todo mundo saía, ficavam o dia inteiro fora? como é que foi?

E - Não, aí eu sempre fiquei junto com a minha tia neh, minha mãe trabalhava e eu ficava com duas tias. Uma das tia que era do meio, a Beltrana, e ficava com a vó. Aí depois quando a Beltrana precisa ter que ir pra faculdade daí, a minha...eu ficava com a vó. Mas tudo no meu limite, chegava naquela hora eu tinha que ir pro colégio ou ficava em casa, a vó também trabalhava, mas daí, quando eu chegava a minha tia chegava da faculdade e do trabalho eu tinha que...tinha que sê obrigada a manter a casa limpa. Aí eu...tinha aquele momento que eu chegava do colégio, brincava, mas em compensação eu via que ela...já tava na hora dela vim, daí eu entrava, limpava a casa. Aí depois ela chegava, ela que ia botar assim...se o trabalho tava conforme o tempo que eu tava em casa, o tempo dela chegar do trabalho, se tava limpo mesmo, se tava feito. Aí ela via umas louça meia suja, aquilo rápido, correndo, porque tá na hora da tia chegar eu tenho que fazê e aí...ela olhava, passava o dedo, via que não tava correto, me corrigia, mandava eu lavar tudo de novo.

P - Essa tia trabalha no quê?

E - Ela trabalhava de doméstica, mas ela estudava na universidade federal pra pedagogia só que hoje ela não terminou o estudo. Naquela época tinha o racismo, ela acha que não tinha oportunidade, aquilo ali ela foi se desgostando e não fez que é o...magistério, não...tem o mestrado acho...tem uma coisa que tem que fazê pra dar aula. Aí ela se desgostou e não fez, e até de artes...de...estrutura de casa, planta, ela tem faculdade, que ela tem aqueles papel amanteigado, sabe?

P - Tipo arquitetura?

E - É, ahan, mas nada concluiu neh...não sei se...naquele tempo também uma faculdade tinha que ter dinheiro. E...daí eu tinha que limpar, ela tinha me ensinado muito bem sabe? uma criação muito boa, não tenho do que me queixar, agradeço a Deus. Aí se...antes de ir pro colégio, que eu estudava de tarde neh no educandário, aí eu ficava com ela, eu tinha que fazer almoço (ênfase). Aí eu fazia o almoço...aí um dia ela disse “não...hoje tu vai aprender a cozinhar”, aí tá, de fato, ela me ensinou antes de ir pro colégio, eu preocupada em sair neh. E daí ela disse “faz um arroz, um arroz com couve, que nem eu te expliquei, que tu já viu como que faz”. Aí aquele arroz não ficou solto, ficou um pirão, mas eu tava com pressa, não saiu perfeito. Eu pra mim, eu pensei, que eu tava com pressa e não fiz conforme tinha que ser. Aí ela disse assim “esse arroz tá que nem um pirão, quem nem na parede, não, só pra jogar na parede de tão papa que ficou, tu vai fazer de novo”. Fiz, repeti, ela quis me dizer que neh, repetindo, corrigindo o erro que eu ia...acertar. Aí eu fiz, mas hoje eu agradeço a Deus, tudo que ela me chamou atenção foi pra ensinar, valeu a pena neh.

P - E a sua avó também ficava em casa ou saía pra trabalhar?

E - Ela saía pra trabalhar, ela era doméstica neh.

P - E ela é daqui de Santa Maria?

E - É ahan. Eles eram de São Pedro.

P - E lá como que era? Não sei se a senhora sabe essa parte da história, era pra fora? como que era?

E - Era pra fora, ahan, do tempo daquela...como é que era...casa de palha...de...aquelas palha de...que nem casa de índio, usavam palha antigamente, as cobertura antiga que tinha, de chão. Depois elas terminaram acho que vindo pra cidade, não sei como que chegaram até aqui neh, daí eu menor, eu nasci ali, o quê...cinquenta e três anos neh...Daí elas vieram pra ali, aqui era...aqui era loteamento, aqui era campo, aí que depois que aquele vereador Fulano de tal, que já morreu, por isso que é esse nome aqui, por isso que começou a separar os loteamento, nessa região nossa aqui.

P - Que ano que foi essa separação?

E - Ihhh...eu era criança. Nem nascida! pois eu nasci aqui, nem nascida não era, mas tava morando, eu nasci aqui. Então quer dizer que já existia, tinha uma casa neh, era o tempo daquela torneira comunitária que tinha. Pegavam um terreno e ali tinha, fizeram uma pra...comunitária, todo mundo, e naquele tempo não tinha água, daí a pessoa ía lá buscava de lata, aquelas latas de tinta, de balde. Até a vó era os primeiros moradores que vieram morar aqui, foi a vó, depois já foi aumentando os vizinhos, mas eu não era nascida aqui quando ela já morava, mas não tinha casa, era só aquele...campo, aí separaram os loteamento, foram fazendo as casas.

P - A senhora falou sobre sua infância neh? e como foi a sua juventude, o seu primeiro emprego?

E - O primeiro emprego era o Cicrano, mas daí eu durei dois anos, depois que eu casei neh, o primeiro emprego. Aí fiquei dois anos, aí o marido não quis neh, daí eu peguei e saí, mas...meus estudo foi até o segundo grau, daí depois não fiz mais, mas daí em compensação eu ficava em casa neh. Daí depois eu...o marido era vizinho do lado, daí gente casou, aí depois a filha veio.

P - E aqui no bairro como que é a vida?

E - Ah...quem faz a moradia da rua da gente é a gente mesmo neh? E eu não tinha problema nenhum, sou até hoje conhecida como Fulaninha neh, por causa das minhas tia, daí a gente se criou, aí vem de geração, os antigos se foram, ficaram os filhos e daí tão morando, e os antigos já morreram, ficou os filhos mais velhos, os filhos mais velhos já tiveram filhos, já vem vindo a geração em geração. E daí eu tô aqui, eu não tenho o que me queixar, eu e dou com todos.

P - A senhora tem uma boa relação com o pessoal no geral?

E - É, é difícil me chamarem de Fulana, chamam Fulaninha, então...até os piquininhu me chamam de Fulaninha (risos), pai onde é que tá a Fulaninha, quando vão ver...é (risos). Eu não tenho do que me queixar.

P - E quando a senhora começou a participar da igreja foi da quadrangular? que é a que tem aqui na frente?

E - Uhum...

P - E a senhora falou que tinha um “encontro de princesas”?

E - Tinha e tem.

P - Como é que é essa...é um grupo?

E - É um grupo, é um grupo. Aí...aí...o que que era antigamente? era vinte e cinco, geralmente era em torno de vinte e cinco mulheres, agora deu uma parada com a função da pandemia, daí ela não retornou, mas disse que tá pra retornar de volta. Mas ali a gente se encontrava e cada uma falava...a gente fazia a oração primeiro neh, aí ela lia a palavra, a gente...ela falava e fazia comentários encima da palavra que tava na bíblia. E aí depois a gente orava, fazia a oração primeiro neh, aí vinha a palavra, aí depois ela fazia aquele comentário da palavra que ela lia ali do capítulo, do versículo, da bíblia. E depois a gente louvava e daí a gente ia...fazer comentário, conversar sobre o que...era grupo de mulheres, a sua família, a educação dos filhos, aprender mais da palavra, da bíblia, a gente estudava neh, era assim. E depois tinha os nosso encontros de festa, a gente fazia festinha, reunía neh, que o crente gosta de comer neh? (risos). A gente se reunia, cada dia um traz, cada um quinta, lá de quinze em quinze dias, a gente fazia uma festinha, cada um trazia uma coisa pra gente compartilhar, fazia as brincadeiras, tudo dentro da...do que tem quer ser ali do evangelismo neh, e...pra dentro de uma igreja. Mas a gente brincava, dançava músicas gaúcha com as letra evangélica que a gente se divertia muito, a gente adorava música gaúcha. E louvar, é o que eu gosto mesmo neh, e aí então...é isso aí, era bem gratificante e a gente aprendia bastante coisa, aprendia não, aprende neh.

P - Uhun...e por que esse nome?

E - Princesas?

P - É

E - É porque ela con..a gente é uma princesa pra Deus neh...e aí a gente aquele dia, a gente se ajeitava mesmo e o nome princesa, a gente foi coroada, ela comprou várias coroinha neh...e aí a gente usou na cabeça ali e aquele dia o grupo foi, o grupo foi princesa, devido a coroinha que ela teve a ideia neh. Cada igreja tem o seu grupo de mulheres, daí, cada uma tem o nome neh, e a nossa é princesa.

P - Tem algum outro que a senhora conheça, que tenha outro nome?

E - Unidas com fé...é...ai depois tem bastante, não me lembro direito.

P - E nessas partilhas que a senhora falou, vocês falam sobre...além da oração e do louvor, coisas da família?

E - É. Aí trabalho de cada uma, quem não tem problema neh? Aí uma citava um problema, aí começou a buscar Deus, buscar bastante neh. Às vezes tem gente que não acha que... não acha que não é importante tá numa igreja, “ah...eu faço a igreja em casa”, tá tudo bem beleza pode ser em casa. Entra aquele negócio que vai dar dízimo pras igreja, não sei o quê...neh...mas, eu vejo por mim, porque nunca vai orar descansada neh, tu nunca vai ter o teu momento, se tu tiver quinze minutos de oração em casa, de tu lá ajoelhada no teu quarto orando, aí quando vê “fulana, fulana!”. Daqui ha pouco te desperta um barulho, “ah..é aqui”. Então ali eu me sinto bem porquê? porque aquela uma hora de culto, não chega a ser porque a gente diz assim...neh...ãh...pra mim é bom porque ali, ali tu tá ouvindo o pastor falando, aí quando diz amém, tá dizendo amém...glória a Deus? glória a Deus, essas coisas boa. Então ali eu tenho aquele momento e aquele momento pra mim é importante (ênfase) mais do que eu...eu faço em casa neh a oração, mas eu vejo que é diferente, tu não tem que fechar os olhos ali, abaixar a cabeça, concentrar e ver que qualquer barulho...tem que ficar concentrada ali neh, que Deus vai te proteger que não seja nada grave pra ti abandonar ali a tua oração pra sair pra vê, que às vezes nem é tão grave. *(O estado de alerta parece ser uma constante dos moradores do bairro, na ocasião da entrevista dois episódios chamam a atenção. 1 - um homem aparentando entre trinta e quarenta anos, corpo delgado, coberto por tatuagens, vestido apenas com uma bermuda, estava há dias circulando pelas ruas do bairro e, segundo a entrevistada, já havia tentado o arrombamento de algumas casas, para os que passavam na rua ele pedia cigarros. O homem sentou na calçada da casa da entrevistada, nesse momento, o portão foi fechado com cadeado e a filha registrou, discretamente, uma imagem do homem pela câmera do celular que, posteriormente, foi disparada via whats para a vizinhança. 2- na chegada ao bairro, ao descer do ônibus de linha urbana, avistou-se a brigada militar que estava na entrada das ruas principais abordando “alguns” que acessavam o bairro. A entrevistada e sua família já estavam em sinal de alerta sobre a situação que foi comunicada pela vizinhança, visto que um homem tinha sido assassinado recentemente na localidade).* Parou com a oração na metade ali é importante, porque ali tu tá orando, tu não sente nada mesmo neh, tu te concentra ali neh. É o que eu...eu não falho nem um dia de culto mesmo, uma que eu moro na frente não tem o porquê de eu não ir neh, tá com chuva, é só atravessar a rua, tá frio... antes até quando eu não ia, seis, sete horas já tava com tudo fechado. E não ía neh...e aí achava que Deus ah...só Deus, só pra aquelas horas e pronto, por isso que eu digo que a importância pra mim, dali eu sei que eu me dediquei, ali eu não consigo (ênfase) mais faltar sabe? Chegou aquela hora, aquele meu momento, eu vou. Então é...pra mim é importante eu procurar dentro de uma igreja...é porque eu tenho ali, se eu não tivesse, eu não sei...quem sabe Deus ia me largar numa outra pra mim

poder ter aquele momento que em casa eu não ia ver e não sinto. Eu prefiro eu ir ali neh? Aí depois eu venho, chego de noite, de madrugada, se tiver que fazer uma oração daí eu oro que tá tudo em silêncio neh, ou se não, faço de manhã bem cedo quando me acordo que os outros estão dormindo. Mas ali...eu não sei...assim como eu gosto, a gente gosta de receber visita neh, Deus também, porque tem (ênfase) um Deus na nossa igreja neh? não resta dúvida, assim como ele tá na nossa casa, ele tá no nosso lado caminhando, ele também da dentro de uma igreja, então porquê que a gente não vai tá ali neh? Ele também se agrada neh? E eu pra mim, essa visita, pra mim (ênfase) ir ali é muito importante. Porque eu já consegui tantas coisas boas, sei que...problemas nós vamos ter sempre, lutas vamos ter sempre neh, mas pra ti te fortalecer, conseguir suportar e superar tudo...tem que ter Deus junto contigo.

P - É isso que eu ia lhe perguntar...desse período que a senhora participou, teve algum momento assim...muito forte? que a senhora poderia destacar?

E - Teve vários livramentos da minha filha, de moto, vários mesmo. Livramentos de trânsito, ela contanto aqui “óh mãe...tuas oração”. E...eu sei que a gente vai, de um jeito ou de outro morrer um dia neh? morre duma doença, morre dum tiro, morre de qualquer coisa, mas daí Deus sabe todas as coisas neh. Ele que sabe, Ele que determina a hora que a gente vai, mas a gente tem que pedir, a gente quer que aquele momento Ele cuidar da nossa família, Ele guardar, mas se infelizmente vem alguma coisa que venha a acontecer mais grave lá, ahh...porque Deus...quem é a gente pra condenar neh? Deus sabe todas as coisas. Mas daí é vários acidentes, tipo a minha filha uma vez perto dum carro que ela veio e ela sentiu mesmo a maldade, aí ela disse pra mim “ai mãe, olha as tua oração! livramento”...Realmente, eu acredito mesmo. E...depois o mais grave, qual é o outro?...ah..essa função que a minha filha antes de eu ir ela tomava medicação, cheguei a internar ela na psiquiatria, ela ficou uma semana, eu já frequentava. Até quando eu larguei ela lá, deu o acaso que caiu numa quinta, quinta não tinha o hora culto, só tinha as princesa de noite. Daí então passei aquele dia que eu larguei ela lá orando, orando, com a foto dela. E...daí depois na sexta sim, na sexta fui pro altar, fui de noite, fui pro altar, chorava! querendo que ela fosse ficar livre, liberta de tudo essas medicação, esses transtorno mental que aquilo não era dela. E não era dela realmente mesmo e aí fui orando, fui orando, daí ela já ía afirmar no serviço que eu via, bah! por que que tudo que é mocinha, adolescente de quinze anos trabalha e a minha nunca quer nada com nada, sempre em cima da cama, no celular, não dava bola. Aí quando foi um dia, graças a Deus ela arrumou serviço, se afirmou e ficou. Aí ela sentiu o gosto! que a gente dizia, tem que trabalhar pra ti ver o quanto é bom, o quanto é importante e ela aprendeu até a se vestir. Comigo era em casa, era calça de

duzentos e pouco e aí foi trabalhar e procurava calça de promoção neh. Então...olha que bênção isso aí neh. Eu saía, ela saía de madrugada, eu tinha que sair na rua madrugava, tomava medicação, carbolítio, medicação tudo do transtorno mental. E a gente sabendo que via aquilo ali e não era normal neh, que a coisa ruim ela perturba a gente todo tempo neh. A coisa ruim também quer levar um ser humano, uma alma pra ele também neh, e...Deus também quer levar aquela alma, mas pro bem neh. Então fica a gente fica sempre ali, então a gente tem que tá sempre em oração. Então a gente dei graças a Deus parou de ir na rua neh, mas...o que eu passei, eu e a minha mãe junto, não foi fácil, que as vezes ela ficava tensa, o fulano dormindo, que é meu marido, e eu lá procurando onde que tava. E eu não podia me...espessar...andar muito longe que eu não sabia, vou saber aonde, que parte que tava! pegava, vinha pra casa. Aí como aprendi que Deus é tudo na vida da gente neh, que a gente não tem que questionar, achar que tem o problema e já quer que Ele vá solucionar neh, aí ficava orando...não, ela vai vim pra dentro de casa, se Deus quiser sim, o Senhor tem que trazer ela. Aí quando a gente via, vinha vindo, dava acaso que às vezes eu encontrava. Hoje graças a Deus tá aí, companheira, sã e salva neh.

P - E a sua mãe lhe ajudou?

E - É...além que ela já passou nas dela neh...a bebida com o finado meu pai e ainda depois foi isso aí neh.

P - Quando a senhora fala “livramento” o que significa?

E - Livramento é uma coisa que...quando não é o momento...que a gente pede pra Deus cuidar e guardar e...não é aquele momento, Ele dá um jeito e pára tudo neh ali...pode até acontecer um pouco, mas não é aquilo de tirar a vida já na hora neh. E foi o que aconteceu com ela, um livramento neh.

P - E ali onde a senhora participa é evangelho quadrangular neh?

E - É.

P - Como são os cultos? tem cultos específicos? porque tem esse grupo das princesas, tem orações específicas? como que é?

E - Tem dia de oração que é na terça-feira e tem o culto ali que é sexta e domingo que é individual, tem coletivo tudo junto aí...quem quiser ir, depois tem quem não quer tá ali no culto,

que é sexta e domingo, aí tem o culto de oração que é somente oração. Chega ali...o pastor chegou sete horas e ele já tá ali pronto, lê a palavra, faz aquele comentário da palavra tudo, daí...Ele faz aquele comentário, dá, explica o que quer dizer aquela palavra, aquele versículo que ele leu, aquele capítulo que ele leu e depois a gente canta e faz a oração e daí a gente pega e vai...fazer a oração individual neh. Cada um vai...no altar, fica ajoelhado no chão, fica na cadeira cabeça baixa, do jeito que tu quiser neh, te sentir bem pra fazer tua oração como se fosse em casa neh, na terça. Agora domingo...a gente entra ali, cada um com as suas...nas suas cadeiras, aí a gente assisti a palavra também, mas daí depois tem os louvores, daí antes tem aquele negócio, daí cumprimenta o irmão, aí tu encontra, é aquela comunhão ali com mais de uns irmão neh. Oração tu sabe que hoje em dia ninguém quer sair, especialmente pra sair orar neh.

P - Pelo que percebo algumas igrejas tem temas, assuntos para cada dia.

E - É, eles escolhem cada...por exemplo, eles escolhem, cada uma sexta, o nosso ali já é assim, se ele escolher aquela, aquele capítulo pra...terças, pra sextas-feiras, do culto de sexta, aí geralmente ele repete...ele coloca no domingo neh. Quem não tá na sexta aí, pode ter um momento de conseguir ouvir o que ele falou na sexta, tem no domingo. Por exemplo, salmo, aí ele coloca salmo, vâmo lê lá o salmo até o vinte e oito, até o capítulo, o versículo, o capítulo neh vinte e oito e o versículo até o vinte e cinco, vamos supor. Aí faz um comentário.

P - Aqui na quadrangular que a senhora participa, essa...a senhora falou que no início ela era uma igreja de madeira, bem simples, quando o bairro começou, isso?

E - Não, já tinha ali, tinha uma casa, daí o morador foi embora e um morador da nossa rua que ele já um começo da igreja evangélica, sétima igreja evangélica quadrangular, ele já tinha na casa dele, o vô Gabriel, que já morreu. Ele e a esposa e os filhos que ele tinha ficavam frequentando, eles colocavam uns bancos ali na casa e aí eles começaram a...aí vinha um ou outro, fazia com a família mesmo, que a família dele era grande. Aí deu a oportunidade mesmo deles comprarem esse terreno que a moradora saiu ali da frente. E aí eles compraram o terreno e fizeram...a casa que a moradora vendeu era...era a igreja. Aí ele fez a igreja na casa, ele veio pra casa dele, ele veio pra...pro próprio terreno mesmo da igreja que daí ele tinha comprado. Aí ficou ali começando, aí depois começaram a construir de material, daí depois tem os arremate, rebocá, telhá. Daí depois cada pastor eles vão ficando um tempo neh, e daí cada um que chegava tinha uma coisa pra terminar, eles iam terminando, aí sempre tinha uma coisa pra

fazer, com de fato, vai ter sempre neh. Aí depois por último entrou esse aí que ele já fez, botou as lajota aqui por fora, já tem ar-condicionado.

P - E como que é essa parte da troca de pastores? Começou com o vô que a senhora disse que faleceu e depois?

E - Isso, aí depois esse senhor faleceu, aí entrou tipo...já entrou o Fulano...

P- Era da família dele?

E- Não, daí era próprio da...vindo do evangelismo mesmo que tem uma responsável. Basta dizer que a primeira igreja mesmo que é a igreja principal da se..do evangelismo, das igreja evangélica, é na São Francisco ali (rua). Tem uma igreja ali, aquela ali que é a primeira, aquela ali é a sede, depois tem as igrejas que é a primeira...tem a quinta igreja, tem a sétima que é a nossa.

P - Então, pra eu entender, quem tem o nome “primeira” é a principal?

E - É a da São Francisco que é a sede.

P - Depois tem primeira, segunda...e aí vai?

E - É...daí depois vem nos bairros, nas vilas neh...

P - Entendi. A quadrangular ela tem essa característica de estar nos bairros?

E - Uhum...é acho que ela umas...tem umas...quase...mais de cento e pouca neh. A nossa é a vigésima nona que eles chamam...pra depois vir a sétima neh...tem um número de igreja neh.

P - Vigésima nona e depois vem a sétima?

E - É, tipo assim, são vinte e nove...a nossa é uma das primeiras, depois vem as outras, que já dá o quê...quase umas vinte e poucas igrejas eu acho.

P - E só tem ela aqui no bairro ou tem outras?

E - Depois tem uma Assembleia de Deus na entrada (pausa) depois não sei como é que chama essas igreja pequena que é igrejas...tem um nome neh dessas igrejas pequenas...Eu digo pequena que não tão enquadrada nas igrejas do grupo do evangelismo neh, dos evangélicos. E depois tem aquele Assembleia de Deus que é umas igreja bem antiga também.

P - E porquê a senhora participa dessa e não daquela?

E - Porque eu acho que antes de ter essa aí, essa daqui é mais antiga antes de ter aquela da entrada.

P - A da Assembleia é mais recente que essa?

E - É...aí então essa aqui já tinha neh, porque eu já era o quê...adolescente, já tinha ela aí na frente, então daí...eu...de certo eu já tava sendo reservada ali neh. Tu vê...eu era uma pessoa que antes de frequentar eu era uma vizinha da igreja, mas era uma vizinha da igreja de pegar no pé neh...Eu não era uma vizinha...dava o Adeus...cumprimentava antes de entrar, mas daí...quando tu não frequenta, tu não sabe pra que lado tu tá indo naquela...vai pra onde? vai pra onde? Aí...uma igreja não é boa neh...pode notar que...Eu era uma que eu criticava, não deixava eles colocarem os carros na frente, tipo me invocava quando largava os carros, nos direitos deles quando é na garagem tudo bem neh, mas naquele tempo nem tinha garagem. Então quer dizer que eles colocavam o carro onde? no portão de entrada neh...E eu não...chegava a botar as cadeiras ali, botava duma ponta a outra da minha calçada, cadeira, sentava pra impedir, ficava no meio de um carro que ali não podiam botá...Ai...criticava o barulho...até depois houve um tempo pelo barulho, eles fizeram uma...como é mesmo nome daquilo quando pegam assinatura...abaixo-assinado! Ai...aí..ora neh...querer entrar ali, isso também...não sou obrigada a tá entrando se os outros querem, se eu não gosto eu não preciso entrá, eu não vou entrar em abaixo-assinado, mas eles passaram, mas no fim não deu em nada neh. Aí...mas aí começava e pegava, implicava com o barulho, fechava toda a casa. Mas daí depois pro fim não sei o que Deus tinha que eu já tava gostando dos louvor, sabe? Aí saía uns churrasquinho, eles vendiam bolo, eles faziam e eu sempre participava, mas não ía. Mas a Filha chegou a frequentar uma vez, uma homenagem do dia das mãe. Aí ela participou da escolinha, aí tinha homenagem do dia das mãe, aí eu fui, mas não levei adiante aquilo ali neh. E...não sei neh...e sempre um carinho acho pelas pessoa ali...e essas coisa que fazem, essas coisa de igreja, é umas coisa de comer gostosa, diferente, deles parece que é melhor ainda. Daí..ah...eu sempre comprava risoto, churrasquinho, mas não frequentava, mas pegava muito no pé deles. Bah...olha...incomodava...naquele tempo já tinha umbanda que daí ía minhas tia e quando eu ía nos lugar eu já queria, achava que ia ser vida boa. Aí eles na igreja, às vezes no culto, as pessoa com aquelas roupa, limpando a casa por for ali e eles ali orando pra mim neh, que hoje eles contam que eles oravam bastante. Tem gente que essa vida é boa, eu não vi nada de bondade

pra mim, assim como tem crentes que saem e vão pra umbanda, eu saí e não vi nada. Então...eu acho que a vida agora pra mim tá melhor neh...

P- Por que a senhora acha?

E - Porque eu era...eu acho não! eu tenho certeza (ênfase), porque eu era uma pessoa muito difícil, era brigona, encrencava...cara feia? ah...a pessoa não presta. E hoje eu sou tem uma pessoa hoje que tem uma cara fechada? eu tento fazer o melhor pra conversar com aquela pessoa, pra conquistar ela neh. Aprendi a ser mais...eu era assim...mas eu era muito paviozinho curto, tipo ah...qualquer coisinha já levava adiante neh. E aprendi com a minha vizinha do lado, ela foi embora, ela viu eu me criar aqui, meus sessenta anos, ela saiu e disse “vou ter que abandonar minha moradia depois de sessenta anos!”, mas é ela que quis! assim como eu não me incomodei com tudo o que ela fazia pra mim. Eu não ia vender minha moradia! O dia que ela me xingou eu disse “Deus é meu advogado, Deus é fiel comigo, ele não vai me deixar, eu não tenho defesa, eu não sabia lidar em celular, pra mim gravá aquilo ali, no tempo de agora que ela me chamou, negra é racismo! Ela tem a idade, sessenta anos, ela podia pegar e...aquilo ali pra ela dava processo! por ter me ofendido naquilo ali. E aí eu pensando...não tava ouvindo música de...funk, nada que fosse prejudicar, as letras...um louvor é uma coisa tão passiva que acalma a gente e ela...segundo ela dizia, que saía no portão de bíblia eu não consegui entender o porquê que ela se incomodou. Mas é uma pessoa perturbada, não tem comunhão com a família, e...não entendi até hoje o porquê que era só com nós sabe? Eu não sei se é porque a gente via que ela não se dava com a mãe neh...porque ela passava quinze dias, eu conversando com a mãezinha dela no canto ali, eu não tinha nem a Fulana (filha). E aí ela passava do trabalho dentro do pátio da mãe pra ir na casa dos filhos dela e não cumprimentava a mãe...A filha! quando a filha mais precisou de cuidar os filhos, dos netos dela pra ela trabalhar...ela...deu as costas pra filha. Então tudo aquilo a gente presenciou e viu que ali ela já não era uma pessoa de índole boa neh...a pessoa que é ruim pra família, vai ser com a gente com certeza...Aí não sei qual é a implicância...aí foi indo, foi indo, e a gente viu que não tinha mais...a gente tava levando ela um pouco pelas guria neh, que eram muito amigas da Fulana (filha) desde pequenas, aí a gente ia relevando. Aí quando as guria cada uma fizeram sua vida e ela...ficou ela ali, daí a gente não era obrigado a suportar tudo o mais dela neh. Daí a gente com pena...e...ou...uma vez entraram ali, a gente ficou com pena, a gente foi socorrer, foi dar apoio pra ela, barbaridade acontecer isso. A gente tinha resingado e...ou eu, depois que eu entrei pra igreja, eu não revidava, mas antes eu revidava ela. Daí eu pensando quando...depois que eu entrei pra igreja, daí o cachorro dela saiu pra rua, brigou, o Fulano (marido) socorreu, foi ajudar ali, atendeu,

defender ali o cachorro. Aí a gente sempre com aqueles...ficava triste com ela, sempre com aqueles...aquele jeito neh. Aí o grave mesmo foi que ela pegou e me disse isso de “negra, vou chamar a polícia”. Eu pensei...bah...tem que chamar a polícia pra tanta coisa! chamar pra um louvor? não tava num volume de exagero, só tava sintonizando o rádio ali e ela se incomodar me chamar de negra e polícia neh? pra uma coisa que não havia necessidade. Aí aquilo que me incomodou bastante! aquilo me chateou. Ainda disse pra Fulana (filha), ai Fulana só Deus mesmo, só Deus, só Jesus mesmo, não tenho o que dizer porque eu não posso batê boca, ela tem os direito dela por causa da idade, daí vou falar uma coisa mais? vou ofender e daí vou me prejudicar então...vamo ficá calada, vamo ficá quieta, vamo deixá quieto assim. Aí a gente entregou pra Deus e hoje ela tomou a decisão, foi ela neh? Deus achou de certo...se era pra ficar perturbando e a gente não tava vivendo em paz, que ela é uma pessoa que ela...ela via uma, um tom alto aqui ela...já ficava pelos buraco, pelos vão da janela, é vizinho que só qué vê a desgraça dos outros neh. Tu tá em apuros ali que tem a família, que sempre tem os atrito, ah...ela tá ali...dando glória por aquilo ali, então a gente ficava muito triste, hoje a gente tá bah...Eu pelo menos por mim que fico em casa, a minha mãe, eu acho que nós todos aqui, temo neh...Deus colocou ela no lugar dela, beleza! Não tá passando...não saiu dali pra passar trabalho e nós também temo...que agora nós temo que conquistar os vizinho neh...que a gente não quer isso pra gente neh.

P - E o que ela falou pra vocês?

E - Pois foi esse negócio que eu tava ouvindo, foi a gota d'água neh, “baixa esse rádio! negra! vou chamar a polícia se tu não abaixar isso”. Eu digo “eu não abaxo que eu não tô ouvindo música do mundo”. Eu tava centralizando, só que o botão tem problema e o botão ali alterou um pouquinho, mas nada que fosse chegar ao extremo, mas como ela já tem implicância, quando tu tem implicância qualquer coisinha já serve neh? Mas...não tenho o que me queixar.

P - E desse período que a senhora participa ali da igreja, tem muitas pessoas aqui do bairro que participam também?

E - Tem, tem, tem. É que as igreja hoje em dia é geral neh...vai nas outras igreja por aí...catolicismo então...que era uma igreja católica cheias (ênfase), hoje dá pra contar neh...E..vai gente, mas tem bastante até membro, pessoas aqui, moradores neh.

P - Mas uma vez participavam mais?

E - Ah...antigamente eram bem cheias neh. As pessoa cada um qué...tu vê que as pessoa ahh..faço a igreja em casa neh? Eu tenho moradores recentes aí que eu perguntei, falo de Deus assim, aí diz “ah...eu faço a minha igreja em casa”. Não...beleza! que bom! que bom, o importante é buscar, não interessa onde neh, Deus tá atendendo a gente a todo momento. Mas a gente sabendo até pessoas que já passaram por muitas...muitos problemas assim neh? que a gente vê que...tu busca em casa, tem que ver que jeito que, segundo diz a pessoa que busca neh, é tão bom tu dizer que busca, de repente tu nem busca neh? Não tem aquele momento...só tem momento de casa e lida, e dia-a-dia, e família, aí...a gente não desconcorda neh...a gente não sabe se a pessoa tá falando, só Deus pra saber isso aí...ahhh beleza. Mas a gente fala se quer visitar, uma visita a gente fica muito grata neh. Mas tem membros aqui, bastante, não dá pra dizer que não, mas não ganha, não totalmente toda rua neh. É como a gente tem um bar ali, tu vê...um bar conquista muito mais gente do que uma igreja, até católica, assembleia, tem bem mais do que...neh...

P - Não sei se a senhora poderia me explicar, qual a diferença da quadrangular pras outras denominações religiosas, por exemplo, a Universal, a Mundial?

E - Acho que daí é...eles que inventaram isso daí neh? Alguma liderança veio inventando, veio...tipo...pode notá que antigamente era a católica neh? depois começou a vir a Assembleia, que nem nós tava falando. Mas eu acho que é deles mesmo, cada um vai...se reúne um grupo lá e monta aquilo ali, só que..de certo são registradas, porque tem que ter registro neh? se não tem registro tu te incomoda neh. Eu sei que é o registro que vale mais, tu tem ela registrada não tem problema, que...tem gente que...tem muitas igreja clandestinas, depois a lei te cobra. Tinha uma na Kenedy (vila) que foi fechada porque ela era uma igreja, que é essas igrejinhas que vão...A gente diz igrejinha neh? (risos) mas não é...eles abrem ali particular, depois não tem nome, isso dá uma complicação neh, porque hoje em dia tu tem que ter alvará, coisa neh? registro. Eu acho que foi assim que começou, até vou perguntar...perguntar isso aí direitinho neh?

P - É porque eu vejo que tem...

E - É...Mundial, Nação da Graça, Shekiná...

P - Tem os bispos famosos...

E - Edir Macedo, R.R Soares que tem...é...depois até a gente vê quanta falcatrua tem no evangelho, no... falam neh? no...na Assembleia, ahhh (suspiro). Eu não sei...aí é coisa bem lá de cima, deles mesmo neh.

P - Ahã...esses pastores que vem pra cá, como eles são escolhidos pra vir?

E - É daí..a...além de cima...além da autoridade de cima deles tem neh os bispos neh das igreja, aí acho que é lá que de certo precisa de ir pra tal cidade, tem uma Sétima, tem uma Décima quinta, daí são obrigados tem que ir neh...aquela lá tá sem, eles determinam aquele ali neh. Os nossos eram de Belo Horizonte, eles falam até atrapalhado um pouquinho a língua deles neh, eles já foram pra Gramado, São Paulo e depois vieram pra cá.

P - Eles vieram pra cá e eles moram aqui? como funciona?

E - É aqui nessa nossa aqui tem a paroquial, pode morarem, o pessoal da igreja, da família, eles mesmo o Pastor pode ter casa. Mas daí ela mesmo resolveu porque aqui é uma escadaria que é assim, o pai dela que vinha junto tem problema na perna, daí eles foram aí eles alugaram eles mesmo. Mas daí hoje ela já é formada aqui, tem a profissão, ela é professora, começou como...faxineira de limpar a escola, aí depois foi fazendo concurso, daí do concurso ela passou a merendeira, depois já foi pra...depois de faxineira já foi pra merendeira, depois já foi pra...professora, hoje ela é pelo município.

P - A pastora no caso...

E - Uhum...a que tá aí hoje. É a que eu frequento neh porque os antes, os anteriores eu não frequentava.

P - Então tem uma “matriz” e o pessoal vem...

E - Eles ficam um tempo é...uhum.

P - Ficam um tempo e depois troca?

E - Troca.

P - E tem algum critério? porque será que eles trocam?

E - Trocam porque...ou eles não estão mais contente com a...com a Igreja não, porque não é o caso desses aí, esses tão aí, agora os anteriores eu não sei o porquê neh...Daí entraram esses,

até na verdade era a mãe dela, como a mãe dela teve câncer e morreu, daí eles assumiram. Ele passou a frequentar, ela pastora, mas eles eram membros neh, mas a mãe e o pai que eram pastores mesmo daqui, vieram de Belo Horizonte.

P - Faz tempo então?

E - Já faz tempo, bah...faz mais de dez anos que eles estão aí.

P - Essa aqui é a sétima neh? e a primeira, segunda, terceira...sétima, dentro da cidade de Santa Maria?

E - Da cidade. Depois tem em volta, das regiões, que chama.

P - E tem uma central do Rio Grande do Sul? ou só por cidade mesmo?

E - Não, daí essa central que é a mat...a filial, a primeira mesmo deles, é a da São Francisco (rua), aqui de Santa Maria.

P - Mas tem alguma geralzona do Rio Grande do Sul?

E - Bah...(pausa)...é essa Matriz seria aquela primeira ali que eu te falei, de Santa Maria.

P - A Igreja, por exemplo, aqui é a sétima, tem algum encontro que reúna todas?

E - Tem, às vezes fazem encontro lá na primeira, geralmente é na primeira, que a primeira ´que é a sede mesmo, que é na São Francisco (rua), ela é uma igreja bem grande. Ela comporta em torno de quatrocentas pessoas. É porque no grupo de mulheres agora por último foi em torna de quatrocentas e poucas pessoas, e no grupo de homens também, o encontro foi lá.

P - Tem grupo de homens também?

E - Tem! De casais. E...depois a gente faz esses congressos, ãn...em Porto Alegre, Itajaí, congresso de mulheres, congresso de diaconato. Eu como não peguei ainda...agora esse ano parece que tem congresso de diaconato. Todos os anos têm, mas no meu caso, que eu sou já...eu nunca peguei ainda, porque eu não tive oportunidade de ir neh...mas tem de diaconato, é pra aprender mais, pra conversar a respeito de como é o diaconato. Se tu não é do diaconato, aí como tu é...de alguma liderança, se tu é de alguma coisa, grupo de jovens...que tem grupo de jovens.

P - Aqui qual é? grupo de mulheres...

E - Grupo de mulheres, de jovens e o de casais. Depois tem a escolinha das crianças, que daí pra criança não ficar ali neh, pro pai poder prestar a atenção a criança também tem que ficar prendendo lá...que daí só criança, tem brinquedo, tem canetinha, tem lápis de cor, coisa pra eles riscarem neh, aí eles tão aprendendo igual lá em cima.

P - E como vocês se deslocam daqui até a sede?

E - Daí no nosso caso a gente aluga Van assim...e...dividi tudo neh, pegam tudo aqui na frente e vamos. Se tem particulares os carros, daí eles se...se é pouco gente daí eles vão e...agora nesses congresso grande, aí isso aí...Tu vê, eles vão fazendo um parcelamento, tu paga pra quando tu chegar no final do ano tu ter neh.

P - E vem gente de tudo que é lugar?

E - De tu que é lugar, diz que é muito bonito, eu não participei ainda.

P - Lá é congresso, tem estudo bíblico?

E - É tem, ahã, aí...do dia-a-dia neh...como...tu dobrar até...diz que, eu nunca participei neh, diz que eles explicam tudo, tem que manter um guarda-roupa organizado, se tu não organizar o guarda-roupa, o guarda-roupa fica ali, bagunçado, aí a vida tá assim, aí ali tão as coisas ruins que daí...E faz sentido mesmo neh? é que nem tu guardar uma coisa, cheia de canto. Eu tô me sentindo que eu tenho uma partizinha lá no fundo (casa) que eu tenho que arrumar neh (risos) e fica uma coisa...Eles falam umas coisas bem útil, bem com sabedoria assim pra gente neh.

P - E aqui também vocês tem esse tipo de orientação?

E - Tem, temos, uhum...como suportar problemas familiares, se tem um que tá desv...que não tá...no caminho, seja na nossa igreja, na minha igreja...aonde, mas que ele tá ali em atrito, a gente tem que saber ter sabedoria, tem que ir pra um canto orar...não adianta tu revidar. Eu aprendi bastante ali, tem coisas que eu suporte através disso, porque se não...que é o meu casamento neh...com bebida...daí eu tenho que meio...suportá, não é obrigado a suportá, mas a cruz que Deus dá pra gente neh. Se eu já tive essa cruz, já venci tantas, porque não vou vencer essa? Seja a salvação dele, Deus sabe tudo. Vamo orar só, é só orar, não adianta tá revidando, eu aprendi assim. E é realmente, é diferente a vida da gente. Essa do guarda-roupa as gurias

contaram, o grupo que foi no congresso, depois chegou ali e comentou que foi...teve instrutivo lá, aprenderam e depois passou pra gente. Esses montúrio nos cantos, que a gente tem a mania de socar tudo que é coisa nos canto, também é ruim e faz sentido neh? eu sei porque eu tô com um cantinho lá no trechinho, que quando eu limpo tem diferença, quando eu não encontro tempo, aí aquilo ali me incomoda, de vez em quando eu tiro pra aquilo ali e tu sabe que canto geralmente tu amontoa mesmo. Aí tu é obrigada (ênfase) a ter que ver aquilo ali.

P - E qual a reflexão que eles fazem desse montinho que a gente tem que limpar?

E - Tu tem que limpar e tu tem que manter que aquilo ali tu sabe que é uma coisa que...as coisas ruins elas gostam de se alojar pelos cantos neh? que nem...e a gente sabe mesmo! Só que a gente não adianta saber e não praticar...isso aí que é bom aprender neh que daí não vai...vai prejudicar em alguma coisa e...tu quer ter uma vida de sossego, de...uma vida descansada, sem...as coisa atrapalhando a vida da gente. Isso aí se tu achar que tem uma coisa num canto “ah..não, aquilo lá tá bom assim”. Eu sei aquilo lá, o que eu tenho o poquinho aquilo lá eu sei que aquilo lá eu tenho...eu tenho que me corrigir ali.

P- Bom Fulana, eu agradeço muito a sua confiança neh...de...compartilhar um pouco de sua vida, da sua trajetória. Agradeço pela sua abertura, dessa nossa conversa sobre a sua história de vida.

E - É a gente tá sempre aprendendo neh...mas...eu sou grata neh...não que a pessoa vai dizer “mas Deus tá em todo lugar”, mas eu me senti bem ali neh? sei que mudei...não sei...assim como tem gente que mudou noutras neh? Não tem o que dizer que não mudei ali, porque foi mesmo, porque quem viu e eu era danada! Complicava com eles, até hoje eu digo, digo até pros membros “implicava com a igreja, hoje eu tô aqui” (gargalhadas). Eles acham graça “mas é verdade”.

P - Tá bem então, vou encerrar nossa gravação e lhe agradeço mais uma vez pela nossa conversa.

E - Merece! Não sei falar perfeito, mas...(risos).

P - Não, capaz! Mas não tem regra de falar (risos).